

A CIDADE DO FIM

A história de um amor proibido no território
onde se jogou o fim do império português.

MIGUEL REAL

ROMANCE



D.QUIXOTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A CIDADE DO FIM

A história de um amor proibido no território
onde se jogou o fim do império português.

MIGUEL REAL

ROMANCE



D. QUINTE

Ficha Técnica

Título: A Cidade do Fim
Autor: Miguel Real
Edição: Maria do Rosário Pedreira
Capa: Joana Tordo
ISBN: 9789722053259

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2013, Miguel Real e Publicações Dom Qui
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.dquixote.leya.com
www.leya.pt

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia.

*Para o Alfa,
não já bebé, menininho
queridinho*

*Para
Ana Paula Dias, Rui Rocha
e Ricardo Pinto*

[Os portugueses] tão confiados e seguros estão nela [cidade de Macau] com cuidarem que é nossa como se ela estivesse situada na mais segura parte de Portugal.

FERNÃO MENDES PINTO, *PEREGRINAÇÃO*

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA¹

Encontro-me em período de convalescença de uma operação ao coração no Hospital Kiang Wu, em Macau. Não tenho esperança de viver muito tempo. Pressinto serem estas as últimas palavras que escrevo, e faço-o no cumprimento de um dever, um dever de amor.

Fátimo Martins, português, meu segundo marido, atravessou toda a sua vida de adulto a escrever este romance autobiográfico. Morreu há doze anos, neste mesmo hospital, dois dias depois da transferência de soberania do território de Macau de Portugal para a República Popular da China. Viveu em Macau cerca de meio século, com um interregno de pouco menos de dez anos, entre 1967 e 1976.

Professor de Língua Portuguesa em Macau, Fátimo renunciou viver o fim do império português. Segundo ele, ao *fim* do Império corresponderia, igualmente, o *fim* de uma clássica representação histórica da língua portuguesa, tal como esta nascera a partir da escrita dos códices medievais, imortalizada, em uso erudito, nos versos de Camões e, em uso popular, nas páginas amargas e ridentes de Fernão Mendes Pinto, autores que estanciarão em Macau. Fátimo Martins concebia que, transformada pelo acolhimento de neologismos europeus e metamorfoseada pelo caldeamento da história nos países lusófonos, o corpus vital da língua portuguesa se encontrava à beira do fim, acompanhando a decadência do Império. Os Descobrimentos tinham criado uma nova forma de representação geográfica e histórica do mundo, a que correspondia a modernidade da língua portuguesa. Esgotado o Império, eis que a múltipla combinação possível das antigas palavras que semanticamente o consubstanciava se tinha igualmente esgotado.

Fim do uso clássico da língua e fim do Império no século xx, o século xxi veria nascer uma nova configuração da língua, vitalizada pela contribuição dos antigos linguajares do Império, hoje transformados, do Brasil a Angola, em línguas oficiais dos novos Estados. A língua portuguesa, morta classicamente, ressuscitaria incorporando e superando a história do

Império. Assim Fátimo interpretava a nova literatura de origem portuguesa, de Guimarães Rosa a Luandino Vieira e Pepetela, de Mia Couto a Ana Paula Tavares e Conceição Lima. Para o meu segundo marido, o português europeu tinha-se tornado a mais pobre das possibilidades da língua nacional, a mais clássica também, o seu modelo originário, que a história do Império plasmara em novos crioulos que, hoje, ensinados na escola e elevados a nível de representação estética através da literatura, tinham gerado uma nova fase da língua portuguesa, a sua fase futurante.

Segundo esta teoria, uma teoria que faz o ponto final de um longo período da história da cultura portuguesa, de que Fátimo Martins testemunhou o derradeiro episódio três dias antes de morrer, em Dezembro de 1999, o meu segundo marido decidiu assinalar o início de cada capítulo com uma letra do alfabeto tradicional português, evidenciando, assim, o esgotamento da língua portuguesa no seu uso clássico, dando aparecimento a uma nova representação da língua neste nosso século, que comportará já o contributo das versões linguísticas brasileira, timorense, angolana, moçambicana, guineense, são-tomense e cabo-verdiana. Porque *A Cidade do Fim* foi escrito segundo a antiga gramática e o antigo léxico, é um romance que ainda assinala o modo tradicional de se escrever a língua portuguesa, coimbrão e lisboeta. Homenageia-se a língua apondo uma letra do alfabeto português – seu átomo criador – em cada início de capítulo. O todo do alfabeto constitui a base do todo da língua. Os romances do século XXI, em língua portuguesa, escritos por autores das ex-colónias do Império ou por novos escritores portugueses, possuem já um outro léxico e, muitos, uma outra sintaxe, caldeamento de todas as linguagens criadas ao longo dos quinhentos anos do Império.

Neste sentido, o conteúdo e a forma de *A Cidade do Fim* apontam tanto para o esgotamento do Império quanto para o esgotamento da língua portuguesa no seu uso clássico, isto é, para o fim da representação imperial da cultura portuguesa, renascida pela integração de Portugal na Europa e pela íntima associação com as ex-colónias, gerando um novo Portugal, o Portugal do século XXI.

Fátimo Martins morreu em 22 de Dezembro de 1999. *A Cidade do Fim* encontra-se há muito preparado para ser publicado, e podia tê-lo sido. Porém, nele se relatam episódios íntimos da minha relação com Fátimo que constituirão certamente motivo de escândalo para muitos macaenses que me conhecem como uma das matriarcas da cidade. Não desejo ser objecto de escândalo em vida. Após a morte, os deuses saberão do que acontecerá à memória que lego aos meus filhos e netos. Posso garantir ser verdadeiro tudo o que Fátimo descreve, e se não garanto a verdade absoluta é justamente porque aos homens esta não lhes é concedida. Neste sentido, confirmo ser absolutamente verdadeiro o conteúdo deste romance. Nele se narram duas histórias de amor: amor à cidade de Macau, derradeira cidade do Império; amor entre um homem e uma mulher.

Hospital Kiang Wu
Macau, 1 de Janeiro de 2012

Siu Lin

¹ Peço perdão pelo meu português, excelente para Macau, receio, porém, não suficientemente aprimorado para Lisboa.

NB: Fátimo Martins escreveu o romance na primeira pessoa, tendo como modelo o volume manuscrito *Da Conversão dos Orientais*, do padre jesuíta Joaquim Caetano, português do século XVII. Posteriormente, tentando subtrair-lhe uma forte componente de subjectividade, reescreveu-o na terceira pessoa do singular. O último capítulo, porém, escrito nos dois últimos dias de vida, permaneceu na primeira pessoa.

Fátimo Martins

A CIDADE DO FIM

FÁTIMO MARTINS

*Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas,
– Fulgurações azuis, vermelhos de hemoptise,
Represados clarões, cromáticas vesânicas –,
No limbo onde esperais a luz que voz baptize.*

Camilo Pessanha

A mãe garantia ser uma menina, Fátima, o nome do povoado onde tinham sido noticiadas esse ano diversas aparições de uma Senhora, nascera um menino, a mãe e o pai ficaram indecisos, deixaram a patroa francesa escolher o nome, mulher do engenheiro que dirigia a fábrica de ácido sulfúrico, e a senhora, não dominando a língua portuguesa, masculinizou o nome previamente escolhido, o menino ficou Fátimo, para contentamento da mãe e atrapalhação do pai; o pároco da Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Barreiro e o funcionário da Conservatória do Registo Civil de Setúbal sentiram-se obrigados a aceitar o estranho nome devido à sua ilustre proveniência, não se sentindo suficientemente ousados para enfrentar a esposa do director da fábrica. Mais tarde, a senhora francesa contou a Fátimo que presumia existir este nome na língua portuguesa, desconhecia que inventara uma palavra. Esta foi a maior lição de vida para Fátimo, muitas vezes em Macau meditava no acaso que motivara o seu nome e concluía que a vida constituía uma sucessão de acasos, de cruzamentos acidentais de acontecimentos que, vistos do futuro, se tornavam necessários, como se devessem ter acontecido; não, nada havia de necessário na sociedade, só o que o homem tornava necessário, por exemplo, a não aceitação da sua partida para Pau, de que tanto se arrependera, se tivesse partido toda a sua vida teria sido radicalmente diferente, não viajaria para Macau, não se teria casado com Maria Augusta, não se teria apaixonado por Siu Lin; por exemplo, a sua partida para Macau, se não tivesse lido os comunicados presos por um pionés no *placard* da sala de professores, teria desconhecido a abertura do concurso de professores para Macau, teria concorrido para um liceu da província, quem sabe se não conheceria outra mulher, aí se instalando para sempre, Évora, Viseu, Bragança; por exemplo, se não se

tivesse submetido a preconceitos de casta, teria vivido com Siu Lin e não se teria casado com Maria Augusta, teria alugado uma casa no bazar chinês, os seus amigos teriam sido chineses, os seus filhos chineses. O nome de Fátimo tanto se lhe colara na mente que se presumira dono de um destino singular e, afinal, tinha sido sempre o mais comum dos homens, nada de extraordinário houvera na sua vida além de possuir um nome singular.

Aquecida pela febre da fé, a mãe de Fátimo seguira entusiasmada a odisseia dos três meninos que declaravam comunicar com uma Senhora brilhante como a luz do sol, bela e calma como uma tarde de Verão, de voz doce como as maçãs vermelhas e os favos de mel da serra de Aire; Lúcia, a menina mais velha, confirmava, a Senhora emitia um halo branco, como as auréolas dos santos nas pagelas que o senhor prior distribuía na catequese, uma figura encantada, como as donzelas das lendas das mouras encantadas que assomavam inesperadamente entre as fragas, uma voz deleitosa e rubra, que nos ruboriza, como se desvendasse a intimidade dos nossos pecados, confessava Lúcia ao prior da igreja de Ourém, as mãos, permanentemente abertas, não eram sulcadas pelas cordas das veias, como as das mulheres do campo, de pele escavada, minadas pelo trabalho agreste, treinadas no amanho da terra, das pedras, dos arbustos e dos animais, o corpo da Senhora era recto e firme como a haste do junco, desprovido das gorduras pendidas em refegos de carne das avós, das mães, das tias, obesas e corcovadas, a Senhora ostentava o ventre liso, o pescoço hirtito, os ombros alinhados, simétricos, um corpo belo, ordenado, proporcionado, mais semelhante a estátuas gregas do que às estatuetas dos santos nas peanhas, concluía o confessor, telefonando para o bispo – paganismo, rematou a conversa –, um corpo harmónico, uno nas suas múltiplas partes, íntegro, uma claridade auroral, mais branca do que o leite, uma alvura transparente como o alabastro, emanando raios quentes e cintilantes da auréola do cabelo, a cabeça luminosa, a testa iridescente, o ar expelido abrasante, os olhos flamejantes, amorosos, como se libertassem uma chama branca de prata, um lume alvo, os braços delicados levantados à altura do peito, enlaçando um coração de luz, terno e voluptuoso, ora rosa branco, ora branco rosa, no centro uma esfera vermelha, escarlata de sangue, a Senhora enrugava as sobancelhas finílimas, respirava de tristeza, suspiros vibrantes, os homens tinham ofendido o Pai do Céu, Nosso Senhor, a guerra na Flandres, os soldados portugueses sem ração, passando fome, arrastados na lama de La Lys, sem munições, descalços, esfarrapados, um ovo cozido, uma caneca de grão-de-bico, um molho de couves, uma fatia de toucinho salgado, dez rodela de chouriço, os jacobinos violavam as igrejas, maculavam o santo sacrário, assoavam-se às toalhas de cambraia do altar, malignos, pecadores inveterados, os carbonários aprisionavam os jesuítas, mediam-lhes as bossas do crânio, pesquisando aleijões mentais, malformações espirituais, atrasos, Deus ofendera-se, a Senhora rogava que se rezasse o terço, muitas vezes,

inúmeras vezes, todos os dias, inúmeros dias, contra as tentações do Maligno, a idolatria, o paganismo, a onipotência do dinheiro, o império do corpo, a humanidade estragara-se, corrompera-se, as palavras modernas tinham desarranjado o homem, a verbosidade, a iniciativa perversa, o desejo de tudo querer, tudo ter, a luxúria, a opulência, a ostentação, a morbidez do desejo, os braços espalhados clamando revolta, os punhos espetados como bolas de ferro ferindo o coração gentil do Pai do Céu, as flechas de palavras magoando o Seu terno entendimento, a Senhora falava sem mover os lábios delgados, roxos de pesar, a voz ouvia-se sem que o som atravessasse o ar, uma voz íntima, aguda e sibilante, ciciante, um som sem corpo, reluzente, ressaltava na mente de Lúcia, que via e ouvia a Senhora; tremia o corpo de Francisco, de Jacinta, sofrendo ais dolorosos no peito, não o corpo de Lúcia, resistente, nimbado de luz da Senhora, como se desta para si sugasse irrupções vibrantes, imitando-a, tornando o seu coração campo de infinitas batalhas espirituais, transbordavam de amor as três crianças, Lúcia, mais do que os dois companheiros de pastoreio, afogava-se na chama do amor exalado pela Senhora, como se dentro desta se perdesse, a Senhora manifestava em Lúcia a desilusão divina no homem, de funesto destino, os olhos da Senhora e de Lúcia sombreavam-se, carregados de memória da injustiça humana, a perseguição dos bispos, o martírio dos crentes, as igrejas transformadas em palheiros e armazéns de vinhos, repartições militares, Deus, Pai do Céu, caridoso, misericordioso, doara aos homens a sabedoria do pão branco, da confecção do vinho e do azeite, da invenção da roda, da transformação do mel em cera, os homens sentiram-se atraídos pela ponta brilhante da lâmina, pelo abismo da abjeção, o amargo, o azedo, o podre, Deus dera-lhes o brilho dos olhos para o suspenderem na beleza do céu, mas os olhos baixaram-se para o luzimento do sangue, encantaram-se pela podridão das cloacas, os pântanos, os pegos, os charcos, as luras de palha húmida e putrefacta, Deus fatigara-se, a desgraça adviera, a Grande Guerra estalara, as mortandades estendiam-se pela Europa corrupta, os russos vergastavam o corpo morto do Dependurado, o homem chicoteava-lhe o corpo pela segunda vez, os russos, as novas bestas do apocalipse, os novos legionários romanos, os novos rabinos judeus, o homem cegara, levado pela mão vermelha e preta do Maligno, poderoso, orgulhava-se da maldade cravada no peito, gravava nos braços a tinta preta as palavras da sua condenação, inscrevia em couro curtido as palavras da sua maldição, os olhos, abrasados de ambição, brilhavam como rubis incrustados em placas de ferro preto; Nossa Senhora condoera-se do mal dos homens, da doença da existência dos homens, Lúcia chorava, deliciada do prazer da dor, sentia-se uma ínfima excrescência, não tinha idade para arrostar com os pecados do mundo, impregnara-se da dor da Senhora, tolhida como Ela, inválida da alma, respirava a luz terna dos olhos e da mão da Senhora e enchia-se de dor nova, inumana, a dor do prazer, a amargura da doçura, o pesar da leveza, desejava estender-lhe as mãos trementes, sujas das carrasqueiras, azedadas

do leite das cabras, alçava os olhos para a Senhora, que pairava de pés nus sobre a azinheira, e entregava-se, pronta para o sofrimento, padecia de um jorrante desejo de martírio, uma volúpia de amor perfumado, tão transparente quanto a luz da Senhora. Lúcia deixou-se tombar no chão pedregoso, desmaiada de amor.

A mãe de Fátimo ouvia a senhora francesa ler em voz alta as notícias sobre as aparições de Fátima; quando voltava para casa, ao fim da tarde, depois das obrigações domésticas, pedia-lhe o jornal, para ler à noite, ao serão, à luz do candeeiro de petróleo, esforçando a vista e a compreensão, a mãe de Fátimo não fora à escola, aprendera algumas letras no barracão onde se reuniam os anarco-sindicalistas das fábricas de cortiça, o professor primário de Alhos Vedros vinha ao princípio da noite, de burro, duas vezes por semana, ensinar rudimentos de escrita aos filhos dos operários, a mãe aprendera rapidamente, soletrava e escrevia com correcção palavras esdrúxulas quando o professor fora preso pela guarda real às ordens de João Franco, acusado de subversão da juventude, degredado para São Tomé com uma leva de anarquistas. A mãe de Fátimo ganhara uma devoção por Lúcia, a menina dos fenómenos de Fátima, como escrevera *O Século*, não sabia se havia de chamar Lúcia ou Fátima à menina que trazia no ventre, era uma menina, garantira-lhe a Enjeitada do Pinhal Novo quando lhe pusera uma pedra quente sobre a pele dilatada da barriga e não fizera fumo; a mãe imaginava a Senhora como uma estátua de neve translúcida que os raios de sol aqueciam e derretiam, tinha contemplado uma semelhante no ano anterior, no insólito nevão de 1916 no Barreiro, os petizes tinham feito a estátua de uma senhora alta, magra, formosa, na marginal do rio, toda branca como as flores das estevas da Páscoa, Lúcia, dizia o jornal, contemplara igualmente, nesse tempo de frio, sol e neve, um anjo branco, fantasmático, opaco e transparente, que, sem mover os lábios desmaiados, lhe anunciara ser o anjo da paz, Lúcia ouvira estas palavras intimamente, uma voz suave e pausada, Lúcia jogava às pedrinhas com Jacinta e Francisco, um tufãozinho nascera do nada, um brilho clareador emergira entre as sombras do olival, e o anjo desocultara-se, branco como a neve que a mãe de Fátimo pisava atónita na marginal do Barreiro – não temais, disse, sou o anjo da paz, orai comigo; ao longo desse ano, a figura da paz aparecera a Lúcia por mais duas vezes, à terceira, junto ao poço do Armeiro, aconselhou as três crianças, fazei sacrifícios pelos homens que não rezam, não crêem, não adoram, rezai para que a guerra finde e a paz advenha, a mãe de Fátimo guardara na memória a imagem da senhora de branco de neve sob o fundo do Tejo imóvel e cinzento e não lhe fora difícil conceber a aparição da Senhora que Lúcia descrevera a *O Século*, chorava ouvindo a senhora francesa a ler o relato das notícias, a Senhora já tinha aparecido por três vezes quando as notícias tinham chegado aos jornais, em Maio, Junho e Julho, a mãe rezava no quarto, antes de se deitar, pela sorte das quatro crianças, as três de Fátima

e a sua menina, trazida no ventre, deslocava-se à igreja de madrugada e ao crepúsculo, a primeira a entrar e a última a sair, rogando auxílio a Nossa Senhora Auxiliadora e a Nossa Senhora do Rosário para os quatro meninos. Em Maio a Senhora pairara sobre uma carrasqueira, aspergindo luz do seu corpo fino e branco, diáfano como o alabastro, a Senhora falara, Jacinta vê e ouve a Senhora, Francisco vê mas não ouve, e Lúcia, a escolhida, a eleita, vê, ouve e fala com a Senhora, a Senhora roga que se reze o terço diariamente e garante que os três pastorinhos se salvarão, a mãe de Fátimo sorriu ao ler esta notícia, a sua filha, tão unida mentalmente às três crianças, também se salvaria, pensou, três a quatro mil portugueses tinham ocorrido a 13 de Julho, dia mensal das aparições, a Igreja suspeitara, o povo confiara, alegara ter prenunciado uma pequenina nuvem sobre a carrasqueira, uma tristeza graciosa, diz uma senhora, de pele de raposa sobre o colarinho do casaco largo de fazenda, queixa-se do calor, vira um rolo de fuminho róseo destacado do céu azul e luminoso, uma tristeza graciosa, repete, Lúcia pede um milagre à Senhora, para que se comprove a Sua aparição, diz o jornal, a mãe de Fátimo experimentou o milagre, a menina mexeu-se no ventre, espetou os pezinhos, os bracinhos no dia da primeira aparição, fora o seu milagre, não esperava outro, se pudesse informaria *O Século* do milagre esperado, a Senhora garante a Lúcia que em Outubro o fará, familiares de Jacinta presumem ter visto a Senhora no reflexo dos olhos da menina, tinham trazido flores do campo, malmequeres e papoilas, boninas secas, espigas de trigo maduro, jogam-nas ao céu, arrebatadas, maravilhadas, pétalas vivas soltam-se em movimentos ondulantes, suspensas no ar, brilhantes, coloridas, pequeninas, arcos-íris evanescentes pairam entre o bailado das flores, a mãe de Fátimo suspende a leitura, deslumbrada, encantada, imagina um baile de flores pendendo no céu, suspenso de uma teia de arcos-íris, sorri, o primeiro movimento da sua filha fora o milagre, teria uma vida perfeita. Em Maio Lúcia sentira ter-se inesperadamente aberto um abismo entre ela e a Senhora, um abismo de amor, fundo e cheio, que divide e une através do laço do bem-querer, da benevolência, como um vento invisível cuja força separa e aproxima, solta-se uma frase na mente de Lúcia, amar é sofrer, a mãe de Fátimo aprova, tanto ela ama Nossa Senhora do Rosário e tanto sofre por desconhecer se os seus rogos guardam da santa bom acolhimento, alguns têm, sabe-o, do céu talhou-se o destino da sua filha, o casal francês rico voluntariara-se para apadrinhar a menina, dar-lhe-iam uma vida burguesa, culta, furtá-la-iam à miséria e à ignorância do Bairro Operário, amar era sofrer, amava a sua filha dispondo-se a dela se separar, augurando uma vida venturosa, Lúcia sabia-o, sentia-o, mas recusa soletrar a frase, consciencializa-a, não ousa torná-la audível, ergue a cabeça, olha directamente a Senhora, percebe que Ela lhe lê os pensamentos, Lúcia ouve mentalmente a resposta, amar é morrer de desejo não consumado, transformar a vida numa espiral imperfeita, mas sofrimento tão encantado e voluptuoso por nada se trocaria, Lúcia presume ouvir alguém gritar que o

vento traz cheiro de maresia, uma aragem fria que atravessa a pele e contunde os ossos, o frio do mal, diz a voz anónima, um homem, outros arrenegam-no, chamam-lhe herege, ímpio, ateu, este afasta-se, resmungando que sentira deveras cheiro a mar, são 12 horas, meio do dia 13 de Julho, o sol brilha e esquentas os corpos, só os republicanos, os maçónicos, os carbonários poderiam sentir um arrepio de frio marítimo, almas torcidas, diz a senhora de pele de raposa, desabitadas do amor, queimadas por ódio fatal, almas retorcidas de malevolência, como os pinheiros da serra que não crescem a direito, retorcem o tronco, Lúcia, Jacinta, Francisco, tomam-se de um frenesim íntimo, sentem os corpos interiormente retorcidos, as mãos quentes de ardidas, tombadas, desmusculadas, sem ânimo nem força, como se o pescoço vivesse por si e quisesse girar, o tronco torcer-se, amachucado, uma tempestade minava-lhes os corpos, uma aflição que os supliciava, os compungia, um espírito novo habitava-os, forçando-os a ver o que não queriam ver, a Senhora descerrara as mãos e do interior destas refulgia a chama de um fogo, não a do amor, a de um mar de fogo retorto, maldoso, labaredas violentas de ponta revolteada, um boqueirão infinito de chamas em ebulição caótica, ondas laranjas e azuis de magma fervente entrechocavam-se, calcinando relíquias de antigos corpos de homens vivos, a Senhora mostrava a imagem do inferno, corpos retraçados por lâminas em combustão ardente, esventrados por gadanhas incandescentes, ossos serrados por chapas folheadas com dentes, vaginas esventradas, estupradas, peitos estripados, cabeças floreadas de curtas serpentes no lugar dos cabelos, seios opulentos jorrando esporra, chupados por velhos sodomitas, coxas brancas de efébo fervidas e cozidas num vasto caldeirão de enxofre líquido, a mãe de Fátima, tremendo, entrevia a visão dos três pastorinhos narrada pela senhora francesa, conivente com a menina Araújo, a única crente do Barreiro que fora a Fátima suplicar pelo regresso do noivo, tenente na Flandres, habitante das trincheiras escuras, a mãe soubera que Lúcia, atemorizada, fugira do carrascal, os olhos em lágrimas correntes, contara aos pais de Jacinta e Francisco, estes tinham contado à multidão, aos jornalistas, a Senhora dera a ver aos meninos uma imagem do inferno, não o inferno, apenas uma imagem, homens empalados, freiras entaipadas, velhas desdentadas triturando cascas de nozes com as gengivas feridas, espadas enterradas em corações sangrentos, punhais brilhantes moviam-se no ar degolando pedófilos, sombras de almas promíscuas de vulvas ensanguentadas, testículos esmigalhados, pénis triturados, seios desfiados em carne viva, e uma sede, uma sede clamorosa em todas as bocas, de saliva escumosa, que o fogo secava e evaporava, braços peludos e pretos violando donzelas de pele nêvea, crianças tuberculosas sovadas à porretada por padraços alcoolizados, viúvas decapitadas tacteando ansiosamente as cabeças perdidas, usadas como munição de catapulta entre legiões de pequenos demónios, tabuletas de bordéis rateando a virgindade de meninas pretas de dez anos para prazer de papas, bispos e cardeais desdentados, vinte judeus em fila, de cabeça

baixa, a caminho de um forno crematório, bazares de mil concubinas persas satisfazendo desejos lúbricos de emires, vizires, samorins, rajás, brâmanes e sacerdotes católicos, de pénis túrgido, vermelho e erecto como um chouriço, camponeses de enxada ao ombro enterrados vivos por políticos urbanos, capitalistas de ventres desproporcionados e charuto na mão vomitando para mais comerem, piratas de venda no olho a gerirem os mais ricos bancos do Planeta, generais de veneras ao peito dirigindo máquinas de extermínio em massa, cadeiras eléctricas de tortura benzidas por núncios, funis de afogar condenados, ferros em brasa, tesouras de arrancar unhas, chicotes de cinco pontas de chumbo, talhadores de corta-orelhas, narizes e lábios, médicos de bata branca imaculada praticando eutanásia em velhos dementes, juízes legisladores de aborto e infanticídio, Lúcia fugira aterrorizada, o olhar temeroso no brilho metálico dos ganchos enterrados nas costas de Cristo com que o elevavam na cruz, três drogados de olhar revirado e dedos enclavinados, freiras lésbicas com o olhar doce como o açúcar branco, frades flagelantes crucificados de cabeça para baixo, mártires oferecidos em carne viva, depelados, três milhões de sacerdotes católicos furando o ânus de crianças órfãs, 1500 meretrizes alugadas para servir os bispos do Concílio de Ratisbona, os 65 filhos bastardos de Henrique III, de Liège, Lúcia recatava-se, recordando o corpo gracioso da Senhora, um corpo branco, quente e refrescante ao mesmo tempo, afastado de todo o medo, atordoavam a mente de Lúcia as palavras inquiridoras da multidão de fiéis, mulheres de tez roxa, boca pregueada, suplicavam a bênção da Senhora, que os raios invisíveis de luz as atravessassem, lhes curassem os maridos, os filhos, os pais, Lúcia afastava-se, rememorando a legião de pequenos demónios pretos e vermelhos, de formas avassaladoras, monstruosas, horrendas, chifres nos pés e dedos nas faces, mãos saídas da barriga gorda, olhos nos mamilos hirtos, Lúcia recordava carvões em brasa a queimarem os lábios polpudos dos pecadores, a Senhora unira as palmas das mãos, a visão apagara-se, a mãe de Fátimo sentira um vazio escuro na cabeça, uma negridão nublada, lavava os degraus das escadas do primeiro andar, tivera de pousar as mãos no chão, fechar os olhos, respirar intensamente, clamar, meu Deus, tanto mal, a Senhora falara da Rússia, Lúcia desconhecia esta palavra, sentia-se confusa, percebera ser a Rússia sinónimo de mal, alguém a esclareceria um dia, buscava sua mãe, a mãe da Terra, a do Céu partira.

O sol cravejava os ombros, os casacos pesados dos senhores de Lisboa empapavam-lhes as costas de suor, lenços de algodão encharcavam-se dos regueiros da transpiração do pescoço, alagando os colarinhos bancos, altos e redondos, a esposa do engenheiro francês contava à mãe de Fátimo que o administrador republicano do concelho de Ourém raptara os três pastorinhos no dia 13 de Agosto, os vinte mil peregrinos protestaram contra a arbitrariedade do poder jacobino, aventou-se partir para Ourém, a três léguas de distância, invadir a casa do representante da República, alguns sacerdotes

contiveram a multidão, Nossa Senhora sabe o que faz, eles não diziam a Senhora, como repetidamente afirmavam os pastorinhos, diziam Nossa Senhora, se deixou, deixemos nós, alegavam, pesarosos mas confiantes, Nossa Senhora tudo pode, e se pode, consentiu, não sejamos nós os fautores da desordem; a multidão, resignada, regressou a suas casas, só a 19 de Agosto, dizia a senhora francesa, Lúcia, Jacinta e Francisco, isolados no carrascal, apascentando ovelhas, contemplaram de novo a figura luminosa da Senhora, Lúcia lançara-lhe um olhar de reprovação por ter consentido no rapto, a Senhora explicava meigamente, o rapto fora previsto, quanto mais incidentes em torno das aparições mais estas se tornariam conhecidas, todos os jornais, mesmo os mais críticos, tinham anunciado na primeira página o rapto de três crianças pelo administrador do concelho, a mãe de Fátimo falava sem interrupção, Deus poderia ter fulminado o administrador, bastaria o acto mental de o pensar para logo este ter caído fulminado, não o fizera para que as aparições se tornassem conhecidas, difundidas, a Senhora repetiu para Lúcia, não deves ter medo, estarei sempre contigo, a Senhora anunciou que Jacinta e Francisco em breve subiriam ao céu, tu permanecerás como uma rocha da Igreja, testemunharás a verdade das minhas palavras durante a totalidade do século, não tenhas medo, repetiu pela terceira vez, serás feliz aprisionada numa cela de meditação, vendo o teu corpo corromper-se e a tua alma espiritualizar-se, na tua cela brilhará a claridade de um outro sol, o do espírito, nunca duvidarás do que viveste neste Verão de 1917, visões da alma, tão verdadeiras quanto as do corpo, ao longo do século saberás do rebaixamento da alma ao nível do corpo, do desnudamento impudico deste, da onipotência da luxúria, da vaidade e da gula como só em Roma houve, da promiscuidade pública, do declínio do homem, viste uma imagem do inferno, sabes que a vida na terra não é senão uma das faces do inferno, no próximo século o homem retornará à frugalidade, à humildade.

Na despedida, a Senhora confessou a Lúcia ser a Nossa Senhora do Rosário, a mãe de Fátimo ergueu-se da cadeira, onde descansava da lavagem dos vidros, rejubilou para a senhora francesa, eu sabia, eu já sabia, a patrona da nossa igreja do Barreiro, a mãe do terço, disse, a senhora francesa, enternecida, clamou, vem, Senhora, vem sobre a Europa, liberta-a da guerra, a mãe de Fátimo, menos cosmopolita, apenas soletrou, vem, Senhora, vem salvar Portugal, traz os nossos soldados para casa, a senhora francesa contara à mãe de Fátimo a história que lera no *Dimanche* de Paris, um soldado português fora baleado no peito, na zona do coração, ouviu o zumbido da bala assassina, sentiu o impacto, viu-se morto, fulminado, tombado na lama, buscou o sangue em seu redor, fiapos de carne, só lama e uma dor muscular fortíssima, ergueu-se, de cotovelos na terra, desabotoou a casaca de combate e, atônito, percebeu que a medalhinha de Nossa Senhora do Rosário, oferecida pela esposa na hora da despedida, o tinha salvo. Nossa Senhora cansou-se dos homens, disse a senhora francesa, falou com Deus e pediu

autorização para recriminar os homens, escolheu Portugal, país fidelíssimo, como já escolhera a França, enfatizou, mais alto do que se presumia, hierarquizando a ordem das nações na mente divina, escolheu Fátima, longe do mundo, três pastorinhos analfabetos, imagem da inocência, da humildade e da paz, a mãe de Fátimo, de olhos postos no lustre do tecto, agradeceu à Mãe do Céu, prometeu-lhe organizar um oitavário na igreja, a senhora francesa queria mais, atrair o mulhierio do Barreiro para a igreja, organizar uma procissão de agradecimento se Nossa Senhora acabasse com a guerra, convertesse a Rússia, findasse com a perseguição aos sacerdotes, a expulsão de frades, a prisão de bispos, a humilhação das freiras, conduzidas publicamente pelas ruas de Lisboa a caminho da prisão no Arsenal da Marinha, o saque das igrejas, como a de Setúbal, vandalizada e incendiada, o assalto diurno, público, aos conventos, como o de Arroios e o do Quelhas, em Lisboa, ai, ai, suspiraram ambas as mulheres, consternadas mas alegres, tanto trabalho vai ter Nossa Senhora do Rosário, a esposa do engenheiro alegou que Nossa Senhora do Rosário era francesa, a mãe de Fátimo não gostou, amarrotou a cara, pulou os olhos, mas calou-se, servil, não podia contestar a patroa e madrinha da sua filha, a senhora francesa explicou-lhe ser a Senhora do Rosário muito cultuada em França, aparecera a S. Domingos, fundador dos Dominicanos, ofertara-lhe um rosário, o mais belo instrumento de oração, uma capricórnica de rosas, rainha das flores, por cada ave-maria rezada Nossa Senhora recebe no céu uma pétala espiritual, e por um terço de cento e cinquenta ave-marias uma coroa de rosas, a mãe de Fátimo, a madame francesa e a menina Araújo mobilizaram em Setembro e Outubro a paróquia do Barreiro e Lavradio, a senhora francesa libertou a mãe de Fátimo do trabalho, substituiu-a por uma menina de doze anos, que se experimentava na lavagem de escadas, e lá fora ela, a mãe, porta a porta, durante o dia, quando os homens não estavam em casa, arregimentando as mulheres para a oração do terço, meditando sobre os quinze mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos do rosário, entrecortados pelo rumorejar da Salve-Rainha:

Salve Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve. A vós bradamos, degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa: esses vossos olhos misericordiosos, a nós volvei. E depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignas das promessas de Cristo.

As mulheres, de boca ardente, coração sacratíssimo, mãos postas no céu, criam obter a conversão dos pecadores por seu intermédio, limpar-lhes a alma suja do vício, prestar alegria esfuziante às mentes tristes, consolar os pobres, libertar os humildes dos pecados da inveja e da ambição e afastar as

tentações do coração ensanguentado dos homens, convocavam Nossa Senhora no Barreiro como em Fátima os três pastorinhos com Ela conviviam, que protegesse os homens honestos, de vida regrada e acções santas, que a luz os beneficiasse iluminando-lhes a vida, desviando-a da desgraça, da doença, da miséria, do mal da cupidez, fortalecendo a fé no Senhor, a obediência à Igreja Católica Apostólica Romana, à voz do Papa e dos Bispos, a mãe de Fátimo juntava às pregações da madame as palavras de Jesus, dei de comer a quem tem fome, vesti quem estava nu, socorri quem padecia, visitei os enfermos e os presos, dei acolhimento a quem não tem abrigo, consolei os aflitos, perdoei as injúrias, tolerei sem raiva as fraquezas alheias, corriji os que erram, a patroa francesa orava pelos franceses na guerra contra os alemães, pelos católicos do mundo inteiro, para que vencessem os anarquistas e os comunistas, a mãe de Fátimo não era capaz, Nossa Senhora era mãe de todos os homens, não podia privilegiar uns em detrimento de outros, consolaria os crentes e resgataria do pecado os comunistas e os pérfidos alemães, não os amaldiçoaria nem os condenaria às penas do inferno, a senhora francesa anunciara na igreja que Nossa Senhora ensinara uma nova oração a uma vidente de Lourdes:

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos.

Peço-Vos perdão por todos os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam.

Santíssima Trindade, Deus Pai, Filho e Espírito Santo, eu vos adoro profundamente e vos ofereço o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários do mundo inteiro, em reparação pelas inúmeras ofensas, sacrilégios e indiferenças com que é todos os dias ofendido.

E pelos infinitos merecimentos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.

A senhora francesa copiara do *Mensagem do Apostolado* a oração em papel pautado, dera-a à menina Araújo, que obrigara os alunos da 3.^a classe a copiá-la, inúmeras cópias, cinquenta cópias, em papel pardo, grosso, para suportarem as manchas de gordura dos dedos dos operários e a transpiração dos pescadores, a mãe de Fátimo fora de novo de casa em casa, atravessara a vila, o corpo pesado, o ventre inchado, os seios gordos a balouçarem no peito sob a blusa de riscado, as coxas lentas, batia à porta da casa dos pobres, depositava na mão de cada família a nova oração, viera de França, nem tudo o que vem de França é mau, alegava, o republicanismo, os maçons, os anarquistas, o jacobinismo, o ateísmo, sim, eram maus, mas Nossa Senhora do Rosário compensava o mal com o bem, ensinara uma nova oração, aqui está ela, dizia, sorriso na boca, as mulheres, de braços sujos de peixe e carvão, recebiam-na com alegria, consoladas, alguém vinha à porta delas,

não vender mas dar, sentiam-se privilegiadas, não, não fora fruto do acaso, Nossa Senhora tinha inclinado os passos da mãe de Fátimo para a porta delas, convidavam-na a entrar, ofereciam-lhe umas borras de café de cevada e umas bolachas de aveia, a mãe de Fátimo fazia-as felizes e sentia-se feliz.

Em Setembro, Lúcia, Jacinta e Francisco tinham fugido da multidão de crentes, estes atingiam uns trinta mil, postavam-se em torno do cabeça dos morros, arrimados a bordões, velhinhos sentavam-se em cadeirinhas articuladas de madeira e lona, entrevados eram arrastados em padiolas, suplicavam às três crianças que intercedessem por eles à Senhora de Fátima, esta os curasse, os mais pudicos, receosos do cúmulo de pecados cometidos, suplicavam que lhes aliviasse o sofrimento, os três pastorinhos contemplavam o rebanho humano sofredor, disperso por veredas e azinhagas enlameadas pelas primeiras chuvas, implorante, rapazes sífilosos, pais tuberculosos, encharcando de sangue os lenços, viúvas artrosas, um bando de órfãos trazidos por um ex-missionário africano, velhos catarrentos e asmáticos, alcoólicos de olhar esgazeado, lavradores falidos, de casaca maltrapilha e calças de fundos remendados, marçanos enfezados explorados pelo patrão, dormindo na despensa acanhada, lavadeiras de dedos retorcidos, corcundas de corcova arrebitada, manetas da mão direita, decepada na guerra do Mouzinho, em Moçambique, pernetas de pé esmagado pela mó do lagar, doentes chagados do corpo, de pele putrefacta, mãos tinhososas, rosto asqueroso, crianças esfarrapadas, andrajosas, famélicas, sem forças para se terem de pé, rodeando uma outra, paralítica, uma criança lindíssima, faces ebúrneas, ovaladas, olhos retintos cor de azeitona velha, cabeleira larga encaracolada, soerguia ao colo um cordeirinho, vinha pedir à Senhora cura para o cordeirinho, este mal abria os olhinhos, o menino soltara uma lágrima, um ai comovido, a mãe de Fátimo chorava em casa, à noite, lendo a descrição de *O Século* à luz do candeeiro de petróleo, comovera-se com o pedido do menino, que nada pedia para si, um homem gordeirão levantara duas notas de dez mil réis à passagem de um sacerdote, abençoava o dinheiro, para que se multiplicasse e o tornasse rico, Lúcia levantara a mão, parando o terço colectivo, a Senhora emergira do nada, um ventíço tufoso, redemoinhoso, um som cavo, de trovão longínquo, uma luz hiante e, do seio desta como do nada, a Senhora aparecia, do seu regaço e da sua mantilha tombara uma chuva de pétalas de rosa, suspensas no ar, atravessadas por um jorro de luz ardentíssima, um perfume inebriante e primaveril que encheria os ares, escutara-se um clamor colectivo, uníssonos, homogéneo, como uma voz única, íntegra, Lúcia contemplara a senhora com um olhar amantíssimo, nunca nada de tão puro vira, uma claridade tão clara, a Senhora decifrava-lhe os pensamentos, Lúcia sorria, a multidão sorriu, imitando-a, invejando o presumido diálogo que a pastorinha teria com a Mãe do Céu, Lúcia pensou, é única e verdadeira, assim lhe saiu o pensamento, desinteressada, só nos outros pensa, protegendo-os, por eles intercede no céu, nela o engano, a

mentira, a maldade, não fazem ninho, Lúcia fora tomada por um prazer inenarrável, um deleite encantatório, cerrava os olhos para que as obras da terra não conspurcassem o olhar da Senhora, a sua voz mental serena, tranquila como um acordar de domingo, a mãe de Fátimo imaginou que a Senhora devia ser loura, todas as mulheres superiores que conhecia eram louras, a senhora francesa e a menina Araújo, se o não eram aloiravam o cabelo, perguntou à senhora francesa, esta negou, nenhuma notícia o diz, a Senhora tapa a cabeça com um mantéu, como as freiras, esclareceu, Lúcia contemplava-lhe a cara e a refulgência do rosto, alvíssimo, aureolado pela luz branca saída do imo do coração, a mãe de Fátimo imaginava os traços regulares do corpo da senhora, o vestido comprido, leve, completo, imaculado dos pés ao pescoço, uma beleza íntegra, como uma manhã de sol doirado, Lúcia recomendava silêncio baixando a mão por duas vezes, oitenta mil peregrinos assentavam-se entre os cômodos, cumprimentam-na, sabiam-se cúmplices do desenlace que se augurava nefasto, os jornais ateus e republicanos tinham vindo, 13 de Outubro de 1917, não acreditavam em milagres, não esperavam vê-lo naqueles descampados estéreis habitados por carrascos, azinheiras e oliveiras, acusavam os três pastorinhos de inventarem parlapatices, alimento de superstições, a Senhora deveria ser vista por todos, ou provocar um acontecimento unânime, a palavra acontecimento, na mente de Lúcia, significava algo de extraordinário, de fantástico, a sua pequena vida de camponesa nada tivera de «acontecimento», Lúcia caminhava, os ossos frios da geada nocturna, levantara-se de madrugada da cama de palha para libertar as cabras e ordenhar a vaca da família, o orvalho molhara-lhe os pés nos tamancos, voltara para o colchão contra a vontade da mãe, a chuchar no polegar como fazia desde bebé, enrodilhara-se sobre si própria.

No exacto momento em que Lúcia se deitara de novo, a mãe de Fátimo sentiu uma humidade estranha entre as pernas, abriu as coxas musculadas do trabalho, depôs a mão direita no sexo e um jorro de água viscosa molhou-lhe as pernas, levantou-se, confundida, amparou-se à borda da cama, de corpo pesado, a pele da barriga aos saltos, chamou o marido e ofertou-lhe um sorriso, a bebé vai nascer, disse, Lúcia aninhou-se entre o lençol de estopa e a colcha de remendos, a Senhora mudara-lhe a vida e ela não sabia se queria mudar de vida, destinava-se a pastora, casar-se-ia, amanharia a horta, vararia as oliveiras, o marido faria o resto e os filhos pastoreariam os animais na serra, a casa deveria ser o seu mundo, a chaminé improvisada com tijolo velho, o monte de lenha cortada na arrecadação do alpendre, a lareira que aquecia e cozinhava, o chão de laje gasta e esburacada, as vizinhas tinham acorrido aos gritos do pai de Fátimo, penetraram na casa térrea, atarantadas, buscando alguidares, panos limpos, a mãe de Fátimo sentiu as primeiras dores, leves, anunciando a violência dos ossos a dilatarem-se, Lúcia fora levada por Jacinta e Francisco, o espírito magoado, intrujona, assim fora chamada no dia anterior pela professora primária, sempre quiseste

evidenciar-te, inventas nossas senhoras e temos as casas cercadas pela Polícia de Ourém, Lúcia chorara toda a noite, magoada, abraçada às sombras, moribunda de corpo e alma, uma piedade dolorosa entranhara-se-lhe no peito, por si faltaria ao encontro com a Senhora, o derradeiro, ouvia a multidão de crentes nas traseiras da casa, rente ao murete do quintal, paravam, porventura alçariam o dedo demonstrador, era ali, naquela casa de quatro-águas e chaminé improvisada, que morava a Eleita, a Escolhida, a que irradiava Luz, o significado do seu nome, como recentemente soubera, dito em voz alta por um seminarista entre a multidão, Nossa Senhora privilegiara uma menina rústica, boçal, queixo amacacado, dentadura de égua, a testa pulada como a dos anões, Lúcia caminhava entre os peregrinos de cara sisuda, lábios cerrados, narinas ofegantes, não acreditava que a Senhora cometesse o milagre por todos esperado, sentia-se posta à prova, uma embusteira, assim dela pensariam no final dessa manhã, o pai avisara-a, se o milagre não acontece, o povo, desiludido, mata-te, Lúcia desejava estar morta, já, no céu, ao lado da Senhora, não teria forças para sobreviver à decepção popular, fugiria para a serra, os lobos fariam o seu dever, matá-la-iam, às dez da manhã começou a chover, trovões estrondeavam do lado de Torres Novas, o céu abria-se ferido por curtos relâmpagos, empapavam-se os caminhos para a azinheira, abertos recentemente à pazada e à picaretada, os lisboetas ensopavam as botinas, os pneus dos carros soterravam-se, Lúcia calçara socas novas, de couro claro, contemplava-as entristecida, um avental novo de chita, às ramagens, uma camiseta branca, não valera a pena enfeitar-se para receber a Senhora, salpicos de lama sujavam-lhe as socas, a saia branca bordada, Lúcia não queria mudar de vida, olhara de relance para o filho do sapateiro, este desviara a cara, desfazia-se assim a promessa tácita entre as duas famílias, Lúcia ainda lhe lançou novo olhar doce, tímido, o rapazola voltou a desviar a cara, não queria nada com ela, a família deveria tê-lo advertido, Lúcia não é boa rês, ou fala verdade e é diferente das restantes raparigas ou não fala verdade e é sabida e mentirosa, Lúcia chegou ao cabeça da azinheira, o corpo da mãe de Fátimo vibrava com as dores, pela quinta vez a carne alargava-se e os ossos pélvicos estendiam-se, dilatavam-se, a mãe de Fátimo sentia o corpo a romper-se, gritava e suave como um animal enfurecido, incapaz de permanecer imóvel, tensionando os músculos, o primeiro filho, desconhecia ser o último, as cartilagens, virgens de esforço, revoltavam-se, ameaçando regressar ao seu lugar natural, os músculos, retesados, defendiam-se, duplicava os esforços, concentrava as forças no baixo ventre, as vizinhas alegravam-se, aos gritinhos escandalosos, vejo-lhe a cabecinha, dizia uma das parteiras improvisadas, logo desmentida, eram as partes carnudas do interior da vagina, ensanguentadas, Lúcia comove-se, à sua frente duas velhinhas de joelhos na terra aguada imploram-lhe que rogue à Senhora liberte a netinha do mal das pernas paralisadas, Lúcia sente-se tentada a benzê-las, a soerguê-las, a anunciar-lhes que sim, a Senhora o fará, beija as velhinhas na testa, diz que sim, que rogará à Senhora pela netinha de

ambas, a saia empapou-se, o cabelo de Lúcia ensopa-se, pancadas impertinentes de chuva miudinha tombam sobre os crentes, enterra o pé direito num charco, a chuva fatiga-a, custa-lhe arrancar o tamanco do lodo, irrita-se, prestes a proferir uma asneira, mira-se espantada, Lúcia avança com um pé descalço, Francisco leva-lhe a soca numa mão, a palma da mão coberta de lama preta, a mãe de Fátimo expele o ar com força por quatro vezes sucessivas, abre as pernas num ângulo inesperado, urra, urra com toda a potência da garganta, cospe para uma bacia, a garganta foi violentada, fios de sangue coloram a saliva, a mãe de Fátimo agonia-se, retorce os lábios, os olhos, chora, lágrimas suaves tombam-lhe dos olhos, Lúcia chora também, esmagada pela população crédula, Lúcia desconfia não ser a Senhora capaz de um milagre por todos visto, porventura Deus não o permitiria, está para além das forças da Senhora, o pai de Lúcia fora ao seu catre na noite anterior, falara-lhe como a um adulto, Lúcia gostara, fora a primeira conversa séria entre os dois, o pai não a admoestara, como a mãe, puxando-lhe as orelhas, o pai aconselhara-a, mas também a ameaçara, dissera-lhe ser preciso separar os sonhos da realidade, teria Lúcia a certeza de falar com uma senhora, não seria um espectro da serra, um fantasma, uma alma penada, se o milagre não se realizasse ela seria tomada por uma charlatã, mais tarde chamar-lhe-iam bruxa, alucinada, os homens teriam medo dela, não se casaria, os padres falariam em feitiçaria, o pai tinha medo, contaram-me de uma centena de carros saídos de Lisboa, só os ricos têm carros, e os poderosos, o que quererão eles de Nossa Senhora, o que querem sempre conseguem, mesmo que te esmaguem, Lúcia respondeu, o que vejo é real, mas não tenho a certeza de que a Senhora seja a Nossa Senhora do Rosário, o pai aconselhou-a a manter-se serena, fechar os olhos e baixar a cabeça, ele estaria a seu lado para o que fosse preciso, apontou para o cós das calças, onde escondera uma navalha, a mãe de Fátimo ergue o dorso, finca a força do corpo no centro das nádegas, sente os ossos pélvicos a rangerem, prenuncia que o corpo se vai romper, uma parte para cada lado, um quadril para cada lado, uma nádega para cada lado, unidas por uma película de pele, do fundo da cama gritam-lhe, força, força, uma matrona apalpa-lhe a barriga gorda, detecta as costas do bebé, espalma as mãos, empurra-o, indica-lhe o caminho, a mãe de Fátimo grita, algo de profundamente violento assomou o canal vaginal, alargou-o, dilatou-o, é a cabecinha, agora é mesmo, gritam do fundo da cama, a mãe sentiu-se alargar e alongar, a consciência rasando o desmaio, a matrona repuxou a pele da barriga, pousou as duas mãos espalmadas sobre o bojo desta, tacteando as formas do corpo do bebé, depois pianou os dedos sobre a barriga tensada, soletrando o caminho da luz, da vida, o bebé, obediente, avançava milímetro a milímetro, forçando com os ossos da cabeça e dos ombros uma carne adiposa, molácea, a mãe sentiu um movimento anguloso, ossudo, babou-se entre lágrimas, saliva e ranho, faces empapadas por uma película líquida escorrente que a atormentava de comichões, Lúcia baixou a cabeça, protegida pela mãe e pelo pai, mira uma

das raízes da azinheira, furando a terra, Jacinta e Francisco juntaram-se-lhe, regozijados por tanto povo, Lúcia fez cara de pau, não gostara de ver famílias a mastigarem bolo de bacalhau, casais encostados, submersos sob o toldo do chapéu-de-chuva preto, sentiu-se companheira das famílias dos lavradores pobres, descalços, torresmos nas mãos, colcha de farrapos cobrindo os corpos da chuva, as pancadas de água tinham terminado, o vento maninho suavizara, uma neblina vaporosa tomara conta do céu, um manto cinzento-rosa cobria os campos, os montes e as pessoas, Lúcia permanecia de cabeça baixa, a Senhora apareceria quando quisesse, depôs as mãos em posição de oração e iniciou a reza do terço, Jacinta e Francisco imitaram-na, mexendo os lábios polpudos, buzínadelas longínquas de carros atolados quebravam o silêncio natural, Lúcia torceu os vincos da testa, fatigada, queria a Senhora só para si, ela e os dois companheiros de trabalho, escola e brincadeira, chocalhos de cabra ouvem-se ao longe, uma menina clama pela mãe, apavorada, perdida, Lúcia emite um suspiro demorado, interrompendo a reza, mira o céu, as nuvens negras tinham-se esgarçado de vez, uma cortina cinzenta brilhante prendia o horizonte num capucho denso, Lúcia prossegue a ave-maria, a mãe de Fátimo fixou as mãos nas margens da cama, alteou de novo o dorso, olhou para o vale entre as pernas, os joelhos semierguidos, uma pasta de sangue manchava os lençóis, a força dos calcanhares rompera-os, a velha matrona fez um gesto mudo para as duas vizinhas postadas ao fundo da cama, pressionava o bebê com a polpa dos dedos, as unhas, forçadas, branquificaram, a velha matrona sorriu, gritou para a mãe de Fátimo, força, força, as vizinhas, em frente, gritavam, empurra, empurra, Lúcia foi alertada pelo grito de escândalo de uma velha, milagre, milagre, uma luz alva rompia as nuvens, Lúcia olhou pausadamente, é apenas o sol a romper as nuvens, a expectativa e a credulidade tinham enganado a velhinha, aquela luz solar não se comparava com a luz radiosa saída das mãos da Senhora; quando de novo virou a cabeça para a azinheira a Senhora pairava à sua frente, pousando no ar luzidio, Lúcia ergueu a mão direita, sinal de silêncio, a mãe de Fátimo concentrara a totalidade das suas derradeiras forças no baixo ventre, seria agora ou não seria, desistiria, sorriu, como podia desistir, o bebê não podia ficar eternamente dentro dela, a mãe de Fátimo rasgava-se em força, torcia-se, o corpo uma máquina viva de robustez e sacrifício, as duas vizinhas postadas no fundo da cama rugiam, empurra, empurra, a velha matrona clamava, vai com jeito, mas agora vai, e foi, a pelugem das fontanelas de Fátimo emergira, o crânio irrompeu brutal, um bruaá estranho irrompeu entre a multidão, espantado, atônito, estarecido, amedrontado e feliz, Lúcia desviou o olhar da Senhora, sorriu, o clarão do sol tremia, sugando o céu, um inesperado relâmpago amarelento rasgou as nuvens cinzentas, carregadas de água, invadindo-as, cobrindo-as, um feroz combate desenhava-se no céu entre o horizonte cinzento e a claridade argêntea do sol, esta vencera, branquejando aquele, apagando-o, tornando-o invisível, purificando-o, as mãos terrosas das vizinhas puxam

delicadamente a cabeça de Fátimo, este abre os olhos tímidos, recebendo pela primeira vez a luz clara do dia, movimentata atabalhoadamente as pálpebras, cobertas de enxúndias vermelhas, o sol aclara definitivamente as nuvens cinzento-escuras, refulge, tremeluzindo com a cor baça da prata, aureolado por um resplendor cintilante, o sorriso de Lúcia abre-se, não, não ousariam chamar-lhe intrujona, embusteira, a Senhora prometera, a Senhora cumprira, o milagre fizera-se, estava-se fazendo à vista aberta de oitenta mil peregrinos, a velha matrona corta o cordão umbilical com os dentes, para dar sorte, as mulheres de escuro lavam Fátimo com água quente na bacia de esmalte, espetam-lhe os dedos na nuca, a confirmar a moleirinha aberta, na boca, rapando as excrescências, penduram-no de cabeça para baixo, palmando-lhe as nádegas, um jorro de luz fantasmática tomba do céu iluminando a abóbada do céu, a luz radiosa parece brotar de cada grão de terra, de cada árvore, de cada crente, uma imobilidade absoluta impregna as gentes, boquiabertas, pasmadas, perplexas, abismadas, Lúcia sorri com toda a força dos lábios, a mãe de Fátimo ouve os balidos virginais deste, enroupado numa coberta de algodão às riscas com fímbria de cetim, o ar penetrou-lhe na garganta, nos pulmões, uma dor lancinante atravessou-lhe o corpo, luz e ar atormentam Fátimo, que desata num desgraçado choro, o choro da vida, raios de luz iridescente soltam-se pelo céu, advindos do disco do sol, os bordos deste parecem oscilar, estremecer, girar como um disco de feira, um disco imóvel rodando sobre si, Lúcia, atónita, já não sorri, Jacinta e Francisco, atemorizados, ajoelham-se, Lúcia diz para a Senhora, obrigada pelo bailado do sol, a mãe de Fátimo, espantada pelo nascimento de um rapaz, fecha os olhos, abraça-o como se fosse o seu sol e encomenda o filho a Nossa Senhora do Rosário, obrigada, exclama, a senhora francesa diz, o meu afilhado chamar-se-á Fátimo, Fátimo Martins.

«TAMEI A NOSSA GRANDEZA. RESPEITAI A NOSSA VIRTUDE.»

*Vem conduzir as naus, as caravelas,
Outra vez, pela noite, na ardentia,
Avivada das quilhas. Dir-se-ia
Irmos arando em um montão de estrelas.*

Camilo Pessanha

Bem depressa Fátimo abandonou o hotel e foi viver para a Casa Garden, um casarão reconstruído de uma família burguesa de comerciantes, onde se alojavam temporariamente os funcionários públicos vindos de Lisboa, levou consigo Siu Lin, que dormia nos anexos, lhe tratava da roupa e o abastecia de víveres comprados no bazar, neste terreno tinham vivido os primitivos Pereira, uma das mais antigas famílias de Macau, fundadora do território, os portugueses tinham ocupado os terrenos do cume da colina de Patane, as melhores terras, antes de os jesuítas terem erigido o colégio e a Igreja de S. Paulo, donde se lorigava a chegada das naus e dos juncos mercantis, expulsando as famílias chinesas para o sopé, a futura área chinesa da cidade, tinha sido dada a Fátimo uma semana para encontrar casa própria, onde ficaria a residir permanentemente. Na Casa Garden, Fátimo conheceu o colega de História, Herculano Noronha-Pereira, seu grande amigo e companheiro de Macau, no dia do primeiro jantar, Herculano, ainda que tímido, de presença discreta, tornara-se o centro da mesa, solicitado por todos, tinham à sua frente um descendente dos ancestrais Pereira que, de Timor, regressara à terra dos seus antepassados. A casa actual datava dos finais do século XVIII, erigida sobre o primitivo casario dos Pereira, uma vasta família fundada pelos patriarcas Diogo Pereira, descendente dos *casados* de Goa, e seu irmão Guilherme, que a história regista serem, com Fernão Mendes Pinto – informava Herculano, orgulhoso –, ora aventureiros do Império, ora maliciosos mercadores; aos dois irmãos tinha-se juntado Leonel de Sousa, um algarvio que para o Oriente viera tentar a sua sorte, casando-se em Chaul com uma indiana cristianizada, de pele clara, porventura filha de outro *casado* português de Cochim ou de Goa. Os Pereira e Leonel de Sousa tinham sido dos primeiros europeus a porem o pé no

território, Macau propriamente dito, os dois irmãos trabalhavam, negociavam e viajavam em parceria, cada um capitaneando uma embarcação, a que tinham juntado um cunhado, Gil de Góis, o único – pelos registos, não completos, note-se, afiançava Herculano – verdadeiramente branco da família, o único europeu da família, adiantava Herculano apontando para a fâcies de Fátimo, os Pereira, mais com um genuíno senso de oportunidade do que de oportunismo, prosseguia Herculano, tinham preenchido o vazio deixado pelos negócios da seda e da pimenta da família Xu, mercadores contrabandistas de Guangdong estabelecidos em Malaca, no Kampung Cina (bairro chinês), levados à falência e à morte por decapitação e esventramento pelos *wokou*, os piratas japoneses, Diogo Pereira capitaneava uma nau de três mastros, dotada de perícia em artilharia, mais de uma dezena de canhões de bronze, que atemorizava os frágeis juncos chineses e japoneses, trocava seda chinesa por prata do Japão, os Pereira – clamava Herculano para os convivas da mesa de jantar, apontando para si –, Diogo e Guilherme, eram filhos de Tristão Pereira, chegado a Cochim em 1509, de proveniência portuguesa desconhecida, soldado de Afonso de Albuquerque, que acompanhou nos dois assaltos a Goa, aqui se estabeleceu em 1510, abandonando a armada, levantando residência no bairro dos *casados*, na propriedade de um muçulmano do Cairo, que matou, a ele e aos filhos homens, vendendo as três esposas e as seis filhas como escravas a um mercador indiano de Hampi, com o dinheiro instalou-se como ferreiro, casou-se com uma menina filha de um brâmane, expulso para a selva dos Gate pelos primeiros frades franciscanos, porventura tragado pelos tigres ou pelos chacaís, Tristão Pereira cedo abandonou a arte do ferro, excessivamente trabalhosa, ensinando-a a três servos cairotas, cujo trabalho explorava, e dedicou-se ao comércio de vidraria, de notório sucesso entre os portugueses e indianos abastados, substituto, na copa e na botica, do barro poroso, e produto de oferta entre famílias ricas, Diogo tinha partido de Goa para Sanchoão e Lampacau, investiu nas sacas de pimenta de Malaca, iniciando assim um dos maiores empórios mercantis e financeiros de meados do século XVI no Sudeste chinês, arengava Herculano, aparentemente desinteressado, como se falasse de alguém estranho ou desse uma aula de História, Fátimo, enlevado, ouvia a seu lado, contemplava o perfil castanho de Herculano como se contemplasse o perfil da História, ela própria; um funcionário da secretaria de energia, de pele vermelha, inchada pelo calor oriental, incentivava-o, clamando que nesses tempos quem tinha um olho era rei, vinha-se cá, faziam-se duas negociatas e voltava-se rico como um nababo, Herculano não gostara, a sua família não fora dessas, instalara-se, uma das fundadoras de Macau, repetia, com expressivo desvanecimento, só daqui saiu porque foi perseguida, Fátimo queria saber isso da perseguição, mas Herculano, estimulado pelo funcionário de cara apoplética, retornara à origem da família, que era a origem de Macau, Diogo, ajudado pelo irmão, instalara-se em Sanchoão e Lampacau, concorrendo com Leonel de Sousa, o

algarvio indianizado, e posteriormente achinesado, avançara para a feitoria de Malaca a tentar a sorte, disposto a mercadejar cravinho e noz-moscada e, por trato casual com uns pescadores pobres de Patane, fora-lhe revelado, por desabafo, por um língua de origem malabar, que os altos mandarins e o próprio imperador, Jiajing, buscavam afanosamente âmbar cinzento, uma secreção biliar das baleias, para a composição do presumido elixir da longevidade e de diversos unguentos impulsores da fertilidade, Leonel de Sousa, porventura o único português a sabê-lo, percorreu os ancoradouros, os cais e os portos do Sudeste da China, adquirindo grande quantidade de âmbar cinzento, ofertando-o aos mandarins de Guangdong, ganhando a sua confiança, obtendo assim autorização para que a sua nau ancorasse durante a monção, não em Sanchoão nem em Lampacau, mas na zona mais seca do promontório (*Kok*) do templo da deusa *A Má*, divindade protectora dos pescadores do delta do rio das Pérolas, assim nasceu Macau (*A Má Kok*), exclamou Herculano, levantando a voz, entusiasmado, umas palhotas de bambu e colmo, umas choupanas para dar descanso aos tripulantes da embarcação de Leonel de Sousa enquanto decorresse a monção, uns galpões para secagem das mercadorias da humidade marítima, derrubados, casinhotos e galpões, mal os marinheiros regressavam ao mar, e aqui estamos nós, numa cidade de 200 000 habitantes, vejam como o acaso e a sorte traçam o destino de cada um de nós e, feitos necessidade, de uma cidade inteira. Enriquecido, pelo menos com algumas posses, Leonel de Sousa, inquieto, cobiçoso, buscando negócio chorudo, terá regressado à Índia e aí, em Cochim ou em Goa, usando a protecção do infante d. Luís, irmão de d. João III, aparentemente seu valido em Portugal, manobrou a burocracia do vice-rei para ser nomeado capitão-mor das viagens da China para o Japão, carreira então nascente, onde singravam os navios da família Pereira – Herculano apontou para o peito – e enriquecera Fernão Mendes Pinto. Em 1555, o Japão e a China tinham entrado em guerra, expedições marítimas japonesas, açoitadas pela febre da honra, tinham arrasado pequenas vilas costeiras chinesas e matado as autoridades locais, os Pereira e Leonel de Sousa viram neste desentendimento, que em nada interferia nas suas viagens, a oportunidade de alargarem o tráfego da pimenta e da seda a outras especiarias, junto com o almíscar, a alvaiade branca, a canga ou algodão branco, o ruibarbo, provindos da Índia, rapidamente desistiram, o grande negócio residia na troca da seda crua chinesa pela prata tosca japonesa, interrompida pela guerra entre os dois países, meus senhores, disse Herculano, demasiado expansivo para o seu hábito, se não sabeis, ficai sabendo, assim nasceu em meados do século XVI a terra que nos acolhe, maravilhosamente fora dos desígnios da História, pelo cruzamento de um duplo acaso – a procura do âmbar cinzento pela hierarquia chinesa, garantindo o prolongamento da vida e uma mais intensa fertilidade, e a emergência ocasional da guerra costeira, mais uma, entre a China e o Japão –, aliado a uma necessidade, a de acostagem dos navios portugueses durante

a monção, fazendo-os escapar dos tufões que lhes quebravam os mastros e rasgavam as velas, inutilizando-os. O influente e ambicioso Leonel de Sousa solicitou autorização ao aítão de Cantão para assentamento do seu navio na península ou promontório velado pela deusa *A Má*, terra seca, ensolarada, ligada por um istmo ao continente, aqui levantando uma pequena feitoria, pela qual pagava direitos e impostos, logo lhe seguiram o exemplo os Pereira, todos vivendo no pequeníssimo povoado de pescadores chineses, em casas de madeira e bambu que, mais tarde, subindo a colina de Patane (porventura assim designada posteriormente por ocupação de malaios de Patane, esclareceu Herculano), aqui, exactamente aqui onde nos encontramos a jantar, transformaram em casas definitivas de barro, telhas, argamassa e cal de ostra. Antes da guerra, a Sanchoão vinha uma nau do Japão trocar prata e pimenta no embarcadouro dos Pereira, regressando com porcelana, seda, cânfora, placas de cobre, pedra de álumen, ruibarbo e pau-da-china para cura de doenças venéreas, abundantes entre a grossa classe proprietária japonesa; Guilherme Pereira, improvisadamente, acreditando mais na sorte do que na necessidade, sem protecção, desconhecendo o resultado da sua iniciativa, atreveu-se a partir para Hirado e entabular conversações com os daimios, os grandes senhores japoneses, ganhando para a família, durante uma década, o monopólio do comércio com Hirado. Mal os Pereira e Leonel de Sousa souberam do corte de relações entre a China e o Japão, substituíram os mercadores japoneses, sem perceberem que, fazendo-o, substituiriam o grande navio japonês que anualmente atracava em Sanchoão para trocar prata tosca, bruta, por seda e outras mercadorias chinesas; sem o querer, tacteando e tenteando, abocanharam o negócio da prata, que enriqueceu Macau até ao primeiro quartel do século XVII.

Após o jantar, no longo serão oriental, marcado por um tempo extenso, que mais escorre que corre, Fátimo e Herculano entreteram-se carregando do sótão as relíquias da família Pereira, outros Pereira, comerciantes do século XIX, ali amontoadas a trouxe-mouxe aquando das obras de reabilitação da casa, hoje, felizmente, conservadas em museu próprio, os operários chineses, negligentes, ou não industriados do valor das peças, tinham acartado para o sótão antigas taças de porcelana, de bordos raspados, revestidas de esmalte amarelo sobre vidrado, de licitação caríssima nos leilões de antiguidades de Lisboa, taças de porcelana branca sob vidrado ou esmalte vermelho-ferro e ouro, garrafas de porcelana decoradas com representação de florália e animália do século XVI, de bojo opulento, tacinhas para chá, taças largas para a sopa de massas, pratos para o *chau-min*, que os primitivos Pereira teriam abundantemente usado, pertencentes ao período do imperador Jianjing, contemporâneo da família luso-indiana, com incrustações azulíneas e esverdelíneas do dragão lendário que teria habitado o chão e os céus da China, um vaso de água e uma bacia para lavar as mãos decorados a azul-cobalto, um jarro de água de servir com a insígnia branca e

azul da bandeira de Portugal, dois bustos de senhora chinesa em madeira avermelhada de tamarindo, representando (porventura) os rostos das concubinas dos Pereira, uma travessa grampada de pavões rosa, posterior ao assento dos Pereira em Macau, e um potiche de porcelana de fundo castanho-chocolate com florália verde e branca, Fátimo e Herculano, ajudados por Siu Lin, acondicionaram as peças em flocos de algodão-emma, comprados a seu custo na Pharmacia Central, embrulhando-as em papel de jornal, enfiando-as numa caixa de madeira velha comprada ao desbarato num antiquário chinês ou *tim-tim* de Santo António. Mais do que as peças utilitárias, hoje consideradas objectos artísticos de alto valor, tanto estético quanto financeiro, a alma virgem das coisas da China de Fátimo ficou impressionada pela estatueta em terracota do busto de um ocidental, um *sai iong cuai*, um «demónio branco», como os portugueses tinham sido designados durante longo período em Macau, o rosto ovalado, os olhos esféricos, o nariz protuberante, o cabelo ondeado, as orelhas pronunciadas, os pómulos salientes, o chapéu bicudo, o pescoço escondido por uma rede de folhos, o recorte de um gibão acolchoado, as mãos depostas à frente, juntas, à altura do peito, em acto ocidental de orar ou oriental de saudar, uma figura popular em barro cozido, aliás, mal cozido, comido pela humidade da monção, as abas do chapéu roídas, sem a parte frontal; percebe-se o trabalho de representação de um artesão chinês, oleiro, da figura estranha de um ocidental, um português, sem dúvida, porventura um dos dois patriarcas Pereira, Diogo ou Guilherme, ou Leonel de Sousa, ou um dos muitos filhos da senhora Toscana, arraçada de Malaca, filha de um embarcadicho aventureiro italiano de Génova e de uma malaia de Patane, percebe-se que o autor do busto tentou, ingloriamente, uma representação fidedigna do primeiro olhar de um chinês sobre um europeu, fiel à forma arredondada das maçãs do rosto e ao relevo do nariz, não deixando, porém, de oblongar ligeiramente a forma dos olhos.

Quando Fátimo e Herculano trocaram a Casa Garden pelo solar de d. Lina, furtaram a estatueta, se o não tivessem feito teria certamente sido atirada para o lixo pelos mestres-de-obras imprevidentes aquando da restauração da casa para sede da Fundação Oriente nos finais do século xx. Em 1967, quando regressou a Lisboa, no que pensou ser a sua derradeira viagem para a Europa, Fátimo depositou a estatueta no pequenino e artesanal Museu de Macau, hoje modernizado e transformado no mais importante museu da cidade, onde, no primeiro andar, em vitrina sobre peanha de madeira de entena, Fátimo, já na década de 90, pôde admirar a peça devolvida, com a legenda, «Primeira Imagem Física do Português Representado por Olhos Chineses»; ainda que popular e tosca, era uma figura esteticamente maravilhosa, Fátimo apercebera-se da fidedignidade da estatueta quando Siu Lin a vira e abriu a boca de espanto, olhando para ele e para Herculano, ainda hoje, pensou Fátimo, um chinês virgem do Ocidente

nos figura assim, daí o espanto de Siu Lin, olhava para a peça do século XVI, olhava para nós, afinal, pensava, fora o diabo estrangeiro, um *sai iong cuai*, ali representado, que a salvara da violentação e da morte certa. Os Pereira e Leonel de Sousa, a que se tinham juntado inúmeros portugueses que mercadejavam pela costa chinesa, tiveram de lutar contra o capitão-mor da fortaleza de Malaca e a cupidez do vice-rei, instalado em Goa, que ambicionavam assenhorear-se do tráfico de prata do Japão. De novo o acaso se intrometeu na presumível lógica da História, fazendo-a fracassar: estimados os canhões das naus dos Pereira, os mandarins de Guangdong requestaram os portugueses que se estendiam por Lampacau, Sanchoão e Macau para que afugentassem uns juncos e lorchas de temíveis piratas chineses e japoneses que infestavam a costa, duzentos portugueses e trinta canhões limpavam as águas de piratagem, libertando mercadores e pescadores do medo da devastação de bens e escravatura de pessoas, os portugueses podiam agora, de peito impante, reclamar a península de Macau para instalação segura dos seus haveres e fortuna e acostagem dos seus navios durante a monção, antes de regressarem a Goa e, posteriormente, a Lisboa, a adquirirem casa a Santa Catarina, bairro finíssimo da capital, ou nas imediações, em sítio bucólico, como Fernão Mendes Pinto, no Pragal, em Almada; os que não regressavam, fartos dos casinhotos de bambu e folha de palma, foram levantando as suas casas de madeira de entena e pedra de recife pela colina de Patane, sobranceira à baía, contra ou indiferentes, inicialmente, às ordens de Cantão, que os forçavam a demoli-las terminada a monção, os navios feitos ao mar; após o tufão que varreu os seus galpões em Sanchoão, os Pereira decidiram instalar-se permanentemente em Macau, levantando feitoria, isto é, uns trapiches com mercadorias chinesas, aguardando partida para Hirado, no Japão.

Intermediando mercadorias entre o Japão e a China, Macau, animada de uma baía bonançosa, um porto acolhedor virado para o mar e para o rio, abrigada da violência directa de tufões, atraiu para o seu território uma chusma de marinheiros andarilhos, muitos deles fugidos à justiça de Goa ou de Malaca, engolfados no pequeno comércio de fazendas indianas, trocadas em Cantão por porcelanas e cobre, retornando a Karala de junco a abarrotar, assim vivendo, entre o aqui e o além, ganhando, mais do que o sustento, pequenas fortunas que não podiam ostentar nem delas se orgulhar por não terem onde; Macau, cidade comercial despatriada, ofereceu-lhes abrigo, aqui montaram as suas casas baixas, em forma de pavilhões, cobertas de telha cozida ao sol, um luxo, onde descansavam das viagens de mercadiação e onde os esperavam, inquietas, as três ou quatro concubinas indianas, malaías, chinas, timoras ou siamesas, escravas disfarçadas de servas, cujos filhos constituiriam, doravante, o verdadeiro macaísta ou macaense, o «filho da terra», nem ocidental nem oriental, um ser híbrido, misto, irregular, mesclado, amalgamando duas civilizações, dando novo e verdadeiro rosto

histórico à Cidade do Nome de Deus na China. Os Pereira e os patriarcas de Macau, cientes de que a prata do Japão lhes pertencia em comércio, agregavam os advindos em torno de si, cada grande família dispensava favores a recém-chegados, acientelando-os, incorporando o novo navio na frota familiar, prometendo suculentos proveitos logo que a monção passasse e as embarcações zarpasssem e singrassem em direcção ao Oriente do Oriente, o mítico Catai de Marco Polo, carregadas de varas de seda crua; entre os sobrevividos, cresciam os que se despediam do mar, esgotados de abalroamentos e naufrágios, tinham ganho o seu quinhão, convertido em jóias de Calecute, escondidas no interior oco do cinturão, ambicionavam descansar, não do trabalho, antes do mar, animal ingrato, ora bonacheirão, ora proceloso, comprar uma escrava china (disfarçada de serva) ou duas, levantar uma casa de duas águas à sombra de uma mangueira e dedicar-se ao ofício de origem, recebido dos pais, que os tinham ensinado à custa de carolos, cotoveladas e palmatoadas, calafeteiro, sirgueiro, cabouqueiro, pedreiro, marceneiro, abegoeiro, algodoeiro, aneleiro, paneleiro, fura-vidas, que é como quem diz, coscuvilheiro, logo tornado em olheiro, espiando a embarcação ou o galpão alheio, ou «língua», *jurubaça*, isto é, tradutor e escrivão sínico.

Dez anos depois de os Pereira e a família de Leonel de Sousa terem aportado à península, Macau acolhia cerca de 600 portugueses, trânsfugas da justiça de Goa, embarcações dos trapiches de Malaca, contrabandistas do sândalo, do almíscar, da pedra de coral e do jade, a colina marítima de Patane tinha transbordado, os mais pobres, marinheiros sem eira nem beira, ansiosos por integrar a tripulação permanente das naus das famílias poderosas, arraiavam na praia, no porto, armavam tendas de pano roto de vela numa armação de canas de bambu que o mar vomitara, outros ocupavam o monte sem nome de onde os militares os expulsariam para levantar a primeira fortificação bélica, a Guia, os mais solitários dormiam em camas de folhas secas no outro monte sem nome que em breve se designaria por Penha, um matalote de prata ou três varas de seda tornavam rico um homem e a prata e a seda estavam ali à mão de semear, a riqueza corria abundante, atraindo aventureiros portugueses da Índia; as famílias primitivas, carregadas de servas e crianças, recebavam ataques de novos piratas chineses e, sem autorização dos mandarins de Guangdong, edificaram as primeiras fortalezas defensivas, Macau ganhava existência, ainda que desconhecida dos mapas portugueses, apenas uma vilória, um povoado, umas casas portuguesas achinesadas, umas casas chinesas aportuguesadas, Camões por aqui passaria, sem lhe fixar o nome n'*Os Lusíadas*. A cobiça tomara conta da cidade, ambicionava-se ter cais particular, multidão de servos chineses, importaram-se os primeiros pretos de Moçambique, comprados na Índia, nos mercados de escravos do Malabar, Diu, Chaul, Calecute, os mais ricos faziam-se transportar de palanquim de armação de

bambu, outros de cavalo persa vindo de Goa, ostentavam-se plumas de florália oriental no chapéu, ansiava-se por integrar a carreira anual do Japão, de onde se soltava dinheiro a rodos, o vice-rei impusera que partiria de Goa, acostaria a Macau, o capitão-mor do galeão seria capitão-mor de Macau enquanto ali permanecesse, decidiria das pendências; Macau não era levada a sério, vista de Goa, de Malaca, de Lisboa, mais um embarcadouro, como o de Timor, habitado por selvagens pagãos, meio nus, um mês por ano o vice-reinado declinava a sua tromba façanhuda sobre Macau, donde lhe vinham riquezas exemplares, as famílias macaenses não queriam mais, voltavam as costas aos poderosos do Império, assim comerciavam à vontade, sem interferências regulamentares nem taxas acrescidas, tributos só os que a cidade merecia por existir, os pagos à China por cada navio entrado ou saído, António Vilhena, capitão-mor do trato do Japão, ambicionava enriquecer masculamente numa viagem, uma só viagem, sobrecarregara a nau, um dos passageiros, grande comerciante de Malaca, insistira em aportar a Bungo, vender um canhão usado a um reizete costeiro, os jesuítas preveniram ser forçoso acostar a Nagasáqui, rasava-se o tempo dos tufões, António Vilhena, português dos quatro costados, baixo e gorducho como uma barreira, só se interessava pela carga, manobrava mal a nau, de bojo repleto de sedas chinesas, chumbo e bronze trazidos de Diu e Cochim, os aguaceiros começaram, a zoadia ventosa avolumou-se, inchavam as cordas de chuva, pancadas de água varriam o barco, animando a superfície do mar, ondulando-a, uma carga invisível de vento fez-se anunciar, esticando as velas, não houve tempo de as arriar, estalaram, rasgaram-se, a nau engolfou-se entre as ondas que subiam tamanhas, um dos três mastros quebrou-se, a embarcação inclinou-se para estibordo, balançou, lançando o pânico entre os passageiros, o canhão estava solto, preparado para o desembarque, arrastou dois marinheiros esmagando-lhes o peito, não houve tempo de manobrar, de resistir, a nau afundou-se em dois tempos arrastando carga, tripulação e passageiros para o fundo do mar, salvaram-se dois servos indianos, de unhas vincadas a um tabuado de bambu, os jesuítas, subidos mercadores, perderam uma fortuna em seda chinesa, levada de Macau, trocada por prata japonesa, destinada a custear a instalação definitiva da Ordem em Quioto.

Diogo Pereira, influente em Goa, companheiro profano de S. Francisco Xavier em jovem, assistindo à morte do missionário em Sanchoão e, segundo rumores nunca desmentidos, um dos coveiros do santo, fora nomeado capitão-mor de Macau, capitão permanente em terra, independente do poder do capitão-mor da Nau do Trato, efeito de inúmeros taéis de prata ofertados ao vice-rei; Diogo Pereira preparou uma embaixada à China, chefiada por seu cunhado Gil de Góis, os macaenses sentiam-se inseguros, os mandarins da província tinham acabado de erguer a Porta do Cerco, ali inscrevendo uma frase enigmática e ameaçadora, «TEMEI A NOSSA GRANDEZA. RESPEITAI A NOSSA VIRTUDE». Diogo Pereira sabia que não podia confiar no

rei de Portugal, desejoso de riqueza e ostentação, menos no vice-rei, que lhes extorquiria o trato com o Japão, menos ainda nos mandarins de Cantão, menos ainda no capitão-mor de Malaca, que se presumia com jurisdição sobre Macau, era forçoso encontrar um equilíbrio, uma harmonia, como entre dois mercadores, eu tenho isto, tu tens aquilo, eu quero o que tu tens, tu queres o que eu tenho, troquemo-los segundo um peso e uma medida que a ambos agrade, necessário proceder assim com a China, limpamos a costa de piratas, trazemos prata, levamos seda, está tudo bem se nenhum de nós quiser mais do que pode dar, foi a primeira de inúmeras e infrutíferas embaixadas.

Eis como – concluiu Herculano – os portugueses, sobretudo os elementos da minha família, fizeram de uma península inhóspita, povoada por bandos pobres de pescadores, uma cidade internacional, para onde voltei, quis ver com os meus olhos o ventre donde os meus ascendentes fugiram, perseguidos pela cólera inquisitorial de dominicanos; estás a gostar desse ventre?, inquiriu Fátimo, ainda não sei, respondeu Herculano, mas é de bom augúrio ter vindo habitar uma casa em cujo chão, aqui ou ao lado, mas exactamente nesta zona, se instalaram os meus undécimos avós há quatrocentos anos.

«PEQUENA FLOR DE LÓTUS»

*Não sei se isto é amor. Procuro o teu olhar,
Se alguma dor me fere, em busca de um abrigo;
E apesar disso, crê! Nunca pensei num lar
Onde fosses feliz, e eu feliz contigo.*

Camilo Pessanha

Cansado de mês e meio de mar, quando Fátimo desembarcou no porto de Macau, em 1941, três meses antes da conquista de Hong Kong pelas tropas japonesas e consequente isolamento da cidade ainda encontrou, bem distintos, os longínquos descendentes dos Pereira, os «filhos da terra», os macaenses propriamente ditos, de rosto misto ocidental e oriental e pele clara, filhos dos filhos dos filhos dos Pereira que tinham usado as escravas chinas e jponas, outras de pele menos clara, originárias da Malásia, da Polinésia e de Timor, outras de pele ostensivamente trigueira, de origem indiana; constituíam, nos séculos XIX e XX, os *Nhos* e as *Nhonhonhas*, corruptela de «senhor» e «senhora», desligados da Europa, conservando deste continente alguns usos no vestuário, muita religião e algum falar, o *patuá di Macau*.

Da Europa, os Pereira filhos dos filhos dos filhos, arraçados de Goa, conservavam o trato de senhor, nobres no vestir da sobrecasaca no século XIX e do fato escuro no seguinte, presumidos fidalgos face à horda chinesa de trabalhadores braçais e mecânicos; da China, o pragmatismo de caçar com um gato à falta de cão e, adequado à bazófia portuguesa, o pequeno harém de concubinas fora da casa familiar que todos os portugueses primitivos devem ter tido, imitando o senhorio masculino oriental. Fátimo percebera que caíra no seio de uma sociedade crioula, mulata de mestiçagem, mistura de raças, línguas, costumes, religiões, filosofias, trajas, alimentos e escritas, amassada pela ambição de enriquecimento, a famosa árvore das patacas que em Lisboa lhe tinham falado ser Macau, e pela necessidade de cada um – pária da sua nação de origem – encontrar um lugar onde reclinar a cabeça e se sentir afectuosamente bem – é o que faz desta Cidade do Fim a mais bela das

ciudades europeias do Oriente, mais um cais de chegada do que um porto de partida, quem chega é acolhido pelo espírito do lugar, profundamente oriental sob uma educação ocidental. Por isso, o cristianismo falhara em toda a Ásia, pensou Fátimo, as religiões deste continente são superiores à da Europa, mais livres, mais bem moldadas aos ciclos cósmicos, mais bem adaptadas à natureza imperfeita do homem, garantindo-lhe que, não existindo danação definitiva nem pecado original, a perfeição e o bem supremo, a suprema libertação, serão atingidas. Fátimo respeitava solenemente os pagodes por onde passava, os altarcinhos carregados de pivete de incenso, de pratinhos de comida para os espíritos e os deuses, um povo não prosélito, aceitando o erro e o mal como faces provisórias de um futuro bem, desprovido de fanatismo, como o que levava S. Francisco Xavier para a costa da China, não, a religião cristã não conseguira vencer no Oriente senão auxiliada pelo poder de fogo dos canhões, as caravelas, as naus, os galeões, as velas demoníacas que faziam o navio singrar contra o vento, Fátimo gostou de Macau, invadida pela enxurrada de refugiados de Xangai e de Hong Kong, tentando escapar à mão infernal japonesa, tentava lobrigar a Macau eterna, a cidade sem rosto definido, mil rostos a compunham e mascaravam, cidade cosmopolita, mundana, mercantil, ontem vivendo da seda e da prata, hoje do pequeno comércio de rua, amanhã, pensava Fátimo, do jogo, e não se enganou, Cidade do Fim, concluiu Fátimo, fim da Europa e de Portugal no Oriente, sem um fim transcendente, nem ocidental nem oriental, cidade singular, cidade tornada um fim em si mesmo, o grande fim que a Europa perdeu, a criação de uma cultura sem centro, uma civilização com limites, um homem verdadeiramente humano, uma cidade nómada, sábia e mercantil, nascida como meio entre Japão e China, entre Malásia e Índia, sem futuro previsível no acto de nascimento, acaso que se tornou necessidade, necessidade que vingou e perdurou contra Portugal e contra a China, erigindo uma paisagem humana nova, permanente e bela, cidade de mercadores desobedientes a todas regras excepto as da justiça da troca, fusão de febre de dinheiro e de febre de fé, de fidalgotes, chapineiros e missionários, atrás do mercadejar seguiu a palavra de Deus, atrás da mercadoria a religião, com a religião seguiu a razão ocidental, a lógica inflexível, a matemática abstracta, a arte mecânica da construção em pedra, o comentário livre, o ensaio crítico, a dúvida, a incerteza, espelho da instabilidade do comércio, ferindo a mentalidade dogmática oriental, a tradição confucionista, a certeza moral budista, em Macau a pimenta da Índia e o cravo de Malaca transformaram-se em seda chinesa, esta em prata japonesa, mãos que mercadejavam, transitárias, mediadoras, agentes, intermediárias sempre, nada produzindo senão o ingente e original acto de mediação, e o dinheiro por que este se fazia acompanhar, sacralizando-o, e de repente, na criação do Senhor, um ano zero, uma nova vida, uma nova cidade, a China deixa de ser o centro, Portugal e a Índia deixam de ser o centro – nasce Macau, uma criação não planificada no jardim de Deus,

nascia a Misericórdia, o Hospital S. Rafael, não, não já uma vilória, antes uma cidade, as Igrejas de Santo António e S. Lourenço, a leprosaria, o Colégio de S. Paulo, o porto interior, coração do novo burgo, o bairro de Patane, o bazar chinês, a oficina de canhões de mestre Bocarro, os baluartes defensivos contra os piratas, a alfândega chinesa, logo desmontada, a Porta do Cerco, permanente, para onde Fátimo e Herculano partiam aos domingos com Siu Lin armando piqueniques, naus sulcavam as águas lado a lado com os juncos, as lorchas, as lanteas, cresciam os jurubaças, o primeiro, Tomé Pereira, português achinesado, chinês aportuguesado, ganhando o apelido da família que servia, os Pereira, embelezava-se o templo a *A Má*, não ofuscado por tanta igreja cristã, antes realçado, brilhante, primitiva e verdadeira protectora de Macau, que em português se poderia designar por Nossa Senhora, Mãe de Deus, Virgem Maria.

Fátimo Martins desembarcara no Porto Interior, saído do *ferry* que o trouxera de Hong Kong, prestes a cair na posse do Japão, lobrigava a cidade, de arquitectura portuguesa, uma pequenina cidade mediterrânica em plena paisagem oriental, não pudera continuar a contemplar Macau, atormentado pelos *culi* descalços, calções sovados, camisola branca interior de alças, recostados nos riquexós, entre os longos varapaus de entena, fumando finíssimos cigarros amarelados de fumo preto, a cabeleira cortada, crescida para os lados em bicos desgarrados, ganindo o favor dos passageiros, atrevendo-se a tocar nas malas que os carregadores iam depondo no portão do cais, fingindo-as passar para a pequena bagageira aberta do riquexó, uns com rodas de madeira, outros, mais modernos, com improvisados pneus de borracha, Fátimo desconhecia o que fazer, tantos riquexós no cais quantos juncos no porto, dezenas ou centenas de pequeninas embarcações chinesas com velas de esteira, de pesca e transporte, a maioria acolhendo a totalidade da família, como uma casa navegante.

Deveria apresentar-se na secretaria do liceu na manhã seguinte, pediu que o levassem a um hotel chinês, muito caros os hotéis portugueses, tinha essa indicação, disse-o em português e em inglês, nenhum *culi* falava estas línguas, só cantonense, um passageiro traduziu, sorrindo, um riquexó aprestou-se a receber as duas malas de Fátimo, o *culi* hirtou as costas, mexeu os pés e puxou o carrinho, Fátimo percebeu que passara duas vezes pelas mesmas lojas, nada disse, tinham chegado a um prédio de três andares, as tabuletas exteriores ostentavam caracteres chineses, retirou um punhado de patacas que trocara no barco e largou na mão do *culi*, percebeu que exagerara, este dobrara-se até ao chão, repetindo continuamente uma palavra que deveria querer dizer obrigado. Fátimo lavou-se, mudou de fato e saiu observado por grupos de chineses nas escadas e no átrio que jogavam pedrinhas num tabuleiro, passeou pelas ruas, espantado pela profusão de tons de amarelo, vermelho e dourado, deu consigo na Rua da Felicidade, sorriu

àquele nome tão belo, inúmeras lojecas chinesas de que não percebia a função, mulheres baixas acoradas à entrada, sorriu para os patos lacados pendurados pelos pés, debitando um molho dourado e espesso, seguia pelo meio da rua, os balcões, as bancadas no chão, os carrinhos de vendas, ocupavam o passeio, mostradores de gavetas articuladas, cada uma com o seu produto, cuja função Fátimo desconhecia, fogareiros incrustados nas paredes fritavam fatias de peixe, caldeirões esfumacados coziavam rincões de carne, Fátimo, com fome, experimentou um dos fritos, apontando com o dedo, o vendedor, de chapéu de palha de bambu, quebrando a torreira do sol, deu-lho para a mão espetado numa caninha, Fátimo abriu a mão cheia de patacas, o chinês tirou duas, guardando-as, não havia troco, um branco a seu lado olhou circunspecto para Fátimo, sabe o senhor o que está comendo com tanto gosto, perguntou, Fátimo acenou negativamente, de boca cheia, engordurada, *cao chau*, acrescentou o outro, isto é, cão de língua preta, um prato especial de Cantão, Fátimo sorriu, o europeu apontou o fim da rua, vire à esquerda, andaria 50 metros, daria com a Sam Ma Lou, a avenida central, em português a Avenida Conselheiro Almeida Ribeiro, há lá bons restaurantes e muitos *fantin*, pequenos restaurantes chineses, onde poderia comer bem e barato, ou, disse apontando para uma fachada colorida a caracteres vermelhos e dourados, tem aqui, na Rua da Felicidade, um pouco mais caro, o Fat Siu La, o melhor restaurante chinês de Macau, o europeu admoestou em cantonense o chinês que vendera carne de cão a Fátimo, devia tratar este por *Taipan*, e, para Fátimo, quando os chineses falarem consigo deve exigir que o tratem por Senhor, *Taipan*, repetiu, *Taipan*, o europeu perguntou onde Fátimo se instalara, este tirou um cartão do bolso interior do casaco, o europeu arrepiou o nariz, vão roubá-lo, a esta hora já tem as malas devassadas, vá lá, pegue nas malas, saia sem dar explicações e vá para o Kuoc-Chai, o único hotel chinês decente em Macau, e barato para a nossa moeda, fica logo no princípio da Almeida Ribeiro. Fátimo seguiu para a Almeida Ribeiro à procura de um *fantin*, a rua enchia-se de letreiros de madeira, os caracteres chineses pintados, Fátimo contou quatro tabuletas em português, um advogado, um contabilista, um solicitador e um médico, entrou num *fantin*, apontou arbitrariamente para um prato inscrito em chinês num quadro preto, comeu carne quente embrulhada num quadriculado de folha de bananeira e arroz embebido num molho castanho ácido e picante servido em meio ananás, bebeu um vinho chinês cujo sabor percebeu provir longinquamente de arroz, no dia seguinte mudou de hotel, as suas malas tinham sido revistadas, juraria que lhe tinha desaparecido um par de meias brancas, não tinha a certeza, limitou-se a pagar e a transferir-se de riquexó para o Kuoc-Chai, quarto no primeiro andar, com varanda para a rua.

Foi à secretaria do liceu, um velho convento não diferente das escolas de Lisboa instaladas em antigos casarões confiscados à Igreja, o reitor tinha-se deslocado à Secretaria da Educação, no Palácio do Governo, preencheu os

papéis, narrou pela milésima vez a história do seu nome, que se identificava com o dia do nascimento, conferiu os dados do seu processo, enviado de Lisboa, tudo bem, passeou pela Praia Grande, visitou a praça do Leal Senado, a Sé, a mole do edifício dos Correios, dormiu uma sesta retemperadora, saiu de novo do hotel, foi atraído pela vibração luminosa do Farol da Guia, uma carrinha da Polícia de giro avisou Fátimo, refugiados, disse o guarda ao volante, perigosos, fome, Fátimo não entendeu bem, o polícia insistiu num português esfolado, não são tempos normais, senhor, é melhor regressar a casa, às 19 horas tem de estar recolhido, insistiu, amável, Fátimo olhou o rio para além do murete branco, lamparinas de azeite de peixe bruxuleavam nos juncos, aproximou-se, encostou-se ao murinho a fumar um cigarro, a pensar, não lhe apetecia regressar já ao hotel, uma massa sólida na água atraiu-lhe a atenção, um corpo de homem boiava, de barriga para cima, os braços abertos, um corpo sem cabeça, Fátimo procurava afanosamente a cabeça do homem, não a via, presumia ter sido submersa, dobrada para trás pelo pescoço, não, não tinha cabeça, fixou o vulto, flutuando na água escura e grossa, iluminado tenuemente pelos candeeiros da margem, mirou os braços, não tinham mãos, decepadas, o carro da Polícia retornou, um dos guardas saiu do carro, juntou-se a Fátimo, avisava-o de novo, deveria regressar a casa rapidamente, podiam levá-lo, percebeu o espanto de Fátimo mirando a superfície escura das águas, falou no abastecimento clandestino de arroz e carne, contrabando de Hong Kong, no jogo ilegal, nos refugiados, uma vítima, disse, Fátimo voltou-lhe as costas e dirigiu-se para o hotel, apressando o passo, entrou no bar, a beber um *brandy* e um café, pediu novo *brandy* para esquecer o corpo decapitado e decepado, não gostara do que vira, mau prenúncio, terra violenta, subiu ao quarto no primeiro andar, a fumar um cigarro, falara com o recepcionista do hotel, um macaense puro, descendente de portugueses e chineses, Macau está prestes a ser ocupada pelos japoneses, dissera-lhe o recepcionista, cara sensata, não uma ocupação militar, como se presume em Hong Kong, mais um protectorado, os japoneses controlarão os aprovisionamentos, a energia, as entradas e saídas da China, o governo nada fará sem os consultar, haverá racionamento, Fátimo presumia ter escapado à Segunda Guerra Mundial, primeiro em Lisboa, agora em Macau, mas não escapava, o Japão decretara guerra contra a China, Xangai caíra em posse do Japão, os refugiados do Sudeste chinês buscavam abrigo em Macau, falava-se numa epidemia de cólera, não sei se é verdade, disse o recepcionista, durante o dia muitos refugiados vivem nas traseiras dos prédios, nos aterros do porto, escondidos, à noite ocupam as ruas centrais, buscando comida, os moradores deixam alguma comida junto ao caixote de lixo, receiam que se o não fizerem os refugiados partam os vidros das montras e das portas, assaltem as lojas, as casas, Fátimo insistiu, mas que refugiados, perguntou, o recepcionista abriu a boca de espanto, mas não sabe que há uma guerra, perguntou, sei perfeitamente, replicou Fátimo, mas Portugal e Macau são neutros, o

recepcionista respondeu, por isso mesmo, recebemos refugiados, de Hong Kong a Xangai, chineses, ingleses, holandeses, franceses, todos procuram Macau, os hotéis europeus estão esgotados, os chineses não, os refugiados chineses não têm dinheiro para hotéis, ou têm família cá, ou vivem no campo de refugiados, ou vivem por aí, na rua, os japoneses recambiam para Macau todos os viajantes que aportam a Hong Kong, Fátimo vira uma patrulha marítima em Hong Kong, outra atracada no Porto Interior, afastara-se, a de Hong Kong ostentava gestos insolentes e brutos, tinham aberto uma ou outra mala, separavam passageiros orientais de ocidentais, inspeccionavam os documentos daqueles, tinham prendido uma família, arrastada para um compartimento baixo, improvisado, de pranchas de madeira, não gostaria de ter estado no papel de chefe daquela família, a mulher chorava, as filhas agarravam-se uma à outra, o filho adolescente berrava, Fátimo apressou o passo, nada podia fazer, não conhecia a língua, um estrangeiro, totalmente estrangeiro, o recepcionista aproximou a cara, sussurrava, enrolava as mãos, esticava os dedos, fixava um olhar cúmplice nos olhos de Fátimo, este não percebia, sentia-o supliciado, martirizado, o recepcionista simpatizara com o professor português, parecia-lhe ingênuo, alheado, seria melhor avisá-lo, confessou, os japoneses arrebanharam mais de uma centena de leprosos chineses que viviam nos ilhéus costeiros, fugidos dos comunistas, os japoneses fazem rondas a partir da meia-noite, prendem os vagabundos, leprosos ou não, amontoam-nos em juncos velhos, rebocam-nos até ao alto mar e abandonam-nos, à deriva, Fátimo comprimira a testa, horrorizado, o recepcionista continuara, sem água, sem comida, sem luz, abandonam-nos, Fátimo exclamou, não pode ser, o recepcionista baixou a voz, é o que dizem, *sir*, garanto-lhe, é um boato que corre há uma semana em Macau, um junco acostou na Ilha Verde, trinta leprosos a bordo, foi empurrado para a costa por uma tempestade, a maré trouxe-o, as nossas autoridades não queriam acreditar, o recepcionista amarrotava a cara oval, indignado e receoso, Fátimo não concebia tamanha crueldade, o macaense confirmava, mais valia matá-los com um tiro na cabeça, arrepiou o nariz, há poucas munições, sabe, Fátimo achou uma desculpa idiota, própria de um homem desesperado, estaria a cidade também em estado de desespero, deveria ter ficado em Lisboa, antes de ter lido o anúncio do concurso para Macau pensara concorrer para a Madeira ou para os Açores, fora aconselhado a não o fazer, ilhas no meio do Atlântico, tinham-lhe dito na sala de professores, um açoriano, territórios apetecíveis para reabastecimento de aviões, Fátimo nada sabia de Macau, soubera vagamente pelos jornais portugueses que a China e o Japão estavam em guerra, presumira Macau incólume, escondida atrás do estatuto de neutralidade, o recepcionista não se calava, as autoridades portuguesas pediram explicação aos japoneses, um médico confirmara serem todos leprosos, os japoneses espantaram-se com a abertura do inquérito, presumiam fazer um favor a portugueses e ingleses jogando ao mar os leprosos, limpavam os cais costeiros, foi assim que

responderam, têm de ser limpos de corpos pútridos e decrépitos, nada se pode fazer para os curar, melhor deixá-los morrer no mar, poupa-se nos medicamentos, na comida, no trabalho de funcionários, e purifica-se o ar, diziam, o recepcionista abriu os lábios num sorriso, seria a sua última noite como recepcionista, passava a adjunto da direcção para programas especiais, fora incumbido de lançar uma mostra de gastronomia de Macau, convidava Fátimo para o primeiro jantar, daqui a dois dias, já esquecido de leprosos e japoneses, Fátimo não conseguia pensar em outra coisa, inquiria-o sobre o futuro papel dos japoneses em Macau, o recepcionista franziu a cara de novo, uns filhos-da-puta, com perdão de vossa senhoria, são a desgraça da Ásia, logo nós, orientais, tão humildes, aceitamos tudo, os refugiados, coitados, deitam-se na rua, buscam um cantinho a que possam moldar o corpo e não incomodar, aninham-se, mascam a noz preta do ópio, não têm fósforos para a queimar, deixam-se morrer, sonhando com os pais que não veneraram devidamente, como é seu dever, com os filhos que, levados pela pobreza, mourejam em Pequim, não caluniam a vida que tiveram nem desejam outra, foi o que aconteceu e se aconteceu os deuses saberão porquê, só lamentam morrer na rua, apanhados por esta guerra entre irmãos de cor e de cara, alguns não percebem o cantonense, desconhecem o que as patrulhas lhes ordenam, um guarda levanta um moribundo sem força para descerrar as pálpebras, só por inércia os pulmões e o coração trabalham, e atira-o à água, diz umas graçolas sobre os fracos e os condenados, os que vivem para servir os outros, se já não servem o melhor é matá-los, alça os braços, este já não servia, nada lhe podíamos exigir, para que há-de continuar vivo, Fátimo subiu ao quarto, não deveria ter saído de Portugal enquanto durasse aquela guerra maluca contra a Alemanha, os japoneses consideravam-se os alemães do Oriente, tinha dito o recepcionista como se confessasse um segredo, máquinas de guerra, insensíveis, um vital e viril desprezo pela vida, sem culpa nem remorso, brutais, esmagadores e obedientes, um batalhão de formigas tragando uma borboleta viva, uma libelinha, uma joaninha adejando as asitas descompassadas, tentando libertar-se do mal, a borboleta era Macau, pensou Fátimo, cercada pelas canhoneiras japonesas, bloqueada economicamente, manipulada segundo os interesses do Império do Sol, como um antigo senhor apropriando-se do corpo do escravo, mutilando-o para gáudio próprio ou contemplação filosófica.

Fátimo encostara-se na espreguiçadeira do varandim, fumava e pensava, desconhecia se Macau seria a sua terra do paraíso, para que lhe apontava o seu nome singular, para aqui viera, um contrato de três anos, renovável, poderia regressar, far-lhe-ia bem às finanças, depois talvez partisse para Moçambique, ou mesmo São Tomé e Príncipe, onde, fora informado em Lisboa, abria um liceu nacional em breve, não se devia precipitar, tinha 30 a 35 anos de carreira de professor à sua frente, talvez percorresse a totalidade do Império, o seu nome próprio marcava-o, fora-lhe dado um nome singular

para uma existência singular, com o dinheiro aforrado compraria um ou dois prédios no Barreiro, reformar-se-ia, viveria de rendimentos, Fátimo escutou uns ruídos estranhos na rua, um linguajar exótico que reconheceu como chinês ou língua semelhante, seguido de um suspiro de aflição, um murmúrio agonizante, como um uivo canino, baixo e longo, prolongado, Fátimo sentiu gelar-se-lhe o coração, parecia um pedido de socorro, porventura nem isso, apenas a última exalação de um moribundo resignado com a morte, apurou o ouvido direito, sim, era um gemido longo amortecido por um tropel de passos de pés descalços, surdos, abafados, Fátimo alçou o olhar sobre o murete da varanda, um grupo de chineses esfarrapados, maltrapilhos, de peito esquelético e olhar ferocíssimo, circulavam em torno de uma massa compacta tombada no chão, Fátimo viu a massa escura mover-se entre os corpos que a rodeavam, arrastar-se à força de um só braço, mexer-se vagarosamente, como um caracol humano, percebeu ser um homem, um homem de facto, o volume de cabelo escuro envolvendo a cabeça deposta sobre o alcatrão da calçada, pés nus, umas calças cinzentas largas que não passavam da meia canela e uma camisola castanho-escura de alças, um dos homens desferiu-lhe outro pontapé, de novo se ouviu o uivo prolongado de dor e agonia, o seu modo desesperado de resistir, porventura a derradeira resistência, não deveria ter força para mais, alento para erguer o corpo, Fátimo escutou aterrado um suspiro mortífero e tétrico, o bafo audível anterior ao último momento de vida, perdida a esperança, o ténue fulgor da energia viva, concentrou-se naquele assobio cavo, de pulmões sujos, respirando por inércia, garganta entupida, língua inerte, o resfolegar comprido de um sopro a trespassar a boca aberta, lançando ao mundo o bramido final da existência, Fátimo bloqueou a respiração, receando que o ouvissem da rua, observava o magote de chineses, cinco, seis homens em pé em torno do moribundo estendido no chão, de peito para baixo, cabeça escondida, a agonizar, o gemido continuava, repetido e monocórdico, perdera a vibração, o timbre, apenas uma cloaca de ar atravessando a garganta, os cochichos dos chineses engrossavam à medida que a voz do moribundo esmorecia, impacientavam-se, um deles saltou com os pés nus sobre as costas deste, o corpo reagiu mecanicamente, ressaltando como uma mola, arqueando-se, um braço parecia ter-se mexido, lentamente, desprovido de força, o vagido avolumou-se, os atacantes murmuraram entre si, um deles ergueu um paralelepípedo solto do passeio, fez pontaria, arremessou-o contra a cabeça do moribundo, esta chocalhou, abanando-se, o ruído grosso do som da boca agudizou-se, como se se queixasse, assemelhava-se agora ao silvo de uma sirene, outro chinês, impaciente, fincou uma pedra grossa entre as mãos, ajoelhou-se e pôs-se a martelar-lhe a cabeça, duas, três, quatro vezes seguidas, impávido, como um cacete mecânico, sem sentimento, parou, afastou-se ligeiramente, as mãos tingidas de sangue, sangue abundante, desferiu o golpe mortal, sustendo a respiração, concentrando a força nos braços, o silvo calou-se num gorgulho líquido, porventura uma injeção de

sangue bloqueara-lhe a garganta, o moribundo tornara-se cadáver, sem respiração, o olhar cristalizado no céu, fora o último movimento, a cabeça virara-se mirando o seu agressor, os olhos de Fátimo vomitaram duas lágrimas breves, uma em cada olho, e as suas narinas sentiram eflúvios adocicados de sangue fresco correndo, empapou o lenço, engoliu a expectoração, os chineses despiram o corpo morto, não tinha cuecas, um dos assaltantes depunha a mão sobre o coração do assassinado, tacteando um possível fluxo de vida, não, meneou a cabeça para os restantes, morto e bem morto, quente mas morto, dois dos meliantes sacaram desajeitadamente do forro roto das cabaías quadrículas de latas de conserva, o que parecia ter sido a tampa, solta, retirada e isolada, uma chapa finíssima folheada, agudilínea e cortante como um bisturi, desbastaram os bordos da chapa na pedra, afiando-os, outro assaltante puxou de uma bacia enferrujada, preta, colhida do lixo, os cinco, seis chineses ajoelharam-se em torno do morto e, meticulosamente, como cirurgiões em acção, retalharam-lhe o corpo em locais seleccionados, Fátimo constatou haver ali a prática escrupulosa de quem repetia habitualmente aqueles gestos, caçar um homem, matá-lo, extirpar-lhe as carnes, tinham-lhe aberto o centro do peito, depelaram este, com o fio de navalha do bordo da lata rasgaram-lhe a carne com alguma profundidade, dois cortavam, outros dois depunham os dedos em forma de alavanca, pressionando, forçando os tendões dos músculos, arrancando rincões de carne sólida ensanguentada, esponjosa, metiam as duas mãos, torciam a carnação e arrancavam-na, rasgavam à força os músculos peitorais, buscando a carnadura fofa, mais comestível, tinham-lhe cavado o peito em forma de uma mão aberta, um dos chineses sorriu e apontou com o dedo vermelho, o coração ainda tremia, movido pelo impulso de dezenas de anos de bombeamento, um halo longínquo de vida ressaltava naquele músculo trepidante, respeitaram-no, porventura supersticiosos, taparam-no com uma película de pele adiposa, e, com três bicos de lata, desenharam os contornos de novo rasgão, retiraram o fígado, acastanhado e leitoso, separando-o das carnes escarlates com os dedos ou os dentes, depositaram-no cuidadosamente na bacia oxidada, junto de outros bocados de carne empapados em sangue grosso, coalhado, Fátimo sentiu um vómito azedo penetrar-lhe a garganta, agoniou-se, tapou a boca com a mão, gatinhou para o quarto e vomitou na sanita sem acender a luz, bolçou por três vezes, incapaz de parar, depôs a cabeça sob a torneira da banheira e encharcou-a, uma palidez mortífera tomara conta de si, o coração metralhava ruidosamente, regressou à varanda gatinhando, sorrateiramente, em silêncio, abrasado pela curiosidade, o grupo de canibais chineses observava o coração, um deles tocou-lhe com um dedo, depois dois, finalmente com quatro dedos, como se lhe receasse os movimentos ou um choque eléctrico fatal, o coração parara definitivamente, um outro chinês enterrou as duas mãos em concha no peito do morto e sacou-lhe o coração, rebentando com as artérias e veias de ligação, a aorta era difícil, outro chinês cortou-a com o

bordo afiado da chapa de lata, um charco de sangue varreu o peito do morto, depuseram o coração na bacia, meio cheia de carne humana, pousaram as improvisadas navalhas de lata folheada no chão e viraram o corpo do morto, o sangue deste encharcou-lhes os joelhos, apalpam as nádegas do cadáver e olharam-se entre si, carne suficiente para uma boa refeição, Fátimo, em silêncio, suspirou apressadamente, mirou o trabalho pormenorizado dos chineses, com precisão cirúrgica cortavam fatias finas das nádegas do morto que depositavam na palma da mão, apreciando, alisando-as, raspando-as com os dedos de nódulos esbranquiçados, Fátimo observava horrorizado o dilaceramento das nádegas do morto, de que os assaltantes compunham bifes delgados, macios, depositando-os às camadas na bacia sobre o fígado e o coração, apreciavam agora a carnadura das coxas, excessivamente magras, pareciam dizer com os olhos, levantaram-se, esfregando as mãos, abanando-as, secando-as ao ar húmido da noite, miraram atentamente o depósito de carne na bacia, suficiente para comerem durante dois ou três dias, teriam de furtar duas ou três tigelas de arroz para fazer durar a carne, um ruído imperceptível assustou-os, voltaram-se em bloco, alertados, escondendo a bacia atrás das costas, dois ou três ostentaram canivetes de fio de lata, dariam uma boa luta a quem ousasse roubar-lhes a carne, das sombras das arcadas emergiu um corpo finíssimo e estreito, baixo, magérrimo, cabaia curta de homem rasgada à frente, sem botões nem atilhos, calções enxovalhados, cabelo curto escorrido, as faces escurecidas de manchas de sujidade acumulada, covas das olheiras pronunciadas, uma menina, 12, 13 anos, Fátimo conhecia a idade daquele corpo e daquele rosto, semelhantes aos dos seus alunos de Lisboa, a menina aproximou-se, tinha fome, muita fome, estacou a uns passos dos assaltantes, levantou um braço, estendeu uma mão, disse qualquer coisa em chinês, um chinês diferente do dos assaltantes, mais metálico, com menos pausas, mas estes perceberam-na, Fátimo imaginou que pedisse comida, um dos chineses alçou o dedo pingado de sangue em gancho, como se dissesse, vem cá, a menina forçou uns passos, um halo de luz cobriu-a, Fátimo reparou na cabaia velha, esfarrapada, largueirona, de adulto, os pés nus, pretos como carvão, um dos chineses sorriu malandreiramente, apontou para a carne da bacia, convidando a menina, esta acenou com a cabeça, dizendo sim, e juntou-se-lhes, um dos chineses levou a mão ao nariz, o corpo da menina fedia, outro agarrou-a por trás, prendeu-lhe os braços, outro puxou-lhe os calções, rasgou-lhe o casaco da cabaia, um brevíssimo pano acinzentado cingia-lhe os breves seios, enfaixados, os chineses despiam as calças, apressadamente, mexendo nos membros viris, insuflando-os, endurecendo-os sobre os testículos mirrados, um deles ia urinando para o lado um esquelético arco de mijo, Fátimo agoniou-se de novo, agora não do corpo, sim do pensamento, do espírito, das suas convicções morais, os lábios entreabriram-se-lhe, soltou um urro animal, um rugido de besta a que o instinto o forçara, depôs as mãos sobre a marmorite do varandim e berrou, infames, canalhas, larguem já a menina,

Fátimo viu os cinco, seis homens olharem-no suspeitosamente, carregados de medo, bocas abertas espantadas, viu-os dobrarem a arca do peito, como se quisessem esconder-se no escuro da rua, Fátimo correu do primeiro andar à recepção, o recepcionista olhou-o perturbado, seguindo-o, Fátimo saiu do hotel, andou uns vinte metros, virou a esquina do edifício, punhos fechados, sacou do bolso do casaco uma tesoura de unhas, única arma, correu, a menina ali estava, descomposta, as mãos na cara a chorar, o bando de malfeitores tinha fugido com a bacia de carne, Fátimo olhou, o recepcionista olhou, uma mancha de sangue cobria o corpo do chinês assassinado.

Fátimo levou a menina para o hotel, o recepcionista autorizou que ela se lavasse na casa de banho do *lounge*, voltou do economato com uma farda velha de cetim preto e branco e uns sapatos de pano, abriu as mãos, não sabia o que mais fazer, Fátimo encomendou duas sandes de fiambre, a menina comeu-as avidamente, sentada num sofá ao fundo do *hall*, Fátimo percebeu que continuava com fome, o recepcionista trouxe-lhe quatro fatias de pato assado, um chá de jasmim, por conta da casa, disse, as fatias de pato tinham sobrado, ia levá-las para casa, mais úteis na barriga da menina, Fátimo pediu ao recepcionista que falasse com a menina, quem era, como se chamava, a casa, os pais, o recepcionista disse que não podia conservá-la por mais tempo no hotel, à meia-noite mudava o turno, o chefe apareceria para fiscalizar, poria a menina na rua, Fátimo abriu a carteira e reservou um quarto para a menina, o mais perto do seu, o recepcionista espantou-se, não podia fazê-lo, a menina não tinha documentos, era menor, Fátimo ouviu-se dizer, faz de conta que é minha sobrinha, disse, improvisando o pensamento, o recepcionista riu-se, sobrinha, inquiriu, de um branco?, tornou-se sério, não gostou, presumiu que Fátimo se aproveitaria da menina, para o chefe ela seria uma prostituta às ordens de Fátimo, este reclamou que nada queria da menina, só protegê-la, dar-lhe um abrigo até lhe encontrar um destino, não podia abandoná-la, atirá-la para a rua, os pais da menina tinham sido capturados pelos japoneses, havia dito a menina em mandarim, atirados ao mar, o pai um nacionalista, viera fugido de Xangai com a família, tinham protestado, os soldados japoneses tinham-lhes roubado a carteira, as malas e as roupas, prendido a família e jogado todos ao mar, a menina tinha fugido, saltado para um junco chinês com refugiados, fora há uma semana, andara perdida, vagueara pelas ruas, comera do caixote de lixo nas traseiras do Kuoc-Chai, chamava-se Xiao Lian, o recepcionista traduziu, «Pequena Flor de Lótus», em cantonense diz-se Siu Lin, a menina repetiu e fixou, Siu Lin, Fátimo fixou e repetiu, Siu Lin, o recepcionista olhou para o relógio, se quer ajudá-la leve-a a um campo de refugiados, ao da Ilha Verde, por exemplo, ou ao Asilo de Crianças Abandonadas, perto da Porta do Cerco, dirigido pela esposa do Governador, ou, como parece doente, ao Hospital Kiang Wu, só para chineses, tratam-na e depois recambiam-na para o Asilo ou para os campos de refugiados, o recepcionista abriu as mãos, baixou a cabeça,

desistiu, leve-a para o quarto, deite-a na cama, deite-se nas duas poltronas unidas, amanhã diga ao director que a apanhou na rua a comer lixo, teve pena, peça-lhe conselho, o director é português, tem duas filhas da idade dela, é cristão, compreenderá, o chefe que aí está a chegar é jainista, um parsa emigrado de Bombaim, só lhe interessa dinheiro e aparência, poria a menina na rua num instante, falaria em decência, o nome do hotel maculado, chamaria a Polícia, falaria em prostituição infantil, nós vemos nos outros o que desejamos fazer, levantar-me-ia um processo, desça às 9 horas, ele já não estará cá, Fátimo tocou no braço da menina, esta levantou-se de sus, obediente, o recepcionista aconselhou, nenhum hotel o aceitaria com a menina sem documentos, nem mesmo alugando um quarto particular, terá de alugar uma casa e levá-la como criada, convém ter uma segunda criada, para adaptar o mandarim dela ao cantonense e para os vizinhos não desconfiarem de pedofilia, e – ainda não totalmente convencido – perguntou com sinceridade a Fátimo, não é pedófilo, pois não?

UMA LINHAGEM DE FALIDOS E FRACASSADOS

*Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida e inerme.
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme...*

Camilo Pessanha

Desde o século XVIII que os homens da família de Fátimo morriam falidos e fracassados após uma vida de relativo sucesso. Fátimo descende dos Martins, trabalhadores do vidro de Coina que, no século XIX, trocaram a vidragem pelo trabalho operário nas recentes fábricas do Barreiro. Os seus mais antigos ascendentes conhecidos, lenhadores de matas de pinheiro-manso, vivendo em cabanas de bosque, originários de Oleiros, na zona do pinhal de Castelo Branco, os Martins alugavam os braços para o corte de árvores, a serragem dos troncos em pranchas de madeira, o desbaste das matas e a abertura de veredas nos montados da Sertã, ligando os povoados isolados. Zona erma, montanhosa, abonada de fragas, penhascos e alcantilados, a existência dos Martins, escassa de bens, sobejante em trabalho de madeireiro, foi atormentada ao longo dos cem anos do século XVII pelas quadrilhas de salteadores e bandoleiros de estrada, providas da Serra da Estrela, que se abonavam em assaltos e regressavam à Covilhã e à Guarda com comida para o ano inteiro, armados de pontifins de matar o porco, gadanhas, forquins, facas e martelos, o chefe com uma clavina ou um pistolete, não matavam os homens nem violentavam as mulheres, não raptavam as crianças para venda aos ciganos de Coja, que as rateavam clandestinamente em Coimbra aos doutores, rapavam toda a riqueza em bens e animais e ameaçavam com a degola a quem os perseguisse no regresso à serra. De três em três ou de quatro em quatro anos, os avoengos de Fátimo ficavam desprovidos de machados, cutelos, cunhas de ferro, serras, serrotes, barraços de cordame de cânhamo de arrastar toros, bois de puxar as carroças carregadas de troncos e de ramos para a lenha, levando-os à falência absoluta, impossibilitados de trabalhar. Para que as famílias não morressem à fome, os meliantes deixavam-lhes sacas de fruta, dois ou três alqueires de

aveia, uns moios de centeio para a feitura do pão. Num destes aflitivos momentos, o monte desbastado dos Martins foi visitado pelos guardas da alcaidoria da Sertã, anunciando o aluguer de braços para as manufacturas de vidro em Coina, necessitava-se de lenhadores para o abate das matas a sul do Tejo, entre o castelo de Palmela e as dunas de Setúbal. Os Martins deixaram Oleiros para trás e nunca mais voltaram. Fátimo desconhece os nomes próprios desses Martins pioneiros que abandonaram a sua terra natal em meados do século XVIII, caminhando em direcção ao mar como em direcção ao paraíso. Sabe que um dos filhos dos primitivos Martins de Coina, o seu pentavô Augusto, chegou a mestre-de-forno, existe uma referência a uma peça sua no Museu do Vidro de Setúbal, uma garrafa de fundo amplo, de vidro verde, gargalo alto e estrangulado, que de todos se faz admirar pela forma proporcionada entre as partes salientes, bojudas, e as partes estreitas, constitui um dos melhores exemplos da vidraria clássica de Coina segundo a técnica de *Cristallo*, forma italiana de confecção do vidro anterior à técnica imposta pelo cristal da Boémia e pelo cristal inglês. John Beare, o industrial inglês que levou a manufactura do vidro para a Marinha Grande, pioneiro do aproveitamento das madeiras do pinhal de Leiria e dos areais da costa oeste, que os irmãos Sthephens industrializaram e intensamente explorarão no tempo do Marquês de Pombal, quis levar o enevô de Fátimo para esta vila, honrando-o, reconhecendo-lhe o mérito do trabalho, mas Augusto Martins recusou e assalariou-se na Real Fábrica de Vidros, em Coina, a primeira grande experiência portuguesa de popularização do vidro, levando-o às janelas dos prédios de Lisboa. O undécimo avô de Fátimo, desiludido, abandonando o trabalho da perfeição, da transparência e da formosura do cristal, adaptou-se à bruteza e à imperfeição mineral da vidraria popular, foi o primeiro Martins conhecido a morrer falido, incapaz de alimentar os oito filhos que, humilhanamente para um vidreiro, tiveram de se socorrer da pesca para sobreviver, actividade inferior, praticada pelos «negros da costa» (homens muito morenos do sal do mar e do sol intenso). Histórias populares, propaladas em Setúbal, garantem que as mãos e o sopro do mais antigo vidreiro da família dos Martins, toldados pelo vinho, não teriam já a presteza suficiente para a perfeição que Beare exigia dos mestres-de-forno e nem sequer fora convidado para com ele seguir para a Marinha Grande, John Beare concluíra não possuir Augusto a plasticidade mental suficiente para se adaptar às novas técnicas do cristal alemão. Augusto Martins, em Coina, passou a sovar mulher e filhos, exigindo comida farta na mesa, tragando a refeição dos filhos; de sete destes, Fátimo desconhece o paradeiro, não se admiraria que tivessem continuado a trabalhar para o Rei, confeccionando vidro duro e barato, embrutecendo-se; um dos filhos, João Martins, saiu de casa do pai, tornou-se embarcação no Barreiro, carregava bens e passageiros entre aquela vila e Lisboa, casando-se com a herdeira única de um varino, levou uma vida remediada, carecente de larguezas argentárias, muitas vezes não tinha para comer mais do que a

pesca lhe dava; com a poupança do sogro, o valor do varino, velho, mas forte para os fretes entre as duas margens do Tejo, e algum arremedo de dinheiro que ia aforrando, trocou, com quase cinquenta anos, o frágil barcote por uma fragata que aumentasse os carregamentos e dilatasse os proventos, justamente no ano anterior à decisão do Governo português de criar a Companhia Lisbonense de Navegação, cerca de 1850, dotada de quatro barcos a vapor a sulcar o Tejo, conquistando, assim, o monopólio de transporte do sal, do carvão, do vidro, do pescado e dos passageiros entre o Barreiro e Lisboa, jogando para a inevitável falência os pequenos barcos privados de transporte. João Martins foi à falência em um ano, o seu negócio de transportagem afundou-se, sobreviveu com a faina da pesca, que vendia a preço de pechincha nos povoados costeiros da margem de Lisboa, vivia para pescar, pescava para comer e comia para pescar. O seu filho, José Martins, desentendeu-se com o pai, que replicara o comportamento de Augusto Martins e sovava a mulher e o filho, descarregando nestes a ira mortal nascida da falência, José Martins seguiu o alarde propagado pela Câmara de Setúbal, inscreveu-se e foi dado como apto para coveiro da Companhia do Caminho-de-Ferro do Sul e Sueste, que iniciara a construção da linha do Sul, ligando a margem sul do Tejo ao Algarve, José Martins enchia o dia cavando fossas e covas, e umas valas largas, espécie de trincheiras, onde, sob a ordem geométrica dos engenheiros, assentariam, cheias de entulho, cascalho e escória, os carris de metal e as travessas de madeira. Passada uma década, com a morte do pai, João Martins regressou a casa, desenferrujou e calafetou a fragata, conseguiu um contrato de transporte de materiais ferrosos das pequenas siderurgias instaladas em Lisboa, na zona de Xabregas e Poço do Bispo, para as carruagens do caminho-de-ferro saído do Barreiro, sabia que o engenheiro lisboeta o enganava, carregava nas quantidades de pó de ferro, José Martins não se importava, lucrava o suficiente para a comida e a casa, o sustento próprio, da mãe e da mulher, filha de um jornalista sem fortuna. Tudo lhe corria, não bem, mas, como soe dizer-se, com a suficiência da prosperidade, quando foi acometido por uma síncope que lhe paralisou um braço, lhe torceu o lado esquerdo da boca e o cegou do olho do mesmo lado, assim levou os últimos dez anos de vida, sentado à porta do casinhoto da praia do Barreiro, lobrigando a velha fragata acostada ao ancoradouro, arrastando a perna, braço pendido com uma mão morta, a sorver carapaus assados com o lado direito da boca e a ver exclusivamente o lado direito do mundo, com a sensação de que tudo o que importava acontecia do esquerdo. José Martins, seu filho homónimo, vendeu a fragata por uma ninharia ao engenheiro que explorara o pai, empenada, ferrugenta e com um mastro quebrado, só o casco se aproveitava, e montou uma casa-de-pasto na praia da Recosta para servir vinho, bagaço, sardinha frita e carapau de escabeche aos trabalhadores dos pequenos estaleiros. Chegara-se ao final do século XIX, princípios do seguinte, a indústria corticeira instalara-se no Barreiro, atraída pela proximidade do Tejo e do comboio para o Algarve, atravessando o

Alentejo, as fábricas compraram a totalidade dos terrenos fronteiros à Recosta, eliminando os estaleiros dos pescadores, expulsos para a baía do Seixal, José Martins abria a portazola da casa-de-pasto e tinha à sua frente um areal deserto e nas suas costas as altas paredes de pedra e pinho dos barracões dos armazéns de cortiça. Foi à falência. Seu filho, Augusto Martins, pai de Fátimo, vingando-se da falência abruta do pai, recusou-se a trabalhar na cortiça, ser corticeiro, causa da desgraça da família, e empregou-se nas fábricas da Companhia União Fabril (CUF), no Barreiro, nas oficinas de creosotagem, a confecção de um líquido preto viscoso, uma pasta compacta, como a graxa ou a banha, obtida através da destilação de alcatrão de hulha ou de madeira, impermeável à chuva e à humidade e impenetrável ao bicho da madeira, usada para barrar as travessas dos carris do caminho-de-ferro, e aqui ficou toda a vida, analfabeto, indiferente às greves anarquistas que assolavam a vila, a CUF construiu o Bairro Operário, de casas térreas, água canalizada, electricidade provinda do gerador da fábrica, apertadas mas higiénicas, e o pai de Fátimo, bom operário, recebeu uma, de renda limitada, descontada no salário semanal. Fátimo nasceu nesta casa no dia 13 de Outubro de 1917, ao meio-dia, no exacto instante da última aparição da Virgem aos pastorinhos em Fátima. No final da vida, o pai de Fátimo, intoxicado pelos fumos químicos da creosotagem, foi transferido para o departamento de extracção do óleo de bagaço de azeitona e de negro-animal, um carvão feito com ossos calcinados de animais e usado para descolorir o azeite e branquear o açúcar, e aí morreu com um ataque de coração, agarrado a uma prensa de esmagar caroços de azeitona, aos cinquenta e cinco anos, quarenta de trabalho na CUF. Fátimo residia em Macau, acabado de se casar com Maria Augusta, a casa de família, no Bairro Operário, ficara para a meia-irmã, com quem cortara relações quando partira para o colégio em Lisboa, nada o unia à nova família do pai. De Macau enviou, na volta do correio, a certidão de registo assinada declarando perda definitiva do direito à herança da casa. Soube, a seguir à revolução de Abril de 1974, quando o regime tirânico do Estado Novo foi deposto, que a meia-irmã, casada, com três filhos, vendera a casa e se mudara para um bairro de habitação social da Câmara.

A mãe de Fátimo morreu em 1918 em menos de uma semana, torturada pela gripe espanhola, banhada em orações a Nossa Senhora de Fátima, que o pároco do Lavradio e do Barreiro recusava designar por este nome, para ele fora Nossa Senhora do Rosário a aparecida de Fátima. Trabalhara como lavadeira da mulher do engenheiro francês que viera instalar a fábrica de ácido sulfúrico da CUF, lavava e encerava o chão de soalho todos os meses e limpava os vidros e os espelhos da casa todas as semanas, a senhora francesa ajudava-a doando-lhe umas cómodas sem o tampo de mármore, que o pai de Fátimo substituíra por uma placa de corticite, ou um guarda-louça de cozinha com um pé partido, disfarçado com uma base de massa de madeira prensada.

A mãe de Fátimo acompanhava a senhora à Igreja do Rosário do Barreiro, mudavam as flores nas jarras do altar, depunham novas velas aos pés da estatueta da Senhora, de Santo António calvo e de S. Sebastião frechado, ela varria a nave da igreja, a senhora espanejava o pó das toalhas e dos *napperons*, vestia o boneco de palha do *Judas* com roupas suas, que os pescadores haveriam de enforcar na Páscoa no alto do mastro de uma fragata. A senhora dispensava as roupas velhas à mãe de Fátimo, que se vestia a primor, capinha de musselina de seda preta franzida, coçada mas limpa, blusa de algodão com manga comprida estampada de florões coloridos, saia preta lavrada, pregueada no joelho, combinações de renda amareladas da passagem a ferro. O pai de Fátimo guardava com saudade na última gaveta da cómoda, embrulhado em jornais velhos, o chapéu com flores de seda e penachos. A mãe de Fátimo foi enterrada pela Irmandade de Escravos de Maria Santíssima do Rosário do Barreiro, de que a senhora francesa era «escrava», Fátimo tinha um ano de idade, mas presume recordar, com uma nitidez paradoxal, uma quadra que, segundo o pai, a mãe, embalando-o, lhe balbuciava durante o ofício da missa para ele se acalmar:

Ó Virgem do Rosário
Venerada no Barreiro
Concedei-me que eu seja
Vosso escravo verdadeiro.

A pneumónica arrasara a península de Setúbal, o pequenino hospital tornara-se insuficiente, as escolas e armazéns tinham-se tornado enfermarias, famílias abandonavam os seus doentes nas traseiras das casas, nos quintais, com medo do contágio, no Barreiro não, só a mãe foi atacada, ninguém percebia, recusou ser enviada para Setúbal, longe do marido, do filho e da sua senhora, morreu em casa, a garganta bloqueada, um líquido acastanhado assomado dos pulmões, respirando com esforço, a testa banhada de suor frio, a pele azulada, depois arroxeadas, os pés pretos, o corpo atravessado por calafrios intensos que o faziam estremecer como um caniço ao vento, violentíssimas dores de cabeça, febre mais quente que uma brasa de carvão, morreu com o pai de Fátimo a beijar-lhe a mão, a senhora francesa tomou conta de Fátimo, o pai recusou que o filho fosse viver para uma casa estranha, mas aceitou a ajuda, Fátimo foi alimentado, vestido e educado pelo casal francês, com eles passava longas tardes de domingo, passeando na marginal, junto ao parque infantil, brincando no jardim da casa senhorial, entusiasmando-se, de cabeça ao vento nas rectas de macadame cortadas pelo automóvel entre os portões das quintas do Alentejo, acompanhava-os nos passeios a Lisboa, a Belém. O pai de Fátimo casou-se de novo com uma megera, vendedora de pescado miúdo pelas portas dos bairros do interior da vila, cheirava a peixe que tresandava, a pele, as roupas, o hálito, Fátimo afastou-se do pai, procurava a casa da senhora francesa a toda a hora,

aninhava-se no seu colo e ouvia-lhe histórias encantadas de Paris, de meninos da Provence perdidos da mãe, o pai reclamava o filho, o engenheiro francês pagou a telha do telhado novo da casa do pai, este autorizou que Fátimo frequentasse metade do dia a classe da menina Araújo, uma escoleta particular que propunha os meninos finos do Barreiro ao exame de instrução primária, Fátimo saía da escola, do rés-do-chão da casa da menina Araújo, cujo pai enriquecera a vender terras para a instalação de fábricas do Barreiro, e ficava o resto do dia a estudar com a senhora francesa, ao fim da tarde aparecia em casa, já jantado, beijava o pai e deitava-se sem cumprimentar a madrastra, de pele da cara escamada e brilhante como a do robalo, afastou-se das outras crianças do Bairro Operário, olhava para elas com ar de superioridade, ostentando sapatilhos pretos de cabedal lustroso, um casaquinho preto de fazenda sobre camisa branca imaculada, calções de fazenda azul-escuros, um bonezinho de pala contra o sol, a malinha de cabedal da escola pendurada ao ombro, nem a irmãzinha nascida o atraía, ouvia à noite o pai a resfolegar, montando a peixeira, Fátimo olhava-lhe para as pernas cabeludas, grossas como toros, e enojava-se, uma casa promíscua, de paredes finas, o pai a penetrar a madrastra, acabou a quarta classe com notas altíssimas e elogios da menina Araújo, que organizou um lanche no primeiro andar de sua casa em honra de Fátimo, o pai não foi, alegou não ter dispensa na oficina de creosotagem, Fátimo ficou contente por saber que o pai e a valdevina estariam ausentes, nessa tarde o casal francês decidiu internar Fátimo num colégio em Lisboa, pagavam-lhe os estudos, Fátimo tinha dez anos e o pai, pasmado com a inteligência do filho, aceitou, sentia-se mal ao pé do seu casaquinho de veludo com botões de latão, uma âncora dourada cosida na lapela, as camisinhas brancas perfumadas, Fátimo regressava ao Barreiro à sexta-feira ao fim da tarde, dormia em casa do engenheiro francês, visitava o pai ao sábado à tarde, a senhora francesa obrigava-o a levar prendas ao pai, seis pastéis de nata, seis pastéis de feijão, uma garrafinha de ginjinha ou de abafado, Fátimo sentia-se uma visita em sua casa, um hóspede, um estranho que por lá passava, cumprimentava, deixava a prenda e meia hora depois saía a correr, tartamudeando uma desculpa, ia jantar com o casal, falando uns fiapos de francês que começara a aprender no colégio, entre filhos de diplomatas, aos doze anos Fátimo teve uma violenta alteração com o pai, não se lembrava porquê, tinha a ver com as roupas e o cheiro a peixe da meia-irmã, o pai esbofeteou-o, Fátimo esteve um Verão sem entrar em casa, a senhora francesa ia lá todas as semanas, fingia suplicar ao pai que tivesse uma conversa com Fátimo, só fingia, preferia ter Fátimo inteirinho para si, como um filho, um dia o pai de Fátimo foi ter com o engenheiro francês, alegou precisar do trabalho do filho, já tinha ofício para ele, rolheiro, fazer rolhas de cortiça nove horas por dia numa máquina, o género de trabalho que as crianças faziam no Barreiro, o engenheiro abriu a boca de espanto, o pai de Fátimo entortou a testa, amarrotou o nariz, engrolou os lábios, esfregou as mãos, estava sem

dinheiro, o salário do filho seria uma grande ajuda, o engenheiro francês percebeu, disse que ia falar com a mulher e com o menino, já Fátimo teria uns treze, catorze anos, sentaram-se os três na sala, um sábado à tarde, Fátimo chorou convulsivamente, como se há anos um rio de lágrimas estivesse preso dentro de si, o pai, a madrastra, a meia-irmã, a casa do Bairro Operário, faziam parte de uma realidade amalgamada na sua memória que o envergonhava, projectava-lhe sentimentos desprezivos no olhar, tristeza por não ter conhecido a mãe, mulher delicada, dizia-lhe a senhora francesa, raiva e revolta por ter nascido de um pai operário capcioso, arguto, que tentava ganhar dinheiro à custa do filho, suplicou que o não tirassem do colégio, o engenheiro disse para não se preocupar, és demasiado inteligente e fino para voltares ao Bairro Operário, vou falar com o teu pai, falou, o pai de Fátimo sacou do engenheiro a construção de um anexo à casa com duas assoalhadas, que alugou a quatro aprendizes de serralheiro, alentejanos de Cuba, vindos para o Barreiro com doze anos, o engenheiro mobilou-lhe os anexos, mas recusou montar-lhe uma nova cozinha, com lava-louças e pia, zangou-se, à maneira francesa, cheia de palavrões e braços no ar, ameaçou mandar lá uma *caterpillar* e arrasas tudo numa hora, se preciso até lhe arrasava a casa, não admitia chantagens, o pai de Fátimo encolheu-se, embatucou, falava baixinho, dizia, à sua maneira servil, já cá não está quem falou, esqueçamos, esqueçamos, o senhor engenheiro fique com o Fátimo, já me ajudou, pronto, fique com o Fátimo, o engenheiro virou-lhe as costas.

No último ano do colégio, o engenheiro reformou-se, o casal regressava a França, tinham comprado uma quinta em Pau, queriam levar Fátimo consigo, o pai consentiu mas Fátimo não quis ir, Salazar tinha chegado ao poder, houvera o plebiscito constitucional, Fátimo, com dezassete anos, sentiu-se empolgado pela Ordem Nova, a Revolução Nacional, o Estado Novo, uma sociedade corporativa, nem capitalista nem comunista, fora influenciado pelo director do Colégio, seu professor de História, este levava-o ao fim da tarde às manifestações no Terreiro do Paço, Fátimo tornou-se nacionalista, recusou terminantemente seguir para França, devia dar o seu contributo à Ordem Nova, ficou a viver no colégio, como prefeito e bibliotecário, inscreveu-se na Faculdade de Letras, curso de Filologias Românicas. A senhora francesa, desgostosa, escrevia-lhe de Pau, mandava-lhe longas cartas em português, com um macinho de notas de 100 francos, suplicava-lhe que viesse, o engenheiro, amargurado pela ingratidão de Fátimo, recusava-se a escrever-lhe, nem uma nota no final da carta, nem mesmo respondera a uma carta pessoal de Fátimo, em que este lhe dava notícias da situação política portuguesa, desejando que a França seguisse idêntico caminho, o engenheiro desabafara, fascista e ingrato, duas más qualidades. Fátimo andava cheio de dinheiro, deixou de ser prefeito e bibliotecário, tornou-se professor de Francês das classes preparatórias, secretário do director, este arranjou-lhe um quarto no sótão, Fátimo

apaixonou-se por uma colega de curso, que, cuspidando para o chão, dele se afastou, chamando-lhe reaccionário e fascista, Fátimo não percebia, presumia que todos os portugueses cultos cerravam fileiras em torno de Salazar contra o revirvalho republicano e os operários comunistas e anarquistas da Marinha Grande e do Barreiro, ele conhecia-os, não se podia confiar um país àquela gentilha, a colega era riquíssima, falava três línguas, já uma afamada tradutora, Fátimo não percebia como podia ser contra o Estado Novo, o Estado dos melhores, os mais competentes, os mais nacionalistas, os mais diligentes pelo bem comum, um dia a colega desapareceu, uma semana sem ir às aulas, perguntou por ela, outro colega disse-lhe que fora presa pela Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, a Polícia política, Fátimo nunca ouvira aquele nome, informou-se, soube da existência de mil presos políticos, da criação do Campo de Prisioneiros do Tarrafal, de sindicalistas degredados para Timor, isolou-se, incapaz de sorrir nas reuniões da União Nacional, o partido apoiante de Salazar, percebeu que os seus membros subiam na hierarquia do Estado, nas reuniões discutiam-se os lugares a ocupar, Fátimo abandonou discretamente o partido, alegando preocupações com a doença do pai, fingia partir para o Barreiro à sexta-feira à noite, dormia em pensões de prostitutas ao sábado, regressava ao colégio domingo à noite, fingindo forte pesar, o pai arrastava um cancro nos pulmões, alegava ao director do colégio, simulava que chorava, isolava-se no sótão, a ler e a escrever, começou a escrever, muito, em cadernos pretos da Papelaria Emílio Braga, que jogaria ao lixo quando viajou para Macau, arrependeu-se de não ter partido para Pau, escreveu à senhora francesa, respondeu-lhe o marido, a senhora morrera havia três meses e ele não o queria lá, substituiria o afecto que lhe dera por três cães adultos, a única companhia que desejava, Fátimo percebeu que deitara fora a sorte, se tivesse ido herdaria a quinta dentro de poucos anos, tornar-se-ia um francês rico, não precisaria de trabalhar, ser servil para com o director, ia pouco ao Barreiro, só de quando em quando, muito espaçadamente, aparecia no Natal, para a ceia e a Missa do Galo, envergonhava-se de se ajoelhar ao lado do pai, da madrasta e da meia-irmã, esta trabalhava como criada na casa do novo engenheiro, agora inglês, não fora à escola, olhava o irmão de baixo para cima, desconfiada, receosa, Fátimo desentusiasmou-se da vida, comia em tascas e tabernas, frequentava as bibliotecas operárias até à meia-noite, regressava ao sótão, fugindo do director, deixara de ser secretário deste, alegara que a doença do pai não permitia que se concentrasse em assuntos sérios, o director, desconfiado, afastou-se de Fátimo, mas não o despediu, nem lhe retirou o privilégio do quarto, Fátimo deixou arrastar a situação, começou a faltar às aulas na Universidade, apanhava o barco para o Barreiro e ia depor flores no gavetão da mãe, no cemitério antigo, junto ao canal para Coina, ali se sentava num banquinho de pedra, levava duas sandes de frango cozido, passava a tarde ao pé dos restos mortais da mãe que nunca conhecera, pensando na oportunidade que perdera recusando acompanhar os

padrinhos para França, o Barreiro poluía-se descomunamente, os novos fumos ácidos agoniavam-no, sentia a pele a reagir, irritando-se, passava pela casa do pai, deixava-lhe uma prenda, uma garrafa de Macieira, de Licor Beirão, de vinho do Porto, dava-lhe um beijo esforçado, jantava por ali na marginal, numa tasca, caldeirada de lulas, peixe do rio, entre pescadores e operários da sua idade, que se recordavam dele mas não lhe falavam, alguns tratavam-no servilmente por senhor doutor, presumindo que Fátimo um dia dirigiria uma fábrica e poderia empregar os seus filhos, invejavam-lhe a roupa, os sapatos pretos de atacadores, Fátimo apanhava o último barco para Lisboa a arrotar a peixe frito ou a ensopado de lulas e jurava não mais regressar ao Barreiro.

Fátimo acabou o curso em 1939, o director do colégio chamou-o ao gabinete, tinha de deixar o sótão, fora o acordo que fizera com a senhora francesa, o director mostrou-lhe as cartas, a senhora pagara adiantadamente uma espécie de renda pelo aluguer do quarto até ao final do curso, Fátimo levou as mãos à cara, atónito, olhou para o tecto como se agradecesse à senhora, o director queria-o fora do colégio até final de Agosto, já havia substituto, um jovem promissor filiado na União Nacional. Fátimo concorreu ao ensino público, fez estágio, um ano a ganhar metade do ordenado, vivendo num quarto no Bairro Alto, partilhava a casa com o dono, antigo vendedor ambulante de legumes e frutas, passara a vida a puxar um charrueco carregado de tomates, grelos, laranjas, peras, subindo e descendo calçadas, guardara algum dinheirito que mal lhe dava para viver, duas assoalhadas e uma cozinha, Fátimo descobriu uma verdadeira amizade naquele homem tão solitário como ele, nunca se casara nem tivera filhos, desconhecia a existência de família, era ele e só ele, chamava-se Arquimedes, nome dado por um pai com a mania das invencionices, Fátimo contava a história do seu nome, riam-se os dois, Arquimedes provava que um nome singular pode não corresponder a um destino de triunfo, Fátimo deveria ter cuidado, o seu nome augurava tanto uma existência benigna quanto maligna, Arquimedes e Fátimo faziam a comida juntos, lavavam a roupa juntos, Fátimo lia-lhe romances, *A Selva*, de Ferreira de Castro, *A Relíquia*, de Eça de Queirós, os romances rurais de Júlio Dinis e Camilo Castelo Branco que requisitava na biblioteca pública da Calçada do Combro, divertiam-se à noite com as aventuras de Alberto na Amazónia, as preciosidades linguísticas de Camilo ou os chistes ridículos e trocistas de Eça. Perto do final do estágio, Fátimo leu um anúncio governamental na sala de professores – fora aberto concurso para professores em Macau. Saltou de alegria, era isso, um sítio longínquo, onde ninguém o conhecesse e pudesse recomeçar a vida, a sua vida, a verdadeira vida, vida própria, não a de filho de operário, não a de afilhado de um casal francês rico, não a de prefeito de colégio, cortar com tudo, o passado de pobreza, a família analfabeta, o pai avinhado, a madrastra abrutalhada, a meia-irmã boçal, o Barreiro

estupidificado, os colegas fascistas do colégio, os colegas ricos do curso que trabalhavam nas empresas de família, considerando um desprestígio ser professor de liceu. Fátimo foi o único concorrente com estágio para a disciplina de Português. Despediu-se de Arquimedes no cais da Rocha Conde de Óbidos, prometendo-lhe que regressaria e o procuraria, só voltou vinte e seis anos depois e não mais soube do senhor Arquimedes, nem nele pensou.

HERCULANO NORONHA-PEREIRA

*Encontraste-me um dia no caminho
Em procura de quê, nem eu sei.
– Bom dia, companheiro – te saudei,
Que a jornada é maior indo sozinho.*

Camilo Pessanha

Espelho da ideologia nacionalista lisboeta, o Liceu Nacional Infante D. Henrique fora instalado no casarão do antigo convento de uma ordem religiosa, largos corredores lajeados, grossas paredes de taipa rebocadas, pintadas de um creme deslavado, porventura de tinta de cal de casca de ostra esmigalhada vinda de Goa, tectos altos abobadados, amplas salas de aula, reunião de primitivas celas a que tinham abatido as paredes de ligação, carteiras e cadeiras de uma serração de madeira de Mafra, perto de Lisboa, que uma negociata ministerial transformara em fábrica de móveis escolares com o monopólio de abastecimento de todas as escolas de Portugal, enriquecendo desmesuradamente a antiga família serradora e o ministro respectivo, muito poucos alunos e muitíssimo poucos professores, uma escola familiar onde todos se conheciam, o reitor recebeu Fátimo cordialmente, apresentou-o a outros colegas, ao chefe dos contínuos, levou-o a visitar as instalações, mostrou de uma janela os campos de jogos, apertados, uns em cima dos outros, pareceu a Fátimo, à biblioteca, provida de edições oitocentistas dos clássicos de língua portuguesa, vetustas estantes de carvalho, envidraçadas, à sala de professores, a antiga câmara de orações de penitência, armários altos em madeira, cheirando a óleo de cedro, portas envidraçadas, uma mesa ovalada de teca com doze cadeiras, quatro sofás castanhos aos cantos com mesas de bambu, num destes, consultando livros retirados, sentava-se Herculano Noronha-Pereira, alto e seco, sorriso convidativo, esplanada branca dos dentes, chegara recentemente, procurava casa, disse o reitor, Fátimo conhecia Herculano da Casa Garden, talvez se possam juntar, alvitrou o reitor, amável, as casas estão caras, os refugiados ricos ocuparam as casas todas, Herculano confirmava, já procurara, cumprimentou Fátimo de um modo vigoroso, abanando o cabelo preto liso e

abundante, tombado sobre as orelhas, tapando-as, risco natural ao meio como na Europa as senhoras o usavam, olhar franco, generoso, mãos longas que apertavam as de Fátimo com boa-fé, sim, jantámos ontem juntos, pesquisámos as *chinoiseries* do sótão, disse, brincando, convidou Fátimo para beber um café no Hotel Central, o único com café de Timor, disse, um café forte, sólido como uma bomba, puro como um genuíno sabor da natureza, sem acrescentos artificiais, estudariam os dois a hipótese de alugarem uma casa, ou parte de casa, o reitor passara-lhes para as mãos o horário de trabalho, o manual aprovado, livro único, oficial, encomendado à Livraria Portugal, do senhor Ângelo, vem a caminho, em menos de uma semana chegaria a Macau, o reitor ofereceu um envelope com o timbre do Governo de Macau contendo as cadernetas e as fichas dos alunos, desceram a escada da sala de professores directa ao portão da escola, por onde entravam e saíam os professores sem contacto com os alunos, o reitor acompanhava os novos professores, pegara-lhes no braço, desviara-os do portão, arrastou-os para o amplo *hall* de entrada, mostrou-lhes orgulhoso a maquete do novo liceu ao Tap Seac, apontou para uma zona indistinta da Praia Grande, é o novo liceu, disse, orgulhoso, parado até ao fim da guerra, não há dinheiro, mal a guerra acabe começar-se-á a construção.

Herculano descendia dos Noronha-Pereira fugidos de Macau no final do século XVII, aboletados a Timor, onde se tinham tornado uma proeminente família, proprietária de um terço dos terrenos férteis e de uma larga encosta da montanha com árvores de sândalo, Fátimo mirava a pele castanha e brônzea de Herculano, mistura com sangue nativo ao longo de duzentos anos, Herculano abria os lábios num cândido sorriso de dentes alvíssimos, garantiu que não, melhor, muito pouco, Sara, a nossa matriarca, disse, era indiana de Cochim, filha de Salomão Catalão, meio branca, meio indiana, os genes indianos renasciam de duas em duas gerações, o meu pai, afirmou Herculano, é quase branco, minha mãe branca é, uma espanhola emigrada para a Austrália, e eu nasci castanho, Herculano deixara os feitores a tratar das terras da família e fugira de Díli quando os australianos tinham invadido Timor, depositara o dinheiro da família num banco de Sidney, apurara o uso da língua com a comunidade portuguesa desta cidade, formara-se em História na Nova Zelândia, fizera exame de língua na embaixada portuguesa na Austrália e era agora professor de História em Macau, em casa aprendera o patuá macaense, não português, Timor fora invadida pelos japoneses, houvera ferozes batalhas nas ruas da capital, os japoneses tinham vencido, ocuparam a ilha, não pudera regressar, viera para Macau, já soubera que as colheitas do café e as exportações de sândalo da família tinham sido confiscadas, parte da família fora chacinada, outra resistia nas montanhas, comandados por antigos anarquistas degredados para Timor por Salazar, os Araújo, os Carrascalão, os Amaral, Herculano ofereceu-se para ensinar *patuá* aos alunos, o reitor recusou rispidamente, língua de trapos, disse;

Fátimo comentou, por todo o lado os japoneses, Herculano arrepanhou os lábios, povo sanguinário e imperialista, adoram o Imperador como nós Deus, clamam-se filhos do Império do Sol Nascente, consideram inferiores os restantes povos, sobretudo o chinês, ao qual devotam um ódio mortal e milenar. Os dois amigos foram almoçar ao Fat Sio Lao, Herculano descobrira no dia anterior um prato de passarinhos dos arrozais que o cozinheiro assava embebidos em manteiga, polvilhados de pimenta, à tarde seguiram para a Rua da Penha, um solar, uma vivenda apalaçada, uma senhora sem filhos, amiga do reitor, viúva de um médico dos serviços de saneamento do Leal Senado, tinham vindo para Macau havia quarenta anos, a senhora, portuguesa de Lisboa, recusara regressar à sua terra, o Portugal europeu do Estado Novo nada lhe dizia, a pobreza das populações, o elogio do analfabetismo como política oficial do Estado, o servilismo ignorante dos camponeses, a inveja dos funcionários; a família da irmã, a viver em Colares, espicaçava-a com valiosos terrenos, casas para comprar, tratariam de tudo, diziam-lhe em carta mal escrita, mandara vir uma foto da campã dos pais, no pequeno cemitério dos Prazeres, e jurou não regressar a Lisboa, terra excessivamente miudinha para as suas vistas orientais. D. Lina alugava o primeiro andar da moradia, se o novo inquilino quisesse podia ficar com o sótão, Fátimo e Herculano foram visitar a senhora, que os recebeu delicadamente, oferecendo-lhes um chá de Ceilão avermelhado, aromatizado com flores secas de crisântemos, Fátimo sentiu-se atraído pela colecção de antigas louças da China pendurada nas paredes, travessas e pratos da Carreira das Índias, pelo salão espalhavam-se porcelanas e jarrões com estampagem de florália chinesa, miniaturas em bambu e marfim trabalhadas com precisão milimétrica, carcaças de tartaruga pintadas, crucifixos de jade verdadeiro, aves orientais de longo pico em alabastro, pagodes da altura de um homem em madeira de sândalo, caixinhas floridas de âmbar, para cada objecto decorativo d. Lina tinha uma história, num quadro pintado em papel de arroz Herculano reconheceu o que lhe pareceu a primeira casa em Macau dos Noronha-Pereira, um pavilhão de telhado recurvo, à chinesa, havia outros, em pano, pintados em sua casa, muito semelhantes, d. Lina, franca, desmentiu-o, o marido comprara toda a colecção de quadros em papel de arroz no Sul da China, nos períodos de férias prolongadas a que os funcionários públicos tinham direito, escusavam-se de ir a Portugal, internavam-se pelo Sul da China, não raro de carroça ou de burro, aquela era a casa de um mandarim dos arredores de Cantão, uma quinta do tamanho de Macau, disse a senhora, dormimos lá uma semana, uma das semanas mais felizes do nosso casamento, Fátimo apreciou a colecção de incenseiros, decorados com carantonhas de antigas divindades, a maioria lavrados em ferro forjado, d. Adelina, que recusava o nome próprio, pedia para ser tratada exclusivamente por d. Lina, ficava satisfeita, dois professores no primeiro andar, pessoas respeitáveis, as criadas chinesas encarregar-se-iam das refeições, da limpeza da roupa, Fátimo levantou o dedo indicador, há um

problema, disse, recolhi uma refugiada, uma menina, no primeiro dia que cheguei a Macau, vive agora no sótão da Casa Garden como minha criada, Fátimo contou a história da cena canibalista de cinco, seis chineses esfomeados e da tentativa de violação da menina, Herculano afiançou que por si não havia problema, a menina podia dormir no sótão, d. Lina não gostava de uma menina pagã em casa, muito delicado, porventura ofenderia os nossos vizinhos, donos da farmácia mais importante de Macau, muito rígidos, educam os dez filhos em regime católico estrito, muito militar na educação, todos os empregados chineses do bairro são cristãos, dir-se-ia ser a menina concubina de Fátimo, uma espécie de escrava sexual, não quero escândalos em casa, para os portugueses já bastou o Camilo Pessanha, amantizado com uma chinesa, comprou-a no mercado, levou-a para casa, teve um filho dela, não pode ser, não nos damos ao respeito, Fátimo sentiu-se ofendido, disse-o rispidamente, apenas aplicava os princípios cristãos a uma menina, não a lançaria na rua, d. Lina levantou-se, não, uma menina cá em casa protegida de dois homens, ainda que professores respeitáveis, não, lamento, deu uma solução, a menina deve ser entregue aos cuidados das Irmãs Canossianas, dirigem o Asilo das Crianças Abandonadas, Fátimo desprende-se da sua inflexibilidade, a senhora defendia o bom nome da sua casa, os costumes patriarcais dos filhos da terra, privilegiados no seu catolicismo, imunes aos costumes chineses, se assim o não tivesse sido ao longo de 400 anos Macau não existia, Fátimo compreendia, exagerou, já terá 14/15 anos, hesitou, ou 13/14, mentiu, perguntei na secretaria do liceu, disseram-me que o Asilo recebia crianças até aos 10, vá lá, 11 anos, Herculano, silencioso, generoso, encontrou a solução, sorriu para d. Lina com a esplanada branquilinea dos dentes, nós pagamos a despesa e a menina fica com a senhora, a d. Lina educa-a no catolicismo, mais uma criada, as suas criadas ensinam-lhe cantonense, ao fim e ao cabo fica uma criada cá de casa, foi a senhora e não nós quem a acolheu por piedade, d. Lina acomodou-se às palavras de Herculano, respondeu ser diferente, assim é diferente, enfatizou, posso tomá-la por acompanhante, apresentá-la na igreja como uma refugiada *minha*, salientou esta palavra, como se por ela o mundo ganhasse um sentido diferente, junta-se às duas criadas, integram-na na cozinha, na limpeza, d. Lina sorriu, assim aceitava, não era preciso pagar, percebia o cavalheirismo dos dois senhores, felizmente estava em condições de suportar as contas da comida e da roupa da menina, não seriam uma coisa por aí além, Fátimo louvou, um exemplo, até, disse, um apelo dado pela senhora para que as forças vivas de Macau acolhessem condignamente os refugiados, criaturas de Deus, d. Lina informaria pessoalmente a esposa do Governador da sua atitude caridosa, sim, podem trazê-la, foram de novo visitar o primeiro andar, dois quartos com cama e caia (mosquiteiro), uma sala de estar comum, canapés de junco almofadados, duas escrivaninhas, um armário, três estantes, uma alcatifa peluda creme com alegorias Ming, dois janelões com cortinados de tule, penetrados por um sol maravilhoso, do

varandim avistava-se a azáfama das tancareiras do porto, manipulando o barquito, o *tancá*, ao longe três, quatro ilhéus, Fátimo e Herculano desconheciam os nomes, perfeito para dois professores solteiros, disse d. Lina, orgulhosa, mudar-se-iam no dia seguinte após a primeira manhã no liceu, Fátimo ficou de trazer a menina ao fim da tarde, avisou do estado magérrimo da menina, da farda de criada de hotel, das escoriações e nódoas negras por todo o corpo, d. Lina, desconfiada, perguntou, todo o corpo, Fátimo, percebendo, respondeu, todo o corpo visível.

Atraídos pela multidão formiguenta, Fátimo e Herculano foram passear ao bazar chinês, seguiram os guinchos dos rodados dos riquexós dos *culi*, a Rua dos Mercadores, a Rua da Estalagem, o Largo da Ribeira de Patane, a 5 de Outubro, antiga Rua Nova d'El-Rei, pelas janelas abertas ou nos pátios de terra ouvia-se o incessante matraquear de pedras do *mahjong*, o vozear de cegos agachados no empedrado, chamando para a leitura da sina, as múltiplas lojinhas de pivetes, de fósforos, de amuletos, as famílias completas à porta, sentadas em escanos, o da mulher mais baixo do que o do homem, os filhos enganchados à volta deste, o homem fumando cachimbo de barro com forninho de madeira de cerejeira, alguns batendo chapas, isto é, lavrando caracteres em chapas de metal ou tabuletas de madeira, oleiros miúdos, a mó do pedal em contínuo movimento, as mãos delicadas alisando o barro, compunham tigelas e gamelas redondas, as primeiras mais fundas, bilhas e cântaros de água, uma nuvem cinzenta estranha, inebriadora, inundava um beco, penetrava na rua, provinda de uma casa escura, de fachada maltratada, suja, Herculano piscou o olho ao amigo, ópio, fumatório, disse, Fátimo afastou-se, soprando o fumo entorpecente, mil e um anúncios em reclames de madeira, de um primeiro andar duas *pei-pa-tchais* experimentavam a voz de falsete, chamando os transeuntes para as delícias do amor, duas lojas de doces coladas, de portadas gémeas, uma vendia doce de Goa, *babinka*, outra doces conventuais lisboetas, ao lado, num aquário destacado de um alpendre de madeira, lagostins ofereciam-se, caranguejos, sapateiras, era escolher o crustáceo, seguia direitinho para a água a ferver da panela, comia-se acompanhado de arroz fervido em água e sal, ao modo de Macau, vendilhões perseguiam os dois amigos, amendoim torrado, coco frito, queijo assado, correiazinhas floreadas de conchinhas do mar, baralhos de cartas verdadeiras e falsificadas, figuras imperiais inscritas a cores nas cartas, frascos de graxa líquida, cadernos ingleses pautados, borrachas holandesas de apagar, apagadores alemães de sala de aula, giz branco para quadro preto, leques chineses de caninha pintados com mulheres seminuas, frigideiras em aço britânico, caçarolas da Lombardia, leite em pó russo, leite condensado ucraniano, tabaco americano e vietnamita, calças de fazenda escocesa, com e sem bainha, alfinetes-de-ama portugueses de uma fábrica de Gondomar falida há dez anos, lâmpadas da *Philips*, peixe frito com e sem cobertura de farinha, Fátimo e Herculano fugiam dos vendedores ambulantes,

atravessavam a Rua da Felicidade, a mais animada de todas, repleta de lampiões vermelhos assinalando os bordéis frequentados por chineses, uma patrulha motorizada passava ao cimo da rua, a Santo António, fardas creme, botas de couro preto, espingardas automáticas à vista, os dois amigos retardaram o passo, fingiam interessar-se pela montra de um *tim-tim* tailandês, Fátimo comprou uma pequena flor de lótus em pedra, oferta para d. Lina, seria a menina a oferecer-lha, disse, Herculano encolheu o nariz, em Timor não seria bem visto, o servo oferece galinhas ou inhame, só quem é igual oferece objectos decorativos, Fátimo resolveu a questão, oferecemo-la nós a nós próprios, o primeiro objecto macaense da nossa sala comum, um burburinho no Largo de Camões atraiu os dois amigos, um europeu barafustava, braços alçados, narinas ofegantes, cabelo louro espetado, casaco branco de linho amarrotado, inglês de Hong Kong, erguia o punho ameaçador para a tropa portuguesa que passara, os dois *jeeps* viravam para a Rua de S. Paulo, patrões dos *tim-tim* assomavam às portas, limpando o pó das antiguidades para venda, o inglês ameaçava o Japão, o imperador Hiroito, os capitães nipónicos, os japoneses tinham-lhe dado, a ele e à família, vinte e quatro horas para partir, havia um barco à noite, seguia para Ceilão, fosse nele, desaparecesse, se cá estivesse amanhã seria preso, mostraram-lhe o cano cinzento-metálico da automática, apontaram-lhe à cabeça, o inglês fora descoberto, denunciado como contrabandista pelas autoridades militares japonesas, mandavam-no para a Índia a catar darvídicos, essas bestas pré-históricas que envergonhavam a Ásia imperial, o inglês protestava, furibundo, sob as acácias, pontapeando umas pedras soltas, esmigalhando um carreiro de centenas de formigas com a biqueira do sapato, não era espião, não era contrabandista, era um bancário inglês do Citi Bank, de Londres, em serviço nas sucursais de Xangai, Cantão e Hong Kong, fugira da fereza brutal dos japoneses de Xangai, tinha vindo para Hong Kong, dali aportara a Macau, território neutral, desde que chegara fora enxovalhado, humilhado, roubado em taxas, em vistos, nada fizera, tornara-se uma moeda de troca dos japoneses contra o Governador, esse expulsara um grupo de indianos antibritânicos que frequentavam a residência do cônsul japonês em Macau, tinham espalhado propaganda pró-Eixo, colado cartazes nos candeeiros da Praia Grande, ambicionavam levar a doutrina nazi e nipónica a Bombaim e Nova Deli, a mais adequada ao regime indiano de castas, alegavam, a cruz gamada indiana (a roda da vida e dos destinos) era o símbolo positivo, o negativo o desenho de uma vaquinha creme num prado verde e um grande xis por cima, a legenda ilustrava, só o homem é divino, o Governador expulsara-os por terem ferido a neutralidade do território, os japoneses vingaram-se, apanhavam ingleses tresmalhados, acusavam-nos de contrabando e expulsavam-nos, Fátimo e Herculano desceram a São Paulo, viraram em São Domingos e foram visitar a Livraria Central, do senhor Ângelo, centro cultural da cidade, não estava, Herculano procurou livros antijaponeses, não havia, disse a empregada chinesa, falando um perfeito

português, Fátimo percebeu a admiração no olhar da senhora, Herculano explicou, gostava de saber as razões por que os orientais não gostam dos japoneses, a empregada desabafou, orientais e ocidentais, ninguém gosta dos japoneses, eles sentem orgulho disso, consideram-se uma raça superior, pura e purificada, que doravante dominará a totalidade da Ásia, Herculano ripostou que no hotel onde se instalara antes de se passar para a Casa Garden lhe tinham falado bem dos japoneses, a senhora, informada do nome do hotel, disse não se admirar, é o hotel das máfias, coordenam tudo e todos que entram e saem de Macau, sobretudo arroz, que todos os dias alteia o preço do quilo, e ingleses, de quem têm um medo de morte.

OS CASTANHO

*Tenho sonhos cruéis; n'alma doente
Sinto um vago receio prematuro.
Vou a medo na aresta do futuro,
Embebido em saudades do presente.*

Camilo Pessanha

Fátimo Martins fechara *Da Conversão dos Orientais*, livro de memórias de padre Joaquim Caetano, jesuíta clarividente do século XVII, Macau precisara de homens como aquele jesuíta para ter sobrevivido 400 anos, cruzamento de duas erradas presunções, a portuguesa, impante, com um vice-reinado fidalgo europeu na Índia, presumindo-se em casa, e a chinesa, um narcisismo imperial, que atrasara tecnologicamente o território em mil anos, requintando de forma delirante os costumes das classes possidentes, como a megalomania de alguns mandarins de não cortarem as unhas como prova da absoluta ausência de trabalho braçal, amparando os finíssimos, longuíssimos e curvilíneos apêndices no interior de canas de bambu trabalhadas. Macau fora um milagre, continua a ser um milagre, espontâneo, cuja duração se transformara numa necessidade, tão milagre fora que não espantara ter sido designada pelos portugueses como Cidade do Nome de Deus na China, não havia outra, de facto, Deus permitira a existência de Macau contra tudo e contra todos, sobretudo contra a força da História, Herculano Noronha-Pereira defendia que se Macau tivesse caído em poder dos holandeses tinha deixado de existir, transformada numa cidade insossa, chinesa, totalmente chinesa, um bairrinho e um porto europeus, como tinha acontecido em Cochim, os holandeses nada deixaram senão um palácio indiano para o rajá e um cemitério repleto de ossos europeus, Fátimo, céptico, replicava, se o Japão não existisse Macau não teria existido, Herculano apontava mais, se Malaca não tivesse caído em poder dos holandeses, Macau não existiria, os portugueses lá continuariam, se a China tivesse internacionalizado o porto de Cantão mais cedo, Macau não existiria, Fátimo enfatizava, não importam os ses, mas os factos, concretizações singulares dos ses, e, viva, Macau concretizara-os, realizando a História,

cruzando múltiplas alternativas a cada momento, Herculano relembra os jesuítas, tão severos e puritanos na Europa, tão tolerantes em Macau, não admirava, padre Joaquim Caetano fora um exemplo, rendera-se à sofisticação chinesa, os jesuítas tinham sido usados por Diogo Pereira, pai macaense dos Pereira, para mostrar aos mandarins chineses de Guangdong que os portugueses não eram os «diabos brancos» nem os «bárbaros do Sul», semelhantes aos *wokou*, piratas japoneses que lhes infestavam a costa, fora o que tinham pensado, bárbaros contra bárbaros, que se matem mutuamente e os levem os deuses, mas eis que Diogo Pereira convida os jesuítas da província portuguesa da Ordem, preferindo-os a franciscanos e dominicanos de Manila, da província eclesiástica espanhola, ele lá sabia, exclamou Fátimo, uma jogada de mestre engendrada pelos cálculos manhosos de um comerciante, apresenta os requintados inicianos aos requintados mandarins, amaciando estes, os jesuítas interessam-se pela escrita chinesa, a filosofia chinesa, aprendem Confúcio, respondem aos mandarins com máximas de Lao Tsé, semelhantes às de Cristo, de Sócrates, de Santo Agostinho, são respeitosos, polidos, humildes, falam quando os deixam falar, reverentes, frugais, hieráticos, cheiram a lavado, diferentes dos franciscanos, de corpo abandonado às intempéries, os mercadores, imitando-os, tornam-se amáveis, de trato suave, paciente, não sorriem, ficam a saber, o chinês não sorri para um estrangeiro, bate a cabeça duas vezes, outros, insolentes, uma vez só, a batina preta dos jesuítas impressiona os mandarins, de cabaia longa, percebem que com estes homens os acordos serão respeitados e cumpridos, impõem o pagamento do foro de terra, taéis de prata, os jesuítas aceitam, pois se esta é a sua terra justo se pague por ela, arrendada, uma quantia anual, vozes protestam, significa que Macau não é terra portuguesa, os jesuítas alegam, é terra portuguesa usada de maneira diferente.

Padre Joaquim Caetano escrevera umas breves páginas sobre a primitiva família Castanho e muitas sobre a expulsão dos Noronha-Pereira, Fátimo Martins transcrevera-as da biblioteca do Leal Senado em páginas A4 vendidas à resma ou meia resma na Livraria Portugal, um conjunto de notas a tinta azul e vermelha, um vermelho especial, cor da cereja do Japão, tema que o interessava, a Fátimo, andava fazendo a asa a uma Castanho, Maria Augusta Castanho, filha de um embarcadço vindo de Sesimbra que se instalara recentemente em Macau como piloto-chefe dos *ferries* com motor a *diesel* que operavam o transporte de passageiros e mercadorias para Hong Kong, conhecera o pai, João Rodrigues Castanho, no terraço do Hotel Presidente, onde, ao fim da tarde, Fátimo se habituara a classificar exercícios dos alunos ou a coligir notas para as aulas do dia seguinte, por vezes escrevia umas notas pessoais a que não chamava diário, um palavreado de impressões sobre Macau, que ia juntando em blocos A4 de capa preta, talvez um dia lhe servissem para compor as suas memórias, quem saberia. O velho marinheiro, uns bons quarenta anos de pesca e mar, descansava das agruras

da adaptação ao Índico bebericando balões de *brandy* Macieira, vislumbrando a névoa subida da foz do rio das Pérolas, prenunciando a humidade nocturna, entabularam conversa, ambos pediam balões de Macieira; ao fim de uma semana de conversas intervaladas, João Rodrigues Castanho contara-lhe que aceitara o convite da empresa armadora não apenas pelo alto valor dos honorários, impensável em Portugal, mas sobretudo porque antepassados seus se tinham instalado em Macau, no século XVII, haviam-se tornado uma conhecida família da cidade, os Rodrigues ou Roiz Castanho, um tal Jorge Rodrigues Castanho que para aqui viera de Sesimbra, casara-se com uma serva malaia, em altar da Igreja de S. Lourenço, unindo a trigueirice de ambas as peles, fazendo filhos cada vez mais castanhos, tão castanhos que alguns, segundo se contava lá em casa, lhe chamavam «pretos», espantoso é que há por aí uns apelidos «Preto», que se presumem filhos de escravos pretos, esbranquiçados pela pele branca das avós e mães, e que devem o nome a um dos meus pentavós; de quando em vez, de cem em cem anos, um dos Castanho regressava a Sesimbra, espalhando histórias da família em Macau pelas tabernas da praia, um dos Castanho chegara a Piloto-Mor dos Mares da China, nomeado pelo vice-rei, outro tentara penetrar no Japão após o decreto de isolamento absoluto, não se sabe o que lhe aconteceu, desapareceu, ele e a tripulação malaia do junco, porventura assado vivo, deixou mulher manila em Macau, quatro filhos, provavelmente partira desesperado, a tentar a viagem da sua vida, ou enriquecia ou morria, morreu, é sempre assim, deixou-lhes casa e patacas suficientes para dois anos, até que os dois filhos mais velhos comesçassem a trabalhar para sustento da mãe e dos irmãos mais novos, os Castanho são assim, ousados mas previdentes, um dos filhos, o mais novo, regressou à Europa, montando palacete no Portinho, rente a Sesimbra, foi por ele que se souberam muitas das histórias dos Castanho no Oriente, sim, disse João Rodrigues Castanho, há por aí ainda alguns Castanho, confirmei na lista telefónica, aproximei-me das suas casas apalaçadas na Praia Grande, para eles devo ser um pobre pescador vindo para Macau à procura da árvore das patacas, são filhos da terra, com outros costumes, na barra de Lisboa conhecem-me por João Rodrigues, declinei o Castanho, também que raio de nome, um dos meus undécimos avós devia ter a pele mais castanha dos pescadores, devia ser isso, atrigueirada ao máximo, moreno ao máximo, escura ao máximo dentro da pele branca, vá lá não lhe terem chamado mulato, se calhar foi mesmo um mulato escravo comprado para Sesimbra, que se casou com uma branca, ou a engravidou, os filhos foram perdendo a pretidão da pele, ficando morenos com o cabelo encarapinhado, eu também, João Castanho passara as mãos pela cabeleira, vê, encaracolada, duas das famílias Castanho de cá negociam em porcelanas finas, jarrões da China, bustos do Buda Sentado exportados para a Europa, falam inglês como eu falo português, frequentam leilões internacionais em Hong Kong, o que vou eu lá fazer a casa deles, não me diz, quero o meu sossego, já me basta ter

mudado de vida com esta idade, foi uma oferta irrecusável, mas não quero ser recebido como um parente pobre; Fátimo Martins perguntou-lhe se o Castanho que regressara a Sesimbra se tinha casado em Portugal, não tivera tempo, quando gozava das delícias do solar e da quinta, como Fernão Mendes Pinto, el-rei recambiara-o para Macau como um dos embaixadores para retoma do trato do Japão, a embaixada ficara-se por Macau, ciente de que se não fossem afundados pelos galeões holandeses seriam cozidos vivos pelos japoneses, não regressou a Sesimbra, morreu em Macau, no testamento legou a quinta apalaçada à Misericórdia, que a vendeu um século depois a um manufactureiro de vidros de Coia; Fátimo apreciara a cor da pele do piloto-chefe, que bebericava gostosa e lentamente o seu *brandy*, Fátimo mandara vir um café europeu, receoso das consequências do preço do *brandy* no seu orçamento, não se podia habituar, João Rodrigues Castanho percebeu, fez questão de lhe oferecer a bebida, ganhavam confiança mútua sobre a diferença de idade, eu gosto de outra história, disse João Rodrigues Castanho, imagino que um mulato se apaixonou por uma preta da Guiné, fugindo ambos dos arrozais de Alcácer do Sal, onde os barcos negreiros descarregavam escravos (os brancos recebiam as sezões causadas pelos mosquitos dos arrozais), levantaram uma cabana ao fundo da praia, vivendo do peixe, geraram dez filhos, cinco morreram antes de perfazerem um ano de idade, os outros cinco deram origem à genealogia dos Castanho, os filhos sobreviventes enfileiraram-se nos barcos de pesca, chamaram-lhes Castanho para não lhes chamarem Preto, designativo aplicado a escravos, o que já não eram, ou tinham deixado de ser. Num fim de tarde, à despedida, João Rodrigues Castanho convidou Fátimo Martins para ir jantar lá a casa, um dia, quando quiser, estamos para ali tão sós, uma pequena vivenda da capitania na Estrada do Repouso, conhece, sim, para os lados de São Francisco, Fátimo aceitou por desfastio, tinha Siu Lin e Herculano à espera em casa de d. Lina para a velha sopa de fitas, os exercícios dos alunos sobre Camões e a Gruta, d. Lina a contar lendas de Portugal, Herculano a replicar com lendas de Timor, Siu Lin calada, a coser ou a rendar, seria um serão diferente.

Nessa noite Fátimo Martins conheceu a sua futura mulher, Maria Augusta, filha de João Rodrigues Castanho e de sua senhora, d. Natália, sesimbrense, filha de uma longa dinastia de sapateiros da vila, com loja aberta aninhada num dos contrafortes da Fortaleza de Santiago, nada o atraiu em Maria Augusta senão as pernas e os braços grossos de filha de uma vila de pescadores, duas tranças sólidas e pesadas, augurando óptima saúde, e os dois peitos fartos, anafados, percebeu que Maria Augusta o olhava demoradamente durante o jantar, a sua mãe fizera uma caldeirada de nairo, à moda de Sesimbra, com muito alho, cebola e tomate, substituíra o pimento pela malagueta, lamentara-se de não ter chaputa nem sardinha, sobretudo esta, cuja gordura engrossava o molho, João Rodrigues Castanho contou

histórias do seu tempo de pescador de baleia no Cabo Espichel, fora nesta faina que ganhara algum dinheiro, com o qual prometera casamento à futura mulher e levantara casa junto à praia, começara aos dez anos de idade como olheiro no Quintalinho, no cimo da serra da Achada, vislumbrando o oceano com os binóculos do patrão, um norueguês contratado pela CUF, apresador de baleias para as fábricas de óleos do Barreiro, Fátimo Martins esteve quase a interromper João Rodrigues Castanho, também ele fora ajudado por um estrangeiro, um casal francês, ele engenheiro da fábrica de ácido sulfúrico, parecia-lhe ser este o destino de Portugal desde que o País entrara em decadência na segunda metade do século XVI, ser ajudado pelo estrangeiro, quem o não fosse dificilmente passaria da cepa torta, é-se simultaneamente explorado e auxiliado; o mesmo norueguês montara-lhe uma oficina de reparação de arpões, ensinara-o a construir uns arpões especiais que aceleravam a morte da baleia, continham um explosivo artesanal que rebentava no interior do corpo; no tempo da pesca, saía na campanha, teria uns doze, treze anos, quando caçou a primeira baleia, caçou, quer dizer, pescou, tinha como função injectar ar no corpo do cetáceo para que flutuasse, esperando a recolha para as águas calmas da baía, levadas depois para Setúbal, para o esquiteamento, João Rodrigues Castanho orgulhava-se do seu antigo ofício de baleeiro, posto supremo de pescador, empapava a fatia grossa de pão escuro no molho vermelho da caldeirada, levava-a à boca, misturava-lhe vinho tinto encorpado, sorvido em copos largos e baixos, de vidro grosso, contava histórias da caça à baleia de Sesimbra, dizia caça, não pesca, distinguindo-a da faina de pescado miúdo, robalo, chaputa, dourada, sardinha, carapau, chicharro, peixe pobre do mar para bocas pobres, em carne, sabor e dinheiro, João Rodrigues Castanho entortava a cara, tinha saudades do bife de baleia com cebolada, a esposa, recatada, repetia o anúncio publicitário que se ouvira na rádio em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial, «Ao almoço, ao jantar ou à ceia, coma carne de baleia», acabara a guerra, acabara a caça à baleia no Cabo Espichel, continuara nos Açores, cachalotes, aforrara um pecúlio valente, passara a comandar o pessoal das sacadas, uma sorte de pesca junto à costa, que tirava a fome aos pescadores jovens ainda não aceites nas embarcações, fora empurrado para as sacadas para substituir mestre Nero, d. Natália, a esposa, comentou, como se se recordasse de tempos totalmente mortos, mestre Nero, o Velho, o marido elucidou Fátimo e a filha, já morreu há muito, há agora outro Nero, o Novo, neto do primeiro, o filho deste fora um traidor, preferira a pesca à xávega, João Rodrigues Castanho continuou, mestre Nero apreciou o meu jeito para confecção dos arpões a partir de barras de ferro bruto vindas de Manchester, importadas pelo norueguês, convidou-me a construir lamparinas para atrair o carapau, ali mesmo, no centro da baía, a duas centenas de metros da praia, no lugar da Pedra, um fundo rochoso, o peixe era atraído pelo clarão forte das luminárias flutuantes, acesas toda a noite, havia uns fogachos iluminados a breu, outros a óleo de sardinha, outros ainda

apagados mal uma onda extravasava a calma, João Rodrigues Castanho, industriado por Nero, o Velho, substituiu-os por lanternas que arremedavam *petromaxes* altos encaixados em flutuadores de cortiça, invenção logo imitada por bandos de pescadores, Nero, o Velho, morrera, o filho andava na xávega, agastara-se com o pai, os pescadores foram unânimes, João Rodrigues Castanho devia substituir o velho Nero, e substituíra, reanimara a velha oficina, agora sem o norueguês; mais de vinte anos a dirigir as sacadas até dar entrada na capitania como piloto de barra, precisava de dinheiro, a Maria Augusta nascera, a casa ruíra, fora construída com argamassa da areia da praia, era o que havia, a esposa fez-lhe um sinal, João Rodrigues Castanho exclamou, ah, sim, antes houvera o atum, trabalhara para dois armadores, um da sardinha, outro do atum, preferira este último, mais lucrativo, chegara a mestre, aprendera a dominar barcos de grande porte, mas cansara-se, a introdução de traineiras a motor na pesca do atum matara as antigas embarcações, João Rodrigues Castanho viera-se embora, metera papéis para o curso de piloto da barra, andara na do Tejo dez anos, uma década, chegara, ganhara o suficiente, a família sacrificara-se, fizera o turno da noite, podia reformar-se, chegara o convite para Macau, um antepassado Castanho dos séculos XVII ou XVIII olhara para ele dos céus, fora protegido, ouro sobre azul, aceitara, a Maria Augusta teria um enxoval reforçado, a conta no Banco Nacional Ultramarino já o indica, primícias de um contrato de três anos, depois regressariam a Sesimbra, a menina do mar.

Fátimo Martins não se apaixonou por Maria Augusta, nem pela sua dupla trança, nem pelo corpo roliço e os peitos gordos, nem pela voz um pouco grossa e rouca, pastosa, menos ainda pelo seu rosto levemente desarmónico, mais proeminente do lado esquerdo do que do direito, apaixonou-se pela atmosfera burguesa que uma mulher como Maria Augusta lhe proporcionaria, o sofá verde de repas, os *napperons* floreados sobre as mesinhas, as floreiras de canto, o tinir das louças, as conversas moles, de família, as pernas cruzadas, os braços descansados, o tabaco chinês perfumado, o cálice de licor, o jardimzinho de entrada, florido e relvado a preceito pelas mãos de Maria Augusta, o jarrão chinês de imitação na entrada, o canapé com almofadas coloridas em frente ao sofá, o cinzeiro de latão de pé alto, a porta-janela da sala em arco com o cortinado vaporoso de musselina, deixando o sol entrar, uma estantezinha com os livros necessários, Camões, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco, Maria Augusta alertou-o, Júlio Dinis lá em cima, no quarto, andava a ler-lhe a obra toda, o soalho brilhante refulgindo a cera envernizada sob os tapetinhos macaenses do bazar, d. Natália perora, não gostava da «comida de arroz», só de «comida de pão», Fátimo não percebe, d. Natália estica o pescoço gordo, encordoad, explica, é como os chineses designam a nossa comida, de «pão», a deles é de «arroz», divaga sobre os pratos chineses, alguns da sua preferência, sim, mas

acompanhados de pão, Maria Augusta, feia mas encantadora, serve a sobremesa na sala, um pirezinho com figo-caque, Fátimo prova com um garfinho de falsa prata, aprecia, mastiga, não, não era figo, era bom, mas não era figo, Maria Augusta roda os olhos, nunca comera nada de tão bom, Fátimo gaba a cor, cor belíssima, d. Natália acrescenta, e exótica, prendendo a palavra nos dentes, uma palavra que aprendeu recentemente na Igreja de Santo Agostinho, na missa das onze, exóticos, assim se referira o padre aos costumes chineses, Maria Augusta traz a bandeja do café, provoca Fátimo, fala da beleza da cor do figo-caque com segundo sentido, Fátimo diz que tudo esta noite foi muito belo, agradece à família Castanho terem-no recebido, convida Maria Augusta para o baile de sábado no Grémio Militar, a São Francisco, pede autorização a Castanho pai, Maria Augusta entusiasma-se, posso, pai, posso, este autoriza, d. Natália desabafa, espero que esse baile não seja frequentado por amuiramas, Fátimo não percebe, d. Natália esclarece, raparigas chinesas da plebe, Maria Augusta soletra, *a-mui*, rapariga em cantonense, Fátimo garante que não, já lá foi jantar, ambiente requintadíssimo, só brancos e alguns macaenses, todos vestidos à europeu, Jorge Rodrigues Castanho olha para o relógio da sala, acaba de dar as 9 horas, tempo de se retirar, pensa Fátimo, não lhe apetece, sente-se bem na quentura amável da sala, o cheiro a cera do soalho, os móveis reluzentes de verniz e laca, orgulho de d. Natália, Fátimo inquire se a senhora nasceu no Natal, d. Natália riu-se, não, não, foi a mãe, adorava o nome, os «ás», a fluidez do «éne» e do «éle», foi a mãe, Fátimo, demorando a partida, comenta, bela mobília, João Rodrigues Castanho respondeu, quase nada daquilo era da família, fora alugado pela Capitania, alugara a casa vazia e, depois, alugara o recheio ao senhor Ângelo, da Livraria Portugal, os livros não lhe dão para viver, tem outros negócios, aluga móveis europeus aos chineses, novos ricos, uma sala de jantar completa com baixela de serviço quando uma autoridade portuguesa vai lá jantar, é um costume em Macau, os chineses não comprem mobília, alugam consoante vão precisando, por vezes devolvem, por vezes dão mais algum dinheiro e ficam com ela, Fátimo chocou a cabeça, nunca ouvira falar em alugar mobílias, disse, d. Natália replicou, aqui é normalíssimo, aluga-se o que é preciso, nosso, nosso, disse, para além das roupas, só as *caias*, os mosquiteiros, não havia cá em casa, não se consegue dormir sem mosquiteiro.

SIU LIN E CAMÕES

As tuas mãos tão brancas d'anemia...

Os teus olhos tão meigos de tristeza...

– É este enlanguescer da natureza,

Este vago sofrer do fim do dia.

Camilo Pessanha

Gregário mas superiormente individualista, Fátimo não sabia porque insistia em proteger a menina, entendia o seu instinto de protecção e socorro quando se avantajara contra o bando de chineses, percebia porque a recolhera essa noite no hotel, não a podia abandonar na rua, mas não compreendia porque se recusara a deixá-la no Asilo das Irmãs Canossianas, mentira a d. Lina quando aumentara descaradamente a idade da menina, algo nele se quebrara quando olhara Siu Lin, sentira o olhar da menina a procurá-lo, uma força insuperável penetrara-lhe a mente, o seu corpo imobilizara-se, a sua boca espantara-se, abrindo-se, e o seu olhar fixara-se, cristalizado, na figura da menina, Fátimo, incapaz de desviar o olhar ansioso, contemplou a menina, corpo esguio, baixo, delgado e proporcionado, tão magro quanto harmonioso, olhos doces, alongados, cor de mel se banhados por luz branca, ou verde suave, luzente, se escondidos por uma asa de sombra, voz dilatada, muito meiga, que se tinha aberto forte em agudos e se fechara lenta, arrastada, num rouquejo abafado, erotizando os lábios finos, graciosos, vermelho-vivo, cor de sangue, escarlates, que, por contraste com a pele branca do rosto, atraíam o olhar alheio, rosto muito sereno, aberto, não esfíngico, e muito belo, sublime, excelso, de forma ovalada, uma beleza angélica, pura, eterna, perfeita, formosa, pele alva cintilante, radiosa, dentes brancos evidentes, proeminentes, provocadores, cabelos lisos e corridos, retintos, enfeitando uma testa breve e umas orelhas de madrepérola, Fátimo petrificara-se frente à beleza pura e virginal da menina, transtornada com o insistente olhar do estrangeiro, Fátimo vislumbrava o vulto da menina como a encarnação da figura da paixão, doce, paciente, grácil e bela; ao lavar-lhe a cara e o pescoço essa noite, ao contemplar-lhe o corpo fino magoado, curto e delgado, tenso como a haste de uma flor, algo se libertava dos sentidos de

Fátimo, como se lhe despissem as vendas que havia muito os aprisionavam, uma chama acendera-se dentro de si, sentira-o conscientemente, como se contemplasse o grande amor da sua vida; a razão, porém, não concordava, evidenciava as pernas estreitíssimas, as coxas sem carne, os ombros ossudos, o peito achatado, a que a sensibilidade contrapunha o olhar manso e belo, os cabelos de seda preta, as orelhas filagranadas, finas e breves, os lábios palidamente carminados, o olhar liquefeito de resignação e tristeza, a ternura delicada suspensa na teia brilhante da pele do rosto e do pescoço, Fátimo sabia-o, escondido subterraneamente, havia um espasmo de beleza naquele rosto macerado que se propunha desvendar, era a primeira vez que se sentia apaixonado e, paradoxalmente, para quem tanto ansiava pela quentura meiga de um lar que nunca tivera, por uma menina chinesa vagabunda, Fátimo relembrou os tempos de pobreza no Barreiro, as lamechices do pai, sacando dinheiro do engenheiro director da fábrica, porventura reconhecera na magreza esquelética e na sujidade da menina a infância dolorosa a que por milagre escapara, um milagre a que não seria alheia a singularidade do seu nome próprio, a vergonha que sentira por vestir roupas doadas pela senhora, o constrangimento que experimentava, entranhado na carne, quando regressava do colégio ao Barreiro ao fim-de-semana e se afastava dos rapazolas brutos da marginal, frente ao Tejo, gostaria de ter tido um companheiro, um amigo verdadeiro, que o protegesse, não só economicamente, como o fizera o casal francês, mas sobretudo sentimentalmente, que lhe consolasse aquele permanente remorso de se sentir mal com a sua própria família, fugindo daqueles fins de tarde do jogo de chinquilha no Clube Ferroviário que o pai e a madrastra tanto adoravam, era isso, concluía, não estava apaixonado por Siu Lin, desenvolvera um agudo sentido de protecção, visando proteger a menina como gostaria de ter sido protegido na infância e na adolescência, era essa a sua intenção consciente, racional, por assim dizer, mas, sub-repticiamente, com a força de uma vaga atlântica, um sentimento carinhoso emergia nele sempre que pensava na menina, e cada vez pensava mais nela, as suas mãos magras e compridas, enfarruscadas, as unhas rombas e sujas, a pele pálida do queixo, duas pupilas suaves movendo-se pausadamente, receando descobri-las sob as pálpebras lentas, enojadas da realidade do mundo, o vazio do olhar melancólico, as coxas direitas e curtas, Fátimo buscara a visão das nádegas sob a velha cabaia masculina remendada, depois sob a farda preta e branca do hotel, nada vira, como se não existissem, apenas duas minguadas bolinhas de carne, que, estando ele habituado às reboiadas e musculosas nádegas das mulheres do Barreiro, lhe desafiavam a imaginação, um corpo esguio, sem carne, um amor enigmático que inesperadamente lhe despertara o corpo, habituado às prostitutas porcas da Mouraria e à consumação fria e mecânica do orgasmo, como se pela primeira vez o seu corpo dormente de desejo tivesse acordado para o amor, o verdadeiro amor, o que procura prazer e sofre tormento; como no botão se antevê a beleza e o perfume da rosa, assim

Fátimo antevia no corpo diminuto da menina as delícias de uma companheira adulta. Quando fora buscar Siu Lin à Casa Garden, Fátimo imaginara que poderia levá-la para Portugal quando findasse o contrato de professor, deveria apressar-se a tratar-lhe dos papéis mal a guerra acabasse – e, vista de Macau, ela de certeza acabaria com a vitória do Japão –, Fátimo afastar-se-ia do Oriente, possivelmente até de Moçambique, seu destino seguinte, presumia, desejava levar a menina para a Europa, continente paraíso do mundo, pelo menos para o sossego e simplicidade de Lisboa, capital da pacatez, onde nada acontecia, não renovaria o contrato, seguiria para Lisboa, teria então a menina 14, 15 anos, pagaria à meia-irmã no Barreiro para cuidar dela, pagaria todos os cuidados, buscá-la-ia ansiosamente ao fim-de-semana, casar-se-iam quando Siu Lin se emancipasse, aos 18 anos, iriam viver para uma cidade do interior, ela teria 18 anos, ele 33, diferença assinalável, mas, casados, os vizinhos e pais dos alunos, ainda que críticos, teriam de respeitá-los, talvez pudessem ficar por Lisboa, alugar casa num bairro burguês, populoso, cosmopolita, sorrir aos vizinhos para lhes desarmar a mesquinhez.

Fátimo foi buscar Siu Lin ao sótão da Casa Garden e levou-a à Penha, a casa de d. Lina, onde a senhora o esperava com as duas servas chinesas, Fátimo viu com surpresa abrir-se um sorriso no rosto de Siu Lin quando esta foi rodeada pelas duas criadas, d. Lina dava-lhe beliscões no corpo, apreciando-lhe a pele sem gordura e o tronco esquelético, avaliava-a como a um animal exótico caído na cisterna da casa, confessou a Fátimo, vamos fazer esta menina feliz, pelo olhar desconsolado já deve ter sofrido muito, Fátimo, penhorado, piscou o olho a Siu Lin e esta abriu as mãos e ofereceu a d. Lina um pequenino embrulho em papel barato, a senhora abriu, gostou e agradeceu com um límpido sorriso, Fátimo saiu e dirigiu-se de novo para o liceu, onde Herculano o esperava, ao portão, para irem jantar ao Fat Sio Lao.

A primeira reunião no liceu fora desinteressante, materiais de apoio para os alunos, a necessidade de cumprimento integral do programa, orientações pedagógicas, recursos didáticos, Fátimo fora o último a chegar, sentara-se ao lado de Herculano, o reitor convidou o corpo docente para um almoço no Hotel Rivera, «como preito de homenagem aos professores, heróis que, em tempo de vilania humana, continuam a erguer o facho da cultura portuguesa», lia-se na carta-convite enviada pelos serviços da reitoria para a nova morada da Penha. Foi neste almoço que Herculano iniciou Fátimo na história da família Noronha-Pereira, síntese, dizia, da história de Macau, e da participação portuguesa no Sudeste chinês, a narração prosseguiu durante a tarde e terminou ao serão, depois do primeiro jantar em casa de d. Lina, com a senhora tornada confidente da história familiar de Herculano, este concluiu, Macau sobreviverá à Segunda Guerra Mundial porque é hoje o que sempre foi, assim nasceu, assim permanecerá, e quando perder a sua

essência, que é a sua identidade, morrerá, deixará de ser Macau, poderá continuar com o mesmo nome, no mesmo território, mas ter-se-á tornado outra coisa, será outra a sua natureza, Macau é a cidade que atrai e aglutina mercadores (negociantes, hoje com o nome de empresários), aventureiros (jogadores, apátridas, mercenários, traidores à sua terra natal e à sua religião de origem, homens sem moral, dispostos a matar e a morrer por um punhado de ouro, hoje, por um punhado de dólares de Hong Kong) e intelectuais que ambicionam superar limites éticos (no passado, os jesuítas, como padre Joaquim Caetano, hoje alguns poetas e pensadores, homens políglotas, extravagantes adoradores do exótico), vêm de todo o lado, da Rússia, da Manchúria, da Índia, do Camboja, da Malásia, da Europa, da Polinésia, da Austrália, das Molucas, da Pérsia, onde quer que estejam sentem o apelo do exotismo, da aventura, do contrabando e do negócio, chegam para melhorar a vida ou fugir dela, fazendo o que melhor sabem, transaccionar, mercadejar, comerciar, traficar, chatinar, fazer verdiaga, como dizia Fernão Mendes Pinto, cambiar, trocar, intermediar, importar-exportar, trazer de um lado e levar para outro, compensar o que falta num lado com o que sobeja noutro, no meio conservar o resultado desse esforço, o dinheiro, aforrá-lo, empatá-lo, usá-lo, enriquecendo os habitantes, Macau não fabrica, não produz, não constrói, Macau é uma plataforma humana colectiva de intermediação, Macau nasceu de gente que não tinha casa, nómadas do mar, que, em terra, pelo tempo da monção, descansava em casinhoto, choupana, casebre, cabana, barraca, palhota, choça, cubata, quando o tufão passava deitavam a casa abaixo e partiam, viviam mais tempo nas naus do que em terra, levavam daqui para além, d'além para aquém, mercadores que guardavam o produto do seu trabalho com a espada e o canhão, é esta a essência de Macau, o comércio que, hoje parado, se transformou em jogo, naus que viraram casinos, a natureza é a mesma, o risco o mesmo, talvez se ganhe, talvez se perca, se se perder tudo morre-se, suicida-se, se se ganhar tudo enriquece-se numa jogada, vive-se a vida numa noite de jogadas como outrora se vivia a vida numa viagem entre Goa e Nagasáqui, lucrando cem por um, quando já nada resta para comerciar, quando o mundo é todo ele um mercado global, negoceia-se o que resta, o dinheiro, nasce assim o jogo em Macau, faz-se comércio do próprio dinheiro, joga-se o relógio, a casa, o iate, entretendo-se a volúpia do risco, substituto da antiga volúpia da viagem entre povos desconhecidos, d. Lina deu o seu acordo, meio século de Macau dera-lhe para perceber a substância da cidade, não fora como médico que o marido ganhara dinheiro, e sim como negociante de antiguidades, confessou, buscava no campo, na China, entre os povoados pobres, antigas peças de porcelana, de louça, a que os camponeses não atribuíam valor, comprava-as por tuta e meia, enviava-as para a Europa restauradas por artesãos do bazar, para Lisboa e Londres, a antiquários seleccionados, Fátimo comentou que não seria possível com o ordenado de médico do funcionalismo público construir aquela mansão, pois, disse d. Lina, Herculano acrescentou, o seu

esposo, minha senhora, encarnou o verdadeiro espírito de Macau, fez-se luz no espírito de d. Lina, por isso Macau é hoje uma cidade decadente, perdeu o espírito comerciante, dominada por políticos, sim, clamou Herculano, como explica o padre Joaquim Caetano, quando os sacerdotes dominaram Macau a minha família foi expulsa, uma família de comerciantes.

As aulas tinham começado, Herculano sumariara «As Muralhas de Macau, uma introdução à história da cidade», Fátimo incidiria, nas duas primeiras aulas, sobre a obra de Camões, a primeira na sala de aula, a segunda ao vivo, na própria Gruta de Camões, onde o poeta teria escrito algumas estâncias d'*Os Lusíadas*, quem sabe, um canto completo.

Tinha Tristão Vaz da Veiga por serviço cem velas e quase quatro mil homens, e mais de 1500 espingardas, regressara em 1568 de Fucuda e Nagasáqui com os porões carregados de taéis de prata e aportara na cidade do nome de Deus, na ilha de Amacau, ou no porto do Nome de Deus na China, Tristão Vaz da Veiga, capitão-mor de Macau enquanto a sua nau aqui aportasse, recebera fortíssimas queixas dos três representantes do povo, peitas com os chinos que não permitiam o levantamento de uma única casa de pedra, Tristão reuniu-se com as autoridades mandarínicas, decidiu libertá-las de um senhor dos mares, pirata que interceptava as ligações marítimas para Cantão, aprisionando embarcações e mercadorias, capturando as tripulações que vendia no mercado de escravos, Tristão fez saber ter ancorado a sua nau à entrada da baía exterior de Macau, carregadíssima de prata, de fácil acesso, atraindo assim a cobiça do pirata, os navios do senhor dos mares acostaram na madrugada seguinte, com os olhos na nau, Tristão Vaz da Veiga esperava-os, de fileira de canhões de bronze e quinze juncos preparados para a abordagem, o pirata percebeu que caíra numa armadilha, a sua frota de juncos ligeiros foi rapidamente destroçada e derrotada, Tristão Vaz da Veiga não conseguiu capturar o senhor dos mares, como bazoficamente se intitulava, mas afundou-lhe navios e marinheiros, afastando-o de Macau durante longos anos, os mandarins de Guangdong, agradecidos, enviaram chapas aos representantes populares, permitindo que se construíssem algumas casas de pedra, uma das quais, clamou Herculano na sala de aula, orgulhoso, foi a da família Pereira, no alto de Patane, junto à igreja de Santo António, o pirata senhor dos mares seguiu para a ilha de Lamau, daqui, cinco anos depois, por suborno, alto suborno (uma caixa carregada de prata), conseguiu o perdão dos mandarins, viajou reagrupando embarcações, atraindo piratas menores, bandoleiros dos mares, que caçavam pescadores pobres, roubando-lhes arroz e peixe, o pirata senhor dos mares, presumindo-se de novo forte, atacou o porto de Cantão, cercando a cidade por mar, Tristão Vaz da Veiga, que regressara a Macau, onde se instalara para sempre, aqui morrendo, esperou o ataque do pirata senhor dos mares a Macau e obteve autorização dos mandarins, a custo de igual caixote de prata,

para a construção de muralhas e fortins de defesa em torno das entradas marítimas de Macau, com pedra acartada dos ilhéus em redor, Tristão Vaz da Veiga expôs a situação racionalmente, se havia muralhas, também deveria haver casas em pedra no interior destas, os mandarins, como senhores do terreno e do território, autorizaram uma a uma, pedindo justificação de permanência, regulando a construção, convinha-lhes atrair os portugueses donos de naus, receavam ataques dos piratas pelo promontório de Macau, Tristão Vaz da Veiga ordenou a construção da muralha com muros grossos de pedra e taipa da altura de três metros e espessura de um metro e meio, mobilizando os reinóis existentes na cidade, dividiu-os em vinte companhias, mais dez companhias de cristãos chineses, cada uma velava pela construção de uma parte das muralhas e todas pela defesa de Macau, a nossa cidade.

Fátimo leccionava a última aula sobre Camões na gruta onde, segundo a tradição, o poeta teria estado, isolado, a compor versos d'*Os Lusíadas*, dezoito alunos, dezasseis rapazes e duas raparigas, acreditavam nas palavras de Fátimo, e subiam a rampa do jardim sonhando com a vida do herói luso, narrara a vida do «zarolho», assim chamado afavelmente pelos alunos, um escudeiro pobre, proscrito da corte por amores clandestinos a donas fidalgas, expulso para a Índia para não continuar preso na cadeia do Tronco, mendigando comida e favores pelos territórios do Império, aproveitando-se da brancura da sua pele e do fogo ruivo do seu cabelo, porventura das sardas castanhas e cremes do seu rosto para, com tão formosa figura, atrair indianas, javanesas, malaias e chinas, Fátimo empolgara-se frente à Gruta de Camões, o busto de estilo romano do poeta, cabeça laureada, uma postura excessiva, pescoço coberto de rendas quando deveria ser exposto com camiseta branca suja, barbas penteadas a desenho quando as deveria ter enroladas e desfiadas, um emaranhado de cabelo louro-ruivo sob uma testa enrugada de algodão e poeira suja, Camões fora pouco mais do que um plebeu, um servo com pretensões a fidalgo, cuja vida lhe correria torta, como a todos os servos, incapazes de aforrar o suficiente para o dia de amanhã, porventura a Camões mais do que aos restantes, amante de vinho e de mulheres, frequentador dos malcozinhados em Lisboa e desejoso do corpo da filha do vice-rei de Goa, todos os portugueses que vieram para o Oriente enriqueceram, porventura uns não, mais escrupulosos, mais humildes, mais honestos, Camões não enriqueceu, nem em Macau como regulador do fundo das viúvas, dos órfãos e dos ausentes (os desaparecidos), pasto de que os ouvidores se aproveitavam para desviar parte do legado dos mortos, Camões saiu de Macau pobre e preso, o cúmulo das heranças naufragara na foz do rio Mekong, e Camões com ele, salvando o manuscrito do seu poema, tudo lhe correria mal no Oriente, nem dinheiro tinha para retornar a Lisboa, foi preciso que Diogo do Couto, Franco Correia e outros se acertassem para lhe pagarem a viagem a partir da ilha de Moçambique, Fátimo esclarecia que,

para além do estro singular do poeta, Camões trouxera ao Oriente, não a racionalidade da técnica dos canhões, não a arquitectura de construção de muralhas, de casas de três andares ou de igrejas, não a engenharia da abertura de estradas ou da confecção de armas de fogo, não o empório da ganância, da guerra, do dinheiro, da cobiça, mas o império do lirismo, o império do amor, da solidariedade entre os corações, Herculano e Fátimo, juntos, motivavam os alunos, clamavam serem eles, sobretudo os filhos da terra, os novos descobridores, os novos construtores de um mundo futuro solidário, que só o não seria se ninguém se prestasse a fazê-lo, Fátimo sentia que muitas palavras suas não passavam de *flatus vocis*, desmentidas pelo tempo e pela história, insistiam em heroicizar Portugal, mas tinha consciência de que eles, como Camões, eram portugueses frustrados, não, Portugal não era um país de heróis, antes um país de fracassados (dominados por uma elite de espertos), forçados a aventurarem-se no longe para se realizarem, a história de Portugal tinha sido invertida, apresentando os portugueses como um povo grandioso descobridor do mundo quando a realidade fora mais mezinha, tinham descoberto o mundo todo, expulsos da sua pátria, porque esta fora assenhoreada por uma elite incapaz de dar comida decente à sua população, os jovens macaenses de hoje não tinham culpa de serem filhos de um Portugal patrioteiro mas decadente, semelhante no tempo ao reinado de d. João III, quando o império se afundara e os portugueses do Oriente não tinham razão para voltar, por isso Macau fora feita – produto do tempo de declínio dos Descobrimentos – menos de febre de fé e mais da febre de dinheiro.

Fátimo explicava aos alunos que Camões anunciara o Quinto Império, que tanto irritava padre Joaquim Caetano, céptico dos efeitos de glórias e honras:

*Eternos moradores do luzente,
Estelífero Pólo e claro Assento:
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados grandes certo intento
Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.*

Camões cantara o feito maior dos portugueses – terem unido o Ganges e o Tejo, mostrando que a terra era toda uma. O Quinto Império exprimira este novo mundo unido pela coroa portuguesa e regido pelo Papa cristão, um mundo ético onde reinasse a abastança, a justiça e o amor; Herculano, à parte, seguindo a aula do colega, desdenhava, Fátimo perguntara-lhe, pareceis infeliz, não acreditas no Quinto Império, Herculano não acreditava,

pesavam-lhe na memória as palavras do Velho do Restelo:

*Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama.
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!*

*Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vitupérios
Chamam-te Fama e Glória Soberana,
Nomes com que se o povo néscio engana.*

Fátimo refutava, o Velho tinha razão, tantos sacrifícios, tanto esforço e ambição no mundo, e Portugal, oitenta anos depois, perdia a independência, esgotado pelo Império, mas também não tinha razão, os Descobrimentos tinham-se tornado a segunda pele de Portugal, o nosso bilhete de identidade histórico, se os não tivéssemos feito, Portugal teria sido nada, nada era, não existia, um território habitado por uns pobres pescadores e uns rudes pastores, uma extensa Galiza; mais do que glorificar o Gama ou o Albuquerque, é forçoso pensarmos que tudo suportámos, medo, dor, morte, para que à Índia chegássemos; unimos a terra toda, éramos felizes, podíamos clamar ser d. Manuel, o Senhor do Mundo, o César Manuel, os deuses recompensaram-nos, conduziram-nos graciosamente para a Ilha dos Amores, onde se nos juntaram, satisfazendo-nos, assim se foi cumprindo o Império com os olhos postos em Jerusalém e em Meca. Quando os capitães de d. Manuel recuperassem os Lugares Santos de Jerusalém, o rei far-se-ia coroar Imperador do Mundo, convidaria os reis cristãos a submeterem-se-lhe, convidaria o Papa a visitar Jerusalém e imporiam as mais justas leis do mundo – a abastança para todos, a justiça para todos, a igualdade para todos, no Quinto Império falar-se-ia português e Portugal seria a sua sede, os judeus converter-se-iam, os muçulmanos repudiariam as leis da Mafoma, as escravas negras abandonariam o paganismo, todos os homens seriam cristãos e Cristo o seu Rei e Senhor; vencido o mouro e o turco, a guerra acabaria; o homem seria feliz até à nova vinda de Cristo à terra; os homens teriam as suas mulheres e as mulheres os seus filhos, cada família uma casa, cada casa um lar; à porta, o nicho da Virgem; lá dentro, a cruz de Cristo; em cada

regaço, uma criança, em cada criança, a luz de Cristo, o Salvador, e a esfera armilar de Portugal, a paz nos corações, a paz nas nações, a felicidade... Herculano findou com a retórica de Fátimo; num instante, tudo mudou, d. Sebastião quis cumprir o sonho de Portugal e tudo perdeu em Alcácer-Quibir, Fátimo abriu as mãos, quem tudo quer tudo perde, tão alto que voámos, tão baixo que ficámos, o Império que era nosso juntou-se ao de Castela, os nossos maiores morreram em Alcácer-Quibir, a nossa esperança ficou inconclusa, havia um Portugal a cumprir que não se cumpriu, os Lugares Santos não foram ocupados, Fátimo, desdenhando o cepticismo de Herculano, acrescentou, d. Sebastião não morreu, guardámo-lo nos nossos corações, se o Quinto Império não se cumpriu, se cantámos uma ilusão, começará a cumprir-se hoje, são precisos outros *Lusíadas*, é preciso um novo Camões, um supra-Camões, é a Hora, a Hora de Camões ser de novo Camões, hora de se escrever uns novos *Lusíadas*, *Os Lusíadas* da decadência, *Os Lusíadas* do fim do Império, *Os Lusíadas* da morte de Portugal, para que Portugal ressuscite, o princípio do novo Quinto Império da Língua, da Cultura, da História, o Império da Paz, «*Bellum sine Bello*», o Império dos Lusos sem a conquista militar, o Império da Harmonia, quem mais tem ajudará quem menos tem, todos terão o suficiente, é o que significa a palavra «Sebastião», o que significa «Quinto Império». Fátimo, num passe mágico que espantou Herculano e os alunos, retirou do bolso do casaco um livro, anunciou, eis os novos *Lusíadas – Mensagem*, de Fernando Pessoa.

DECADÊNCIA

*Inútil! Calmaria. Já colheram
As velas. As bandeiras sossegaram
Que tão altas nos topos tremularam,
– Gaivotas que a voar desfaleceram.*

Camilo Pessanha

Herculano explicara a Fátimo, e este comprovara no livro de memórias de padre Joaquim Caetano: no século XVI, Macau brilhou e, na segunda metade do século XVII, feriu-se-lhe o brilho, pairando num estado de flutuação histórica semelhante ao de uma apagada decadência. Tinha-se organizado espontaneamente o Senado, criado estruturas administrativas, defensivas e assistenciais, os antigos marinheiros e aventureiros sedentarizaram-se, Macau transformara-se em cidade de mercadores, os terrenos do porto interior e do porto de mar tinham-se tornado terreiros de feira permanente; a China, através da província de Guangdong e da cidade de Cantão, abastecia Macau de provisões, trocando-as pelas novidades técnicas do «diabo branco», que a hierarquia burocrática chinesa não dispensava. Marinheiros virados tratantes (homens do trato) montavam uma tenda de antigas velas roídas e esgarçadas, onde dormiam, comiam e amavam, recebendo concubinas chinesas, estendiam no buraco da porta uma esteira de caniço e aqui vendiam cobre em barrinhas, fateixas, corninhos de cabra carregados de pólvora, tecidos de cores plurais, facas rombas ou aguçadas, vidro grosso de Goa, inteiro, rachado ou quebrado, tapetes árabes de Ormuz, pimenta e canela do Malabar, pranchas de pau-preto de Melinde, ramos desfolhados de pau sândalo, âmbar cinzento de pulmão de baleia, azeite de cachalote, nacos de gengibre de Manila, folhas secas de areca, folha verde de caril, búzios das areias da Terra Incógnita, açafão de Cochim, ou trocavam por colares de jade, anéis de ouro e âmbar, manilhas de cobre, cestos de tamarindos e saquinhos de ópio com que à noite visitavam o paraíso. Ao fundo, abrigados pelos largos ramos de dois tamarindeiros, cercados por escravos negros armados, vendiam-se dentes de elefante, pulseiras de marfim trabalhado, caixinhas chinesas com pó de ouro

e pó de prata, âncoras, lemes, apetrechos marítimos roubados aos barcos dos piratas japoneses, jogos de panos de velas, íman para bússolas, papel francês dobrado em cadernos, uma baixela em porcelana com incrustações em prata, jarrões brancos e esverdeados da dinastia Ming, crucifixos de teca com o Dependurado em ouro sólido, chumbo em grão e chumbo em placa, ânforas de vinho europeu a cheirarem a azedo. A caminho de Patane, na azinhaga entre os muros dos pavilhões apalaçados das casas dos Pereira e dos Sousa, posteriormente dos Castanho, as mercadorias cresciam em quantidade e qualidade, rateavam-se escravos pretos e meninas timoras, chapéus de seda crua e seda fina, caldeirinhas de marfim e alabastro, bacamartes, espingardas e pistoletes, espadas maometanas e cristãs, espelhos com e sem moldura, bacias de esmalte, barricas de açúcar da ilha da Madeira, branquinho e fino como areia, barriletes de aguardente de pêra europeia, raiz de cerejeira e de pessegueiro do Sião e do Japão, folhas verdes de amoreira para a seda, corais das ilhas do Sul, cavalos marinhos para os pesares do corpo, dentes de cavalo e de burro, carapaças de tartaruga, completa ou quebrada, tapeçarias do Guzerate, algodão aos molhos de Balangate, varas de beatilha, bengalas de teca para velhos e pernetas, borralhos de bronze para a humidade do Inverno, colchas de damasco e veludo, ladrilhos de barro secos ao sol, rolos de cetim, pimenta e canela ao cabaz, noz-moscada e cravo ao peso, ao quintal, à arroba ou à saca, pagava-se com moedas de cobre e de prata, não interessava a proveniência, a nação, e sim o valor em peso do metal, aceitavam-se cruzados portugueses, xerafins árabes, pardaús indianos, ducados e dobres castelhanos de Manila, meticais chineses, tankas de prata branca, pagodas de Ceilão e patacas de Cantão. Os brancos amancebaram-se, criando minúsculos haréns, cada português um pequenino harém, importavam-se meninas de cor clara do Cairo e de Ormuz, indianas de Goa e de Cananor, de pele cor de canela, escurinhas de Timor, amareladas de Malaca, compravam-se servas chinesas, cabelo corrido preto e pele cor de casca de ovo, que alguns portugueses, trigueiros do Além-Tejo, clamavam ser branco-velho, os seus filhos naturais, legitimados pelos jesuítas, que os baptizavam aos rodos, furtando-lhes a alma às penas infernais, tornar-se-iam aprendizes de ofício, casar-se-iam pelos ritos católicos e, adultos, participariam nas eleições para o Senado, os filhos dos seus filhos, dilatando a oficina, exportando, tornar-se-iam homens-bons, atravessando Macau de liteira suportada aos ombros de dois escravos negros.

Macau nascera contra o determinismo da História; nada, dez anos antes, faria prever o nascimento da cidade, menos o seu crescimento, de 500 portugueses acostados na ilha de Lampacau em meados do século XVI tinham-se tornado 10 000 em Macau antes do final do século. Macau correspondeu, assim, não a uma necessidade irrefragável, mas a uma lógica da situação, uma necessidade relativa, aguardar o final da monção, secar as mercadorias, calafetar as embarcações, o acaso do promontório macaense ser

mais abrigado e mais seco superou os ilhéus em torno, este acaso levou a outro acaso, a ameaça de piratas mais bem armados do que os juncos da marinha chinesa, os canhões portugueses correram com os piratas, Macau superou, assim, em vantagens comparativas, Lampacau e Sanchoão, realizando, não o forçado, o previsto, mas apenas o possível. Macau não se transformou numa praça de marinheiros bárbaros devido à presença de descendentes de distintas famílias goesas, como os Pereira, homens religiosos e delicados, mas também ferozes mercadores, e, sobretudo, da proeminência na cidade dos jesuítas de padre Joaquim Caetano, estes suavizavam ou endireitavam os modos grosseiros, rudes e boçais da população aventureira, desenraizada, sequiosa de riqueza, que usava túnica indiana, à falta de camisa e gibão europeus, ou cabaia comprida chinesa, imitando o porte dos mandarins, alguns deixavam crescer as barbas, fora juramento, só as cortariam quando vislumbrassem a barra do Tejo, rápido as aparavam e depois as cortavam, cientes de que de Lisboa só tinham saudades da mãe ou da mulher, não da terra, menos do país, da corte, do rei, dos fidalgos que sugavam para si as riquezas, condenando a população à pobreza, outros esticavam as pontas dos bigodes ou das barbas, à chinesa, não valia a pena regressar, mesmo ricos, Macau era o cantinho em que sonhavam morrer, duas ou três mulheres conservando-lhes a casa, um rancho de miúdos a chuparem açúcar de cana, quatro ou cinco peças do seu ofício para vender, o pecúlio enterrado nas traseiras, os instrumentos do ofício legados ao filho mais velho, os outros que se arranjassem, fossem para o mar donde o pai viera, uns levantaram oficina de ferreiro, outros de trabalho do couro, para botas e botins, outros de seleiro, arreios e selas para os cavalos brancos trazidos da Pérsia através de Goa, outros de correeiro, outros de tecedeiro de velas, outro de botiqueiro, carregado de pastas e unguentos para os males da bexiga seca e do pulmão molhado, um açougueiro, o seu sócio peleiro, os filhos esfoladores, Bocarro, o mais famoso, construtor de canhões nos estaleiros, no lado ocidental do porto, dois portugueses tornaram-se jurubaças, intérpretes de caracteres chineses, outros sangradores e barbeiros-cirurgiões, muitos feitores de trato, representando os seus senhores nas cargas e descargas do porto, contratando entre si futuras mercadorias, o Senado negociava com os mandarins a aplicação da justiça e as cargas fiscais, que aqueles aumentavam em cada monção, taxando os juncos que partiam anualmente para a grande feira de Cantão, nascem os interesses e aproveitam-se as vocações, um pequeno mercador especializou-se em conchas de madrepérola, outro em aljofar e areca, outro em âmbar, outro em gomas e lacas, ainda um em pérolas, vários, de remota ascendência judaica, em pedras preciosas, outro em salitre ou enxofre, mais outro em cal e tinta de ostra, pez e alcatrão, o terreiro do cais tornara-se pequeno, os artífices com clientes certos abandonaram as primitivas tendas, os casinhotos de bambu e folha de palma, subiram a colina de Patane, instalaram-se em torno da Igreja de Santo António, casa de argamassa e telha cinzenta, os sapateiros

trabalhavam para as ordens religiosas, os marcheteiros e marceneiros para os arcazes da sacristia, os ferreiros para as alfaias litúrgicas, os herbanários cuidavam dos achaques das senhoras das antigas famílias, os tecedeiros e costureiros para as batinas e paramentos dos sacerdotes, os chunambeiros, artífices criadores da argamassa mais forte de Macau, tão forte como se fosse chumbo, a chunamba, de que possuíam o segredo, uma mistura de areia da praia, pedra de ostra, terra e madeira, funileiros e paneleiros abasteciam as cozinhas das famílias ilustres, um oleiro – só um, trabalhar o barro tornara-se desprestigiante, a madeira, o ferro, o metal não – levantou um redil nas traseiras, guarda cabras e borregos, ao lado as capoeiras, coelhos, galos, patos e galinhas, provia o esfolador, o açougueiro, o peleiro, o talhante, criaram-se redes de interesses, ao lado da do oleiro levantou casa um carvoeiro, carvão de madeira, o vizinho, tintureiro, queixava-se, a fuligem do fumo, levada pelo vento, sujava-lhe a tinta dos tecidos, protestava, o juiz decidiu, o carvoeiro tem de levantar nova casa nas veigas da Porta do Cerco, informa padre Joaquim Caetano, ao lado da serração e da abegoaria; no porto, portugueses tornavam-se pescadores, integravam-se em famílias chinesas, usavam linha e rede de fio de coco, dormiam em juncos e tâncaras, vendiam peixe e marisco no cais, não era já vergonha ser pescador, trabalho deixado aos chineses, como presumiam os marinheiros, estes tinham-se sedentarizado e o ofício de pescador deleitava os seus serões, a lua rebrilhando nas ondinhas, saudades do mar, do cheiro a peixe, à porta das Igrejas de Santo António, S. Lourenço, S. Domingos e S. Paulo demoravam-se os sínicos, de papel de arroz entre os joelhos, caniço numa mão, taça de tinta roxa aos pés, escreviam em português e em cantonense, um fazia grande sucesso, também escrevia em mandarim, os mercadores portugueses dirigiam-se-lhes, diziam o seu produto em português, eles escreviam-no em chinês num papel do tamanho do peito, o mercador já podia ir a Cantão, já sabia as palavras exactas do seu negócio, do que vendia e do que comprava, as quantidades e o dinheiro correspondente, alguns achavam-se incapazes de dialogar em chinês, alugavam um jurubaça, seguia no junco do mercador, ficava-lhes caro, mas ele trataria do assunto, o mercador não seria enganado, se o não enganasse o língua. Os mandarins de Guangdong e Cantão reconheciam a riqueza de Macau, aumentavam as taxas, uma para cada barco entrado e outra para cada saído, era excessivo, taxavam o chão da cidade, o foro anual, 500 taéis de prata, era excessivo, tinha de se dialogar com os mandarins, um a um, ofertar-lhes presentes grandiosos, os holandeses tombaram sobre Macau, invejando a prosperidade desta nesga de terra, tentaram invadi-la, o Senado reagiu, Macau enfortalezou-se e muralhou-se, debelou as investidas holandesas e presumiu-se de novo livre, mas não estava, a riqueza e o florescimento de Macau, únicos no Sudeste asiático, cidade tão próspera que a si própria se confessava como cidade do nome de Deus, tinham atraído as forças espirituais do mal, e a desgraça de novo tombou sobre ela, os holandeses instalaram-se em Hirado, levantando uma

feitoria, atraindo os favores dos daimios nipónicos, os missionários jesuítas, prosélitos, ardendo em febre de fé, tinham convertido amplas camadas de pescadores japoneses defendendo a igualdade entre todos os homens, filhos de Deus, a nobreza aterrou-se, o comércio em vez da agricultura, a igualdade em vez da hierarquia, a arma de fogo em vez da espada, o *shogun* não podia consentir, abalava-se o antigo Japão nobre, tornado mercantil, precisavam da seda e do dinheiro portugueses, mas não do espírito que os acompanhava, trocaram os portugueses pelos holandeses, os jesuítas e os mercadores de Macau, todos os portugueses, religiosos ou não, foram proibidos de tocar solo japonês, a prata do Japão afundou-se, a Nau do Trato, a Carreira do Japão, os juncos portugueses arruinaram-se, nem prata nem seda, Macau tornara-se uma jangada à deriva dos pequenos escambos para Sião, Timor, Cantão, Manila, Malaca, as famílias sobreviveram de poupanças acumuladas, Macau bloqueou-se, impedido de ser o que era, uma plataforma de intermediação; desde 1639, com o édito de expulsão dos portugueses do Japão, deixou de haver mercadoria para intermediar, grandes cargas, o sonho dos Pereira chegara ao fim, Macau, a cidade mercantil, reduzia-se ao pequeno comércio costeiro, os portugueses concorriam com os juncos chineses, uma carga de sândalo de Timor trocada por pimenta malaia, de seda crua de Cantão por especiarias do Malabar. Nova desgraça tomba sobre Macau, os mandarins, desfalcados de rendimentos, trocam Macau por Cantão, este abre-se como porto internacional, aceita receber as frotas comerciais holandesas e inglesas.

Padre Joaquim Caetano descreve Macau neste tempo, o século XVII. A comoção da pequenez tomou conta da cidade – negociava-se pequeno, vivia-se pequeno, a religião tornava-se mesquinha, suspeitando do crente que não fora à missa, à procissão do Senhor dos Passos, ao oitavário, à novena, não se confessara nem comungara, montavam-se cortejos de anjinhos rodeando o andor de Nossa Senhora da Conceição, suplicava-se o retorno à antiga prosperidade, beatas de passinho miúdo seguiam orgulhosas a batina do jesuíta, cortava-se na carne da alimentação dos filhos para doar à Igreja, uma vida de ladainhas, de pintura de cal de tinta na fachada da casa enquanto o interior apodrecia, os braços caídos no porto, caçando o polvo, mastigando pasta de ópio, os portugueses separaram-se dos chineses, abandonaram-nos, não eram já precisos como carregadores, artífices, criados, servos, lacaios, mais uma boca para alimentar, eram agora dois grupos humanos bem precisos, senhores e servos, a miscigenação terminara, as senhoras ostentavam os caracóis, símbolo do portuguesismo feminino, enrolavam o cabelo com fitas de pano embebidas em água quente de cebola, muita cebola, comida depois, junto com cenoura e carne, se a houvesse, fixavam-se assim os caracóis, os canudos de cabelo dos penteados, balouçados a caminho da missa, de manhã, à tarde no terço, suplicando à Virgem que os japoneses expulsassem os holandeses do Japão, ou os mandarins importassem grandes

cargas de ferro ou de pimenta-da-índia, mas os mandarins preferiam o porto de Cantão, carregando nas alcavalas do arroz chinês; os piratas chineses, sabendo Macau pobre, atacavam-na, pilhando os restos, saqueando as pequenas casas dos portugueses junto ao cais, que mais pequenas ficavam em bens e valores, rara era a família que oferecia «chá gordo» (refeição com sorte imensa de pratos) pelos aniversários, pelo nascimento dos filhos, pelo casamento destes, a escassez fizera morada em Macau, e os Noronha, substitutos no século XVII dos Pereira, constatando a escassez das receitas, já não passeavam pelas ruas de palanquim, o Senado, assoberbado pelas «chapas» chinesas (decretos inscritos em placas de metal), promoviam procissões, rogando a Nossa Senhora a abertura de novas rotas comerciais e fartura de arroz barato, os chineses do bazar não entendiam os cortejos sagrados dos portugueses, silenciosos, fúnebres, téticos, sofridos, juntavam-se-lhes, lançando panchões ruidosos e festivos, que estralejavam sobre a cabeça das beatas vestidas de *Dó*, sorriam com os dentes brancos e finos, os lábios delicados, presumindo agradecer a seus senhores.

Roiz Pereira, filho de Diogo Pereira, casara-se em Cochim com uma Noronha, Sara, filha natural de Salomão Catalão e de uma serva indiana falecida durante o parto, Sara fora arrancada com cesariana do ventre imóvel da mãe, o velho Salomão criou a menina com desvelo, mas, recordando o que na sua Barcelona natal os cristãos espanhóis tinham feito à comuna judaica, queimando-a, e receoso de futuras razias dos cristãos portugueses, aboletadas na fortaleza, não lhe deu o seu apelido, Catalão, a menina vivia consigo, fez saber que por companhia e trato da casa e nada tinha de sangue judaico, e mal Sara cresceu o suficiente fê-la entrar na família de um casado de Cochim, gibiteiro de ofício, a quem mestre Salomão, cohen da sinagoga, comprava gibanetes, malhas de ferro fabricadas pelo próprio numa ferraria improvisada junto da muralha norte da fortaleza, chamava-se Noronha, nome nobre para corpo e ofício plebeus, não sabia donde lhe viera o nome senão que seu pai, ferrador e ferreiro em Bem Fica, às portas de Lisboa, já o ostentava, este Noronha de Cochim, quinto filho, sem lugar na ferraria da família, respondera ao alarde da Casa da Índia aos 15 anos, era d. Sebastião desaparecido nos areais africanos, e assim viera para Goa como aprendiz de ferragens, daqui transitara para Diu, a tentar montar oficina própria, mas só o conseguira em Cochim, trabalhando para judeus, holandeses e portugueses, sem se importar com nacionalidades, o ferro era todo igual, dizia, e o fogo também, as mãos de um homem a malhar o metal também, vivia no bairro português dos casados, aprendera marata e holandês, o suficiente para se entender, aqui se consorciara com uma indiana de pele clara e se instalara para sempre, desejava ser enterrado no cemiteriozinho português junto à capela de S. Francisco, mas, caso a frota portuguesa abandonasse definitivamente Cochim, não se importaria de ser enterrado no cemitério holandês, que verdadeiramente preferia, mais sóbrio, só com estelas, sem

adornos arrebitados, a morte devia ser sóbria, dizia, e Deus estava em todo o lado, nem português nem holandês, nem indiano; Noronha, de trato com Salomão, acolheu Sara como filha legítima a troco de um contrato permanente de ferragens para a sinagoga, Sara ficou a viver com o pai como se fosse seu patrão. Salomão Catalão fugira de Barcelona quando o Santo Ofício lhe prendera a mulher, fora avisado por uma família vizinha de cristãos piedosos quando regressava de vender mantas tecidas pela mulher nos povoados confinantes, a mulher já se encontrava nos calabouços da Inquisição, seria levada para Sevilha, onde lhe retalhariam a punhal as palmas dos pés, as untariam com manteiga, levando-as ao calor de um braseiro, Salomão escondera-se nuns estábulos derruídos, vendera o burro aos vizinhos piedosos, trocara três rubis pelo lugar de passageiro de um barco de pesca que partia para Marselha, dali embarcara para Constantinopla e, depois, para Cochim, seguindo uma família de cohens que, após a morte do patriarca, substituiria na sinagoga.

Roiz Pereira apaixonara-se por Sara quando aportou a Cochim com uma carga de sândalo de Timor, já Salomão tinha morrido e Sara morava com o gibeteiro, Noronha concedera a mão da presumida filha a Roiz Pereira, que desconhecia a origem judaica de sua mulher, embora desconfiasse dos seus costumes quando, em Macau, após o casamento católico na Igreja de Santo António, esta se tornara senhora da casa dos Noronha-Pereira, Roiz Pereira percebera que os filhos ensaiavam perguntas estranhas ao universo religioso de Macau. Ensinados pela mãe, haveriam de escandalizar as gentes de Macau, guardando o sábio, enroupando-se neste dia com vestes melhoradas, mandando varrer a casa na sexta-feira, acendendo os candeeiros limpos com mechas novas, deixando-os acesos toda a noite; defendiam-se de comer toucinho, lebre, coelho, aves afogadas, polvo, enguia, arraia, congrio e pescado sem escamas; ordenavam aos servos que degolassem os animais, especialmente as aves, atravessando-lhes a garganta, experimentando o cutelo na unha do dedo demonstrador e cobrindo o sangue derramado com terra; rezavam orações num linguajar estranho, sem dizerem *Gloria Patri et Filio et Spiritu Sancto*, viravam-se contra a parede, abaixando e levantando a cabeça; cortavam as unhas dos mortos para guardá-las, mandavam lançar fora a água dos potes e vasos havidos em casa quando um familiar morria; abençoavam os filhos pondo-lhes a mão na cabeça, abaixando-a pelo rosto sem lhes fazer o sinal da cruz. Sara, meritíssima cristã na via pública, escrupulosa cumpridora do calendário litúrgico dos jesuítas e dominicanos, praticava costumes judaicos no interior de casa, com o que Roiz Pereira se divertia, desconhecendo que os filhos, encostados às práticas maternas, as difundiam entre a rapaziada portuguesa, ironizando sobre os dogmas do catolicismo, como a virgindade de Maria, a ressurreição do Dependurado e a presença miraculosa do corpo deste na hóstia consagrada. À entrada da segunda metade do século XVII, Macau, rica nos últimos cem anos, sentira-se

cercada pela pobreza quando, após a perda da prosperidade adveniente do Trato do Japão, os mandarins de Guangdong elevaram Cantão a porto internacional, Macau fechara-se sobre si própria, a população via-se forçada a desbaratar o pecúlio aforrado, as mulheres entretinham-se nas missas, na costura, nos bordados e na cozinha e os homens deambulavam pelo porto, arrastando os pés e os braços impotentes, os franciscanos batiam às portas das famílias opulentas, transferindo uma pequena parte do mais que estas tinham para o menos das famílias dos artífices e marinheiros pobres, sem encomendas a que responder nem mercadorias que carregar nas embarcações, Sara Noronha, como grande senhora dos Pereira, doava um carregamento semanal de pão às crianças do barraquão da Guia e da Penha. Os jesuítas, mancomunados com o antigo poder imperial Ming, tinham persuadido o Senado a enviar artilharia e canhões para defesa da elite de eunucos do palácio real, a oportunidade de ganhar privilégio face a Pequim, findando com o isolamento, a China entrara em guerra civil, os jesuítas, como é de sua natureza, tomaram partido pelo poder instituído, os Ming, que perderiam a guerra com os Manchu, alguns dos Ming tinham-se cristianizado, tomando nomes ocidentais, como Ana, Maria, Constantino; dividida Macau, o Senado dividido, a população empobrecida, não descortinando no final da guerra solução para as finanças da cidade, cada vez mais magras; o envio de canhões, homens, fardas para os Ming, fora uma aposta errada, tinham vencido os Manchu e, no final, Macau mais isolada estava. Um dos filhos de Roiz Pereira e Sara Noronha, Simão Noronha-Pereira, o primeiro nome de origem hebraica, homenagem de Sara a seu pai, Salomão Catalão, fora cooptado pelo Senado da câmara e a ele confiado, em conjunto com Diogo Vaz Bávaro, o jesuíta Joaquim Caetano e Pedro Teixeira, a aproximação ao novo poder de Pequim.

Fora Simão Noronha-Pereira o primeiro membro da família a ostentar sem pudor alguns dos costumes hebraicos da família, Simão, em missa de rogo para que a Virgem auxiliasse do céu a comitiva macaense do jesuíta Joaquim Caetano a Pequim, teria gracejado para Diogo Vaz Bávaro, de pai alemão, convertido por oportunidade de negócio ao catolicismo, instalando-se em Macau como mercador de pergaminhos, carneiras e peles da China para a Índia portuguesa, que ter sido virgem Nossa Senhora parecia impossível, ele desconfiava, excessiva credulidade, só a meninada da doutrina na catequese podia acreditar em semelhante lhanza, Diogo Vaz Bávaro, neófito na aprendizagem dos dogmas católicos, sentiu-se chocado, teve uma longa conversa com o padre Joaquim Caetano, que, recebedor de óbolos dos Pereira, sensato na interpretação da doutrina, se calou, falando em fanfarronadas de juventude, mas não esqueceu. Embaixadas fracassavam atrás de embaixadas, algumas não passavam de Cantão, os mandarins provinciais alegavam não serem os presentes dignos do imperador, as comitivas iam e vinham e Macau empobrecia ano após ano, firmada nos

pequenos negócios que, se permitiam a subsistência, não sustentavam uma horda de servos em torno da casa portuguesa, os chineses emigravam, buscando trabalho e riqueza em outros territórios, metade das oficinas e manufacturas do bazar tinham fechado, abandonadas, a família partia com os filhos às costas e os haveres num charrueco de rodas, iam trabalhar para as plantações de Zhuhai, talvez regressassem, logo se veria, as mulheres dos portugueses pobres não suportavam sustentar dois servos chineses, malaio, javaneses, timores, despediam um, punham-no na rua a pontapé, para que ele não infestasse a porta, os portugueses viam-se forçados a serrar a madeira para os remendos das embarcações, o Senado exigiu o retorno das famílias chinesas, os mandarins exigiram prata, foi-lhes enviado um resto de prata, não chegava, desdenharam, mais prata foi enviada, os mandarins deslocaram centenas de famílias e obrigaram-nas a instalar-se em Macau, trabalhando por um prato de arroz com lentilhas, fugiam de noite em jangadas, em juncos apodrecidos, rumavam aos ilhéus de Cantão, onde sobreviviam como pescadores, as mulheres dos portugueses usavam as tancareiras como criadas, mulheres que viviam em barcos, na foz do rio das Pérolas, sustentando as famílias com o transporte de pessoas e bens entre as ilhas de Macau; sem carga nem tripulantes para os navios, as tancareiras tornaram-se faxineiras dos portugueses.

Com a guerra civil chinesa, o final do Trato do Japão em 1639 e a tomada de Manila pelos holandeses dois anos depois, Macau desabou, o comércio com os reizetes de Sião não era suficiente para sustentar a antiga opulência, os Noronha-Pereira mantinham a mesma abundância, tinham monopolizado este comércio, dividido com mais três ou quatro famílias macaenses primitivas, uns transportavam saraças de algodão indianas, outros porcelanas e sedas chinesas, tudo contado não somava dois a três navios por ano, os Noronha-Pereira tinham instalado uns trapiches na costa, uns galpões ou barracões de bambu cobertos de folha seca de palmeira, uns bangaçais, acoplados a um ancoradouro de palafita, que pomposamente designavam feitorias, aqui viviam como feitores alguns dos filhos de Simão Noronha-Pereira, consorciando-se com nativas, gerando cada um uma prolífera ninhada de filhos, transformando o empório dos Pereira numa autêntica rede de feitorias, que acolhiam os missionários e reenviavam para Macau arroz, madeiras preciosas, especiarias, frutas, mas não o que Macau desejava, ouro, prata, jade, alabastro, âmbar e jóias, comércio ora em poder dos holandeses. De novo, faziam-se os macaenses intermediários entre raças e portos, entre mercadorias e territórios. Os descendentes dos Pereira souberam aproveitar a diáspora macaense, empregando os portugueses mais ousados, os mais arrojados, servindo-se deles como feitores e línguas, homens desprovidos de necessidades de conforto, bastava-lhes uma esteira para dormir, uma mãozada de arroz com açafrão e uma nativa para despejarem a semente e satisfazerem a carne, o resto, que era tudo, não passava de um saquitel de

pérolas ou safiras, mesmo pedras de jade ou âmbar, porventura pó de ouro, trazido preso ao cinturão, que iam enchendo demoradamente com o fito de um dia, às primeiras dores violentas nos joelhos provocadas pela humidade da monção, regressarem a Goa e aí morrerem, entre um pequenino harém que deles cuidaria como de um bonzo, trocando a dependência do café torrado no forno de pedra pelo uso do chá, assim mesmo designado à chinesa, «tchá», exportado em grandes sacas para a Índia, alguns enterravam o saquitel a três braças de profundidade, entre as raízes pedregosas de uma árvore milenária, adorada pelos nativos, garantia de que não revolveriam a terra num largo perímetro, outros tinham-se viciado na mastigação de folhas de bétula ou em pó e pasta de areca (noz de palmeira) com que esbranquiçavam os dentes apodrecidos pelo uso continuado da pimenta, da malagueta, do caril e do açúcar, tinham aceitado a proposta dos Noronha-Pereira e sentiam-se bem, instalados na foz de rios, no centro de um povoado de pescadores, possuíam a pele negra calcinada de pragas de mosquitos, que já os não incomodavam, nem mesmo as febres palúdicas, de que sofriam duas vezes por ano, esfriavam e esquentavam o corpo em espasmos sucessivos, espremidos de suores, três, quatro dias depois saíam da palhota admirando a amplidão azul do mar e mergulhavam directamente nas ondas, lavando-se da barreira de suor, eram estes os netos e os feitores dos Noronha-Pereira, alguns recordavam com saudade o sabor da pêra, da maçã, do pêssago europeus, arredavam a mão e esqueciam-no, trocando-o pelo maravilhoso sabor novo da manga, da papaia, do ananás, do coco verde ou castanho, alguns apaixonavam-se pelas nativas, casavam-se com elas segundo o costume da terra, misturando o seu sangue numa taça de coco com vinho deste fruto e todos bebiam, os próprios, os pais, os amigos, unindo-se para sempre como ramos de uma árvore, promoviam parcerias comerciais com os reizetes do interior, residentes na selva ou na montanha, e para lá iam, carregando sedas e porcelanas, cânfora, almíscar e pivetes de sândalo para adorarem os espíritos e afugentarem a mosquitada em troca de prata e ouro, sempre escassos, mas, enfim, mais valiosos do que madeira e carregamento de cocos. Quanto mais Macau empobrecia, mais os mandarins exigiam proventos, taxas, batiam a cabeça servilmente aos portugueses, mas logo enviavam «chapas» ao Senado, cobrando novos impostos, a delicadeza confuciana do protocolo chinês tudo comandava na aparência, mas, na realidade, o interesse pela prata que presumiam Macau possuir ditava as leis e as relações, e Macau ia empobrecendo, quem não ousara sair do rio das Pérolas comia arroz com legumes da horta. Em tempos de escassez, a fartura, mesmo que mínima, mesmo que minúscula comparada com a antiga opulência, atraía a inveja e a cupidez, e os Noronha-Pereira sofreram os efeitos deste mal, tinham sabido investir a tempo, mantendo e alargando a rede de feitorias, tornaram-se objecto de atenção redobrada, de cobiça, de desejo ávido, Diogo Vaz Bávaro, arruinado, com os navios aprisionados em Cantão por contrabando de seda, que intentara vender ao desbarato em

Malaca, furtando-se ao pagamento das taxas marítimas chinesas, altercou-se com Simão Noronha-Pereira numa reunião do Senado em que este criticara a atitude leviana de Bávaro, o qual, em voz alta, para toda a assistência, recordou ter Simão criticado o dogma da virgindade de Nossa Senhora, foi uma armadilha, Diogo Bávaro dispor-se-ia a negar o que afirmara se os Noronha-Pereira lhe facultassem a prata suficiente para libertar os navios aprisionados, Simão, altercado, recusou, fora um chiste, uma graçola, todas as ordens religiosas conheciam a benemerência da família, uma diversão, custava a crer na virgindade de Maria, e, em resposta, acusou a família Bávaro de ter substituído a exportação de papel, pergaminho e peles por canhões, vendia canhões portugueses de bronze para os reizes do Sião e os sultões malaio, até para os samorins e rájás indianos, falava-se em vizires árabes, os Noronha-Pereira recusavam o tráfico de armas para os povos que as poderiam utilizar contra os portugueses, Diogo Vaz Bávaro deixou cair na orelha do confessor dominicano, prior de São Domingos, frei Brandão de Melo, a necessidade de Simão ser castigado pela heresia, frei Brandão de Melo tomou a heresia por tema da homilia na missa de domingo na Igreja de S. Domingos, desconhecia-se a origem judaica dos Noronha que, ajuntados com os Pereira, tinham infectado o sangue destes, apropriando-se das suas mentes, Diogo Vaz Bávaro subornou um chinês criado de Simão, prometeu-lhe terra e casa própria junto da Porta do Cerco, que cumpriu, este adiantou os costumes da família portas a dentro, eram judeus, o peixe que comiam, a arte de matar os animais, varriam a casa de fora para dentro, os banhos à sexta-feira, sim, nunca ninguém os via ao sábado, sim, à noite de sexta deixavam a matula acesa, ao sábado vestiam roupeta lavada, todos, Sara, ainda viva, Roiz, Simão, os bisnetos de Sara, os criados e as criadas, nunca ninguém ligara, só agora o olhar do Senhor se dignara iluminar aquela casa no alto de Patane e indignara-se, uma semente maléfica no seio da Cidade do Nome de Deus na China, um veneno que em breve se disseminaria, espalhando a peçonha, era forçoso extirpá-la, mesmo e sobretudo se se tratava da mais insigne família macaense, insigne mas blasfema, o auto foi aberto, a inquirição começou, terminaria com o rol de provas e a chamada dos principais membros da família para a prova da circuncisão, solicitou-se a Goa um visitador do Tribunal do Santo Ofício, Sara, Roiz e Simão reuniram-se, o visitador chegaria dentro de dois, três meses, sim, tinham sido circuncidados, Sara fizera-o, ela própria, superando a ausência de rabino em Macau, educara a família como Salomão Catalão lhe ensinara; Simão Noronha-Pereira ouvia os rumores que o perseguiam quando atravessava o centro da cidade, dirigindo-se ao porto, ostentava a nova embaçadeira (bainha da espada) que comprara a um alfageme de Cantão, rebrilhante de prata com um dragão lavrado a ouro, provocava a cupidez alheia, percebeu que alguns brancos não se lhe dirigiam, fingindo-se apressados, Simão arrependeu-se de não ter tapado a boca de Diogo com prata, não foi ao porto, retornou a casa, o instinto avisava-o de que deveria partir, Sara e Roiz

estiveram de acordo, não desconheciam a primeira consequência da acusação, confisco de bens, todos, a casa, os terrenos de Patane em primeiro lugar, depois os barcos, juntaram os servos fiéis, aprontaram jóias, ouro, prata, o resto ficaria para trás, abandonado, avisaram o mestre de um juncó chinês que o deveria preparar para zarpar à noite, seguiria para Goa, transportaria passageiros, sabiam que o boato se espalharia, os dominicanos pediriam à guarda para os deter, e fugiram pela Porta do Cerco, de burro, em direcção a Cantão sob protecção dos oficiais armados de um mandarim amigo, de Cantão partiram para Manila e de Manila para Timor, estabelecendo nova sede para a casa dos Noronha-Pereira na parte oriental, aonde não chegava o braço da Inquisição, em Macau desconhecia-se o paradeiro da família fugida, um ano levaria a notícia a saber-se de que nos territórios portugueses da Índia não se encontrava, ou mudara de nome, uma família portuguesa de Damão, havia pouco instalada, foi incomodada, revelou-se rebate falso, o escândalo inicial da descoberta de judeus entre católicos puros foi-se esmorecendo, os dominicanos acusaram os jesuítas de convivência com os Noronha-Pereira, a única Ordem que frequentava os chá gordos da casa de Patane, ambicionando os terrenos contíguos ao Colégio, alguém se lembrou nunca ter visto nenhum membro da família na procissão do Senhor dos Passos, outro afiançava que já os Pereira se serviam das mulheres tancareiras para o transporte de mensagens, mulheres diabólicas, vivendo na água, os dominicanos continuavam a acusar os jesuítas, mais uma acha na fogueira do conflito entre as duas Ordens em Roma sobre a pureza da liturgia católica no Oriente, padre Joaquim Caetano, de quem Fátimo lia e relia as memórias, aprendendo a arte de ser macaense, defendia a sua compatibilização e adequação aos rituais confucianos de veneração aos mortos e respeito pelos antepassados, os dominicanos queriam torcer a China, adequá-la aos preceitos romanos, um abuso e uma heresia ligar o nome de Confúcio ao de Cristo, padre Joaquim Caetano falava em recuar para avançar, os chineses não eram os cafres de África ou do Brasil, detinham uma civilização de costumes civis superior à europeia, a corte de Pequim em nada ficava a dever à de Paris, os dominicanos alegavam o pecado da crença na reencarnação, os jesuítas respondiam alegando serem falhas humanas, que o tempo e a evangelização apagariam, os dominicanos recordavam que a matriarca Sara raramente beneficiava os dominicanos, só os jesuítas e franciscanos, receava os «cães do Senhor», puros e purificados, como a si próprios se designavam os dominicanos, no bazar chinês a fuga dos Noronha-Pereira fora uma desgraça, carpinteiros, sapateiros, ferreiros, aneiros, tecedeiros, correeiros, seleiros, juntaram-se a marinheiros do porto, queriam embarcar para Goa, juntar-se-lhes, os Noronha-Pereira sustentavam, com as suas encomendas, uma miríades de artífices chineses, entre cem a duzentas famílias dependiam da família portuguesa, os «poltuguises», assim lhes chamavam, como se os restantes brancos o não fossem, abandonaram Macau, os marinheiros conseguiram navio para Goa,

tripulando juncos, os restantes regressaram à China, engrossando os trabalhadores pobres dos campos, sonhando com o dia em que poderiam de novo trabalhar em Macau, Diogo Vaz Bávaro subornou uns taberneiros portugueses, que arregimentaram uns meliantes chineses para o assalto e a devastação da casa dos Noronha-Pereira, antigos piratas roídos pela doença, vivendo das pequenas rapinas, esperando a morte nos trapiches do cais, viam ali a oportunidade de enriquecer, bastaria uma peça de mobília, uma malha de ferro, um anel de jade, um tapete chinês, de seda e cetim, para lhes garantir a gamela de arroz durante um ano, um destes, corcovado, que abancava à entrada da Igreja de S. Lázaro, mendigando de colher e gamela, conhecido por Corcunda, saltou para o jardim de pistolete em punho, disparando à trouxe-mouxe, afugentando os servos chineses que restavam na casa dos Noronha-Pereira, dez chineses seguiram-no, de punhal brilhante na mão, o maralhal seguiu-os, portugueses malandrins misturados com chineses canalhas violentaram as portas dos pavilhões à pezada, entraram, temerosos, como uma matilha de chacais, pé ante pé, cheirando a atmosfera fina, delicada, mirando as pontas recurvas das cumeeiras, o pórtico de duas colunas, o salão central, receando macular os soalhos de madeira de molave e de narra, as paredes de chunambo, as lanternas de cera tinham alumiado as arcas de teca, os baús de tamarindo, caixas de pau fino de cerejeira, vazias, ou quase vazias, pontapeavam-nas como lobos enfurecidos, os Noronha-Pereira tinham oferecido o seu recheio aos servos chineses de confiança, que as tinham embalado em sacas e cabazes, cestos e gigas, e tinham fugido para Zhuhai, os bandoleiros não tinham esperança de encontrar trancelins de ouro, paliteiros de prata, garfins de ferro, bacias, galhetas de cobre ou de bronze, porventura louça de porcelana nos louceiros, os lacaios chineses tinham varrido a casa, levando tudo, almofadas de cetim, vestidos e camisetas portuguesas, sapatins de seda e pele, a um canto uma profusão de jarros em cacos, a outro molduras douradas quebradas, roupas de cama não levadas tinham sido rasgadas, feitas em tiras violentas e desordenadas, alguns dos assaltantes tiveram sorte, encontraram três armações de cama em madeira de entena, desconjuntada e serrada serviria para pranchas, outro bando detectou num pavilhão lateral um tamborete de couro com pregaria de latão, daria bom dinheiro no bazar, do pavilhão das cozinhas acartaram louça popular, de barro vidrado, tachões, panelões e caldeirões, e uma colecção de púcaros de coco, o Corcunda garantia ser esta a sua noite de sorte, ostentava entre os braços um montão de papel de arroz, valiosíssimo, de outro pavilhão traziam vidrilhos com drogas e droguetas, boiões com pastas e pomadas, frascaria de boticário, o conjunto valeria uma grossa maquia, num dos frasquéus conservavam-se unhas humanas cortadas, gritava-se, eis a prova de que eram judeus, guardam as unhas e os cabelos dos mortos, com a descoberta talvez se absolvesse a ilegalidade do assalto, Diogo Vaz Bávaro encobriria, mexeria os cordelinhos no Senado, falar-se-ia em justa indignação cristã, o povo genuíno, represso pela fuga dos hereges, dera largas

à sua revolta, frei Brandão de Melo ajudaria, apropriaria a homilia de domingo, fazia-lhe impressão a inexistência de livros, não era possível, demasiado sábios e inteligentes para não terem livros em casa, alguém os furtara antes, os lacaios não poderiam ter sido, não sabiam ler caracteres chineses nem românicos, era verdade, Sara não permitira que um livro de família ficasse em Macau, levava-os para Timor, um carregueiro que envolvia dois burros até Cantão, o prior esquecera a falta de livros, o processo fora encerrado pelo deputado do Santo Ofício em Macau, a propriedade dos Noronha-Pereira, no centro de Santo António, o bairro mais antigo de Macau, fora confiscada, passava para os dominicanos, o prior babava-se, indeciso entre construir um seminário ou arrendar a propriedade, com mata e jardins, pelo primeiro faria concorrência ao convento dos dominicanos em Goa, pelo segundo resolveria definitivamente os problemas de subsistência dos dominicanos em Macau, optou pela segunda alternativa, poucos meses a saliva babou os queixos do dominicano, o Senado, com a cumplicidade do vice-rei em Goa, atendendo ao valor da propriedade dos Noronha-Pereira, chamou os terrenos a si, destinados a arruamento e à venda em parcelas, enchendo assim os cofres depauperados da cidade. O Senado também se enganou, o loteamento chegou a ser feito em papel, os compradores exigiam o início das obras de arruamento, este nunca se realizou e, no século XVIII, um outro Pereira, enriquecido pelo tráfico de *culi* entre a China e a América, adquiriu a totalidade da propriedade, não por muito tempo, o filho vendê-la a uma companhia inglesa no princípio do século XIX, mantendo-a intacta, com um largo bosque de acácias e um vasto jardim nas traseiras, uma aparente gruta de pedras soltas, uma espécie de cabeça irregularmente empedrado, onde rezava a lenda ter Camões escrito versos d'*Os Lusíadas*, apenas os pavilhões de habitação tinham sido totalmente reconstruídos, mantendo, no entanto, a primitiva traça luso-chinesa, dando origem à actual Casa Garden, que recebera Fátima e Herculano nos primeiros dias de estada em Macau.

O prior dominicano, frei Brandão de Melo, descia a Rua de Santo António, rodeava o bazar chinês, de cheiros excessivamente aprimorados para o seu frágil nariz, alçou a cruz pendida no peito, persignou-se, expulsando do cimo da colina os demónios pagãos invisíveis, chegou à praça do Senado, dirigiu-se para a portinhola lateral do Convento de S. Domingos, folhas amarelecidas de tília esbarraram nos seus pés nus, sentiu o arrepio do vento subir-lhe pelo interior da batina branca, a brisa suave encapelava-se, transformando-se num ventinho agreste, estacou, mirou o céu, nuvens escuras tinham emergido, chocavam, fundindo-se umas nas outras, rabanadas de vento sopravam dispersas, silvando junto dos cunhais da casa do Senado, um trovão impiedoso estrondeou no céu, seguido de outro, e outro, o prior contou quatro, porventura a voz de Deus a confirmar-lhe o acerto da perseguição aos Noronha-Pereira, relâmpagos tremeluziam nos ares, o vento

intensificara-se, levantando as saias da batina do frade, deixando-lhe ver as canelas brancas, pingos grossos desabaram, ora um, ora outro, transformados instantaneamente numa cortina de água vaporosa, grudando-se à terra, empapando esta, o prior correu para a portaria da igreja, puxou o capuz, limpou a cara com as mãos, deu de costas para a praça, iria rezar, agradecer à Virgem a bondade do dia, os Noronha-Pereira tinham acabado, a heresia destruída, a casa devastada, o terreno pertença da Ordem, esperaria que a chuva parasse, iria jantar a casa dos Bávaro, discutir-se-ia a posse da propriedade, forçoso que passasse para os dominicanos, tinha-se feito convidar, conviria apressar a legalidade da posse, algo deveria ser feito contra os assaltantes, o prior sorriu, fora a mão do Bávaro, certamente, frei Brandão de Melo entrou na igreja, a chuva tombava em vagalhões, ajoelhou-se, inquietou-se, a oração esperaria, levantou-se, persignou-se, seguiu para o convento pela porta interior, sentou-se à sua mesa, levantou-se, entrou na câmara dos ofícios, ao lado, mandou sair o frade-escrivão, a ideia era matreira, tivera-a à entrada da igreja, só poderia ser inspiração de Nossa Senhora, quando enviasse o processo dos Noronha-Pereira para Goa haveria de abrir um auto de averiguação da família Bávaro, alemães trânsfugas, a heresia deveria parar lá em casa, repararia ao jantar se havia número suficiente de quadros com santos, haveria de falar abundantemente no Papa, estudaria a reacção dos Bávaro, o prior separou o longo processo dos Noronha-Pereira, mais de duzentos fólhos, a sua mão buscou outros processos, averiguações miúdas sobre povo miúdo, Pedro Macedo, de Macedo de Cavaleiros, denunciado pelo vizinho João Camoeses, alegava curar aleijões internos depondo as duas mãos sobre a pele do enfermo, poder do demónio, Bárbara Ferreira, de origem malaia, aplicava poções líquidas curativas aprendidas no Bornéu, deitava-se no chão sacudindo as pernas e os braços como uma endemoninhada, denunciada por Cármen Rosadas, andaluza de Huelva, provinda de Manila, que lhe dera um trecelim de ouro para cura do filho e este morrera, Fernando Grifa, de Castro Verde, solteiro, admoestado pela mesa, dizia-se visitado por um espírito nocturno que lhe perdoava os tratos de cama com duas servas chinesas, denunciado pelas vizinhas Gertrudes Pereira, casada, e Soledade Moçambique, solteira, João Delgado, de Lisboa, acusado por seu filho, Jorge Delgado, de talhar doenças aplicando sal bendito roubado no refeitório dos frades franciscanos, proferindo palavras heréticas, «com o sal talho pelo poder do Santo Apóstolo Santiago, assim torne o mal a seu ser e seu lugar», proibição de receberem doentes em suas casas a Felismina Tomás, Felisbela Couto e Florinda Águas, alegavam curar quebranto e espinhela caída com pasta de saliva e água salgada fervida, receita da defunta Maria de Salvaterra, que curara abundantemente, quando viva, pele de cobra (manchas tinhos de pele) por aplicação de lâminas de fogo e pomada de lombriga, Domingos Francisco, português de lei, ora chegado a Macau, provindo de São Paulo de Luanda, degredado por assassinio da mulher, uma alma sem emenda, pensou

o prior, mezinheiro, afirmava curar tudo à base de toques de mão e chás de ervas, António Cenogica, de Lagos, reino do Algarve, condenado por invocar uma oração ao Senhor e depor o crucifixo em feridas abertas pela mordedura de cobra ou cães danados, Antónia Perdigão e Mário Castelhana, de Beja, do sertão do Além-Tejo, consorciados na malignidade, invocavam ídolos chineses na cura de sezões, rodeando o doente de pivetes de incenso, Manuel Chinês trazia no peito uma pele de sapo enrolada para dar sorte, rezando uma algaraviada pagã, de que o próprio desconhecia o sentido, os vizinhos tocavam-lhe na pele e ele proferia a lengalenga sempre que a vida lhe corria mal, e passava a correr bem, delatado por um dos vizinhos, alegando que a vida lhe passou a correr pior, Lou Wai, cantonense, expulso para a China por passar unguentos de cobra para cura de dores de bucho, forçando os portugueses a baterem com a cabeça em adoração a um ídolo, Jorge Videira, delatado por José Fernandes, condenado por invocação de Santo António, Santo Amaro e S. José para a cura da diarreia e do corrimento sanguíneo, o prior sentiu as palmas dos pés molhadas, as alpercatas embebidas de água, chapinhando nas lajes, a chuva invade o convento, frei Brandão de Melo veio à porta, um vento furioso redemoinhava entre as arcadas, fustigava as copas das árvores, arrancando ramos velhos, um limoeiro do claustro desabara, o tronco tombado sobre duas laranjeiras, o prior fechou a porta, forçando-a contra as rabanadas desencontradas, uma nuvem terrosa, provinda do mar, penetrava no claustro, escurecendo-o, o escrivão gritou à entrada da câmara dos ofícios, tufão, o prior, habituado à monção, não ligou, ribombos no telhado e silvos furiosos pelas arcadas do claustro obrigaram-no a interromper a leitura, clarões iluminantes varreram as sombras das colunatas, branqueando-as, o prior abriu de novo a porta da câmara dos ofícios, uma furiosíssima pancada de vento forçou-a, um vagalhão de chuva seguiu-a, encharcando-lhe a batina, sentiu-se vergastado no peito e nas pernas pelo furor do vento e da água, foi jogado ao chão, lançou a mão à mesa, erguendo-se, tentando prender as folhas dos processos, que esvoejavam, desabridas, não conseguiu, o vento furão impeliu-o contra a parede de granito, escorregou por esta para o chão, enclavinhou os dedos nas fissuras das lajes, fixando-se, novo baldão de ar enraivecido projectou-o impetuosamente contra a parede, a câmara foi invadida por uma cerração de água e neblina terrosa, frei Brandão de Melo sentiu a boca empapada de areia e pó, terra entre os lábios, levou as mãos a estes, limpando-se, pelo janelo vislumbrou um céu plúmbeo, redemoinhante, um fortíssimo tufão, pensou, o prior acolheu-se a um canto, a água chegava-lhe aos joelhos, melhor fugir para a nave da igreja, sentou-se num escano, pernas abertas, grudado à parede, fugido dos ramalhões de vento agreste, ondas de vento cruzavam-se, chocavam, arrastando os fólhos pelo ar, tombados no chão alagado, esborratando a tinta, apagando-a, sentiu que a água aquecia, gerando vapor que lhe entontecia o olhar, deixou-se ficar, aperrado, encostado à parede, sentado, contemplando o inferno de água e

vento que se tornara a câmara dos ofícios, ouviu gritos provindos da ala das celas, o bater descompassado de dois sinos, sem melodia, chocalhando livres, ruídos metálicos brutos, demoníacos, terra infernosa, pensou, pior do que África, a porta da câmara retumbara, escancarara-se, suspensa no ar, presa por um gonzo, batendo fragorosamente contra a cantaria, o tampo de uma das mesas soltara-se, arrastando para a água os processos e os ofícios, tinteiros de prata, boiões de tinta roxa, caixinhas de areia para secar a tinta, o prior sentiu uma onda de água varrer-lhe as pernas, as nádegas, levantou-se abruptamente, assustado, o claustro sofrera a maior inundação de sempre, a água enlameada corria velozmente para as celas, inundando-as, folhas calosas, arrancadas das árvores, e enxurro de areia tinham entupido os regos e as levadas, frei Brandão de Melo, atormentado, não sabia o que fazer, habituara-se a viver os tufões no remanso da sua cela, de borralho aceso, paredes de argamassa e tijolo castanho, do janelo lobrigou volumosas massas de ar ascendente que logo desabavam, dispersas, compondo nuvens irregulares e mexeridas, do cruzamento de duas vagas de vento viu nascer um rodopio medonho, um vórtice que tudo sugava, girando sobre si em velocidade pasmosa, de repente emergiu nos céus uma cavidade clara, profunda, de centro azul líquido, ladeada por maciços caudais de ar desconstruído, rodando em torno do buraco medonho, o prior pensou, o olho do tufão, o caminho para o inferno, sentiu a água lambê-lhe as nádegas, o furo do umbigo, subia avassaladoramente, girante, escura, tingida de tinta dos processos, o prior percebeu que os autos da Inquisição se iriam perder, o processo dos Noronha-Pereira, atado por fitilhos de cetim, adormecia submerso, uma nova vaga de vento afluía, descia dos céus como uma mole pesada e dura, rodopiando sobre o claustro, sugando limoeiros e laranjeiras, árvores de Deus, um limoeiro foi arrancado pela raiz, aspirado pelo vento furioso, levado pelos céus escurecidos e inquietos, as sebes de buxo descompostas, partidas, boiando atormentadas pela formação desarranjada das ondas, o prior foi jogado para o chão por uma nova vaga de vento, mirava a mesa, boiando como uma jangada à deriva, duas telhas tombaram do tecto ao lado do corpo do prior, levantou-se, a água chegava-lhe aos mamilos do peito, forçoso salvar o processo dos Noronha-Pereira, o auto de confisco do terreno não teria validade sem o auto de condenação, telhas chocalharam sobre a sua cabeça, tombava o caniço do telhado, o prior afastou-se, lutou contra a força da água, acolheu-se a um canto, precisava de sair urgentemente, o tecto desabaria, um pássaro, jogado pelo vento, atravessou o buraco central do tecto e caiu violentamente na água, de pescoço partido, afundou-se, o prior refugiou-se debaixo do tampo solto de uma mesa, nadando para a porta, agarrou no processo dos Noronha-Pereira pelos atilhos, arrastou-o com uma mão, as pernas forçando a água, o segundo braço servindo de remo, um trovão medonho estremeceu a câmara, as paredes, o resto do telhado desabou, telhas caíram ruidosamente sobre o tampo, o prior deu graças a Deus por ter tido a ideia de esconder a cabeça, de

repente cegou, um relâmpago tumultuoso inundou de branco a câmara, o prior urrou de aflição, largou o processo da mão, levou esta aos olhos, esfregou-os, via de novo, deixara de se refugiar sob o tampo da mesa, a água acercava-lhe o pescoço, um resto de telhado caiu à sua frente, três telhas, levantou os braços, protegendo a cabeça, olhou para o céu, uma esfera de ar descia sobre a praça do Senado, o Convento de S. Domingos, a Praia Grande, a colina de Patane, frei Brandão de Melo imobilizou-se, vendo a esfera rodopiante descer, descer, descer, de força centrífuga e centrípeta simultaneamente, colidindo centro e periferia, de sus a esfera abriu-se, engrossando as extremidades, transformou-se numa coluna de ar, tão densa quanto um bloco de granito, expelindo um vasto chapéu de aguaceiros sobre Macau, misturado com ramos, pedras, troncos, folhas, animais, homens, carroças, pequenos juncos, vomitava tudo o que o tufão sugara, o prior, boquiaberto, receoso mas admirador de espectáculo inolvidável, viu um remo de barquéu soerguer-se no ar, repellido por encontrões ventosos, de caminho desencontrado, girava na sua direcção, encolheu-se, fincou as mãos na cabeça, suspendeu a respiração e recebeu a pancada da prancha do remo na cabeça, cortando-lhe as mãos e enfiando-se na testa, rasgando-lhe o crânio, o prior nada sentiu, estava vivo num momento, no outro morto.

O MACAENSE

*Pararam de remar! Emudeceram!
(Velhos ritmos que as ondas embalaram)
Que cilada que os ventos nos armaram!
Que foi que tão longe nos trouxeram?*

Camilo Pessanha

La padre Joaquim Caetano praticando homilias, rezas, exercícios espirituais e entrega dadivosa à população pobre da cidade, abafava as calúnias que os dominicanos levantavam contra a Ordem de Jesus. Seguindo o exemplo dos seus superiores em Pequim, padre Joaquim Caetano percebera ser forçoso que os cristãos trocassem alguns dos seus costumes por outros confucianos, como privilegiar o culto dos antepassados, para que a corte imperial reconhecesse a difusão da doutrina cristã na China, Joaquim Caetano soubera da morte trágica de frei Brandão de Melo e do desaparecimento de muitos dos processos do Santo Ofício, levados pela correnteza para o mar, e da danificação total dos restantes pela enxurrada na câmara dos ofícios, uma providência divina, pensara, o frade dominicano concebera-se como mão justiceira, o Senhor não gostara, a fuga da família Noronha-Pereira trouxera um mal maior a Macau que os pecadilhos de celebrarem o *shabat*, ali estava a frota da família encalhada no cais, sem préstimo, os marinheiros sem trabalho, as famílias sem pão, padre Joaquim Caetano sentia-se severo e sem remorso, Deus também fora severo para com frei Brandão de Melo, Macau era uma terra severa, inóspita, habitada por tufões, furacões, piratas e pagãos, terra sem complacência nem benevolência, cada um chamado a ser mais do que era, no corpo e no espírito, frei Brandão de Melo presumira-se instaurado de poder divino, Deus fizera ver a Macau que a concórdia e a misericórdia deviam reinar sobre a dissensão e a discórdia, forçoso perdoar os pequeninos costumes pecaminosos para que os grandes fossem eliminados, harmonizar o essencial da doutrina cristã com o essencial da prática religiosa oriental, frei Brandão de Melo não o fizera e pagara por isso com a vida, na Ásia Deus não queria ser o Deus dos exércitos e das milícias, das vinganças cruéis, sim o Deus do perdão e do amor, padre Joaquim

Caetano vivera cinco anos em Cochim e conhecera os usos dos malabares, convivera com altos brâmanes, os que conheciam as suas reencarnações desde há mil anos, os rajás do Sul da Índia, os vaixias guerreiros de longa genealogia heróica, entendera que a Índia e a China possuíam civilizações sólidas, dotadas de tradições rígidas, inscritas em livros sagrados, animadas por hierarquias sociais inflexíveis, como as castas na Índia e o nojo do trabalho braçal e mecânico por parte dos mandarins, correspondentes a compactas tradições religiosas adversas ao amor e à igualdade trazidas pelo cristianismo, seria impossível quebrar dois milénios de enraizamento civilizacional com cem anos de cristianismo, defender que o servo era homem como os outros e possuía direitos semelhantes aos homens livres constituía escândalo na Índia e na China, a tragédia dos mártires do Japão demonstrava que o proselitismo excitado, a fé ardente da palavra de Cristo, poderia levar a uma insurreição geral dos povos, condenando a introdução da verdadeira religião a um atraso de mais de um século, o Japão, meu Deus, era a prova, martirizara sem piedade os missionários e anulara o comércio; os holandeses e os ingleses, manhosos, tinham aproveitado a ardência da fé católica e aceitado os costumes nipónicos, o mesmo deveria ser feito em Macau, Cristo pregara o amor, a igualdade entre os homens, todos os homens, a fraternidade, a paz do corpo e do espírito, a comunitarização da vida económica, a partilha dos bens, tudo, absolutamente tudo contrário ao modo de vida oriental, assente na hierarquia de nascimento e na diferença social, na distinção muito nítida entre superior e inferior, não, os orientais nada tinham em comum com os nativos do Novo Mundo nem com os cafres de África, padre Joaquim Caetano lera as cartas de Manuel da Nóbrega, de José Anchieta, de Cardim, enviadas de São Paulo e de São Salvador, a descrição da bela florália do Brasil, uma frutália saudável, longas chapadas verdes, cálidos arroios e charnecas, os bons ares do sertão, o avermelhado das folhas da mata, a exuberância da floresta, rios verdejantes cortando bosques viçosos, o alto arvoredo sombreando as casas dos brancos, arbustos majestosos carregados de frutos de sabor dulcíssimo, e, postados entre a natureza melíflua e animais pacientes (com exceção da cascavel e da onça do mato), o guarani e o tupi brasílicos, irmãos do colono, generosos, dóceis, servis, crédulos, humildes, como se guardassem na memória reminiscências do paraíso, que a religião do Cristo ora materializava, os orientais eram totalmente diferentes, povos ricos e cúpidos, mercantis, inteligentes e perversos, que, enquistados em costumes milenários, desprezavam os cristãos designando-os por «bárbaros do Sul», os jesuítas tinham provado aos mandarins não ser a Europa um território bárbaro, tinham desenhado um novo mapa da Terra e neste, hábil e sensatamente, tinham inscrito a China no centro, acordando-se assim com a mentalidade imperial, que se via como «Império do Meio», tinham previsto eclipses, construído telescópios que faziam a Lua aproximar-se da Terra, relógios mecânicos que dividiam o dia em horas certas, o Imperador ficara maravilhado com a ciência dos jesuítas,

mas não com o seu Deus, que blasfemamente tratava do mesmo modo um mandarim e um camponês, os jesuítas tinham sido forçados a aceitar as diferenças, não a empolá-las, como o rito de culto dos antepassados, que na Europa saberia a paganismo, a idolatria, substituindo o culto dos santos pelo dos avós, para que uma ética comum, tanto cristã quanto confuciana e budista, com predominância daquela, é certo, ganhasse livre aceitação, fosse difundida maciçamente e penetrasse na mentalidade oriental, e, pouco a pouco, pensava padre Joaquim Caetano, o amor do verdadeiro Deus impregnasse o coração das classes altas e das famílias humildes, unindo a todas religiosamente, como o Espírito Santo impregnara, mil e seiscentos anos antes, o coração dos patrícios romanos, levando-os a abolir a escravidão, padre Joaquim Caetano tinha consciência de que converter a China, com ou sem exército, era como tomar a Lua. Padre Joaquim Caetano, que estanciara dez anos em Cantão e aprendera chinês decorando o significado de dois caracteres por dia, percebera que, tal como o cristianismo demorara trezentos anos a tornar-se religião dominante do Império Romano, assim não demoraria menos tempo a tornar-se religião dominante no Império do Meio, o proselitismo impudente e brutal de frei Brandão de Melo fora delirante, um puritanismo zeloso que pagara com a morte, necessário fora tratar os chineses com o materialismo do Senado de Macau, sem recurso à força ou imposição de palavras definitivas, colaboração, a palavra-chave, os portugueses comerciantes tinham-no sabido fazer, o tempo de Vasco da Gama, de Francisco de Almeida, de Afonso de Albuquerque, de João de Castro, tinha passado, ficara para trás, necessário como afirmação do novo Deus, o Deus de todos os homens, o verdadeiro, hoje tratar-se-ia de colaborar, perdoar e concordar, inclinando as vontades para o bem geral, evidenciando a superioridade da religião e da ética cristãs, que, pouco a pouco, apagaria as restantes, primeiro colaborar, fingir acordos respeitosos, tolerar as «chapas» chinesas, os deuses chineses, os usos chineses, as liturgias do pivete, do bater a cabeça, do altar com a efígie do pai e do avô, e, lentamente, ao modo matreiro português, como a onda insignificante à superfície de uma maré imparável, deixar cair palavras como indulgência, perdão, misericórdia, tolerância, frugalidade, evidenciando quão semelhantes podiam ser às proferidas por Kung Tzu ou Confúcio, atribuindo-lhes, predominantemente, um sentido europeu e cristão, viver no seio de pequenas comunidades cristianizadas, apresentá-las como exemplo ético de pureza social e religiosa, atrair a multidão de agricultores das terras em redor, os bandos de famílias nómadas pastoris, os pobres, que subsistem com duas mãos cheias de arroz e dois púcaros de leite de búfala por dia, infelizmente d. Sara Noronha-Pereira partira, a estrénua alma caridosa de Macau com que os jesuítas podiam sempre contar; só assim, praticando a virtude da caridade e do perdão, se poderia penetrar no coração hostil dos chineses, permanentemente desconfiados dos estrangeiros, e dos portugueses, vistos como piratas vencedores de piratas; não forçar, nunca forçar, nunca por

nenhum motivo forçar, a hora não era chegada, o imperador Kang-Xi assinara o Édito de Tolerância, que permitira a difusão do cristianismo por toda a China, sem entraves nem ameaças de prisão por parte dos mandarins provinciais, garantida a liberdade de pregação para os missionários, e o levantamento de igrejas; logo depois, outro imperador, Yung-Cheng, filho do anterior, pressionado pelos eunucos da corte imperial, ameaçara transformar as igrejas em celeiros do povo e prender os sacerdotes cristãos, não, nunca forçar, um chinês forçado torna-se uma cascavel de vingança, remói, remói, até que o ressentimento explode em violência, esmagando o inimigo, outrora aparente amigo, a vitória dos missionários de Pequim fora semelhante à vitória de S. Francisco Xavier na ilha do Japão, os jesuítas, acompanhando a Nau do Trato, tinham conseguido cristianizar rapidamente alguns povoados pobres de pescadores, nunca protegidos pelos bonzos japoneses, que os desprezavam, como povo do cheiro do peixe e do mar, sobrevalorizados os agricultores, com as oferendas em flores de cerejeira, os ramos de pessegueiros, fora um cristianismo instável, menos dependente da fé e mais do interesse por parte dos daimios, as autoridades dos territórios costeiros; em menos de quarenta anos, o cristianismo nascera, crescera e fora barbaramente dizimado, o patriarca jesuíta de Macau, Alessandro Valignano, primeiro missionário da Ordem de Jesus na cidade, consciente da gigantesca superioridade civilizacional da China e da majestade da sua cultura, deixara escrito, preto no branco, que a China só seria convertida pela acomodação cristã, pela tolerância aos costumes sínicos, Mateus Ricci deslumbrara a corte dos Ming com as novidades técnicas e científicas da Europa, a racionalidade europeia, único campo em que éramos, de facto e de direito, superiores, não eticamente, não nos costumes, não no trabalho, Mateus Ricci fizera a religião penetrar através da técnica e da ciência, quem se apresentava tão magnanimamente a construir telescópios deveria ter um Deus de semelhante magnanimidade, fora um erro de cálculo, de falta de precaução, os chineses perceberam, em convívio com os portugueses, que não tinham canhões de bronze nem espingardas e pistoletes, mas tinham costumes culturais superiores, práticas religiosas mais tolerantes, habituados ao taoísmo, ao budismo, ao confucionismo, à adoração de entidades naturais, o império domesticara milhões de súbditos, ensinando-lhes as virtudes da obediência, do respeito sagrado pelo superior, a resignação face a um destino fatídico ou venturoso, Mateus Ricci deveria ter atentado nas palavras dos irmãos macaenses que lhe escreviam, converter um chinês é como tornar branco um etíope de pele negra, no final da vida Mateus Ricci adoptara a virtude da acomodação, deixara crescer as barbas à mandarim, substituíra a batina preta pela cabaia, falava e escrevia correctamente em mandarim, vivendo como um chinês, e não se repudiava de fazer o *kowtow* perante a figura do imperador, três genuflexões e nove prostrações, inclinando a cabeça até esta tocar no chão. Padre Joaquim Caetano recordou os mártires do Japão, assassinados cruelmente devido a uma precipitada evangelização,

um povo tão laborioso, sem fechaduras nem chaves nas portas de casa, feitas de madeira encaixada, sem pregadura, para que os ventos ciclônicos e os tufões não as quebrassem, rachassem ou destruíssem, desmanchavam-nas, logo as reconstruindo em menos de um dia, como biombos engastados, correndo surdamente sobre *xiquis* (calhas), uma limpeza e um asseio que nem em Roma, a terra toda aproveitada, os arrozais terminados à porta do alpendre da casa, os juncos e as naus dos portugueses tinham sido desviados da rota por um tufão medonho, aportaram a Tanegaxima, recebidos com parcimônia, oferecido um parau com fruta variada para comerem, Zeimoto, marinheiro português gabarolas e pintão, fora a terra e caçara com espingarda, espantando os japoneses, como Mateus Ricci espantara os chineses com os relógios mecânicos e os caracteres universais da geometria, tinha chegado, não a virtude cristã, mas a técnica europeia, a arma de fogo, logo que os portugueses se aperceberam da fortuna em prata do Japão, extraída das montanhas por milhares de escravos, lançaram a cobiça entre os daimios e os *shogun*, que a trocavam por seda chinesa e especiarias indianas, os portugueses tinham quebrado o ciclo de comunitarismo frugal entre os japoneses, que quase desconheciam o significado de roubar, desprezavam a carne, vivendo de arroz, legumes, cereais e, na costa, peixe, pareciam desconhecer a inveja do vizinho, e a ambição de serem mais do que o lugar e o papel que por nascimento cabia a cada um, S. Francisco Xavier, mais do que na Índia, experimentara no Japão essa necessidade de acomodação, de tolerância, de acordo, de consenso, de harmonia, debatera com os bonzos budistas em ambiente de paz, visitara templos budistas, descalçando-se à entrada, batendo a cabeça como lhe indicavam, interessara-se pela religião daqueles orientais dos orientais, de bons modos e bons costumes, nada da selvajaria africana ou da credulidade brasílica, padre Joaquim Caetano sabia que as conversões obtidas pelo irmão Francisco Xavier não tinham resultado de um profundo e instantâneo apego à fé cristã por parte dos japões, que tinham sido atraídos pela abastança do comércio e pelo fogo das armas de tiro, muitos desconheciam que a sua adesão ao cristianismo os forçava a abjurar os deuses da sua tradição, encaravam o novo deus como mais um deus, de altar ao lado dos antigos, não os substituindo em absoluto, mais um deus no panteão das divindades a que se deveria prestar culto para que a vida fosse afortunada, e os portugueses traziam fortuna, belos lucros, muito proveito, S. Francisco Xavier mudara de roupa, trajara de embaixador, assim se apresentara perante os dignitários da corte, ofertando presentes riquíssimos, dignos de um senhor feudal, o primeiro relógio mecânico, deixara de pregar nos subúrbios pobres, como fizera na Índia, apontara as suas ações e as suas palavras para a elite política e religiosa, adaptando-se a novas formas de vida, assim o continuara a fazer a Ordem de Jesus, que soubera tolerar o suicídio por motivo de honra, prática ancestral do Japão, ou o casamento sem virgindade da mulher, os rituais fúnebres, não aceitando, porém, a poligamia; a ganância dos mercadores portugueses, atijando

antigas disputas rivais entre os *shogun*, a concorrência com castelhanos e holandeses e a febre da fé dos franciscanos, fanatizados pelo nome de Deus, surdos a outras preces e outros credos, tinham levado a dissensão ao porto de Hirado, a Miaco, a Xiqui, a Quioto, e, em 1614, o *shogun* decretou o édito de prescrição da religião católica, todos os missionários deveriam partir de Nagasáqui, na nau de trato vinda de Goa e Macau, alguns jesuítas, fervorosos militantes de Cristo, desobedeceram, refugiaram-se em casa de convertidos, outros arrimaram às ilhas costeiras, o irmão João Baptista Machado foi descoberto e preso, mais do que a conversão dos gentios parecia desejar o supremo sacrifício, arrolar o nome no martiriológico da Igreja, rogou que lhe despedaçassem os membros, um a um, ou lhos cortassem, a sangue-frio, distribuiu os parques bens pelos convertidos, de todos se despediu com alegria encantada, ladainhou hinos em honra de Nossa Senhora da Conceição, recebeu com um sorriso o daimio encarregado de fazer cumprir a pena, abraçou os executores de longas catanas afiadas, assim se dirigiu para o lugar do cadafalso, o cabeça de um outeiro, cantando salmos, incentivando os japões a renderem-se ao amor de Cristo, o único Deus, o verdadeiro, só à terceira vez o carrasco conseguiu arrancar-lhe a cabeça, rolada pelo chão, ensanguentando a terra, levada para a cidade como prova de execução, o restante corpo fora arremessado aos penhascos, tragado em banquetes pelas gaivotas e aves marinhas, Isabel, nome português de uma japoa convertida, casada com Domingos Jorge, seguiu-lhe o exemplo, ofereceu-se para a decapitação, com o filho pequenino; Domingos, queimado vivo, enquanto cantava o Credo, sorrindo entre as labaredas, Diogo de Carvalho, jesuíta, atirado a um fosso de água gelada, aqui expirou após cinco horas de martírio, com fogo e gelo castigarei os prevaricadores, sempre se pensara ser castigo para inimigos de Deus, não para os seus pregadores, padre Joaquim Caetano não concebia semelhante sacrifício, que Deus pudesse regozijar-se com o martírio dos seus filhos, um sofrimento atroz, bárbaro, cruel, filho de um fanatismo sem limites que metia dó, só lembrado com alegria por mentes semelhantemente fanáticas, como a de frei Brandão de Melo, sem lucidez nem sabedoria, muito menos amor, fora o aviso, um santo aviso, os jesuítas deveriam evitar a repetição, o desastre do Japão na China ou em Sião, quem poderia desejar uma centena de corpos martirizados senão aqueles que, atrasando a conversão da Ásia, fossem possuídos por uma mente perversa, maligna, padre Joaquim Caetano não ia tão longe, não havia ali malignidade do demónio, apenas precipitação, imprudência, desejo ardente de afirmação do Cristo, ânsia infantil de agradar ao Todo-Poderoso, os mártires do Japão assemelhavam-se aos primitivos mártires do cristianismo, ambos afirmavam a existência de uma nova religião, uma nova ética, deveras verdadeira, vinda para salvar o mundo, mas necessitada de tempo para cobrir as consciências antigas, padre Joaquim Caetano não entendia a mente de cada mártir, desejosa de tortura, compreendia a roda da História, que girava em direcção à salvação universal,

deixando em cada esquina um rasto de sangue, efeito da barbaridade humana ainda não tocada pelo Deus do amor, não era possível considerar bárbaros os indianos, os chinos, os japões, por se sentarem em esteiras, não em cadeiras, não comerem pão de cereal, mas de arroz, não terem vinho de uva mas de coco, comerem no chão de pernas cruzadas à mão ou com pauzinhos, nós forçamo-los a serem cristãos, a mudarem de traje, que mal terá a chinesa não vestir saiote, antes calções compridos, adorar os antepassados como pequenos deuses, padre Joaquim Caetano recordou a última aula que leccionara no Colégio de S. Paulo sobre História Sínica, lembrou o primeiro contacto dos portugueses com a China, na ilha de Lintin, no estuário do rio das Pérolas, rente a Macau, feito por Jorge Álvares, em 1513, natural de Freixo de Espada-à-Cinta, o mesmo, muito mais velho, ou um seu filho do mesmo nome, sócio de Fernão Mendes Pinto, não se sabia, com este partira para o Japão a fazer veniaga (comércio), Jorge Álvares, comandante de uma nau do mercador Simão de Melo, capitão da fortaleza de Malaca, teria recolhido padre Francisco Xavier na ilha de Sanshuão, tê-lo-ia abrigado numa choupana, acompanhando-o na morte, Jorge Álvares, Fernão Mendes Pinto, S. Francisco Xavier, marinheiro, mercador e missionário, tinham sido estes homens os construtores de Macau, ora assoberbados pelo delírio ardente do Cristo, ora do dinheiro, da prata, das patacas cantonenses, não existiam Jorge Álvares hoje, pensava padre Joaquim Caetano nos apontamentos de Fátimo, a veniaga tornara-se miúda, pouco mais dando do que para sobreviver, as guerras eram hoje ganhas por holandeses e ingleses, os portugueses, expulsos do Japão, condenados a negociar com os reizetes da Cochinchina e do Sião, nada restava hoje do furor humano que construíra Macau, Jorge Álvares fora forçado a partir de Sanshuão, deixara padre Francisco Xavier a convalescer na sua choupana frente ao mar, acompanhado de Diogo Pereira, undécimo avô de Herculano, registara Fátimo nos seus cadernos, S. Francisco Xavier contemplava a costa da China no horizonte, ardendo de desejo de penetrar no continente, o corpo não lho permitira, morreria em Sanchoão, Jorge Álvares não tivera morada certa, porventura montaria uma choupana de junco e palha em cada ilha, em cada porto ou feitoria da costa, em Malaca albergava-se em casa de Cosme Rodrigues ou Roiz, casado com uma malaia, vivendo no bairro português, informa-nos Fernão Mendes Pinto, embarca em naus, em manchuas, em juncos, no Japão misturava o português com o japonês, em Malaca o português com o malaio, na Índia o português com o hindu, em Macau o português com o chinês, porventura enterrava os taéis de prata acumulados sob o tronco de uma mangueira, enrolados num velho velame esgarçado e tenso do sol e do sal, distribuído por diversas ilhas em diversas mangueiras, que assinalaria num mapa só seu, enrodilhado no cinturão ou cosido no cós dos pantalões, sonharia regressar a Freixo de Espada-à-Cinta, ou apenas a Lisboa, como fizera Fernão Mendes Pinto, Jorge Álvares, homem sensato, não catequizara, não banira, a sua tripulação seria constituída por homens de todas as raças,

todos os credos, todas as cores, não faltaria um preto a dar aos remos ou a estropiar as guelras dos peixes, negociara apenas, atingindo preços mais justos porque mais convenientes para todas as partes, soubera purificar com a mão direita e corromper com a esquerda, soubera vencer o concorrente persuadindo o comprador através da oferta de um cabaz de orquídeas ou de lótus brancos, soubera convencer os *bendahara* ou altos funcionários de Malaca deixando-lhes em casa um lingote de prata ou uma saca de pimenta, e, certamente, a todos perdoara, perdoando-se a si próprio, Macau fora isto, um acto sacrílego, corruptor da pureza de todas as religiões e cultos, todas as doutrinas e filosofias, perdoado pelo resultado do seu cruzamento anárquico, desordenado, ancorado em primitivos homens fortes, famílias fortes, como os Pereira, gerando uma nova cultura, uma nova língua, um novo homem – o macaense.

AS MÁSCARAS DE MACAU

*Porque vos fostes, minhas caravelas,
Carregadas de todo o meu tesouro?
– Longas teias de luar de lhama de oiro,
Legendas e diamantes das estrelas.*

Camilo Pessanha

J á o final da Segunda Guerra Mundial se anunciava, impossível prolongar o sofrimento dos refugiados, o racionamento, a asfixia das lojas do bazar, os funcionários públicos socorriam-se das poupanças ou pediam dinheiro emprestado a prestamistas chineses, outros empenhavam o fraque, que voltavam a alugar em dias de recepção no Palácio do Governador, os aviões ingleses e americanos sulcavam os céus do Sul da China, auxiliando o exército nacionalista chinês contra os japoneses, o pior já passara, pensava-se sempre que se ouvia o roncar de um avião americano, o Governador e os funcionários superiores evidenciavam uma inclinação para os Aliados, tinham recentemente superado a experiência do cerco das tropas japonesas pelo cerco das tropas chinesas pró-japonesas, os colaboracionistas do general Wang Ching Wei, comandadas em Macau por Lei Ka Tchi, que ameaçara invadir e apoderar-se da ilha de Taipa, dera um prazo de 48 horas para Portugal abandonar a Taipa, o Governador não ordenara a retirada, recebera ordens de Lisboa para resistir até ao último homem, na ocupação tinham morrido três polícias, salvara-se a honra de Portugal, Lei Ka Tchi impôs um regime de terror a Macau, extorquiu taxas de permanência a todos os barcos e impostos a todas as lojas abertas, mesmo em vãos de escada, às chinesas das bilhas de água ou ao chinês da fruta, com carrinho de mão, que vendia pelas esquinas o colhido na sua horta, as patrulhas recebiam o dinheiro de imediato ou selavam a loja e apoderavam-se dos carrinhos, os seus homens ocupavam os melhores lugares nos restaurantes, depunham as espingardas sobre as mesas, reservavam os bordéis da Rua da Felicidade, mandavam parar os carros particulares na Praia Grande e confiscavam-nos em nome do exército nacionalista anticomunista e anticapitalista, acusavam o condutor de ser capitalista, de explorar a mão-de-obra chinesa, e ficavam-lhe com o

carro, que embarcavam à noite para Hong Kong, vendido a preço de saldo, os protestos subiram, o Governador e o Leal Senado solicitaram audiências ao alto-comando japonês, estacionado num navio militar no porto de Hong Kong, denunciaram Lei Ka Tchi por corrupção, atrocidades e violência sobre população pacífica, foi atendida a reclamação, Lei Ka Tchi foi expulso de Macau, enviado para Timor sob a alegação de falar português, foi um alívio quando Macau acordou sem as patrulhas colaboracionistas, substituídas pelos militares do general Chang Weng Liu, que ordenou a retirada da ilha de Taipa, exigindo dinheiro, alegava despesas escusadas, o Leal Senado pagou-lhe 20 mil patacas, sem documentos, directas para o bolso do general, o governo auxiliou, Macau pagava para garantir a paz, Chang Weng Liu era tão corrupto quanto Lei Ka Tchi, mas menos violento, mais diplomata, para ele, como o disse directamente ao Governador português, tudo se resolvia com dinheiro enfiado nos bolsos do fardamento, riu-se, e tenho muitos bolsos, uns maiores, outros menores, mas todos abertos, o contrabando refloriu, Chang Weng Liu mandou fechar os olhos aos juncos provenientes de Hong Kong durante a noite, descarregavam centenas de caixotes no Porto Interior, seguindo para o Sul da China, para as populações, mas também para o exército comunista de Mao Tsé-Tung, por cada descarregamento os oficiais de Chang Weng Liu emborcavam uma fortuna em libras, em dólares de Hong Kong ou em patacas, não se faziam rogados da cor e da proveniência do dinheiro, os chefes das tríades de contrabando do arroz pagavam-lhes fortunas, que já tinham pago aos comandos japoneses de Hong Kong e continuariam a pagar aos antigos mandarins que controlavam os povoados de Guangdong, o arroz atingia preços inoportáveis, os remédios tinham-se tornado inacessíveis, qualquer analgésico atingia um preço inconcebível, o Governador e o Leal Senado viam escaparem-se-lhes os fundos, não substituídos pelas receitas normais, a economia parara, os funcionários portugueses eram pagos com transferência de fundos provenientes de Lisboa, as autoridades, sem dinheiro, viram-se obrigadas a autorizar a exportação para a Europa e para o Japão de ópio em quantidade superior ao internacionalmente acordado, Chang Weng Liu, sempre que discursava, recordava os feitos do Japão imperial que em breve dominaria a totalidade da Ásia como a Alemanha dominaria a totalidade da Europa, mas, inesperadamente, como aviso de que a guerra entrava no estertor, chineses desconhecidos, vindos clandestinamente de Zhuhai, tocavam às portas das casas durante a noite e pediam educadamente dinheiro para as tropas do Kuomitang, que lutavam contra os japoneses, todos se sentiam motivados a dar, e faziam questão de o dizer publicamente, sabiam que os japoneses não podiam vencer, o Japão era o mal em estado puro, não podia vencer, a história provava-o, o bem vencia sempre, não o bem perfeito, justo, apenas um bem impuro, arrastando inumeráveis sofrimentos, todos desejavam vangloriar-se de ter participado na derrota do Japão imperial, davam 5, 10 patacas, por vezes 20, roubando à compra de peixe semanal, comer-se-ia só

arroz durante esta semana, com molho de sésamo, com molho de soja, o pão de trigo desaparecera havia muito do mercado, o espírito da cidade inclinava-se totalmente a favor dos aliados, os governantes iam jogando com os dois beligerantes, Macau continuava cercada, vivendo da exportação legal do ópio e das receitas do jogo, buscado por aventureiros chineses e japoneses, ambas actividades legais, as duas fontes de receita do Estado, tudo o que se comia e vestia provinha do contrabando e, quando este se tornava excessivo, descontrolado, tomado por pequenos juncos, as tríades ou os japoneses escolhiam duas ou três embarcações de pouco valor e queimavam-nas, os seus donos apareciam na manhã seguinte no cais, de mãos, narizes, orelhas e lábios cortados, um aviso, contrabando, sim, mas só o controlado pelas autoridades, Fátimo, como funcionário público, tinha direito a uma ração semanal de arroz, descontada no ordenado, algum pão, confeccionado nos fornos dos quartéis, alguma manteiga e um pouco de azeite do Alentejo, exportado velho, rançoso, para Macau pela firma de Moura de dois amigos do Ministro do Fomento Económico, Fátimo e Herculano levantavam os géneros alimentícios à sexta-feira, ao fim do dia, no casarão dos armazéns do Governo no Porto Exterior, a família Castanho, ao contrário, abundava de comida e de roupa, João Rodrigues Castanho, dirigente do Porto, todas as semanas recebia em casa alimentos de contrabando que chineses desconhecidos depositavam no barracão das traseiras da casa da Estrada do Repouso, d. Lina também não sentia falta de abastecimentos, auxiliada por múltiplas amigas chinesas do bairro de Cheok Chai Un, onde havia sempre arroz, legumes e peixe provindos clandestinamente de Hong Kong, o Governo emitira uma nota informativa, um alerta, havia em depósito, para abastecimento, 3 mil sacas de arroz, necessárias 25 mil por mês, o Governo decidira doar o arroz em depósito aos dois hospitais, aos orfanatos e aos campos de refugiados, cada macaense deveria arranjar comida por si, o Governo abria assim as portas ao contrabando, o carvão, essencial para a energia eléctrica, desaparecia a olhos vistos, as luzes da via pública tinham sido apagadas, as repartições governamentais só abriam de manhã, um pouquinho à tarde, até às 15 horas, depois encerravam para se poupar na energia, o Japão ostentou a sua magnanimidade, ofereceu um novo abastecimento de carvão, de arroz e de medicamentos, um escândalo, desconhecidos tinham roubado três camiões carregados de carvão, arroz e medicamentos, entregues ao exército comunista através da Porta do Cerco, Chang Weng Liu falou em quebra de confiança, exigiu cabeças cortadas, o Governador mandou abrir um inquérito, o general japonês não gostou, para tropas comunistas, não, o oficial chinês que controlava a Porta do Cerco essa noite desaparecera, se desaparecera não podia ser preso, Chang Weng Liu irritou-se, mandou uma patrulha capturar quatro ou cinco chineses, os primeiros que encontrassem na Praia Grande, instalou um cadafalso, uma plataforma alteada de madeira, e decapitou cinco chineses, a honra foi restabelecida, acusou os chineses sem

cabeça de autores do furto, nem se sabia o seu nome, apareceram sem cabeça em todos os jornais do Sul da China controlados pelos japoneses, os culpados tinham sido encontrados, Macau mascarava-se, hoje apoiava Chang Weng Liu, amanhã Mao Tsé-Tung, hoje a Mocidade Portuguesa realizava cerimónias fascistas no átrio do liceu, amanhã o Governador autorizava a saída de uma reportagem sobre o estacionamento das tropas americanas em Pearl Harbour, indicando um apoio discreto, conveniente, mesmo contra as ordens de Oliveira Salazar, Macau mascarava-se, fazendo hoje o que no passado fizera, mostrando-se como uma plataforma de múltiplos apoios, todos por lá passavam, nenhum se demorava, Macau ajudava ora uns, ora outros, num discurso governamental o Japão era elogiado, noutra falava-se das belezas da China e do seu património milenar, como no tempo da viúva rica Isabel Reigota, quando os manchus tomaram conta da China, findando com a dinastia Ming, a senhora não hesitou em pôr os seus cabedais a favor dos mandarins do Sul da China, caídos politicamente em desgraça, mas ainda marcialmente activos, enquanto o Senado ia lentamente caindo para o poder Manchu, assim hoje o governo de Macau dava palmadinhas nas costas dos japoneses, garantindo o seu abastecimento, deixando o mercado clandestino funcionar, enviando arroz para as tropas comunistas da China – eis a essência de Macau, ser de todos e não ser de ninguém, o Leal Senado mandou acumular sucata de ferro de Macau, tudo o que era ferro servia, chapas enferrujadas, parafusos, carros velhos, sem préstimo, cascos de ferro de barcos a vapor, desmantelados, fogões antigos, camiões, motores, ofereceu-a aos japoneses para as siderurgias, convertiam a sucata em tanques de guerra, em troca os japoneses enchiam os armazéns do Governo de Macau com sacas de arroz, d. Lina conseguia produtos inimagináveis de contrabando, comprava por comprar, não sabia bem que uso lhes dar, assim ajudava as famílias pobres do bairro chinês de Cheok Chai Un, que lhes dispensavam arroz: pó para o branqueamento dos dentes, óleo e leite de coco, salmão liofilizado, pentes de tartaruga, carne de gnu às fatias importada da África do Sul, pomadas para as dores das costas, um ror que nunca acabava, Herculano e Fátimo riam-se das compras de d. Lina, que abarrotava a despensa de molas de madeira para o estendal da roupa, passepites metalizados para os legumes, latas vazias com e sem tampa, no final da guerra a inflação atingira o valor de 400% relativamente aos preços do ano anterior, as bichas à porta dos armazéns do Estado atingiam diariamente dois quilómetros, os portugueses mandavam os criados chineses levantar comida com senhas de racionamento, estes eram assaltados na esquina seguinte por bandos de rapazolas, que corriam para o bazar a vender o arroz, o azeite, a massa, a preços diminutos, os portugueses, sem abastecimento para a semana, mandavam os criados comprar os produtos que lhes tinham sido furtados, nos campos de refugiados sobreviviam-se com uma sopa de fitas por dia, uma tigela pequena, Fátimo e Herculano mudavam continuamente de passeio no caminho de ida e vinda do liceu, chineses, uns

refugiados, outros macaenses, exalavam o último suspiro à sua frente, morriam de fraqueza, de fome, de infecções provenientes da água dos charcos, que bebiam, uma constipação o suficiente para matá-los, os órgãos deixavam de funcionar, Fátimo fechava os olhos, mudava de passeio, Herculano revoltava-se, nada podiam fazer, quando regressavam do liceu, à hora do almoço, os passeios já estavam desimpedidos, as carrinhas sanitárias do hospital tinham retirado os corpos, levavam-nos para o Aterro, queimavam-nos, já não enterravam os corpos, Fátimo admirava-se com a resignação dos chineses perante a morte, morriam no passeio parecendo pedir desculpa por incomodarem, não se revoltavam, não gritavam, quase não murmuravam, apenas uns suspiros dolentes, uns ais magoados, viravam-se para o céu, depositavam as duas mãos sobre o peito, a direita por cima da esquerda, deixavam-se estar a olhar para o céu, respirando lentamente, cada vez mais lentamente, não raro abriam os lábios, monologando mudamente, encomendavam-se aos antepassados, pedindo desculpa por morrerem pobres, miseráveis, na rua, tinham desonrado a tradição familiar, nada podiam fazer, limitavam-se a rogar desculpas, esperavam a morte com lamentos, mas sem protestos, abafando as dores e a tristeza, muitos procuravam os templos, morriam à porta, mirando no alto o fumo a exalar-se do incenso queimado, rezando, Fátimo e Herculano passavam perto do pórtico da deusa A Má, tinham de mudar de passeio, contornavam o templo, um caminho mais longo mas com menos moribundos, estes não conseguiam sequer sentar-se, tinham perdido toda a força, a dos músculos e a espiritual, deixavam-se ficar prostrados, de barriga para cima, aguardando o derradeiro suspiro.

De um dia para outro, de uma semana para outra, os passeios tinham aparecido desabitados de mortos, só cadáveres de velhos e velhas, estranhava-se, recusavam, falava-se no liceu entre professores e alunos, percebiam que o tempo que lhes fora dado viver constituiria uma nódoa na história de Macau, filhos da terra abandonados, sem uma espiga de trigo ou um grão de arroz para lhes saciar a fome, uma autêntica vergonha, que culpava a consciência de todos os que se sentavam à mesa, ao almoço e ao jantar, como eles, filhos ricos da terra, hoje de reservas em dinheiro muito diminuídas, mas suficientes para comprar o arroz clandestino do bazar, o reitor informara que o Governador mandara os presumíveis moribundos para a ilha Verde, todos torceram o nariz, mas compreendiam, morreriam lá, afastados dos olhares estarecidos dos seus conterrâneos, faltava explicar porque os cadáveres dos velhos e das velhas continuavam a aparecer pela manhã, infernizando os passeios, outro dia rumorejava-se na sala de professores que os japoneses, fartos de corpos a apodrecerem pelas ruas, receando a deflagração de uma peste, que os afectaria, tinham feito razias nocturnas, arrebanhado doentes, moribundos, todos os que dormiam nas ruas, tinham aplicado táctica militar idêntica à dos leprosos três anos antes, os moribundos eram depositados em batelões velhos e deixados à deriva no

alto mar, Fátimo e Herculano não sabiam se haviam de acreditar, não imaginavam tamanha ausência de piedade humana, de compaixão, de redução do homem a uma pura besta animal, d. Lina clamava que na Europa nenhum exército assassinaria a sangue frio populações indefesas, Herculano abria o manual de História do liceu, retirara uma folha desdobrada do *Morning Post* de Hong Kong, dera a ler à velha senhora, fazia-se eco de boatos fundamentados sobre extermínio de judeus, homossexuais e ciganos em campos de concentração alemães, Fátimo desabafara, os alemães são como os japoneses, máquinas de guerra, formigas de trabalho, impiedosos, levam tudo à frente, quem não é como eles e não possui múnica de poder, como os homossexuais e os ciganos, ou lhes pode fazer sombra, como os judeus, é exterminado, registava-se no jornal que os judeus eram asfixiados com um gás letal, exalado da canalização do chuveiro, pressupunham que iam tomar banho, despiam-se, desconfiavam quando eram forçados a enfiar a roupa numa grandes sacas, mas já não havia maneira de impedir, sacavam-lhes o cabelo depois de mortos para encher colchões, os dentes de ouro, as unhas, misturavam estas com tinta de cal, para dar consistência, preferiam o cabelo dos ciganos para os colchões, forte e liso, mais apropriado, alguns homossexuais eram capados primeiro, em noites de orgia, abusados, depois capados, finalmente mortos, os oficiais ostentavam-nos com o pénis ensanguentado na boca e os testículos esmigalhados, Fátimo confessava que tinha medo, frente aos alunos fazia-se forte, dizia, o pior já passou, qualquer dia há aí tanta comida que enjoamos arroz, dava o exemplo de adulto firme e sólido frente aos alunos, confessava a sua fraqueza a d. Lina e Herculano, ao serão, vendo Siu Lin bordar, alheada, tinha medo, fora educado entre estivadores, pescadores e operários brutos do Barreiro, mas não era como eles, boçais, analfabetos, rudes, machistas, marialvas, racistas, incapaz de não considerar homem um cigano, um homossexual ou um judeu, não fora educado para assistir a tamanha barbárie, nem sabia se não seria judeu, quem o poderia dizer, a sua família provinha de Oleiros, nas Beiras, refúgio de judeus no século XVI, sabia lá se o seu enésimo avô não fora judeu, ou cristão-novo, o nariz proeminente indicava-o, Herculano tinha sangue judaico, Fátimo sabia-o, Herculano contara-lhe a história da família, Fátimo lera nas memórias de padre Joaquim Caetano, a sua pentavó Sara, de Cochim, filha legítima do Noronha ferreiro, que a perfilhara, mas filha natural de Salomão Catalão, cohen da sinagoga, Fátimo fazia d. Lina interessar-se pela história da sua família, dele, Fátimo, desviando a atenção da senhora, impedindo que Herculano, carão sério, confessasse ser de proveniência israelita, não valia a pena maçar a senhora com histórias de trezentos anos, Fátimo narrara a ida de Oleiros para Coima, de Coima para o Barreiro, d. Lina, filha de um merceiro da Rua da Esperança, à Madragoa, em Lisboa, desconhecia a origem dos seus avós, vagos lisboetas de Santos-o-Velho, os paternos e os maternos, uns Oliveira, outros Peixoto, os Oliveira tinham vivido de um olival a Alcântara, era o que se dizia, antes de os pretos

fúções de Lisboa terem levantado um quilombo, um mucambo, nas antigas pedreiras do Alto do Carvalhão e de Monte Santo, os Peixoto sempre tinham vivido do peixe, peixe miúdo, como o nome indicava, compravam a sardinha, o chicharro, o carapau, a dourada, o robalo, descarregados na lota, e vendiam-nos pelas colinas da Mouraria, da Sé, de S. Cristóvão, de Santa Luzia, num charrueco puxado a braço, mais tarde a muar, o peixe embrulhado em palha ou, no Outono e Inverno, em folhas de figueira, até que o pai de d. Lina, Peixoto de origem, farto de cheirar a peixe, empatará todas as poupanças no aluguer de uma mercearia na Pampulha, mais tarde comprará outra na Rua da Esperança, onde se abastecia de géneros o estudante de Medicina da Figueira Foz que por d. Lina se apaixonou, pedindo-a em casamento mal acabou o curso, os pais dele, industriais de vinho, não compareceram no casamento, não aceitaram, tinham gasto uma fortuna para o filho se tornar doutor e ele acabar casado com a filha de merceeiros, disse d. Lina, desgostosa, chorosa, nunca vi os meus sogros, nem eles a mim, só por fotografia, mal abriu concurso de médico para Macau, no Hospital S. Rafael, viemos para cá e de cá não mais saímos, Fátimo percebeu porque d. Lina não mais regressara a Lisboa, o marido não seria bem acolhido em casa dos pais, passavam férias aventurando-se pelo Sul da China, donde regressavam peçados de obras de arte, d. Lina encontrava-se em apuros, os seus fornecedores clandestinos de Cheok Chai Un tinham esgotado a manteiga, o mel, o azeite, Fátimo e Herculano traziam para casa a sua ração semanal de azeite e arroz, alguns garrafões de vinho *Camilo Alves*, um vinho com um travo azedo, em estado de pré-fermentação, percebia-se que alguém recebera luvas para importar aquele vinho que passara o prazo de validade, uma manhã Fátimo e Herculano notaram uma agitação desmesurada entre os funcionários chineses do liceu, os alunos filhos da terra, que falavam chinês, recolhiam-se aos cantos, em magotes, incrédulos, ostentando faces de espanto, cépticas, não podia ser, diziam, não podemos acreditar, o reitor chamara os professores no intervalo grande da manhã, não sabia se era verdade se não, mas os professores deviam desmentir com toda a força, como se acreditassem nas suas próprias palavras, os jornais do dia seguinte iriam fazer o mesmo, a rádio já começara a fazê-lo, o reitor, um humanista de Coimbra em comissão de serviço na cidade, licenciado em Línguas Clássicas, com tese sobre a retórica em Demóstenes e Cícero, explicava, a guerra fizera assomar forças malignas incontroláveis, recalçadas pelo homem civilizado, forças aterrorizantes, selvagens, que prendiam o homem à sua ancestral condição animal, o reitor deambulava pelas Harpias e pelas Fúrias gregas, as forças sanguinolentas encerradas na boceta de Pandora, os Titãs, pais dos homens, que o catolicismo adoptara com o nome de Demónios, durante os períodos instáveis de terremotos, gigantescos incêndios ou durante uma guerra feroz como a que estamos vivendo, estas forças malignas, subterrâneas, vinham à superfície, é nosso dever, como cidadãos civilizados, herdeiros de Homero e

Virgílio, bloqueá-las, travá-las, admoestava o reitor, lábios decididos, a Polícia, o Governo de Macau, existem para isso, os professores devem empenhar-se em industrializar os alunos de que tudo o que ouvem na rua sobre este assunto é falso, que assunto, perguntara Fátimo, desconhecendo do que se tratava, ele e Herculano, vivendo na paz da Penha, tinham sido dos últimos a tomar conhecimento de rumores que se tinham apoderado de Macau inteira, fora descoberto o enigma do desaparecimentos dos corpos dos moribundos chineses na Praia Grande e nos passeios da Penha, em torno do pagode da deusa A Má, havia menos de duas semanas dois hotéis de Macau tinham voltado a servir carne, carne com abundância, inclusive iscas à portuguesa e bifeinhos de coração de cavalo, um deles organizara uma noite de churrasco de costelas e costeletas, não anunciara de que animal, os pratos chineses tinham de novo pedacinhos de carne, vaca, frango, porco, cujo sabor parecia mais doce, ou muito, muito salgado, os hotéis justificavam-se, encomendas valiosíssimas da África do Sul, a carne fora congelada um ano antes de ser embarcada, viera a descongelar em barricas no porão do barco, tivera de ser salgada de novo para se conservar, depois dessalgada, daí aquele sabor ora muito doce, banhada em água corrente durante uma semana, ora muito salgada, não se chegara a mergulhá-la em água doce, Fátimo, Herculano e d. Lina tinham jantado num dos dois hotéis, os dois amigos tinham pago o jantar, a senhora regozijara-se com o sabor da carne de vaca, dissera que havia muito não tinha aquele saborzinho da infância na boca, Fátimo dera uma boa gorjeta, tinha conseguido levar para casa de d. Lina meio quilo de manteiga branca, daria para três semanas, a senhora não teria de se preocupar; o professor de Ciências Naturais saíra apressadamente do gabinete do reitor, fora vomitar, enojado, Fátimo encolheu-se, ouvia com assombro as palavras murmuradas do reitor, disse para Herculano, recuso-me a acreditar, o reitor ouvira, dera como exemplo as suas palavras, o dr. Fátimo Martins recusa-se a acreditar, deve ser esta a posição do corpo docente, como um bloco, não só recusar como desmentir, não é verdade, as autoridades sanitárias de Macau desdobravam-se em entrevistas aos jornais da cidade, à rádio, desmentiam terem inspeccionado dois hotéis e terem registado comida humana acumulada nos blocos frigoríficos, denunciada por um empregado inglês, um antigo marinheiro que a guerra impedira de prosseguir viagem, havia dois anos instalado em Macau como cozinheiro, os hotéis tinham feito um contrato com uma triade chinesa de Hong Kong, a triade abastecia hotéis de Hong Kong e Macau de carne humana para suprir a ausência de carne animal, refugiados e mendigos das duas cidades eram arrebanhados à noite, decapitados, esquartejados, a carne desfiada, transformada em bife, ou em rincões, pedacinhos finos usados nos pratos chineses, o inglês não suportara tamanha devassidão, a guerra não desculpava tudo, os hotéis eram frequentados por brancos, chineses refugiados ricos da península de Xangai, era preciso dar-lhes carne, mesmo que super-salgada, ou embrulhada em açúcar, para simular o doce da gordura

de porco, o cozinheiro inglês desaparecera, não se sabia se escondido pelas autoridades portuguesas se morto pelos capangas da tríade, fora procurado, não se encontrara, ninguém o encontrara, o colega de Ciências Naturais voltara da casa de banho, estivera na véspera a celebrar o aniversário da mulher com os dois filhos num dos hotéis, tinham abusado da carne, comido carne a dobrar, justamente por não ser possível comprá-la no mercado, uma provisão de carne no corpo da família, os dois hotéis tinham fechado de manhã, os clientes transferidos para outros hotéis, o reitor explicava que o Governador já os intimara a abrir, a partir de amanhã, tudo normal, dissera o reitor, vergastando o ar com a manápula aberta, é preciso calar os boatos e inocentar a cidade de tão cruel crime; nessa semana o liceu fechara, dois alunos tinham apresentado indícios de cólera, pedido a Portugal vacinas, urgente, corria-se o risco de esgotar a provisão de vacinas, os professores tiveram de ser vacinados, Fátimo apresentou-se com d. Lina, exigira que a senhora também fosse vacinada, João Rodrigues Castanho arranjara uma dúzia de doses de contrabando, vacinara a família, fizera provisão e dispensara quatro para as criadas de d. Lina e Siu Lin, Fátimo saía de manhã, sentava-se no Jardim de Camões ou no Largo do Lilau, bebia água fresca da bica, onde se inscrevia, na pedra mármore, que quem bebesse água do Lilau ou se casava ou voltava a Macau, a Fátimo, tanta água bebera da fonte que lhe sucederam as duas coisas, Fátimo levava os seus caderninhos pretos, ia escrevendo sobre a sua vida em Macau, Herculano ficava na cama toda a manhã a ler, Fátimo deixara de ver os macaenses com as suas gaiolas a caminho dos jardins, onde competiam em concursos de trinados com os seus pássaros, d. Lina explicara-lhe que a maioria das famílias comera os passaritos, as mães cozinhavam-nos e davam-nos aos filhos, fritos em óleo, a dose semanal necessária de carne, d. Lina dissera uma verdade em que Fátimo não reparara, os cães e os gatos tinham desaparecido da cidade, Herculano lamentava-se da ocupação japonesa de Timor, Fátimo contrabalançava a tristeza que se apoderara de d. Lina com a notícia do serviço de carne humana no hotel, a senhora tinha a certeza de que comera carne humana, desgostava-se, enojava-se, não falava, agora os passarinhos, o homem descia a profundos níveis de animalidade, dizia, Fátimo alegava que na civilizada Inglaterra ou na erudita França os camponeses deviam comer de tudo, pardais, rouxinóis, melros, estorninhos, d. Lina compreendia, principalmente se cozinhados para tirar a fome a crianças, como tinha acontecido em Macau, mas carne humana, perguntava d. Lina, crente de que não teria perdão, Deus não lhe perdoaria, a sua alma vogaria pela eternidade com a mancha de ter uma noite ingerido carne humana, Fátimo sentia falta do gorjear dos pássaros nos jardins, os velhos sentavam-se a ler ou praticavam *tai-chi-chuan* nos relvados, Fátimo via-lhes a cara triste, lúgubre, um pássaro na gaiola é como um filho para uma família macaense, como o cão ou um gato no interior de uma família europeia, mima-o, dá-lhe um nome, leva-o a passear para que aprenda com outras aves e gorjeie melhor,

um canto puro saído do bico dos pássaros, que enternece o macaense, a fragilidade física das avezitas e a beleza estética dos seus cantos sonoros levam os macaenses a pensar estarem os pássaros mais perto do paraíso celeste, d. Lina dizia, amargurada, comer o seu pássaro, para um macaense, é como comer um filho.

ANO NOVO LUNAR

*Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,
– Perdida voz que de entre as mais se exila,
– Festões de som dissimulando a hora.*

Camilo Pessanha

Luzido, cabelo, fato e sapatos rebrilhantes, barba escanhoadada pela raiz, Fátimo penetrou no bazar com a família Castanho, celebrava-se o ano novo chinês, o *tong seng*, fundado no calendário lunar, cuja tradição popular resistira à implantação do ano solar em 1911 pela república chinesa, d. Natália consultara um adivinho chinês na arte do *fung soi*, que aprovara a boa localização da casa da família na Estrada do Repouso e a aconselhara a levar Maria Augusta às celebrações do ano novo, d. Natália espirrara com os «pós mágicos», assim dissera ela, levantados durante as adivinhações, endireitando a cabaia longa de mandarim, espevitara as orelhas, o tradutor dissera «filha», d. Natália ouvira bem, o desbocado do velho, a que propósito me vou meter no meio da chinocada, Maria Augusta insistira, suplicara, mãe, mãezinha, temos de ir, o adivinho disse, tem poderes que nós desconhecemos, temos de ir, se ele o disse foi porque algo adivinhou, olhou para mim com insistência, continuou Maria Augusta, piscava os dois olhos para mim como se a minha imagem os sugasse, d. Natália recusava, português que é português não celebra cultos pagãos, somos católicos, Maria Augusta queixou-se ao pai, resolve com a tua mãe, disse este, não me meto nesse assunto, Maria Augusta recriminou os pais junto de Fátimo e Herculano, estes prontificaram-se a acompanhá-la, caso d. Natália autorizasse, claro, Maria Augusta fez um beicinho mimado, implorando autorização, olhando obliquamente para Herculano, buscava a companhia deste, via-se, choramingava como uma menina deserdada, d. Natália presumiu perceber a insinuação do velhote chinês, parecia que tinha razão, o olhar de Maria Augusta para Herculano dizia tudo, deixá-los ir, disse João Rodrigues Castanho, atencioso, d. Natália negou, impositiva, sós não irão, acompanhá-los-ei, então vamos todos, rematou João Rodrigues Castanho,

piscando o olho à esposa, pensando, um marido professor para a nossa filha não seria mau. Contra o desejo de Maria Augusta, Herculano adoeceu nesses três dias, uma forte diarreia, dores de cabeça intensas, tratadas por d. Lina e Siu Lin, Fátimo acompanhou a família Castanho no primeiro dia de festejos, d. Natália disse que chegava um dia, o primeiro.

Um baile de cor tomara conta das ruas, dos becos, das janelas, dos telhados, das casas, caiadas de novo ou pintadas de fresco, cartazes e tabuletas com inscrições em caracteres chineses auspiciavam um bom ano para o dono da casa ou da loja e prosperidade para todos os que parassem para ler os caracteres, homens abraçavam homens, vizinhos outros vizinhos, pacificando querelas levantadas durante o ano findo, mulheres afagavam outras mulheres ou crianças, implorando em baixa voz desculpas por ofensas cometidas, um espírito de paz e concórdia banhara as ruas de Macau, d. Natália, vestida de *Dó*, como uma antiga cristã macaense, fazia sentir a sua diferença (fora essa a sua condição inabalável para os acompanhar, aconselhada pelo pároco da Igreja de S. Lourenço), segurava fortemente a sua malinha preta de calfe, escondendo-a sob a batina preta, Fátimo alertara-a para a desconfiança, na festa do ano novo não haveria um chinês que ousasse roubar, seria desafiar os deuses que lhe pagariam com um ano de implacável maldade, Fátimo, sorrindo, oferecera a Maria Augusta um raminho de flores de pessegueiro, símbolo de saúde e prosperidade, esta abriu os olhos, devolvendo o sorriso, Fátimo também era simpático, professor como Herculano, e europeu, não timorense, Maria Augusta implorara à Virgem de Fátima, na Igreja de S. Domingos, que do céu de Portugal lhe trouxesse um marido, olhou para Fátimo com outros olhos, quem sabe se a Senhora não lhe enviara Fátimo, seu filho em nome, trocou de lugar com o pai, deixando-se ficar ao lado de Fátimo, que lhe contava histórias sobre as festas do ano novo lunar, Maria Augusta sentiu que dificilmente amaria Fátimo, talvez lhe viesse a ganhar amizade, duas almas cristãs naquele fim do mundo teriam toda a conveniência em unir-se, defendendo-se; por enquanto, o seu olhar meigo pousava em Herculano, mas não deveria deixar de pensar em Fátimo, melhor uma andorinha na mão que duas a voar, pensou, sorrindo para si, presumindo-se requestada por dois homens, não pescadores nem operários, ou filhos de lojistas, como em Sesimbra, Maria Augusta desejava comer sopa de fitas, na rua, ao balcão de um *coulau*, d. Natália perorou, tanta canja portuguesa lá em casa e vimos à rua comer uma sopa estranha, não me parece muito católico, Fátimo gracejou, piscando o olho a Maria Augusta, fazendo uma carantonha medonha, como se desejasse assustar-lhe a mãe, nada aqui há de católico, d. Natália, aqui tudo é ímpio e pagão, todas estas ruas e festas são heréticas, e no entanto mal não têm, seres humanos convivendo com seres humanos, d. Natália não gostara, não respondera, não via o momento de regressar à normalidade cristã de Sesimbra, terra abençoada onde havia sopa de peixe e

caldeirada, missa das dez de domingo e escola pública com Religião e Moral Católicas, bastavam-lhe para se sentir acomodada e feliz, à porta das lojas mudavam-se de mãos dólares de Hong Kong e patacas, quem devia pagava, quem recebia tornava-se gracioso, fazendo descontos, avós e pais distribuíam envelopes encarnados a netos e filhos, alguns até a amigos, donos de loja a empregados, Fátimo explicava, os *laisi*, envelopes com dinheiro doados a familiares e servos, dão conta da prosperidade de quem doa e da humildade e gratidão de quem recebe, a quem mais der mais lhe será devolvido pelos deuses ao longo do ano, d. Natália arrebitara o nariz, fora um dos seus protestos, o cheiro intenso a frituras, um óleo fervido e refervido, admirava-se, nada lhe cheirava, nem a óleos requentados nem a vapores recozidos, Fátimo tinha lido num livro inglês comprado na livraria do senhor Ângelo que toda a comida fora cozinhada previamente, o uso de cutelos, facas e garfos podia acarretar sangue, mesmo involuntário, abominável prenúncio de um ano horrível, entre dores e doenças, ou queimaduras de pele, até de morte, ano de sofrimento para a família, Fátimo explicou, presumem que a manipulação de facas poderá agredir o espírito de um antepassado que invisivelmente os acompanhe nestes dias, este não deixaria de se vingar, infestando o ano de maus acontecimentos; nos becos, amontoavam-se restos de caixilharia de janelas ou de portas, reboco quebrado em blocos, azulejos partidos ou tijolos castanhos esmigalhados, pernas desconjuntadas de cadeiras, vidros rachados, tudo jogado fora, substituído por novo, para que o ano se iniciasse sob o signo do limpo, do lavado, do pintado, do novo, e o destino dos seus donos se cumprisse benevolentemente, altarcinhos devotos dispostos às portas das casas atravancavam os passeios, os familiares que iam chegando depunham nos altares atalhados de seda brilhante as oferendas ao espírito dos antepassados e aos deuses, tigelinhas de fruta, frangos e patos assados completos, com cabeça, que enojavam d. Natália e fazia sorrir Maria Augusta, leitõezinhos assados escorrendo manteiga vermelha, cartuchos de legumes e cereais, algumas das oferendas eram postas de lado, levadas ao templo, bater cabeça, acender pivetes e ofertar comida em honra dos deuses, abençoassem a família, afastassem doenças, atraíssem saúde e dinheiro, prosperidade, milhares de pivetes queimavam-se publicamente, às portas, às janelas, nos altarcinhos familiares, nos templos, purificando o ar com aroma de sândalo, Fátimo arrastara a família Castanho para o balcão exterior de um *colau*, uma lojinha de comidas de um chinês, por si frequentada inúmeras vezes com Herculano, até com Siu Lin, quando a levara a visitar o bazar, o patrão afastou os dois empregados, recebeu Fátimo sorridente, uma honra neste primeiro dia, agradeceu a Fátimo, augúrio de um ano de felicidade, obrigado, Fátimo sensibilizou-se com as palavras aportuguesadas do velho patrão, de lunetas do século XIX e barbicha pontiaguda, parecia um velho sábio Ming, pediu *lo-pak-kou*, pudim de cogumelos, e um prato colectivo de vegetais e algas secas, o *tcháí*, apreciado pelos monges budistas, explicou a

Maria Augusta, esta experimentou com alegria, manipulando os pauzinhos como uma mestra chinesa, depôs a outra mão sobre a de Fátimo, d. Natália olhou de viés para as três travessas e o conjunto de pauzinhos, não pode ser bom o povo que não come com garfo e faca, disse, carão franzido, negou com a mão alçada, aberta, comeria em casa, Maria Augusta insistia, levava duas algas acastanhadas perto da boca da mãe, esta cerrara os lábios, não, já disse que não, como se algo de impuro lhe rasasse os lábios, Fátimo, brincando, alçara uma algazinha na ponta dos pauzinhos, ofertara-a ao busto da divindade deposto sobre a porta da loja, *Chao Van*, o deus da cozinha, a mais antiga das divindades protectoras da família, Maria Augusta repetiu o gesto de Fátimo, d. Natália increpou-os, intimidou-os a confessarem-se no sábado seguinte, garantiu à filha que não comungaria a seu lado se esta não se confessasse, resmungou, apontando para os dois jovens, idólatras, Fátimo e Maria Augusta riram-se muito, apertando as mãos mutuamente, Maria Augusta, os olhos brilhantes, os málares vermelhos, a cara sorridente, jubilosa, pensa, Fátimo, mesmo que fisicamente menos atraente, seria mais amável como marido do que Herculano, trar-lhe-ia presentinhos ao fim do dia, Herculano demasiado sério, muito político, protestando que a sua família não deveria ter sido expulsa de Macau há trezentos anos, como se hoje isso tivesse importância, frequentava a igreja só pelo Natal e pela Páscoa, como os cripto judeus, fora o que os pais lhe tinham dito, Maria Augusta sorria abundantemente para Fátimo, os lábios escarlates, a ponta da língua entre os dentinhos brancos, dava saltinhos de alegria e encostava-se ao peito de Fátimo sempre que uma montanha de panchões explodia no céu, afugentando o ano velho, saudando o novo, um grupo de chineses trajados de laranja afluíam, sentavam-se no chão, à entrada das lojas, pediam travessas de ostras, só podiam comer ostras nesse dia, animal sem alma, serviam-se delas com fartura segundo a crença budista, quebrando a abstinência de carne, Fátimo levou a família Castanho para um recanto, fumavam um cigarro, Fátimo e João Rodrigues Castanho, admirando os galos assados depostos pelas patas às portas dos *coulau*, a cabeça com crista a dar a dar, Fátimo comprou uma tangerineira anã para ofertar a d. Natália, que agradeceu, incomodada pelos vendedores de crisântemos de todas as cores, símbolo de alegria, presente e futura, grupos de chineses instalavam-se às janelas a jogar *mahjong*, multidões atravessavam o bazar em direcção aos pequenos casinos da Praia Grande, Maria Augusta comprara uma refinha a uma menina, desenrolara-a, caracteres chineses, Fátimo buscou quem fizesse a tradução, o dono de um *fantin* traduziu, rindo-se, ironizando, convidando o grupo de portugueses a entrar, «A felicidade está à sua porta. Abra-a», apontou para a porta do restaurante, mas Maria Augusta, meditativa, interpretou de outro modo, olhou meigamente para Fátimo, este fixou-lhe o olhar, pensou que Maria Augusta daria uma boa esposa, peito anafado, pernas fortes, tronco roliço, algum dinheiro, um óbice, porém, não lhe apetecia regressar a Lisboa, menos a Sesimbra, terriolas limitadas, queria

ficar em Macau, ter a seu lado Siu Lin, como uma presença aconchegante, inspiradora, zeladora, sabia, tinha a certeza, Siu Lin era a porta da sua felicidade, mas não se atrevia a viver com ela, uma menina, um escândalo; a João Rodrigues Castanho apeteceu-lhe jogar num casino, desses de andar único, que abrem nos dias de passagem de ano para os funcionários públicos, autorizados a jogar nestes dias, só nestes, sob pena de perda do emprego, d. Natália recusou, proibiu o marido, a filha, sabemos quando entramos no vício, não sabemos quando dele saímos, uma tentação, seria o segundo pecado dessa noite, nem pensar, aliás, o terceiro, ter vindo ao bazar já foi um pecado, um olheiro chinês aproximou-se de Fátimo, convidou-o a ir a um certo casino, Fátimo afastou-o, não lhe recebeu o cartão, o olheiro recalculou, falando mais alto, um convite para uma visita a um canidromo particular, corridas de cães, puxou a manga do casaco de Fátimo, e combate de galos, Fátimo virou-lhe ostensivamente as costas, disse três palavras em inglês, simulando só falar esta língua, o olheiro afastou-se, vira um casal de portugueses ao longe, as ruas tinham-se enchido com uma multidão descontrolada, de olhar no horizonte escuro do céu, aceso no estrondear iluminante dos panchões, papéis vermelhos de bom augúrio tombando sobre a cabeça dos passeantes, um grupo de cantadeiras solfejava do primeiro andar, as *pei-pa-chais*, atraíam os jovens chineses para as «casas de flores», prometendo uma noite de amor, os bombos da dança do dragão ouviam-se ao longe, na alameda da Praia Grande, os ensaios para o cortejo do dia seguinte, tinham passado por lá à saída de casa, montava-se a longa cauda de cetim e as escamas doiradas e prateadas do bicho medonho, sustentado por trinta homens, a espaços de cinco metros, Fátimo impressionou-se com a larga cabeça do dragão, cabeça feroz, amedrontante, olhos vivos, aterrorizantes, repulsando o ano velho, para que o novo se iniciasse imaculado de medo, vamos lá, disse Maria Augusta, d. Natália recusou, estava cansada, exausta, os pés num trambolho, identificava a grande festa das famílias chinesas com a feira popular de Sesimbra em Agosto, todos a comerem, todos a rirem-se, no dia seguinte trabalho, é sempre o mesmo, cores, sons, muito som, luz, muita luz, simulam uma vida que não existe, diz, amanhã estarão todos a trabalhar como servos, Maria Augusta declarou ser o carnaval deles, Fátimo lembrou-se dos seus alunos, vira dois ou três, com as famílias, acenara-lhes de longe, pensou nos seus apontamentos, a questão a que tentaria dar resposta quando regressasse ao casarão de d. Lina, como é possível criar a ilusão de uma história portuguesa gloriosa sabendo-se que Macau foi feita por facínoras, aventureiros, mercadores enriquecidos à força, o grande problema histórico de padre Joaquim Caetano, segundo Fátimo, um pequeno palco improvisado atraiu Maria Augusta na 5 de Outubro, opereta chinesa, disse, d. Natália já vira, uma noite, no Teatro D. Pedro V, não gostara, desconchavada, voz de falsete, drama pecaminoso de mulheres.

MARIA AUGUSTA

*Por ti nunca chorei nenhum ideal desfeito.
E nunca te escrevi nenhuns versos românticos.
Nem depois de acordar te procurei no leito
Como a esposa sensual do «Cântico dos Cânticos».*

Camilo Pessanha

Memorável data, a noite de Natal de 1945, ano final da Segunda Guerra Mundial, Fátimo e Maria Augusta estreitaram definitivamente as suas relações, casar-se-iam em meados do ano seguinte. Fátimo e Herculano tinham sido convidados para passar a consoada em casa de João Rodrigues Castanho, d. Lina, habituada a uma severa solidão, presentes os dois amigos ao jantar nos restantes dias do ano, não levara a mal, no ano anterior os dois jovens tinham passado o Natal com ela e fizera-os prometer que não se deveriam sentir obrigados a passar aniversários e festejos em sua casa. Fátimo casou-se com Maria Augusta em 13 de Maio do ano seguinte, dia de Nossa Senhora de Fátima, e desde então a festa de Natal realizou-se no andar alugado do casal à Rua Nolasco da Silva.

Não houve, nunca houve amor por parte de Fátimo, e da parte de Maria Augusta apenas uma leve vibração física a que não sabia se podia chamar amor; paixão forte e amor duradouro, sim, por Herculano, cuja timidez e porventura vergonha e desprezo pela sua pele timorense e os seus olhos rasgados indianos impediram que confessasse o seu intenso amor por Maria Augusta. Com Fátimo, Maria Augusta sentia uma agitação adolescente sempre que este entrava na casa da Estrada do Repouso com um embrulhinho de prendas para lhe oferecer ou lhe contava histórias da vida de escritores mal-amados. Maria Augusta ostentava um corpo roliço, as pernas musculadas de quem passara a infância na Praia da Fortaleza, em Sesimbra, auxiliando primos e tios na faina da recolha dos barcos no areal, o seu rosto banhado por um misto de candura, ingenuidade, lealdade e brandura, os seus olhos expeliam raios bondosos de luz, uma luz suave e amiga, inocente, que intimamente prometia gestos de doçura e socialmente acções ilimitadas de

caridade, nela não existia perversidade, más intenções ou má-fé e, por isso, atormentava-se por amar Herculano e por se sentir atraída por Fátimo, eram límpidos os seus desejos, se pudesse escolher livremente e livremente ter a última palavra, escolheria Herculano; pressentia, porém, ser difícil a vida ao lado de Herculano, que insistia em regressar a Díli, terra mais no fim do mundo do que Macau, sem casinos, um só hotel, sem cafés modernos, restaurantes, estradas alcatroadas, não se podia beber água da torneira, Maria Augusta não se sujeitaria a tamanhos sacrifícios, Fátimo prometia levá-la para Lisboa, seria a esposa do senhor professor, colegas de Fátimo iriam a sua casa beber chá, convidados para algumas festas, quem sabe Fátimo não chegaria a reitor, Maria Augusta não queria desterrar-se no sertão de Díli, queria ter uma casa idêntica à dos pais, em Sesimbra, mesa farta, uma carrada de filhos, a casa cheia, uma porta aberta a amigos e familiares, porventura um pequenino carro para levar e buscar os filhos à escola, uma criada ou mesmo duas, não se via a matar-se a fazer camas, lavar louça e roupa, passar a ferro. Fátimo, filho de duas mães, um lar próprio miserável, outro de casa abastada, sentiu-se atraído pelo calor burguês e doce da família de Maria Augusta, aqueles lábios que se entreabriam em suspiros, o pescoço largo sobre um peito proeminente, a insinuação de nádegas carnudas sob o frisado da saia, o remanso da família Castanho, horas certas para almoçar, horas certas para jantar, as camisas perfeitamente vincadas do pai João Rodrigues, sábado de manhã para compras maiores, a tarde para a lavagem da roupa e a aspiração dos tapetes, noites exactas para ir ao cinema, dia mensal para ir à modista; Fátimo sentiu-se atraído, mais do que por Maria Augusta, pelo doce consolo de um soalho encerado e de uma casa farta à sua espera, um sofá fofo para as leituras dos clássicos com uma prancheta para corrigir os exercícios dos alunos, uma casa onde à noite pudesse contemplar, do terraço, do quintal ou apenas da varanda, as estrelas cadentes, mirando na baía os jogos de luzes dos juncos chineses; depois, pousaria o braço no ombro de Maria Augusta, beijá-la-ia cálida mas serenamente, buscando ambos o sossego do sono retemperador. De ombros vergados pela memória da família que nunca tivera, Fátimo não buscava em Maria Augusta a paixão ardente, que absurdamente devotava a Siu Lin, mal esta entrava na sala de jantar com uma travessa de coelho frito em manteiga e lhe sorria, acabara de aprender a fazer aquele prato, fizera-o em especial para o senhor Fátimo, este sentia-se levitar, possuído por uma violenta erecção, escondida sob a toalha franjada da mesa com desenhos da China imperial; Fátimo buscava em Maria Augusta a delicadeza de vida, a companhia amiga para as coisas difíceis, uma mulher suficientemente manhosa para lidar com os fornecedores chineses, que vendiam os molhos de crisântemos ao preço das hortênsias ou das criptomérias.

D. Natália não conseguira um pinheirinho para árvore de Natal, os que tinham vindo de Lisboa tinham-se esgotado num ápice, substituiu-o por um

cedro pequenino, triangular, que ocupava o centro esquerdo da sala de jantar, flocos irregulares de algodão em rama fingiam de neve branca, entre os ramos do cedro tinham deposto os postais de Natal dos primos e dos tios de Sesimbra, ao cimo uma estrela dourada de papelão lembrava a promessa de Belém espalhada por todo o mundo aos homens de boa vontade, um presepiozinho de figuras natalícias bordejava a base da árvore, forrada com papel de lustro azul e verde, imitando o musgo divino do estábulo, que não existia em Macau, Herculano brincara, as figuras tinham os olhos oblongados, até a vaca e o burrinho, um ruído nocturno de fundo anunciava a velhice da casa, o caruncho, entremeado nas madeiras do soalho e do tecto, revelava que, mesmo nas noites mais festivas, a ruína, a decadência e a morte se faziam presentes, d. Natália, agitada, comandando Maria Augusta e as duas criaditas chinesas, sentara-se, barafustando contra as velhacas das varizes, levava a mão ancha ao peito, o coração cansado, protestava, se me apanho na minha casa de Sesimbra julgo que é mentira, Maria Augusta lançava o olhar ao lustre de falso cristal, mirava Herculano de lado, Fátimo de frente, sabia que este não queria regressar à metrópole, dispusera-se a ficar em Macau por uns anos, ela não se importaria, caso Fátimo se declarasse, ansiava por que Herculano não o fizesse primeiro, forçá-la-ia a decidir entre um dos dois amigos, não seria capaz de dizer não ao homem que amava, sofria ocultando a sua paixão, mas Herculano não seria homem para ela, os pais já lho tinham dado a entender, Díli não é cidade para ti, mal a paixão esfriasse emergiria o deserto, uma vida no deserto, preferia ficar em Macau, seguir Fátimo para Moçambique, depois retornar a Lisboa, ou partir para Angola com ele, grandes comunidades de brancos, bailes ao sábado à noite, cinema, cervejarias, a comunidade portuguesa de Díli era constituída por antigos operários anarquistas degredados de Lisboa e capitães do exército, Herculano ajeitava as figurinhas achinesadas do presépio, João Rodrigues Castanho queixava-se, a guerra dera cabo do Natal, o gás fora racionado, justificava-se, ligando um velho fogão de sala a lenha e carvão, os cortes de luz tinham-no obrigado a comprar fogareiros de petróleo, nem água quente para o banho se consegue, mandara instalar umas caleiras nas quatro-águas do telhado para aprovisionar a água da chuva, felizmente esta não falta d. Natália levantara-se, atravessara a sala, pernas grossas, tremelicando o soalho, chocalhando as louças, Fátimo passou a polpa do dedo indicador pelas comissuras dos lábios de Maria Augusta, migalhas de rabanada, disse, Maria Augusta corou e sorriu, Fátimo sentiu o bafo da boca quente e húmida de Maria Augusta, a pele trigueira e lisa das faces, a pelugem do cabelo sob o lóbulo da orelha direita, desejou-a, Maria Augusta afastou-se, olhou para Herculano, que baixara a cabeça, envergonhado da intimidade de Fátimo e Maria Augusta, esta olhou para Fátimo, um olhar líquido, aveludado, não ardente, mas fisicamente desejoso, o corpo de Fátimo atraía-a, não tanto quanto o de Herculano, de músculos vincados e pernas hirtas como os mastros dos juncos, apenas um desejo carnal, que a satisfazia quando à noite

se deitava, Fátimo fingiu ajudar Maria Augusta e depôs a sua mão na dela, sentiu-a tépida, leve, ligeira, sem resistência, Herculano encostara-se à jardineira do canto, escutava o tiquetaque do relógio de sala, Maria Augusta, perturbada, informava Fátimo ser a mãe quem dispunha das flores em casa, ela não, Fátimo insinuou, e quando a Maria Augusta tiver uma casa só sua, esta corou de novo, respondeu, gostava de ter um jardimzinho só para mim, aqui também sou eu quem cuida do jardim, apontou lá para fora, através da janela, d. Natália tinha galinhas, o marido fizera-lhe uma capoeira no quintal das traseiras, as galinhas tinham comido as sementes dos renques de hortênsias, Maria Augusta envergonhava-se dos hábitos rurais da mãe, Fátimo perdoava-lhe, dizia, iam comer um vasto peru que d. Natália alimentara durante três meses, só por este lauto banquete de peru assado está perdoada, disse, rindo, Maria Augusta arranjava a mesa, despejava avelãs, nozes e passas europeias de saquinhos chineses para taças, desconhecia-se como os chineses tinham conseguido importar avelãs da Baviera, Herculano elucidou, contrafacção, Fátimo não acreditava, conheciam lá eles Munique, não pode ser, João Rodrigues Castanho aventou uma solução, estavam fora de prazo, ou quase, os alemães venderam-nas em grande quantidade para a África do Sul ao preço da uva mijona, os chineses foram comprar os saquinhos a Pretória, boa solução, disse Fátimo, Maria Augusta depunha broas de mel em pratinhos, pastéis de nata portugueses, era o que havia, o resto fazemo-lo em casa, Maria Augusta tinha feito as filhós, as rabanadas, os coscorões, havia um bolo-rei desconchavado, imitação macaense do costume português, faltava o peru para se iniciar o repasto, tostava no forno de lenha, d. Natália advertira, seria servido sem cabeça, contra os costumes de Macau, Fátimo imaginava-se sentado todas noites na quentura amável de uma casa semelhante, as conversas despreocupadas; porém, se avançasse com o casamento, não dispensaria Siu Lin, levá-la-ia consigo, d. Lina não iria gostar, afeiçoara-se à menina, tratava-a como a uma filha, ensinava-lhe tudo, obrigara Fátimo a ensiná-la a escrever e a falar português, Herculano, entristecido, perguntara delicadamente se havia comida chinesa, Maria Augusta respondera que não, a mãe não gosta de comida chinesa, d. Natália confirmava, os molhos, apontava para a barriga bojuda, dilatam-na, fazem-me gases, agoniam-me os cheiros, o marido mandava-a calar, que modos são esses, falar assim à frente de distintos convidados, Herculano levantou a mão como se dissesse, não faz mal, Fátimo sorria, Maria Augusta dizia haver uma surpresa, Fátimo interessava-se, d. Natália alegava, em honra da terra que nos recebeu e, quem sabe, selará o nosso destino, olhando para Maria Augusta e para Fátimo, umas saladas chinesas para acompanhar, Maria Augusta fizera uma sopa de entrada, Fátimo elogiou, menina prendada, d. Natália enfatizou, muito prendada, quem a levar leva um tratado de cozinha, ora, mãe, clamou Maria Augusta, quem me levar, que disparate, parece que sou uma mercadoria de troca, a mãe insistiu, ora, quem te levar leva uma boa dona de casa, o pai Castanho interrompeu, que sopa, ora, pai, não me atrevi a

ninhos de andorinha nem a barbatanas de tubarão, d. Natália arrepiou o nariz, enojada, uma sopa de algas com legumes, o mais simples, juntei um quilo de brócolos, Fátimo interessou-se, e o segredo da sopa, Maria Augusta respondeu, rindo-se muito, o picantezinho, que em Lisboa não usamos, muito pimento vermelho, muito, muito, muito, um pouquinho de gengibre, e a massa chinesa, a aletria, vão gostar, Fátimo entusiasmou-se, vou gostar de certeza, posso experimentar já, só uma tacinha, uma tigelinha, e mal o disse, assim deste modo, carregado de diminutivos, percebeu a sua ânsia em casar-se, criando por si o que os seus pais não lhe tinham dado, devia pensar maduramente se o desejo físico que sentia por Maria Augusta seria suficiente para suportar um casamento, não era preciso pensar, sim, se tivesse Siu Lin por perto, não duvidava, Maria Augusta fora à cozinha, dera ordens, as criaditas entraram na sala, uma transportava uma larga e bojuda saladeira de vidro, d. Natália disse, a minha salada, em honra de Macau, rebentos de soja com cogumelos em vinagrete, muita rúcula, alguma alface, outra uma vasta terrina de sopa, fumegante, a concha sobressaída, d. Natália avisou, cuidado com o picante da salada, embebi os rebentos de soja em vinagre inglês, d. Natália concluiu, tudo amargo, tudo ácido, não é para mim, o meu estômago não aguenta, meu Deus, saio desta terra cheia de..., ia dizer gases, olhou para o marido, a palavra trancou-se-lhe na boca, substituiu, ventosidades, Herculano finalizou, flatulências, d. Natália, isso, disse a senhora, e azia, muita azia, a Maria Augusta entretém-se a fazer experiências, pede para eu provar, ó mãe, reclamou Maria Augusta, a senhora levantou a voz, aquelas sopas horríveis, a *van* qualquer coisa, Maria Augusta riu-se, *wan-tan*, João Rodrigues Castanho elogiou as sopas da filha, melhores do que aquelas que mandamos vir dos *fantin*, garanto, levou os dedos aos lábios, espichando estes, abonando a mestria sopeira da filha, sentaram-se à mesa, d. Natália pediu que se rezasse o pai-nosso, todos o fizeram seguindo a voz canora de João Rodrigues Castanho, este levantou-se, queria brindar, possivelmente seria o último Natal em Macau, Maria Augusta desgostou-se, abanou a mão ostensivamente, indicando a Fátimo que não queria regressar a Sesimbra, terra apática, desinteressante, o pai Castanho foi taxativo, a tua mãe não aguenta outro ano, os nervos estalam-se-lhe com as monções, cai à cama, já a conheço, o contrato acaba em Agosto, partiremos, d. Natália justificou-se para Fátimo e Herculano, o coração sai-me da caixa, o malandro, em palpitações crescentes, Herculano não conhecia esta expressão, não se usava em Timor, Maria Augusta pensou, o que se usará em Timor, d. Natália explicou que tinha o coração maior do que a caixa, Herculano perguntou, que caixa, d. Natália, confundida, pensara ter sido clara, respondeu, a caixa que envolve o coração, Herculano abriu a boca, ia replicar, Fátimo deu-lhe um pontapé por baixo da mesa, calou-se, mexendo a salada no prato que a criadita servia, aspirando o odor a vinagrete, elogiando aquela, as criaditas iam servindo, sopa, salada, peru, batatas assadas no forno de lenha, d. Natália prometera-lhes um *laisi* a cada uma, umas pataquitas, para elas, mais

do que o dinheiro contava a honra de terem servido dois distintos professores portugueses, fora assim que d. Natália as conquistara, dois sábios europeus que vêm cá a casa, não podiam perder a face, enganando-se na ordem, no serviço, Maria Augusta protestava, estamos tão bem em Macau, nunca vivemos tão bem, até vamos ao teatro, e, olhando para Fátimo, disse para os pais, se eu pudesse ficava mais tempo em Macau, depois iria para outra colónia, ver o mundo, Fátimo replicou, exactamente o que eu desejo, percorrer as capitais das colónias portuguesas, bem, quase todas, Maria Augusta estava de acordo, sim, quase todas, algumas serão tão provincianas que não vale a pena, esteve quase a citar Díli, mas calou-se, não queria ofender Herculano, afinal o grande amor da sua vida, que o interesse abafava, não, casar-se com Herculano seria uma aventura a que não se podia submeter.

Fátimo casou-se com Maria Augusta quatro anos e meio depois de ter chegado a Macau, nunca se arrependeu, foi feliz sem saber o que era a felicidade, Maria Augusta tornou-se o que sempre fora, uma apuradíssima senhora no foro doméstico, não mais Fátimo soube o que era chegar do liceu, querer água fresca e não ter, chá quente no bule ou café na cafeteira e ter de os fazer, Maria Augusta disciplinara os fornecedores da casa, uma tabela de horas e dias em que poderiam subir ao terceiro andar e vender os seus produtos, se aparecessem fora do horário não os recebia, conseguira cereais e legumes frescos directamente de uns agricultores chineses das várzeas da Porta do Cerco, atravessavam a cidade num charrueco desengonçado de rodas de madeira, Fátimo recebia o chinês, de chapéu de palha entrelaçada e tronco nu, uma longa trança a cair sobre as costas, como Fátimo figurava os antigos chineses fotografados pelas revistas do princípio do século, o leiteiro vinha dia sim, dia não montado numa pasteleira, uma velha bicicleta reduzida ao selim, aos pedais, às correias e ao guiador, arrastando atrás uma giga de bambu carregada de vasilhas de louça de um leite espumoso e nácteo como Fátimo nunca vira, Maria Augusta recebia o leiteiro no talhão do quintal do prédio onde alegremente cultivava couves, alfaces, tomates e feijões, Fátimo via da janela o leiteiro verter em arco estudado e praticado o leite sumoso para os dois jarros de vidro de Maria Augusta, sorria, nem um pinga para a terra, e aprovava o seu casamento, torradas com compota de tomate e leite fresco pela manhã, à noite um café forte, apetitoso, cheiroso, Maria Augusta, agora d. Maria Augusta para os vizinhos, transplantara do quintal da Estrada do Repouso a tangerineira anã que Fátimo oferecera a d. Natália e trouxera as galinhas e os coelhos da mãe; um chinês velho, do bairro de Cheok Chai Un, trajando calças de serapilheira remendada sobre os pés descalços, vinha tratar da bicharada duas vezes por semana e matar uma galinha por mês, chegava lentamente, abanando a velha trança asiática, dura como cordão de navio, um rolo de pano velho vermelho no pescoço, sustentando o *tám-kón*, um varapau de

pau-da-china com uma bilha bojuda de barro vermelho poroso em cada ponta, cuidava da bicharada, migava as couves de Maria Augusta numa taça de metal, misturava-as com sêmola, distribuía umas cenouras arcaicas e raquíticas pela coelhada e partia com a mesma lentidão oriental, Fátimo via-o afastar-se, por vezes sentava-se o velho na berma da rua, sugando uma tigela de arroz branco, contemplando quem passasse como se ninguém passasse.

Os pais de Maria Augusta tinham regressado a Sesimbra após o casamento da filha, d. Natália rogara para que o marido não renovasse o contrato, dizia-se pior dos seus achaques, mostrando as varizes grossas como cordoveias, queixando-se de arrepios no peito, na zona do coração, d. Natália chorara desesperadamente ao separar-se da filha e ali, no cais do Porto Interior, no derradeiro momento da despedida, confessara o que lhe fazia tamanho medo em Macau, os tufões, que, jubilosamente, nunca sofrera. A prenda de casamento dos pais de Maria Augusta fora longamente debatida com Fátimo, João Rodrigues Castanho queria oferecer dinheiro, um depósito no banco, explicava, ficavam sozinhos, o casal, um socorro, para uma aflição, o dinheiro está lá, facilita tudo, Fátimo recusou obstinado, dinheiro vivo não aceitaria, os seus princípios não lho permitiam, parecia um dote antigo, estaria a comprar-lhe a filha, não, não aceitava, Fátimo percebeu que jogava a aceitação definitiva na família, mostrar-se-ia superiormente honesto, dinheiro do sogro não queria, João Rodrigues Castanho pensou maduramente e decidiu oferecer a mobília da nova casa, toda, d. Natália, ladina, piscou o olho, quando regressarem vendem-na, embolsam o dinheiro, Fátimo embatucou, sentia-se embaraçado, dinheiro era um instrumento, não um valor em si, os sogros pensavam o contrário, suavizavam a conversa, convinha não desprezá-lo, Fátimo aceitou a mobília, um valioso auxílio, se contasse apenas com o seu ordenado teria de alugá-la, compraria a mobília do quarto e os apetrechos da cozinha, teria de alugar o restante, a sala de jantar, a sala de estar, Siu Lin dormiria na despensa, larga, ao lado da cozinha, junto à pequena marquise, um enxergão, levantado e encostado às prateleiras durante o dia. João Rodrigues Castanho, ao fim de duas semanas de discussões nocturnas com a filha, encomendou os móveis por catálogo a uma firma de Hong Kong, que os recebia da Suécia, em peças avulsas, encaixotadas em blocos, montadas com facilidade, três fins-de-semana tinham demorado Fátimo, Maria Augusta e os pais a montarem-nas na nova casa, Herculano afastara-se dos dois amigos mal soubera do seu casamento, João Rodrigues Castanho tinha feito uma surpresa ao genro, encomendara uma papelreira que faria as vezes de secretária enquanto Fátimo não comprasse a que desejava, uma antiga, como a secretária do senhor Ângelo da livraria, madeira portuguesa de nogueira, gavetas laterais, tampo marchetado com entalhes de couro verde, pernas espiraladas findadas em patas-de-leão, Maria Augusta dera gritinhos quando desembrulhara as cinco

peças, Fátimo afeiçoou-se à escrivadinha ou papeleira, como era designada no catálogo, o espaço exacto para encostar o braço pousado sobre o papel, os dois livros de consulta para a preparação das aulas à sua frente.

Nesta escrivadinha, Fátimo registou por escrito, durante vinte anos, em cadernos pretos, apontamentos desenvolvidos sobre a sua vida pessoal, a sua infância, a vinda para Macau, as impressões sobre a cidade, as longas conversas com Herculano, as reflexões sobre a vida de padre Joaquim Caetano, a relação subterrânea com Siu Lin. Fátimo fechava a gavetinha à chave, que guardava no bolsilho do colete, nunca se esquecia dela, Maria Augusta não podia ler aqueles apontamentos nada ficcionados, ali guardava Fátimo a verdade da sua vida, sobretudo a relação que mantinha com Siu Lin, que Maria Augusta desconhecia, pensava Fátimo. No segundo ano de casamento, Fátimo começara a levar a sério a escrita dos seus apontamentos, passara a limpo as primeiras cinquenta páginas, revira-as, corrigira-lhes o português, aprimorando-o, nada misturara de ficção, aquela seria a sua verdadeira confissão, a sua verdadeira vida, relações com pais, com padrinhos, com amigos, com sogros, com Maria Augusta, com Siu Lin; para as primeiras impressões, anteriores ao registo de escrita definitivo, Fátimo escolheu um papel especial na livraria do senhor Ângelo, com marca de água subtilmente impressa em relevo, representando uma flor de lótus, comprava-o às folhas soltas, e caras, providas de Xangai, não queria outras, com elas a memória ressurgia com vitalidade sobre o que de mais importante lhe tinha acontecido na vida, sobretudo o conhecimento de Siu Lin, a «Pequena Flor de Lótus».

Herculano fora duas ou três vezes à nova casa dos amigos, não podia escusar-se, trabalhava todos os dias com Fátimo na sala de professores, tinham turmas em comum, Fátimo convidara alguns colegas a seroar na casa da Nolasco da Silva, um tocava bandolim irlandês comprado num antiquário de Santo António, pertencera a um marinheiro que o trocara por dinheiro para o jogo, já tinha deixado o relógio e a aliança de casamento, um bandolim estranho de oito cordas, de madeira cor de laranja, tocado após o jantar que Maria Augusta prolongava experimentando novas receitas chinesas, o seu entretém do dia, os animais, o quintal, os fornecedores e a confecção das refeições, guardando os restos para o almoço do dia seguinte, experimentara massa com lulas, camarão e cebolas roxas, embebida em óleo de sésamo, com molho de soja, *chop suey* de legumes com muitos, muitos cogumelos, banhados em óleo de soja, só em dias de festa, aniversários de Fátimo e dela própria, se atrevia a fazer o famoso pato à Pequim com manteiga de amendoim e vinho chinês de coco, formavam um pequeno grupo de professores e professoras, tocavam e cantavam, nunca dançavam, uns fumavam, outros liam, Herculano mantinha-se silencioso, Maria Augusta desviava o olhar, media-lhe a majestade do peito delgado, das coxas

espetadas, do pescoço esguio, imaginava-se na cama com ele, satisfazendo-a, Herculano parecia pressentir o olhar de Maria Augusta, queixava-se, alegava dor de cabeça, pontos dos alunos para ver, sempre o primeiro a sair, Maria Augusta tinha boa voz, uma voz de varina, aguda e longa, experimentavam quadras populares:

Esta rua tem pedrinhas
Esta rua pedras tem...
Das pedras não quero nada,
Mas da rua quero alguém.

Um professor recém-chegado, de Castelo Branco, respondia, garganta empestada pelo alto vozear das aulas da tarde:

As pedras da tua rua,
Que tanta pedrinha tem;
Se não fossem os teus olhos,
Não passava aqui ninguém.

Todos se riam, combinavam formar uma tuna no liceu, ou um grupo de teatro, que actuasse ou representasse no Teatro D. Pedro V, o reitor cortava as vazas, só no novo edifício do liceu, perguntavam quando, talvez para o ano comecem as obras, mas as obras nunca mais começavam.

FIM DA GUERRA

*Chorai arcadas
Do violoncelo!
Convulsionadas,
Pontes aladas
De pesadelo...
De que esvoaçam,
Branços, os arcos...
Por baixo passam,
Se despedaçam,
No rio, os barcos.*

Camilo Pessanha

Nada parecia ensombrar a vida de Maria Augusta, Fátimo estranhava, todas as semanas a mulher telefonava ou escrevia aos pais a dar conta da sua genuína felicidade, assim o dizia, embora Fátimo soubesse que Maria Augusta, insatisfeita sexualmente, não podia sentir-se assim tão feliz, Fátimo tudo fazia para a contentar, mesmo quando as quermesses em S. Domingos obrigavam a despesas extra, ou os bazares de caridade em S. Lourenço operavam uma razia nas gavetas das calças e das camisas de Fátimo, não velhas, apenas levemente coçadas do uso, Maria Augusta começara a criar buço, porventura já o teria, mas antes depilava-o com cera chinesa, agora, casada, desprezara esses arranjos cosméticos, relaxara o corpo, a proeminência da barriga emergia sob as blusas escuras corridas, o pescoço evidenciava a antiga pele grossa curtida do sol de Sesimbra, infestada de uns pontilhos pretos na dobra dos cordões de carne, Fátimo olhava para o lado, incapaz de não amar a mulher, de a criticar, mesmo quando as asas do nariz desta se polvilhavam de um radiculado preto que denunciava alguma falta de higiene, uma noite, no quarto, enojara-se quando deslocara o olhar do livro, atraído no espelho do tocador por dois tufo de pêlos pretos sob as axilas, Maria Augusta despiu-se atrás de um biombo, reparou nas coxas peludas e nem os seios fartos de Maria Augusta lhe despertaram o desejo, fixou aquelas coxas peludas na memória como as de uma mulher estranha.

Como sua mãe, Maria Augusta deliciava-se por manias, dava preferência ao chá *Jen San*, uma planta cultivada na Manchúria, rara e caríssima, vendida em farmácias, por vezes Fátimo tinha de o encomendar, pagando adiantado, enquanto não houvesse *Jen San* Maria Augusta não bebia chá, ou bebia-o recalcitrada, como a mulher mais infeliz do mundo, insistia em comprar bacalhau português, que regava abundantemente com azeite português, dois produtos caríssimos; no tempo dos refugiados, Maria Augusta fora voluntária da Igreja de S. Francisco na ilha Verde, ficara apenas um dia, partira de madrugada, regressara ao pôr-do-sol, jurando não mais voltar, os refugiados tinham roubado todo o material dos dormitórios e dos refeitórios, pratos de alumínio, canos, torneiras, lâmpadas, dois mil homens e mulheres, a maioria falando mandarim, ali esperavam a morte; cem entre eles, mais robustos ou mais desembaraçados, vinham ao bazar vender ou trocar os produtos roubados, por vezes trocavam-nos por trabalho, pagavam para trabalhar com a esperança de que, no final, o patrão, gostando deles, os empregasse; os menos doentes vigiavam os mais doentes, estirados no chão, dois e três em enxergão de palha, não os deixavam morrer em paz, roubavam-lhes a roupa andrajosa, as sandálias de pano e sola de pneu, ou os velhos sapatos esburacados de papelão, o chapéu roto de palha, amontoavam os trajes em sacas de serapilheira e vendiam-nos no bazar por atacado para confecção artesanal de papel vegetal, Maria Augusta vira os guardas a acartarem os mortos da noite para as traseiras, nus, uns arrastados em padiolas, outros puxados pelos braços, o corpo a rojar o chão, abandonados ao ar livre ou debaixo de um galpão de telha enquanto os coveiros abriam uma nova vala comum, Maria Augusta sentira-se mal, desmaiara de terror e nojo, não conseguira ajudar, só dera trabalho a outras senhoras voluntárias, filhas da terra. No dia seguinte, deparara com dois cadáveres de chineses à porta do prédio da Nolasco da Silva, ali deixados por familiares, um deles uma criança que não teria mais de uma dezena de anos, a cólera tomara conta de Macau, os portugueses tinham sido vacinados, os familiares traziam durante a noite os corpos mortos do bazar e do bairro de Cheok Chai Un, ou dos campos da Porta do Cerco, abandonavam-nos às portas das casas dos portugueses, furtavam-se assim à inspecção da casa, à queima da cama e das roupas, à defumação do quarto, à ida obrigatória ao médico sanitário, faziam de conta que os mortos eram refugiados, não tinham família, viviam nas ruas, nas traseiras dos restaurantes, catando cascas de fruta lançadas por piedade das janelas, espiolhando o caixote de lixo, ou, os mais velhos, desprotegidos, catando piolhos uns aos outros que comiam avidamente, refugiando-se nas saídas dos canos de esgoto dos dois portos, pesquisando pedaços de comida não diluídos pelas águas. Maria Augusta, desgostosa, refugiava-se no quintal, entre plantas e flores, as galinhas tinham sido roubadas, a capoeira vandalizada, tinham entrado pelo muro encimado por cacos de vidro grosso de garrafa, levado as galinhas e um par de coelhos de

criação, Maria Augusta não quis mais animais, deixara de semear alfaces e plantar couves, roubadas igualmente, desconfiou do vizinho do primeiro andar, uma família de Hong Kong, perdera tudo com a guerra, vivia na miséria, os filhos saíam de manhã para o cais, o pai fingia que ia para o escritório, de mala preta de cabedal, ganhavam algum dinheiro fazendo o que houvesse, os filhos alugavam os braços, o pai a cabeça, escrevendo requerimentos oficiais em caracteres chineses, Maria Augusta dedicou-se às flores, que ninguém roubava nem pisava, e à igreja, de manhã tratava do pequeno jardim, antigo quintal, à tarde enfileirava-se nas beatas da igreja, ora de S. Domingos, ora de Santo Agostinho, raramente ia a S. Lourenço e à Sé, a esta só a missas solenes, a Polícia recebera as queixas dos assaltos ao quintal e arquivara, Fátimo percebera, o polícia abrira uma caixa que dizia arquivo e depositara lá o impresso da queixa, Fátimo dissera a Maria Augusta que a Polícia se interessara, talvez viesse inspeccionar o quintal arrombado, as redes de arame forçadas, talvez não, tinham em mira a suspeita de um grupo de chineses que formavam uma quadrilha de assaltantes de quintais dos prédios dos portugueses, Maria Augusta percebeu que Fátimo inventava, fingiu ter ficado mais sossegada, deu-lhe um beijo no final do jantar, obrigada, para Maria Augusta era importante ter um homem interessado nos seus problemas, ainda que fingisse, fingir já era interessar-se, assim não se sentia abandonada em Macau, se não podia contar com o peito bruto do pai contaria com o peito delicado do marido, Maria Augusta pedia desculpa por não confeccionar carne, mas não havia, vaca, carneiro, borrego, frango, coelho, tinham sido substituídos por carne de crocodilo importada da Austrália, caríssima, bifes de cobra e lombo de cágado, metiam-lhe nojo, Maria Augusta não era capaz de cozinhar aquele tipo de carne, Fátimo falou com Siu Lin e d. Lina, conseguira algumas fatias de pato por semana, que oferecia a Maria Augusta como se lhe estivesse oferecendo um diadema real.

Mal a guerra acabara, Maria Augusta assistira a um episódio tenebroso, que lhe marcaria a vida, forçando-lhe o choro, mesmo em momentos de grande felicidade, como seriam as décadas de 50 e 60, sonhando recorrentemente com o brutal assassinio que presenciara, Maria Augusta fora passear com uma professora portuguesa à Praia Grande, ao Largo do Leal Senado, apresentá-la ao prior de S. Domingos, fora nas arcadas do largo, dirigiam-se ambas a um salão de chá, o único que servia *Jen San*, ao entrarem nas arcadas perceberam uma multidão a fugir para o largo, abrigando-se nas portas das lojas, um militar superior japonês, do regimento ainda não regressado ao Japão, mandara atar as mãos nas costas a um chinês andrajoso, um pedinte, cara enfarruscada, gritava-lhe em japonês que se ajoelhasse, fazia gestos desabridos com as mãos, empurrando o chinês, este não percebia, ninguém sabia o que se passara antes, porventura o mendigo não encolhera as pernas para o oficial japonês passar, não se sabia, sabia-se que não houvera troca de palavras entre ambos, um soldado japonês forçou o

chinês a ajoelhar-se, amparou-lhe a cabeça num plinto de pedra de marcação de estacionamento, os olhos para o chão, o oficial japonês puxou da espada imperial, soergueu-a com as duas mãos, calculou a distância, a pontaria, e desferiu um golpe certo, decapitou o chinês; a cabeça deste, olhos abertos espantados, rolou pelo empedrado de granito das arcadas como uma bola pesada e lenta, o oficial japonês limpou o sangue da espada nas roupas do mendigo, enfiou-a na bainha e prosseguiu em direcção às ruínas de S. Paulo, o soldado atrás, os dois impávidos, como se nada se tivesse passado, indiferentes à multidão indignada mas silenciosa, receosa, a cabeça do chinês espirrando um jacto de sangue pela carótida aberta, rolando, parara exactamente aos pés de Maria Augusta, os olhos pulados fixos nos seus, ou Maria Augusta assim o pressupôs e amparou-se no braço da amiga, não desmaiou, não chorou, como se quisesse dizer à multidão de chineses que uma portuguesa é uma mulher forte, sentiu uma breve vertigem interior de terror e pânico, mas não demonstrou medo para o exterior, um arrepio pelas costas e um suor frio a inundar-lhe espontaneamente a testa, que combateu olhando em frente, afastou-se de imediato, com a amiga, vieram as duas para casa, aqui pôs a chaleira ao lume, preparou-se para fazer torradas e caiu redonda no chão da cozinha, a amiga deitou-a, esperou por Fátimo, Maria Augusta acordou, disse que estava tudo bem e adormeceu de novo, despertou de madrugada a chamar pelo pai.

Chegara de novo o fim do ano lunar, o primeiro de Maria Augusta e Fátimo casados, a escassez desaparecia a pouco e pouco, as lojecas dos chineses e as casas finas portuguesas regressavam à sua habitual fartura, não ainda aos milhões de pequenas geringonças e produtos comestíveis que o bazar oferecia antes da guerra, mas havia já um sortido apreciável, as primeiras cargas marítimas europeias tinham chegado recentemente, garrafas de *whisky* e *brandy* por todo o lado e cigarros americanos, a impressão de Fátimo permanecia a mesma desde a primeira hora, Macau recebia o refugio da Europa, inúmeras latas de marmelada, abundantes caixas de sopa liofilizada, caixotes de atum, de cavala e lulas de conserva, tragadas vorazmente, viam-se latas abertas por todo o lado, nas valetas dos passeios, junto aos caixotes de lixo públicos, os *coulau* serviam sandes de atum a um preço ridículo; fugindo da antiga fome, todos enchiam a barriga de marmelada e atum, as meninas a caminho das escolas iam sorvendo o atum das latas e bebendo o óleo de conserva, Maria Augusta rendera-se à barateza das latas de conserva e em muitos jantares da Rua Nolasco da Silva se serviram sardinhas, lulas e atum com picadinho de cebola, salsa não havia.

Fátimo e Maria Augusta foram ao Porto Interior admirar as bandeirinhas nos mastros das embarcações de pesca e a feira popular de inscrições coloridas auspiciando paz e prosperidade no ano novo, paz e prosperidade, as duas palavras chinesas que atravessavam os cabeçalhos dos jornais, de

Macau a Hong Kong, a paz fora conquistada à custa de inúmeros sacrifícios, que exauriram as poupanças do território e dos macaenses, faltava a prosperidade, que todos ambicionavam, Maria Augusta dava saltinhos de contentamento e temor, fechando os olhos, levando as mãos aos ouvidos sempre que estoiravam panchões no céu, por vezes inúmeros seguidos, como trovões artificiais, não gostava daquele costume, muito ruidoso, Fátimo explicava-lhe pela milésima vez que o barulho caótico e ensurdecedor se destinava a assustar e afugentar os espíritos malignos para que o ano novo se iniciasse limpo e benigno, as janelas e as portas da 5 de Outubro infestavam-se de papéis vermelhos com inscrições votivas, exprimindo, de novo, os desejos de paz e prosperidade, faustosas colchas carmesim penduravam-se dos varandins de madeira, na Rua da Felicidade os balões vermelhos e as lamparinas de louvor aos antepassados decoravam as portadas das casas de amor e no Largo do Leal Senado vendedeiras de flores e raízes de árvores, símbolos da beleza e da fertilidade, ocupavam o centro, transformando a praça numa feira rural como havia muito não se via em Macau, famílias compravam crisântemos e tangerineiras anãs, e inúmeros ramos de pessegueiro, Maria Augusta fugia do Leal Senado desde que vira o pedinte chinês ser decapitado por um oficial japonês, Fátimo torneou a praça, subiram a S. Domingos e a S. Paulo, inundados de barraquinhas improvisadas, decoradas com talismãs de bom augúrio, atraindo a sorte, repelindo o azar, muitos pais de família compravam novos amuletos para decorarem o interior da casa, substituindo os antigos talismãs, envelhecidos durante a guerra, a paz forçara a renovação da panóplia de objectos encantados protectores da boa saúde, Fátimo e Maria Augusta juntaram-se a Herculano e a colegas do liceu no Hotel Central para jogarem *fantã*, Fátimo perdia consecutivamente pequeníssimas quantias, que Maria Augusta recuperava, contrabalançando o orçamento, lucrando o suficiente para almoçarem no hotel duas travessas de lagostins do mar com amêndoas e molho grosso de fécula de milho, finalizadas com uma bandeja de cubinhos de coco com gelatina, saíram do hotel ao crepúsculo, iluminados pela claridade feérica das explosões dos panchões, as janelas das casas chinesas tinham-se aberto para a entrada do novo ano, ao fundo abria-se a porta das traseiras, a saída do ano velho, as famílias prestavam culto aos antepassados nos altares domésticos, nublando a casa com fumo de pivete de sândalo e ervas aromáticas, os pais recebiam os filhos, estes reverenciavam-nos, agradecendo-lhes a vida, os conselhos, a sábia educação, os pais retribuíam passando-lhes para as mãos os *laisi*, envelopes encarnados com dinheiro, este ano magros devido à guerra, mas nenhum pai deixava de o fazer, no dia seguinte a família iria em cortejo ao pagode ofertar comida e dinheiro ao deus, bater a cabeça, acender pivetes, queimar papéis votivos, antes da grande refeição familiar que se prolongava por dois dias, Fátimo e Maria Augusta foram à missa do meio-dia, a Santo António, a missa fina das famílias antigas do bairro, saíram ao som de panchões rebentando, estalando

no ar, ferindo os céus húmidos, a homilia do sacerdote franciscano foi pobre, repleta de dúvidas sobre a oportunidade das festividades chinesas, deveriam os cristãos celebrar, participar, assim o perguntara, deu uma resposta dúbia, uma voz sussurrante, como se estivesse a revelar um segredo, Maria Augusta não percebera, ficara indecisa, Herculano juntara-se-lhes à saída da missa, envergonhado, cabeça baixa, Fátimo olhava-o nos olhos, esperava que o amigo lhe dissesse um dia que era contra o seu casamento, Maria Augusta devia ter-se casado com ele, não o fizera devido à cor acastanhada da pele, timorense, ainda que rico e descendente de uma família nobre de Macau, um nativo de uma colónia, um cidadão de segunda, Maria Augusta explicar-lhe-ia que sim, a cor da sua pele fizera-a hesitar, mas fora sobretudo a ida para a longínqua Timor, uma colónia de quarta categoria, que a levava a não incentivar Herculano com um olhar doce, como fizera no princípio, decidiram ir almoçar fora, ao Hotel Riviera, Herculano afastou-se, invocou que d. Lina se encontrava sozinha em casa, almoçaria com ela, não era verdade, d. Lina fora almoçar a Santa Sancha, residência do Governador, Maria Augusta também fora convidada pela esposa do Governador, um almoço de mulheres, decidiriam do destino a dar a órfãs chinesas refugiadas não reclamadas pela família, Maria Augusta encolheu os ombros, Fátimo também, juntaram-se a colegas do liceu, foram ao hotel almoçar, a Fátimo apetecia-lhe banana frita com açúcar, tinha sede de açúcar, muito açúcar, fora forçado a fazer dieta de doces durante a guerra, agora vingava-se, Maria Augusta falava-lhe na diabetes, cuidado, dizia, não te quero diabético, Maria Augusta ficara-se por gelado frito com fatiazinhas de pão-de-ló muito finas, tinham comido *chop suey* de legumes como prato principal, regressaram ao Jardim de Camões após o almoço, o território dos mamões, as famílias antigas do bairro de Santo António, famílias portuguesas ricas, muitas delas em Macau desde a fundação, Herculano juntou-se-lhes, devia ter comido no *coulau* de uma esquina, sozinho, um homem esquisito, pensava Maria Augusta, ainda bem que não deixara avançar as coisas, continuava a sonhar com o peito liso e entroncado de Herculano, as coxas grossas, curtas e hirtas, o pescoço erecto, o cabelo desalinhado, de risco natural ao meio, Herculano levantava o braço mal-humorado, explicava a origem do nome «mamão», não tinha dúvida, aqui viviam as famílias poderosas de Macau, as primeiras instaladas, como a minha, casa de pedra e madeira, os reinóis que chegavam de Goa ou de Portugal só tinham direito a viver lá em baixo, junto do areal, para o negócio miúdo, as antigas famílias já tinham «mamado» tudo, as copas vermelhas das acácias atraíam a atenção, Herculano levava as duas mãos ao peito, reverenciava o chão que abrigara os seus ascendentes até à expulsão nos finais do século XVII, entravam no Jardim de Camões, arborizado pelos ingleses no século XIX, dando novo rosto à colina estéril de Patane, Herculano também não percebera o sentido da homilia do frade franciscano, comentou, da Igreja Católica pouco havia a esperar nestas terras orientais, falharam na missionação e sobrevivem celebrando os mártires do

passado, sacrificados às mãos de pagãos, como nos chamavam, fez cara de zangado, irritava-se sempre que falava de religião, Herculano era católico por inércia, por formação e educação de pai e mãe que há muito tinham esquecido o judaísmo, católico porque há muito os seus antepassados o eram, mais nada, não por convicção, cria que havia um único deus, o deus de todos os povos e todas as religiões, nenhum deus devia aspirar à exclusividade, os cristãos envaideceram-se com o progresso científico e tecnológico da Europa, pressupunham-se superiores, o seu deus beneficiaria-os com riqueza e conhecimento, quiseram impô-lo aqui, em Timor também, Macau respondeu isolando o deus católico, um deus branco e dos brancos, europeu e dos europeus, em Timor também, embora os timores continuassem a venerar os seus deuses antigos, transformaram-nos em santos submetidos ao deus cristão, como o candomblé no Brasil, o catolicismo falhou, redondamente, Herculano estendera o braço, abarcando a mole do bairro de Santo António, Macau pouco liga aos católicos e no futuro cada vez menos ligará, permanecerá um ritual litúrgico do passado, que se respeita, mas não se segue, Maria Augusta não gostava das palavras de Herculano, achava-as raivosas, vingativas, ressentidas, recriminatórias, Herculano explicava a sua teoria, Macau engrolou os preceitos católicos numa mistura de regras taoistas, de sagrado budista, de superstição milenária chinesa, os deuses de carantonhas de meter medo ao mais corajoso, embrulhou todas essas crenças na filosofia social de Confúcio – eis o mais genuíno macaense, Maria Augusta, perturbada, fez sinal que avançava, estava frio, dizia, fingindo uns arrepios, não se podia estar parado, faltava dizer que não se podia estar parado a ouvir as intelectualices irascíveis de Herculano, sobretudo quando falava daqueles deuses chineses horríveis, Herculano pareceu adivinhar a rejeição de Maria Augusta aos deuses chineses, insistiu, estes fazem mal e fazem bem, como os homens, tão bons quanto maus, não se presumem exclusivamente bons, como o deus cristão, que, tão bom, tão bom, deixa o mal à solta no mundo, os chineses não artificializam o sagrado, não enfiam para debaixo da mesa o diabo, com tantos poderes quanto o deus bom, percebia-se que Herculano resgatava a memória dos seus ancestrais, perseguida pela fúria inquisitorial dos dominicanos, jurara nunca entrar na Igreja de S. Domingos e cumpria-o, passava sempre em redor, recusando-se a olhar directamente para a fachada, reparem, acrescentou, vejam a pureza das igrejas orientais, em Macau não existe um templo só para budistas, ou taoistas, em todos os pagodes se pode rezar a todos os deuses, até ao deus católico se pode rezar, é mais importante construir uma casa segundo as regras da geomância espiritual do *fong-soi*, harmonizando o homem, o edifício e a natureza, do que implorar todos os dias a todas as horas a um só deus, Maria Augusta confessou que por vezes ia ao templo da deusa A Má e aqui rezava a Santo António e à Senhora dos Navegantes, que protegessem os pais, Herculano rejubilava, o exemplo que lhe faltava, Maria Augusta chegara a Macau há cinco, seis anos e já

praticava um culto sincrético, Fátimo não gostou da palavra, Maria Augusta não a conhecia – sempre tão complicado, o Herculano –, Fátimo, cansado de Herculano, arrastou os colegas caminho acima, chineses idosos perfaziam a sua ginástica lenta, o *tai-chi-chuan*, manipulando suavemente ossos e tendões do corpo, outros assobiavam, espreitando as gaiolas penduradas nos ramos das árvores, pássaros livres competiam com os gorjeios de pássaros engaiolados, casais ousados davam-se as mãos, sentados nos bancos vermelhos, augurando casamento no ano que ora entrava, alguns portugueses liam os jornais atrasados de Lisboa, levantavam a mão, cumprimentavam-se, Fátimo saudou-os a todos, integrara-se com facilidade na hierarquia social portuguesa de Macau, era o professor dos filhos, Herculano, ríspido, cumprimentado de longe, tinham chegado à pequena clareira onde repousava o busto em bronze de Camões da autoria de Manuel Maria Bordalo Pinheiro, Fátimo, professor de Literatura Portuguesa, recolheu-se, fazia-o sempre que por ali passeava, declinou a cabeça como se se encontrasse perante a figura em pessoa da pátria, Maria Augusta respeitou, os colegas tornaram-se mais sérios, Herculano, nascido em Timor, era mais solto com as questões da pátria, nem mesmo acreditava haver uma pátria para além do chão e do sangue familiares, reduzidos ao amor a pais e avós e à terra de nascimento, Maria Augusta atreveu-se a contraditar Herculano, quem lhe tirava o portugalinho tirava-lhe tudo, enfim, reviu a sua afirmação, desde que esteja com Fátimo até suposto não estar em Portugal, Herculano duvidava de que Camões ali tivesse estado, uma lenda, disse, com muitos pés de barro, as próprias pedras, basta olhar para elas, foram arranjadas para simular uma espécie de gruta, Fátimo garantiu-lhe, só no século XIX tinha nascido o mito de Camões alojado numa gruta de Macau a escrever *Os Lusíadas*, Camões nunca referiu Macau na sua obra, mas, acrescentou Fátimo, também não podia referir, Macau acabara de nascer, não se sabia se os mandarins não expulsariam os portugueses, Macau teria menos de dez anos, menos de um segundo na vida de uma cidade, a maioria das casas eram palhotas, porém, no *Cancioneiro* de Cristóvão Borges, dos finais do século XVI, princípios do seguinte, refere-se a venda de terrenos à Ordem de Jesus, escrevendo-se, «chão do campo de Patanes – (*onde agora estamos, exactamente no mesmo sítio*) – aos penedos de Camões», seria difícil registar-se esta frase se Camões aqui não tivesse estado, mas fala-se em penedos no cimo de uma colina, não de uma gruta, Fátimo recordava episódios de Camões em Macau, Herculano retorquia, o Oriente – as Índias – tinha sido uma miragem, um mito vazio que só os guerreiros e os mercadores tinham vencido, nem os padres missionários, incapazes de converter civilizações mais antigas e mais requintadas do que a cristã, os militares e os comerciantes tinham construído Goa e Macau, missionários, sacerdotes, pregadores, de tão forte espírito religioso em África e na América, tinham soçobrado face às muralhas da sabedoria milenar da Índia, da China e do Japão, as suas palavras tinham caído aqui no olvido ou na indiferença, os chineses ouviam-nos mas não

ligavam, só se forçados a tornarem-se católicos para aceder a serviços e empregos públicos, fingiam crer mas não criam num deus exclusivo, uno, infinito, só bom, como era possível se o mal se estendia pela totalidade da criação, se a cobra picava e envenenava a perna do humilde camponês que nunca mal cometera, e o rato propagava a peste, exterminando dois terços de meninos de uma aldeia, que deus é este que – perguntavam –, sendo bom, tendo poder para fazer um mundo só bom, espalhara o mal pela criação, se era onipotente e criara o mal, então era por essência mau, e se criara o mal e era bom, então não era onipotente, os jesuítas, como S. Francisco Xavier, embatucaram perante estas questões levantadas pelos brâmanes, S. Francisco Xavier desbloqueava o impasse teórico apelando para o demónio façanhudo, o bode birrento e cornudo, símbolo do mal, que inspirara os argumentos dos bonzos; onde cessava a oratória começavam os pelouros e balázios dos canhões e das espingardas, o Oriente fora um mito, um dos inúmeros mitos portugueses, o cristianismo fora usado para generalizar o comércio europeu, estendendo a mentalidade da Europa à totalidade da terra, interesses, não religião; Maria Augusta não gostou, Herculano nasceu com espírito de contradição, dizia ela no seu linguajar de Sesimbra, Herculano não era um caso isolado, só na sala de professores podia apontar mais dois colegas que, como ele, Fátimo, tinham iniciado por Macau um périplo das grandes capitais do império português, despediam-se deste, intuía-mos estar perto do fim, presumiam viver o último brilho do império português, concluiu para todos, somos os últimos nautas, não já navegadores do mar e descobridores de terras incógnitas, também não buscamos já um consolo espiritual, uma sabedoria oriental, como Camilo Pessanha, vimos à procura do exótico, do insólito, do extravagante, daquilo que desafia a consciência europeia, a técnica fria e regulamentada das nossas cidades, vimos buscar em Macau uma existência com sentido que a Europa nos nega, atafalhada de interesses materiais, a economia acima de tudo, Maria Augusta fora sincera, pedira desculpa por interromper o marido, o meu pai veio para Macau para ganhar dinheiro, não veio à procura nem de consolo nem de sabedoria, nem de costumes exóticos, Maria Augusta fora directa, terra-a-terra, Fátimo sabia-o muito bem, gostava das limitações de sua esposa, baixava-o à realidade, a família Castanho viera para Macau auferir um salário três vezes superior ao que João Rodrigues auferia como funcionário da Administração do Porto de Lisboa, seguira o caminho da maioria dos emigrantes portugueses, partiam porque a terra que os criara não lhes dava sustento, pão bastante sobre a mesa, escola para os filhos, hospitais para os velhos, aforro face a imprevistos de saúde ou emprego, nada havia a esperar dos poderosos portugueses, mamões como as famílias do bairro de Santo António, abandonando o seu povo às agruras da vida, sempre as elites portuguesas assim tinham sido desde d. João III, traiçoeiras, meu deus, clamou Fátimo, como se só agora se apercebesse do desequilíbrio social português, ele próprio um efeito deste, caso não tivesse beneficiado da protecção dos

padrinhos franceses seria agora mais um operário do Barreiro, ignorante, boçal, casado com uma varina do Tejo, a espetar chapadas nos filhos por não estudarem, Herculano atirou para o ar com o senso comum histórico, as elites são a expressão e representação do povo, Fátimo tinha outra teoria, apetecia-lhe castigar Herculano, evidenciar que sabia tanto de história como ele, professor desta disciplina; talvez não, os melhores de Portugal, insatisfeitos socialmente, reprimidos culturalmente pelo maquiavelismo dos costumes políticos, economicamente débeis, emigravam, fugiam de Portugal mal atingiam a idade adulta; permaneciam em Portugal, instalados, os piores de nós, dizia, quase gritava, os piores de nós, os medíocres, os serventuários, os que nasceram de cerviz curvada, aqueles cujas limitações de formação ou de personalidade nunca superariam a mediania; como os melhores se encontravam ausentes, emigrados ou exilados consoante a época histórica, os piores, destinados a servir, tornavam-se os superiores, os patrões, os políticos, os sacerdotes, os deputados, os chefes de aldeia e de concelho, das empresas, dos bancos, uma gente estreita, pequenina mas espertalhaça, mesquinha mas dominante, avarenta, sovina, insignificante, Fátimo recortava na consciência a figura de seu pai, era a ele que se referia, os melhores portugueses têm vivido, trabalhado, não raro morrido no estrangeiro, ou nos territórios do Império, para onde fogem, tentando enriquecer, realizar-se, notabilizar-se sem a capa de mediocridade que envolve o País, Herculano, disse Fátimo, tu, eu, todos nós aqui em Macau, somos os últimos heróis do Império, quando este cair definitivamente, e ele há-de cair, os nossos descendentes não saberão onde refugiar-se, Maria Augusta, interrompeu, talvez na Europa ou nos Estados Unidos da América, Fátimo olhou para a esposa, boquiaberto, a intuição certa de Maria Augusta ia à sua frente, replicou, sim, talvez, os Estados Unidos da América são a Península Ibérica de hoje, Herculano não sabia se estava de acordo, Fátimo apontava para o busto de Camões, olha para ele, Herculano, perseguido na corte pelos fidalgos, caluniado como um reles escudeiro, invejado pelos poetastros dos saraus reais, buscara consolo nas meretrizes da Rua Suja, nas tabernas populares, os malcozinhados, juntara-se a brigões da Mouraria, impedido por condição de nascimento de amar a quem desejava, perdeu um olho em Ceuta a lutar por um rei que o desprezava, um Império que se servia dele como carne para canhão, foi desafiado por um fidalgo, lutou contra ele como um trinca-fortes, veio castigado para a Índia, terá sido enviado a Macau, não se sabe, tentando enriquecer como provedor dos defuntos e ausentes, terá perdido o seu pecúlio no naufrágio da foz do rio Mekong, regressado a ferros a Goa, acusado de ter desbaratado o dinheiro da provedoria, o que se sabe mais de Camões, muito pouco, tão desprezado foi em vida quanto na morte, enterraram-no na vala comum, recordam-se da estância d'*Os Lusíadas*:

*Agora, com pobreza aborrecida
Por hospícios alheios degradado;*

*Agora, de esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado;
Agora às costas escapando a vida (o naufrágio)
Que dum fio pendia tão delgado
Que não menos milagre foi salvar-se
Que para o Rei Judaico acrescentar-se.*

Fátimo continuou, perseguido pelo choro, emocionara-se:

*E ainda, Ninfas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem,
Senão que aqueles que eu cantando andava
Tal prémio de meus versos tomassem:
A troco dos descansos que esperava,
Das capelas de louro que me honrassem
Trabalhos nunca usados me inventaram
Com que em tão duro estado me deitaram.*

Sentiu-se a voz embargada de Fátimo, humidificavam-se-lhe os olhos, parecia desabar num pequeno choro a qualquer momento, Maria Augusta beijou-o publicamente, orgulhava-se do marido, um homem culto, respeitado, sereno, sofria do gosto da leitura, lia excessivamente, gastava demasiado dinheiro em livros, que exigiam estantes, prateleiras avulsas, que enxameavam corredores, quartos, já tinham invadido a marquise das longas tardes de silêncio e costura de Maria Augusta, teriam de mudar de casa em breve, sobretudo se pudesse ofertar-lhe a prenda que ambos tão desejavam, um filho, Fátimo prosseguiu, desculpem, emocionei-me, Camões passara nove meses preso no Tronco, uma das cadeias de Lisboa, eu bebi o cálice de ter sido preceptor de rapazes num colégio para poder pagar o curso, Camões fora aviltado na corte pela sua condição de escudeiro, eu senti-me todos os dias humilhado por ter nascido no seio de uma família pobre e educado numa rica, sentia-me culpado sempre que olhava para o meu pai e o via de mãos enfarruscadas, analfabeto, revejo-me em Camões, todos os portugueses pobres, humilhados, exilados para sobreviverem ou para se realizarem, se revêem em Camões, imagino-o aqui, no cimo desta colina, então pelada, escrevendo versos heróicos ou líricos, clamando a sua desdita, porventura vertendo lágrimas de sangue pelas apaixonadas da corte que por preconceito não o deixaram amar, matando a sua eterna sede de amor nas Bárbaras cativas, nas Diamenes orientais, nas Guimares de Goa, em tantas outras mais, cego de olho e cego de amor numa terra onde só dinheiro e armas contavam, nem mesmo a fé já contava no tempo de Camões, ah, Camões, tanto tu és que nós celebramos o dia da tua morte como o dia de Portugal.

A NOITE DE NÚPCIAS DE MARIA AUGUSTA

*Trémulos astros...
Solidões lacustres...
– Lemes e mastros...
E os alabastros
Dos Balaústres.
Urnas quebradas!
Blocos de gelo...
– Chorai arcadas,
Despedaçadas,
Do violoncelo.*

Camilo Pessanha

Olvidadas as casas da Estrada do Repouso e da Penha, Fátimo e Maria Augusta estrearam a casa da Rua Nolasco da Silva no dia do seu casamento, seguiram directos do copo-de-água no Hotel Riviera para a nova casa, onde, com um chá *Jen San* servido, os esperava Siu Lin, que criadaria Maria Augusta nos primeiros tempos, dormindo no cubículo da despensa sobre uma esteira acolchoada, Fátimo tinha bebido demasiado, festa, dizia, a minha festa, verdadeiramente a única festa que a vida lhe dera em sua honra, merecia algum álcool, talvez só voltasse a festejar pelo nascimento dos filhos, se os tivesse, e não mais, sorria pouco para Maria Augusta, parecia afastar-se dela, mirava obliquamente Herculano, medindo-lhe os gestos, sobretudo o olhar, queria apanhá-lo a olhar directamente para Maria Augusta e esta para ele, uma semana antes do casamento tivera a confirmação, Herculano observava o corpo de Maria Augusta de um modo interessado, promíscuo, e Maria Augusta, sabendo-se admirada, parecia gostar, haveria porventura sorrisinhos cúmplices entre ambos, Fátimo não tinha provas, incapaz de perguntar ao amigo o porquê do seu interesse, fora percebendo, nos últimos meses, uma aproximação contida mas voluntária do amigo a Maria Augusta, notara-o no modo como ele lhe falava e ela respondia, nos diminutivos empregues entre ambos, no arrastar melancólico das sílabas, até nos suspiros prolongados, sobretudo da parte de Herculano, as mãos

aproximando-se, incapazes de se tocarem, o olhar cristalizado, poético, demorado, como quem olha mas não vê, Herculano apaixonara-se, fora-se apaixonando por Maria Augusta, e esta, nunca solicitada por outros rapazes, senão alguns jovens pescadores de Sesimbra, malandretes, gostara, dera troco respeitoso mas aliciador, menos por amor e mais por gostar de se ver requestada, Fátimo concluíra que Maria Augusta devia ter falado com a mãe, a mãe com o pai Castanho, a família devia ter concluído, pragmaticamente, que viver em Macau com Fátimo era admissível, o limite da admissibilidade, viver no fim do mundo de Timor com um nativo de pele acastanhada, numa casa de pedra rodeada de palhotas, nem pensar; como homens da praia e descendentes de pescadores, os Castanho tinham assumidos preconceitos contra a cor atrigueirada da pele, sabia-lhes a pobreza ou, em último caso, a ascendência inferior, suja, nativa, o seu modelo residia em pele branca, alvíssima, prova de que se era urbano, descendente de fidalgos, de comerciantes com solar, de tudo menos de pescadores; Maria Augusta, comprometida com Fátimo, porventura atraída pelas coxas hirtas e pelo peito liso de Herculano, o pescoço ginasticado, dividira-se segundo uma consciência romântica, amor, amor e atracção, paixão carnal por Herculano e lírica por Fátimo, Maria Augusta sabia muito bem o que fazer, a mãe fora brutal mas verdadeira, entre o branco e o preto, escolhe o branco, entre a cidade e a selva, escolhe a cidade, entre a loja francesa e o mercado popular, escolhe a loja, Fátimo era mais terno, Herculano mais recolhido, um bichoddo-mato, dizia o pai Castanho, Fátimo saberia elogiar-lhe as curvas do corpo com a leitura de um poema de Camilo Pessanha, autor que o obcecava, Fátimo tratava-a como uma senhora, com afecto mas sem paixão, com respeito mas sem alegria, Herculano destinava-se a cama, só cama, as veias da sua mão despertavam cenas luxuriosas na mente de Maria Augusta, a quem apetecia, de imediato, pegar-lhes e depô-las no entrepernas, Fátimo era deferente e reverente, comportava-se de um modo cortês e obsequioso nos passeios de ambos, ao fim da tarde, no Jardim de S. Francisco ou no Jardim de Vasco da Gama, como se estivesse cumprindo um dever, com horário certo, itinerário previamente escolhido, de que não se podia desobrigar, Fátimo sabia que não amava Maria Augusta, amava o conforto, o prazer doce, o silêncio suave de que Maria Augusta seria símbolo como esposa, procurava a intimidade de um lar que nunca tivera, a companhia amiga e protectora dos sogros, os almoços de domingo de cozido à portuguesa com entrada de camarão frito à moda de Sesimbra, um sofá onde pudesse repousar ao fim da tarde, uma poltrona larga onde pudesse ler ou escrever, uma secretária ou escrivadinha só dele, onde pudesse classificar os exercícios dos alunos, enfim, também, sem dúvida, um corpo de mulher onde pudesse refastelar os seus apetites sexuais, esgotando-os, Maria Augusta e os pais tinham visto em Fátimo o senhor professor, respeitado, pouco dinheiro mas bem educado, algum prestígio entre a comunidade portuguesa, que o saudava com cortesia e agrado na rua, nos cafés, nos

restaurantes, um homem que daria um bom esposo, fiel, cordato e suficientemente poupado, Fátimo deixara-se embalar pelos sucessivos convites do pai Castanho para jantar na Estrada do Repouso, aproximara-se de Maria Augusta sem perceber que dela se aproximava, sentia-se bem naquele canto morno de Macau, onde se falava bem, se comia bem, se bebia bem, sentia-se querido e acarinhado pela filha dos donos da casa, apaixonou-se ou presumiu apaixonar-se por Maria Augusta porque não havia outra que lhe fizesse concorrência, todas as professoras eram casadas, acompanhantes de maridos, normalmente oficiais do exército, Fátimo percebera que na noite em que se combinaram os pormenores do casamento todos se encontravam felizes mas ninguém estava alegre, solucionava-se uma preocupação que ameaçava a consciência e que dela nessa noite todos se libertavam, tanto Fátimo, que via a sua vida resolvida, integrado numa família de algumas posses, quanto os Castanho, que tinham conseguido furtar a filha à fúria casamenteira das avós pescadoras da costa de Setúbal, que requestavam Maria Augusta para os netos. Fátimo confirmara os olhares suspeitos trocados entre Maria Augusta e Herculano, tarde demais para anular o casamento, sobretudo sem provas irrefutáveis da infidelidade, assustou-se com o escândalo, os convites tinham sido enviados, o reitor em pessoa, o secretário da Educação, estariam presentes, o secretário do Governador representaria este, o corpo docente em peso, com os maridos militares, os funcionários superiores do porto, antigas famílias macaenses tinham confirmado a presença, saber-se-ia a razão da anulação, Fátimo sentir-se-ia humilhado na rua, no café, na sala de professores, Maria Augusta teria de fugir de Macau, o silêncio seria o melhor conselheiro, Maria Augusta esqueceria Herculano após o casamento, nada no seu comportamento revelava amor, porventura efeito de uma daquelas paixões sôfregas de mulheres românticas e virgens que o casamento apagaria da memória, Fátimo percebia que, a seu lado, Herculano caíra num mutismo, enrolava ou esfregava as mãos como se lhe custasse desentorpecer os músculos ou algo lhe doesse, o carão sério, um respeito demasiado deferente entre amigos. No final desse ano lectivo, cessado o contrato, Herculano anunciou que ficaria mais um ano em Macau, só um, não concorrera em Janeiro passado, mês da abertura do concurso para professor, e não queria regressar a Díli sem ocupação, só mais um ano e partiria, Fátimo respirou de alívio, perderia o seu melhor amigo, mas ganharia paz familiar.

Na noite de núpcias, Fátimo cumpriu o seu dever com um sorriso artificial, delicado, beijou decentemente o corpo da mulher ainda vestido com um casaco e uma saia cremes, de recorte europeu, substitutos do vestido de noiva, retirou-lhe os brincos, beijou-lhe as orelhas, o pescoço peludo, desnudou-a lentamente, desabotoou-lhe o *soutien*, admirando entre as mãos os seios fartos, beijou-os demoradamente, satisfazendo-se, há muito que o desejava fazer, sugou-os até ao desmaio de Maria Augusta, gostaria de se ter

vindo entre aquelas protuberâncias carnudas e fofas, como o fazia entre os pequeninos globos de carne de Siu Lin, um décimo dos de Maria Augusta, mas não poderia fazer essa indecência moral com a mulher, no dia seguinte a mãe Castanho saberia, um escândalo, mandaria o genro ir às meretrizes da Rua da Felicidade satisfazer os seus instintos libidinosos, retirou a saia de Maria Augusta com alguma brusquidão, puxou-lhe pelas cuecas brancas, novíssimas, alvíssimas, brilhantes, desapertou o cinto, tirou as calças, Maria Augusta pediu para fechar a luz dos dois candeeiros das mesinhas-de-cabeceira, Fátimo fê-lo atabalhoadamente, resistindo à avalanche de desejo que o queimava, Maria Augusta ria, ria-se muito, embaraçada, nervosa, envergonhada mas desejosa, Fátimo acariciou-lhe as pernas depiladas, abrindo-as, lambeu-lhe o umbigo, a pele nervosa de Maria Augusta, trincou-lhe os lóbulos das orelhas, mordiscou-lhe o pescoço, os ombros nus, os braços reboludos, gordos, regressou aos seios, sentindo-lhes a moleza branda e tensa, e, num gesto repentino, montou Maria Augusta, forçando-a, brincou com o seu membro viril, à porta da «gruta do amor», assim murmurava a Maria Augusta, depois, com um pequeno jeito, enterrou a parte superior do pénis, Fátimo sentiu um líquido quente e pegajoso envolver-lhe os testículos, Maria Augusta soltou um gemido, um murmúrio de dor e prazer, dor consentida para que o prazer assomasse compacto, consistente, abriu mais as pernas, ajeitou-se ao corpo de Fátimo sobre o lençol branco, manchado de sangue, ofereceu-se toda, Fátimo afundou-se na gruta de Maria Augusta, penetrou-a com uma força tranquila, como se desde sempre ali fosse a casa do pénis de Fátimo, bamboleou o corpo, balançou-o, de torso arqueado, Maria Augusta acomodava-se, seguindo o balanceamento do corpo do marido, Fátimo tentou conter-se, não conseguiu, o seu pénis tinha vida própria, veio-se entre torções de prazer, parou, pouco embalara o corpo, ritmando-o à cadência do prazer, despejara o esperma de uma só vez, um jorro imediato, como se desde sempre tivesse ansiado por aquele momento e fosse insuportável não o viver em integridade, um jacto único, pleno, epifânico, Maria Augusta esperava, Fátimo deu conta de que a mulher esperava por mais, endireitou o dorso, beijou-a, enterrou o pénis mais fundo, sentiu nova lágrima de sangue expelir-se da vagina de Maria Augusta, agoniava-o saber o seu membro banhado em sangue, ritmou o corpo, tentando dar e receber prazer, enterrou a cara entre os seios grossos de Maria Augusta, de repente sentiu o seu membro a murchar, enfraquecido, mirrado, apequenado, fez força, o pénis não respondia à força mental de Fátimo, ao impulso do cérebro, desestimulado, não se endireitava, mole, incapaz de se enrijecer, Maria Augusta percebeu, a mãe tanto lhe tinha falado nessa incapacidade dos homens que desconfiara sofrer o pai do mesmo, não sabia o que dizer, Fátimo também não, ambos contritos, envergonhados, ele por não conseguir fazer, ela por não saber o que fazer, Maria Augusta passou-lhe a mão pela testa, estás transpirado, disse carinhosamente, desculpando-o da sua inaptidão, precisas de descansar, Fátimo aquiesceu, pois, respondeu

humilhado, concluiu, logo continuaremos, é só recuperar o fôlego, Maria Augusta confortou-o, se não queres fazer mais, não fazemos, Fátimo disse, vou à varanda fumar um cigarro, Maria Augusta aconselhou, veste qualquer coisa, as noites estão frias, não te constipes, quero visitar Cantão e Hong Kong contigo saudável, Fátimo sorriu no escuro, descansa, todos os dias bebo um sumo de laranja em jejum, não há constipação ou gripe que me vença, Fátimo vestiu o roupão virgem, saiu do quarto, acendeu um cigarro na varanda, acendeu novo cigarro na pisca do anterior, ouviu água a correr na casa de banho, lançou o último cigarro para a rua com um piparote, pensou em Maria Augusta, lavada e encolhida na cama, frustrada, carregada de prazer não consumado, sentiu-se mal, fracassado, não conseguira satisfazer a mulher, porventura Herculano fá-lo-ia com facilidade, aquele seu furor selvagem, Fátimo prenunciava que nunca conseguiria satisfazer o corpo de Maria Augusta, as escassas experiências sexuais que havia tido tinham começado e acabado assim, ainda não se despira de todo e já um jacto de esperma lhe saía precipitadamente, vestia-se de novo à pressa, tartamudeando desculpas infantis, presumira que com Maria Augusta seria diferente, mais maduro, uma mulher só para si, a qualquer hora, sem quartos clandestinos, que o inflamavam, afinal sucedera o mesmo, voltou à cozinha, serviu-se de um copo de água para apagar o cheiro do fumo, Siu Lin apareceu-lhe inesperadamente, saída da despensa, camisa de noite até aos pés, um manto a cobrir-lhe o peito, Fátimo vislumbrou-lhe o corpo esguio, excessivamente frágil, de adolescente, alteara-se mas não alargara, Maria Augusta brincava chamando-lhe feixe de ossos, d. Lina e d. Natália tinham-lhe dado instruções, Siu Lin disse, a senhora deitou-se de novo, perguntou se Fátimo precisava de alguma coisa, Fátimo percebeu que d. Lina e d. Natália tinham mandado Siu Lin ficar acordada, presumivelmente para ajudar Maria Augusta a mudar os lençóis, esta não o fizera, deitara-se de imediato, Siu Lin apontou para a chaleira, ofereceu um chá, Fátimo mirou a enxerga de Siu Lin, a coberta colorida descomposta, amarrotada, sentiu uma forte e inesperada erecção, como se aquela fosse a sua cama de prazer, mirou Siu Lin de lado, que sorria, esperando ordens, recordou-se das noites em que subira ao sótão onde Siu Lin dormia na casa de d. Lina, como a usara, como se cativara pela sua pele fina, sedosa, como sugara os seus dentes débeis, pequeninos, alinhados como a fila de cadeiras da esplanada de um hotel, como mordiscara a ponta saliente do seu nariz, lhe puxara a língua com a sua, contra vontade da menina, ainda menina então, que recusava descerrar os lábios, como lhe beijara o pescoço fino, que lhe coubera todo na mão direita, na segunda vez espalhara o pénis contra o peito de Siu Lin, viera-se, arrastando-a para o chão, ambos a rirem-se, alegres, contendo o riso para que Herculano não ouvisse do quarto, uma noite Herculano encontrava-se ao fundo das escadas, Fátimo armara uma cara preocupada, Siu Lin sentira-se mal, agoniada, chamara por ele, transpirava, dera-lhe uma aspirina, um pesadelo, sonhara com os pais, ficara a dormir, Fátimo nunca soube se

Herculano aceitou a mentira como verdade, Fátimo aproximou-se de Siu Lin na cozinha, que se espantou, recuando um passo, puxou-a para si, depôs um joelho forte entre os dela, Siu Lin torcia a cara num misto de assombro e vergonha, Fátimo depôs a sua mão direita na cabeça da menina, fê-la inclinar a cabeça, forçou de novo, afastou as abas do roupão e depôs o seu membro erecto na boca de Siu Lin, que a abriu, Fátimo nunca soube se Siu Lin se resignou ou se a abriu com curiosidade e prazer, soube apenas que a partir de então se habituaria a ser usada por Fátimo.

A NOITE DE NÚPCIAS DE SIU LIN

*Na orgia, ao longe, que em clarões cintila
E os lábios, branca, do carmim desflora...
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila.*

Camilo Pessanha

Preocupado com o destino da menina, Fátimo beneficiou de circunstâncias infelizes para decidir do futuro de Siu Lin, falecera o pai de um aluno, Kwai, como era vulgarmente conhecido, filho da terra, explicando semanal de Fátimo em Literatura Portuguesa, História e Geografia, fora uma morte inesperada, um ataque de coração, fulminante, Fátimo chegara à hora habitual a casa de Kwai, à Calçada da Penha, encontrara o portão cerrado e, ao longo das duas colunas gigantes da entrada, lanternas brancas decoradas com caracteres chineses contendo o nome e a idade do morto, conseguira ler e traduzir, fora-lhe aberto o portão e a porta interior, Fátimo apresentara as condolências a Kwai, que o conduziu ao irmão mais velho, o único herdeiro e representante da família, Fátimo submetia-se de bom grado à cortesia chinesa, de protocolo confuciano muito rígido, reparou que um dourador gravava em estelas de fundo vermelho e caracteres a ouro o nome e a idade do falecido, apresentou novas condolências e despediu-se, Kwai veio trazê-lo ao portão, atravessaram o jardim de saibro, Fátimo, curioso, interrogou Kwai se o pai morrera na cama, tradicionalmente os chineses não usavam camas, por isso não gostavam de morrer deitados nestas, preferiam morrer em esteiras, no chão, Kwai, pudico, envergonhado por este costume anti-ocidental, confirmou, o pai morrera deitado no chão sobre uma esteira forrada a algodão e seda e bordada a ouro, Kwai assinalou, mais luxuosa do que a cama dos europeus, Fátimo confirmou, sim, passou um braço sobre os ombros do aluno e desdenhou o costume ocidental, os chineses estão mais perto da natureza, mais naturais, sim, retorquiu Kwai, sem grande convicção, percebia-se que a sua educação europeia o impedia de participar com devoção nas festividades do enterro do pai, Fátimo interrogou-o sobre a plaquinha gravada a ouro, Kwai confirmou, sim, conserva uma das almas do

morto, Fátimo pediu desculpa a Kwai, coligia apontamentos sobre teorias relativas ao ciclo da vida e da morte entre os chineses, Kwai que o desculpasse, não queria ser intrometido, era o primeiro morto chinês importante que conhecia, Kwai explicou-lhe que a plaqueta conservaria uma das três almas do morto, é como a estela portuguesa no cemitério de S. Miguel, mas mais sagrada, atrai e guarda junto a si a alma de meu pai, a que fica na terra, outra decompõe-se com o corpo, ou volatiliza-se com a incineração, se a fizer, a terceira segue para o outro mundo, a tabuinha é sagrada para a família, deposta em local de honra em casa, no altar principal, louvada e venerada por todos nas cerimónia do ano novo lunar, constitui parte do espírito protector da casa, os filhos batem-lhe a cabeça quando saem e quando regressam a casa, dia em que a veneração não fosse feita poderia resultar num dia aziago, de funesta sorte, sobretudo se o espírito do morto não estivesse de acordo com os caminhos com que o primogénito conduzia os capitais da família, Fátimo, ao sair, lobrigara o corpo do pai de Kwai numa sala lateral, sobre uma esteira ricamente franjada a ouro, as concubinas vestiam-no de inúmeras cabaia de seda lavradas a prata e ouro, uma das mulheres, porventura a primeira, a mais importante, calçava-lhe umas botas faustosas, adornadas de palavras votivas e de amuletos, com solas de papel, Fátimo ouvira falar nesse costume, os mortos, sobretudo os mortos ricos, evitavam violentar o espírito benigno do outro mundo pisando o etéreo solo celeste com pele de cavalo ou de búfalo, animais servis dos Senhores dos Infernos, Kwai continuava a explicar, Fátimo simulava grande atenção, rabiscando umas palavras incompreensíveis num caderno, 49 dias após a morte, a família ou um amigo renomado é convidado a presidir à cerimónia de atracção da alma do morto, para fixar a alma deste na tabuinha votiva, Fátimo acrescentou, é uma liturgia mágica, Kwai envergonhou-se de novo, aquele termo, magia, fazia-lhe lembrar tribos pagãs, hordas de ímpios assassinando europeus, concordou, a estela é sacralizada, há música sacra, queimam-se pivetes, reza-se, reza-se muito, a partir de então a tabuinha é portadora da alma do morto, é um objecto sagrado, Fátimo exagerou, para consolar o aluno, na Europa também era assim, mas com fotografia, esta era emoldurada e posta em lugar de relevo na casa, Kwai não se deixou enganar, andara no colégio dos jesuítas, era esperto, replicou, mas não possui um valor sagrado, sim, Fátimo concordou, aqui não, disse Kwai, se deixar cair a plaquinha ao chão estou a magoar a alma de meu pai, Fátimo confortou-o, são costumes, vêm, vão, passam, quando tu morreres os costumes já serão outros, verás, a placa ficará como memória do morto, uma memória profana, Fátimo explicou, ou tentou explicar, os chineses não têm santos, idolatram os seus maiores, os patriarcas da família, os avós, os pais, os católicos idolatram os santos, os ateus os grandes homens bons, vêm, os chineses não são diferentes, Fátimo confessou admirar as práticas litúrgicas chinesas antigas, a plaquinha é um vínculo entre o passado e o presente, nós, na Europa, julgamos que só há presente, esquecemos o passado, variamos os

costumes em cada geração, sentimo-nos desorientados, Kwai animara-se, era o seu professor preferido, sintetizava a matéria das aulas em frases lapidares que permitiam ao aluno obter um 10 ou um 12, Kwai, nascido em Macau, gozava da imensíssima dificuldade em integrar-se na cultura europeia, sobretudo na portuguesa, tão heróica, tão gloriosa, tão poética, sentia-se profundamente dividido, chegavam os gatos-pingados, transportavam um enormíssimo caixão de teca, ornado de inscrições destinadas a afugentar os espíritos malignos, em breve se iniciaria a berraria das mulheres da casa e das carpideiras de choro pago, os filhos acompanhá-las-iam, Kwai confessou a Fátimo que o pai sofria do coração há longo tempo, poderia ter sido operado em Hong Kong ou em Xangai, recusara sempre, era tradicionalista, cultor de Confúcio, recusava-se a retalar o corpo, deveria levá-lo para o outro mundo exactamente como nascera neste, os antepassados não gostariam de conviver com um descendente que tivesse aperfeiçoado o coração que os deuses lhe tinham dado, uma blasfémia, Fátimo, para espanto de Kwai, louvou a radicação nas crenças antigas, só assim merecemos a nossa identidade, Kwai agradeceu, o mais sensato dos professores do liceu, desde que recebia explicações de Fátimo Kwai subira três valores na média anual, iria passar, de certeza, não sabia quando regressaria ao liceu, o luto chinês era muito rigoroso para as viúvas e para os filhos, pelo menos um mês estaria afastado das aulas, Fátimo apontara para os cangalheiros, admirava-se, o caixão imenso, largo e comprido, caberiam lá dois ou três mortos, perguntou a razão, Kwai elucidou, o pai leva consigo os seus apetrechos diários e um monte de notas falsas, para que nada lhe falte no outro mundo, despista os espíritos maus dando-lhes dinheiro, Fátimo viu-se a exclamar, pois claro, como se fosse evidente aquele caixotão gigante, aquiesceu, mas pensou que há mil anos o pai de Kwai levaria dois ou três escravos acamados no caixão para o servirem e o defenderem, e duas ou três concubinas, para o prazer sensual do morto, hoje levava quantidades volumosas de dinheiro, em notas falsas, coisa mais absurda, pensou, para entrar no reino celeste deveria levar a boca cheia de moedas de ouro e pérolas verdadeiras, valiosas, Fátimo despediu-se de vez, Kwai abriu o portão de ferro com hastes douradas, finalizadas em pontas de lança, Fátimo confrontou-se com três ou quatro artesãos com grandes rolos de papel de arroz, vinham desenhar os prédios e as propriedades do morto, que adornariam a câmara ardente, criaditos de pés descalços acartavam os grandes rolos, impecavelmente enovelados, como cartuchos gigantes, com o desenho das casas do falecido, da multidão de servos, três juncos de dois mastros, movidos a motor eléctrico, manadas e fazendas no Sul da China, prédios de rendimento, um vastíssimo escritório no Porto Exterior, os desenhos seriam queimados no final das cerimónias fúnebres e as exalações de fumo, ordenadas e orientadas espiritualmente, transportadas para o mundo celeste, postas à disposição do pai de Kwai, para que o seu estatuto social permanecesse idêntico no outro mundo. Fátimo e Maria Augusta

vieram à rua observar discretamente o cortejo fúnebre, que descia da Penha à Praia Grande, ordenado para aquele dia, àquela hora, por aquele itinerário, pelo geomante, que interpretara o ritmo dos ventos, o namoro do sol e da lua, harmonizando o espírito do pai de Kwai com o ânimo da terra, o calor do sol, a temperatura dos ventos; dois andores com dragões pintados precediam a urna agigantada, libertando o caminho das más influências humanas e dos espíritos e dos deuses invejosos da riqueza e da pureza de costumes do morto, santificando a viagem da alma, outro palanquim, carregado por servidores do morto, de pé descalço, tocando o chão com a totalidade da planta do pé, representava o areópago dos deuses taoistas, seguiam o caixão dois andores com uma rica profusão de alimentos para a viagem do morto, patos, galinhas assadas, completos, com cabeça pendente e penas do rabo intactas, dezenas de taças e bandejas com frutos, inteiros ou partidos em rodelas, abertos em hemisférios, pratos de fruta cristalizada, para os últimos momentos, quando os naturais apodrecessem, colares, capelas, grinaldas e cornucópias de flores, galhardetes, fitas em forma de bandeira com inscrições chinesas estimulavam a alma do morto a lutar por um lugar poderoso nos céus, ser senhor nos céus como o fora em terra, coros de meninos e meninas, trajados tradicionalmente, entoavam canções festivas, Fátimo conseguira traduzir alguns passos para Maria Augusta, um refrão, «Mil, dez mil anos de felicidade a Kwai, futuro Senhor dos Céus», «Abençoa-nos, Pai, protege do céu os teus filhos», Maria Augusta riu-se docemente, tinham deixado de falar em filhos, crentes de que um dos dois seria estéril, Maria Augusta convencera-se ser ela, ela própria, só podia ser a mulher, a virilidade do homem nunca fora posta em causa na educação das meninas de Sesimbra, o sorriso de Maria Augusta tornara-se doce e suave, não se ria, menos gargalhava, a sua boca fora tomada por uma tristeza carnal, os lábios não se despregavam em alegrias efêmeras, para além da boca o coração, a consciência, o olhar, torturados, retorcidos, nunca seria mãe, ainda não se habituara, Fátimo falara-lhe na noite anterior, ao jantar, na possibilidade de adotarem uma menina chinesa, Maria Augusta não queria ouvir falar em meninas, olhava para Fátimo com ódio, não me fales em meninas, já me basta Siu Lin, Fátimo admirou-se, desconfiou, não prolongou a conversa, desconhecia se Maria Augusta sabia das relações dele com Siu Lin, e nunca saberia, Maria Augusta nunca lho diria, Maria Augusta desejava retornar a casa, o funeral do pai de Kwai representava o cúmulo de superstição chinesa, não gostava, não queria ser vista por alguma senhora da igreja, vinha-se fartando de Macau, Fátimo falava-lhe em tradição cultural, explicava-lhe que os jesuítas no século XVII tinham rogado ao Papa que permitisse integrar na liturgia cristã o culto dos antepassados por parte dos cristãos chineses, padre Joaquim Caetano escrevera longas e positivas palavras a propósito, disse Fátimo, esclarecedor, Maria Augusta, séria, respondia-lhe que talvez por essas e por outras é que nunca gostara dos jesuítas. Fátimo admirava o cortejo, representava a tradição, que a Europa

todos os dias renega, apostando em novidades, tão efêmeras como as de ontem; na cauda do cortejo fúnebre, dois andores carregados de milhares de pivetes de sândalo e de ervas purificavam a atmosfera, os ares, as ruas, as fachadas dos prédios, Fátimo perguntou a Maria Augusta se ela sabia que os mortos chineses eram depositados no caixão com um chapelinho na cabeça, Maria Augusta entortou o nariz, não gostou da graça, tentou rir-se para agradar ao marido, mas do fundo das suas células a tristeza da infertilidade não lho permitia, Fátimo explicou, é outra tradição, no outro mundo, segundo os cultos chineses, todos se respeitam mutuamente e todos são suficientemente prósperos para serem felizes, logo andam de chapéu, símbolo da sabedoria e do respeito.

Após a lua-de-mel, Siu Lin regressara a casa de d. Lina. Fátimo encontrou solução para o destino de Siu Lin quando retornou a casa do jovem Kwai para a continuação das explicações e soube que um dos servos do falecido pai ia ser despedido, Li, o lavador e engomador da roupa do morto, funções ora desnecessárias. Este afirmara a Kwai que não regressaria à China, prestes a tornar-se comunista, desvincular-se-ia sozinho, no bazar, buscando novo trabalho, dormindo nos abrigos infestados de piolhos e percevejos. Fátimo, depois de uma longa conversa com d. Lina e Siu Lin, uma conversa de tarde inteira, prolongada após o jantar, procurou Li no último dia de estada deste em casa de Kwai. D. Lina insistia em doar Siu Lin para criada de uma família portuguesa recém-chegada a Macau, para ela e para Herculano bastavam-lhes as duas criadas chinesas, mais acompanhantes do que criadas, viviam com a senhora há vinte anos, sabiam que receberiam um bom legado mal a senhora morresse, Siu Lin fora um vento novo que entrara na casa de d. Lina, que dela cuidara como de uma filha, a idade avançava e d. Lina não queria mais um encargo, um dote para o casamento da menina, uma pequena herança para que ela sobrevivesse, não podia ser; a família recém-chegada precisava de uma criada que falasse português e cantonense, tratasse dos filhos e da casa, Siu Lin seria excelente, teria trabalho para seis anos, duas comissões da família em Macau, depois regressaria a Lisboa, bolsos cheios, Fátimo insistiu no seu plano, era preciso libertar a menina, Fátimo foi brutal na argumentação, os filhos da família portuguesa usariam o corpo de Siu Lin como iniciação sexual, porventura engravidá-la-iam, Siu Lin seria expulsa de casa, lançada na prostituição da Rua da Felicidade, d. Lina compreendeu o temor de Fátimo, fora prática habitual, nas famílias portuguesas havia a concubina, usada pelo marido, pelos filhos e até por outros criados, sabiam dos chás de abortar, de não engravidar, Siu Lin nada sabia, d. Lina aceitou o plano de Fátimo, este comunicara-o a Siu Lin, que ouvira a conversa sem nunca se pronunciar, apenas meneara a cabeça e sorria, sentia-se honrada por um homem precaver o seu futuro, o homem que a salvara, porventura estaria agora morta se não fosse a intervenção heróica de Fátimo, Siu Lin sentia-se

infinitamente agradecida, obedeceria com um sorriso a tudo o que Fátimo lhe propunha, d. Lina sentiu-se bem, uma boca a menos a alimentar, sobretudo escapava à responsabilidade de cuidar de uma adolescente chinesa, muito obediente, humílima, sem dúvida, serviçal como nenhuma outra, mas nunca se sabia o que se passava no interior da cabeça de uma adolescente chinesa, recalcada, disciplinada, até um dia se apaixonar por um rapaz chinês ou um velho se oferecer para comprá-la como companhia dos últimos dias, Siu Lin significava, para d. Lina, após a fase de aprendizagem, um futuro cheio de problemas, d. Lina cansara-se, queria viver serenamente com as duas acompanhantes chinesas, já fizera saber a Herculano que devia procurar casa nos próximos seis meses, percebia-se, não queria um homem isolado em casa, daria azo a falatórios, sobretudo queria mansidão, tranquilidade, se não lhe apetecesse jantar não queria ser obrigada a fazê-lo, bastar-lhe-ia uma torrada, ou uma tigela de farinha *Maizena*, ou apenas uma sopa de fitas, Fátimo sabia a verdade, dissera-lho quando se casara com Maria Augusta e passara a viver na Nolasco da Silva, d. Lina convencera-se de que morreria nos próximos dois anos, o coração acelerara nos últimos meses, trepidara como chão sob pata de cavalos, o médico amigo do marido alertara-a para sintomas cardíacos graves, algo congénito, uma válvula apertada, o sangue não circulava suficientemente, o cérebro não era abastecido de oxigénio em quantidade, as extremidades do corpo sempre frias, d. Lina caíra pesadamente na cozinha de azulejos hidráulicos, Siu Lin gritara atarantada, o médico viera, d. Lina de nada se lembrava, antes sentira o corpo rijo como um rochedo, agora sentia-o em declínio, uma dorzita aqui, outra acolá, o mal fizera a sua aparição e recusava abandonar-lhe o corpo, já fizera testamento, o casarão, o recheio, as colecções do marido seriam doadas à Santa Casa da Misericórdia de Macau, as duas criadas receberiam o suficiente para habitarem um lar até à morte, Herculano estava a mais, Fátimo disse-lho, Herculano começara a frequentar o fumatório, desligava-se do mundo, de mente abstracta, Fátimo aconselhou-o a esperar pelo Verão, muitos portugueses rodavam todos os anos, uns iam embora em Julho, outros chegariam em Setembro, Agosto seria um bom mês para alugar casa, Fátimo ajudou d. Lina a redigir uma cláusula especial do testamento, o destino das colecções de arte chinesa do marido, o conjunto de estatuetas de jade, alabastro, as porcelanas e as pinturas populares em papel de arroz deviam ser mantidas intactas e expostas num pequeno museu, porventura no rés-do-chão da casa doada, até à edificação do futuro museu de Macau, para onde transitaria, d. Lina garantia que no céu, de mãos dadas com o marido, velaria para que tudo corresse como planeado, Herculano decidira regressar a Timor, precisava de acalmar o coração, desconhecia porque se apaixonara por Maria Augusta, desde o princípio que percebera que o pai Castanho não lhe daria a mão da filha, Herculano, olhando para trás, pressupunha que tinham sido os olhos enfeitados de Maria Augusta pairando excessivo tempo nos contornos dos músculos do seu peito, na barriga lisa, nas coxas

brônzeas, sentira-se atraído por uma portuguesa que o fitava alongadamente, porventura envaidecera-se, sentira-se privilegiado, mas Maria Augusta só lhe admirava o corpo, não a condição social de timorense, ainda que rico, aliás, presumivelmente rico porque, como lhe dissera o pai Castanho, aconselhando-a, uma fazenda em Timor, vendida não renderia o suficiente para a compra de um andar de férias em Sesimbra, Maria Augusta só seria rica em Timor, dali saída seria tão pobre como a mulher de um pescador da Caparica, Herculano partiria em Junho, concorreria para o liceu de Díli, como nativo licenciado teria lugar, mesmo que não como efectivo, passaria as férias grandes na Austrália, não regressaria mais a Macau, queria apaixonar-se de novo, uma mulher que pudesse amar livremente, sem preconceitos, queria afastar-se do sangue português, já condenara ao exílio os Noronha-Pereira, roubara-lhes grandes porções das fazendas no século XIX, tinham sido forçados a doá-las à igreja para a construção de um seminário, agora Herculano experimentara o racismo subterrâneo dos portugueses, velado, encoberto, mas activo, escolheria uma australiana, ou uma neo-zelandesa, loura, pele branquíssima, alva, ebúrnea, como estudara no liceu, precisava de retemperar o sangue da família com uma estrangeira, não estreitá-lo com uma timorense, presa às tradições da ilha, precisava de acabar com o domínio do sangue português, do sangue judaico, do sangue indiano, do sangue timorense, novos filhos, nova vida, mais tarde talvez vendesse todos os bens e partisse para a terra da mulher, Austrália ou Nova Zelândia, esqueceria o povo miúdo decadente dos portugueses, povo sem futuro, em breve perderia o império, retornaria à casa europeia para envelhecer e empobrecer, povo de um cabrão, disse Herculano, envelhece, empobrece e apodrece para aí a ver se nós, teus filhos, nos importamos; Fátimo, ciumento, dizia que sim, volta para a tua terra, lá terás um bom futuro, Fátimo sabia que o futuro em Díli seria sempre igual ao presente, o futuro igual a zero, como dizia, desde o casamento com Maria Augusta que as relações entre os dois amigos tinham esfriado, cordiais, como duas pessoas educadas que se invejassem, Fátimo sabia que Herculano olhava para Maria Augusta com olhos amorosos, Maria Augusta retribuía, não com olhos tão amorosos, com olhos desejosos, porventura sexualmente desejosos, Fátimo não se satisfazia no corpo de Maria Augusta, sobretudo não satisfazia este, cumpria os deveres de cônjuge, como a igreja lhe ensinara, mas sem paixão, limitava-se a arquear o dorso, enterrar o membro, esfregá-lo na vagina de Maria Augusta, pensar no corpo de Siu Lin e espernear de prazer, levantava-se de imediato, para se lavar e fumar, Maria Augusta ficava ali de pernas abertas, pensando nas coxas e nas nádegas de Herculano, o membro selvagem deste a penetrá-la até sentir dor, segurando o esperma de Fátimo dentro de si, alimentada pela vaga esperança de poder ter um filho, talvez fosse esta noite, quem sabe, só Deus, Maria Augusta corava quando Herculano olhava para ela com alguma demora, sentia-se culpada, mulher casada, atraída pelas coxas e pelo peito de outro homem, Deus castigara-a,

tornara-a infértil.

Fátimo propusera a Li que se casasse com Siu Lin, este tinha aceitado com prazer, Fátimo prometera a Li alugar-lhe uma loja com habitação nos fundos, um anexo abarracado, onde poderiam viver e ter filhos, no bazar, se não houvesse lucro suficiente Fátimo responsabilizar-se-ia pela renda trimestral, Li não queria acreditar em tanta sorte, fora de imediato ao pagode queimar pivetes e bater a cabeça, não fosse o deus arrepender-se e tirar-lhe o que acabara de lhe dar, não se via com suficiente presteza e qualidade para tão grande retribuição divina, Li batera a cabeça e acendera uma resma de pivetes em honra do patrão Kwai, não podia ser de outro modo, o senhor Kwai já chegara ao outro mundo e de lá retribuía àqueles que neste o tinham convenientemente servido, Li encomendou uma tabuleta com o nome do senhor Kwai, para o adorar em privado, mas o marceneiro do templo recusou, olhando de lado para Li, fazendo gestos de purificação, pressupondo que Li queria rogar pragas ao morto, já que nada lhe era, Li explicou-lhe, mas o marceneiro não acreditou, o primogénito do ilustre defunto que venha falar comigo, autorizar, disse, escrever o nome de um morto podia atrair a sorte, mas também o azar, caso não fossem cumpridas as regras, Li bateu a cabeça e queimou incenso em honra de Fátimo, que os deuses lhe protegessem a saúde e a carteira, Fátimo pagaria as despesas do casamento, contribuiria com algum dinheiro para a sobrevivência inicial, d. Lina, contente por se ver livre de Siu Lin, também ajudou, ofertou um envelope encarnado a esta, Siu Lin agradeceu reverentemente, simulou beijar os pés da senhora e beijou realmente as mãos, lacrimejando, d. Lina, comovida, disse-lhe que poderia contar sempre com ela, alguma aflição, uma doença, falência do teu marido, fala comigo, ajudarei no que possa, com a tua humildade não será difícil encontrar-te trabalho como criada em casa de portugueses, mas não poderás levar marido e filhos, tenho ali duas estatuetas de alabastro repetidas, enganaram-nos, venderam-nas como sendo originais, tiradas da terra, guardadas num armazém, sujas, o meu marido descobriu que são fabricadas em série em Xangai, vendemo-las para os antiquários de Lisboa, há sempre um lisboeta pateta que cai, vendo-as e dou-te o dinheiro.

Li e Siu Lin não se conheceram até ao dia do casamento, Fátimo serviu de intermediário, foi com Li ao bazar, alugaram um vão de escada na 5 de Outubro que o senhorio chinês alargara, furtara dois metros quadrados ao quintal comum e fizera uma nova casa, para arrumos, comer e dormir, alugava barato, muito barato se comparado com o ordenado de Fátimo, Li não sabia se havia de se tornar sapateiro ou bambuzeiro, artesão de cana de bambu, aprendera com o pai os dois ofícios, o irmão primogénito expulsara Li de casa, arrebanhando os instrumentos, a escassa mobília e a própria casa da família, leiloando-os a baixo preço na praça da aldeia, acumulando o dinheiro suficiente para emigrar para Hong Kong, donde não mais

regressara, Fátimo perguntara a Li de que material necessitava, qual o mais caro, como sapateiro ou como bambuzeiro, Li não sabia, presumia que o de sapateiro, também mais rentável, não se comparava, sapateiro era um ofício privilegiado, bambuzeiro um pobretana rural que aparecia no mercado a vender gaiolas, cabides, pentes, comprados por gente também pobre, Fátimo percebeu que Li desejava ser sapateiro, foram ao armazém português à Estrada de S. Francisco aferir dos preços dos instrumentos, havia quatro sapatarias na 5 de Outubro, mas nenhum sapateiro, Li foi apresentar-se às famílias dos donos das sapatarias, a cada uma levou um pato vivo, como oferta, falou servilmente, de cabeça baixa, não ousando olhar directamente para o chefe de família, ofereceu os seus préstimos de modesto sapateiro, não falou de Fátimo, simulou que a família Kwai o teria abonado, os donos da sapataria prometeram-lhe trabalho se a qualidade correspondesse, só havia sapateiros, e reles, no bairro Cheok Chai Un, Li informou Fátimo, tenho trabalho assegurado, Siu Lin pode fazer pivetes e panchões, vendem-se sempre, Fátimo apreciou o orçamento que Li lhe dera, duplicava o que estava disposto a investir para ter Siu Lin para si, mesmo contando com a prestimosa ajuda de d. Lina, fez um acordo com Li, não compraria a pequena mobília de casa, alugá-la-ia, costume chinês, uma espécie de pagamento a prestações, Li aceitou, uma mesa, quatro bancos, um armário para a cozinha, um colchão sem a armadura de cama, três painéis e três frigideiras, duas lamparinas, uma grande, outra pequena, d. Lina daria o resto, arrancado sem esforço ao pó do sótão, um fogareiro velho a petróleo, pratos puídos de uso, travessas grampadas, alguidares de metal, infusas para conservar a água, uma salgadeira de pedra, chegava para quem nada tinha, Li fez a encomenda no armazém, o dono deste olhou para Fátimo percebendo a marosca, Li seria o testa-de-ferro de Fátimo, trabalharia para ele por dá cá aquela palha e este guardaria os lucros, aceitou receber de Fátimo em duas prestações, e Li saiu do armazém com panos e tiras de couro, uma vara de seda para os sapatinhos de senhora, três sovelas de tamanho variado e um sovelão, dois alicates, três martelos com cabeça de ferro, duas caixas de pregos, duas braçadas de corda, duas facas de cabedal, um furador, três latas de cola sólida, uma quadrícula de vidro grosso para raspar as solas, dez latas de cera, cinco castanhas, cinco pretas, novelos de fio, um lixador para afiar as facas, duas escovas, boiões de pomada para lustrar, um alguidar grande de folha para amolecer o couro, Li contaria com a ajuda dos donos das sapatarias se houvesse encomendas de peles e tecidos para sapatos de senhora, antes de pagar a primeira prestação Fátimo confirmou com Li se não queria ser bambuzeiro, Li replicou não ser seguro que um bambuzeiro conseguisse alimentar Siu Lin sem a ajuda de uma horta e uma capoeira, não sabia se conseguiriam viver só da sua arte, teria de ser um artífice muito experimentado na confecção de gaiolas, de cestos de carga de carvão, armações para carrinhos de bebés, armações para capoeiras, não tinha a certeza, não sabia se conseguiria, Fátimo percebeu e pagou com o dinheiro

das explicações do jovem Kwai, sentiu-se de certo modo instrumento de uma justiça cósmica, o dinheiro que o primogénito da família recusara a Li para o manter como empregado acabaria nas mãos deste através do trabalho de Fátimo, Maria Augusta de nada soube, presumindo ter o marido gasto o dinheiro nos inumeráveis livros que comprava na livraria do senhor Ângelo. D. Lina, as duas serviçais, Fátimo e Herculano foram os únicos convidados do casamento, Maria Augusta recusou, desde a sua noite de núpcias que não podia ver Siu Lin, d. Lina não autorizou que Siu Lin saísse de sua casa para viver com um desconhecido senão casada, não desconfiava de Fátimo mas quis ver com os seus próprios olhos a nova casa, foi com Fátimo e Siu Lin, um corruio de boatos na 5 de Outubro, afinal o novo sapateiro tinha protectores brancos, bom sinal, deveria ser bom trabalhador e boa pessoa, d. Lina, que vivia numa mansão de dois andares com sótão, jardim fronteiro, quintal traseiro e uma pequena mata encostada à vedação de ferro, achou a casa apropriada para Siu Lin, um vão de escada como loja, onde Li passaria os dias sentado a remendar e a coser sapatos, prolongado por uma assoalhada funda, que também servia de cozinha. No dia do casamento, Fátimo alugou um riquexó florido para Li ir a casa de d. Lina conhecer a futura esposa, Li assistira ao casamento do primogénito dos Kwai, sabia que devia pegar na mão de Siu Lin e dirigir-se de imediato para o altar familiar, para que os antepassados de ambos abençoassem o casamento, Li esperava que Siu Lin possuísse um altarzinho pessoal, porventura com as fotos dos pais, mas Siu Lin nada possuía senão uma pequena arca com as suas roupas, um enxovalzinho que d. Lina lhe preparara, Li não se embarçou, dirigiu-se ao oratório católico, bateu a cabeça por inúmeras vezes, incentivou a futura esposa a fazê-lo, mirou a estatueta de Santo António, o busto de Nossa Senhora da Penha e o enorme crucifixo de madeira e prata debruçado da parede e rogou bênçãos doces para a nova vida do casal, como se as pedisse ao espírito de seu pai ou de seu avô, d. Lina fez sinal ao par de noivos, Li aceitou o envelope encarnado, o *laisi*, um auxílio nas finanças iniciais do casal, Li embarçou-se, corou, a cara purpurina, sorriu, não tinha palavras apropriadas em português, Fátimo substituiu-o, louvou a generosidade da dona da casa, Li ajoelhou-se, puxou o vestido de Siu Lin, para que fizesse o mesmo, ambos beijaram os pés de d. Lina, Fátimo segurou a mão da senhora, prendendo-a, era a sua maneira de lhe dizer que d. Lina era diferente das restantes portuguesas, sem deixar de ser católica integrara-se nos costumes chineses, tolerando-os, aceitando-os, como padre Joaquim Caetano dera o exemplo trezentos anos antes, d. Lina fez Siu Lin e Li levantarem-se, uma das criadas ofereceu a Siu Lin uma caixinha plana de cartão prensado com inscrições chinesas no tampo, d. Lina abriu, retirou um colar de jade velho e enfiou-o na cabeça de Siu Lin, ajeitando-o no pescoço, disse, não tens mãe, Siu Lin, se tivesses ela ter-te-ia dado hoje um colar como este, que teria pertencido à tua avó e à tua bisavó, ter-te-ia dito, chorosa, «Obedece ao teu marido, não desonres os teus antepassados», dou-

te eu este colar para que saibas que tentei ser uma mãe para ti desde o dia em que te acolhemos, Siu Lin afagava o colar, silenciosa, não sabia como agradecer, ajoelhou-se de novo e de novo beijou os pés de d. Lina, as duas criadas entraram com largas bandejas de chá preto fumegante, travessas de bolinhos macaenses, especialidade de d. Lina, bolinhos de prosperidade, saúde e amor, desvelou-se a toalha de cambraia que cobria a mesa central, comida de ano novo lunar, para atrair a sorte, a vida de ambos começaria de novo, justificavam-se os pratos, o *tai long kou*, feito de farinha de arroz, muito açúcar de cana e suco de gengibre, e o *yuet beng*, o famoso bolo macaense *bate-pau*, farinha, banha de porco, gemas de ovos e sementes de lótus, reflexo do nome de Siu Lin, a «Pequena Flor Lótus», uma lágrima única deslizava no rosto de Siu Lin, uma lágrima de felicidade, tinha encontrado dois brancos bons, um salvara-a, outro integrara-a, ambos lhe tinham oferecido um lar, uma cama, um prato, uma língua nova, dois pares de vestidos portugueses, agora davam-lhe um marido, Siu Lin não podia querer mais da vida, recordava os pais e o irmão, sentia-os todas as noites velando-lhe a cabeceira, protegiam-na no céu, tinham escolhido estrangeiros para a protegerem na terra, sentia-se feliz, olhava para o tecto, as duas criadas chinesas sorriram, perceberam, procura indícios dos pais, um leve balancear dos pingentes do candeeiro de cristal, uma brisa soprada abanando os cortinados, uns grãos de pó pesados que os raios solares destacam no ar etéreo do salão, iluminando-os, uma palavra que um dos convidados lançaria descuidadamente, que só ela saberia interpretar, porventura aquele prurido no braço direito de d. Lina, que esta esfregava, exactamente como a mãe fazia, seguiram em dois carros alugados para a Conservatória, onde d. Lina, Fátimo, Herculano e Maria Augusta apadrinharam a cerimónia, esta por procuração passada em nome de Fátimo, o sim dos dois nubentes foi coroado de aplausos; mais tarde, sozinhos, iriam ao pagode casar-se segundo o ritual chinês, d. Lina recusou deslocar-se ao templo, lamentava não ter tido tempo suficiente para converter Siu Lin, sabia que esta aceitaria o casamento católico, mas seria forçar excessivamente Li, d. Lina exclamou que não podia fazer tudo, Fátimo retrucou, sorrindo, nem Deus faz tudo o que é preciso, regressaram aos carros e foram almoçar ao Fat Sio Lao, Fátimo marcara mesa, as duas criadas chinesas juntaram-se-lhes a pé, idas directamente da Penha, Fátimo encomendou o mais antigo prato macaense, o mesmo para todos, era justo, explicava, Macau unira uma chinesa de Xangai com um chinês de Zhuhai, a mesa foi servida, *tacho*, assim se designava o prato, perdido na longínqua tradição macaense, ou *chau-chau pele*, em chinês, uma espécie de cozido à portuguesa macaense, inhame, pele de porco torrada, chispe, galinha e carne seca de pato, imensas rodela de chouriço português, fiapos de presunto chinês, algum gengibre, muito sal, muita pimenta, um nico de açúcar, acompanhado de muito arroz cozido em água e sal ao modo de Macau, Herculano ia depondo delicadamente na borda da travessa as diversas carnes de porco, Fátimo pediu outro prato para

Herculano, este, fazendo um esforço, disse não ser necessário, Fátimo anunciou a sobremesa, *batatada*, doce de batata cozida em manteiga, muitos ovos, muito, muito açúcar, o restaurante ofereceu as entradas em honra dos noivos, crepes de legumes e sopa de cobra, que d. Lina afastou liminarmente, sopa do demónio, exclamou, não deixou ninguém comer, nem Li, que gostava deveras e a comia amiúde em casa dos Kwai, Fátimo, como promotor do casamento, sentou-se entre Siu Lin e Li, presidindo, toda a tarde sentiu a coxa magra de Siu Lin contra a sua, percebeu que Siu Lin demorava a sua na mão dele. No fim do dia, Fátimo levou Li e Siu Lin à nova casa da 5 de Outubro, insistiu em entrar para conferir as acomodações, elogiou as duas caçarolas na cozinha, que ainda não tinha visto, novas, reluzentes, estampadas de flores de dalias amarelas e azuis, o fogareiro, brincou dizendo que, com o dinheiro de d. Lina, já podiam comprar uma cama europeia, daquelas que só os portugueses tinham, onde o enxergão encaixasse, Li disse que faria, ele próprio, a cama, Fátimo pediu fósforos, para fumar, Li fingiu não os haver, Fátimo fingiu que não tinha uma caixinha no bolso interior do casaco, Li percebeu, iria comprá-los, mau augúrio o primeiro hóspede pedir algo que a casa não tem, demorar-se-ia um pouco, fingiu haver uma loja na Rua da Felicidade que lhe prometera botas para cardar, aproveitava e iria lá, Fátimo permaneceu imóvel, mirando Siu Lin, bela na sua cabaia longa de seda, de colarinhos espetados e duros, Fátimo experimentou-a, agora és uma mulher casada, Siu Lin respondeu, tratando-o por tu, como Fátimo lhe exigia, fui sempre uma mulher casada contigo, mesmo menina, na noite em que me salvaste dos mendigos e me levaste para o hotel, eu desconhecia o que era o amor mas os meus olhos não se desgrudavam dos teus e pela primeira vez senti uma sensação agradável entre as pernas, Fátimo aproximou-se, segurou-lhe as faces entre as mãos e beijou Siu Lin prolongadamente, um genuíno beijo de amor, de lábios tocados, semiabertos, sem lascívia, Fátimo amava Siu Lin, a juventude do seu corpo, a sua gracilidade frágil, como uma ave pernalta levantando voo, as pernas pequenas e magras, os seios irrisórios desaparecidos sob a faixa de pano, o pescoço delgado, os cabelos livres, corridos, retintamente pretos, os pés pequeninos como duas borboletas brancas, o seu olhar doce e submisso, Fátimo sentia crescer o desejo, era um canalha, pusera Siu Lin entre os braços de Li para melhor a usar, aproveitando-se da fragilidade da sua situação, comprara Siu Lin com o dinheiro entregue a Li, sentia-se um verme, uma serpente desprovida de consciência moral, congeminara aquele casamento para poder unir-se a Siu Lin debaixo das telhas da casa do seu marido, sentia-se um biltre, pior do que um assassino, mais reles do que um mercenário, uma autêntica víbora, era assim que se sentia, Siu Lin aconchegou o seu corpo pequenino no de Fátimo, este não imaginava o que ela sentia, na sua noite de núpcias entregava-se ao amante antes de se dar ao marido, porventura a sua memória ancestral de mulher chinesa não a incriminaria, entregava-se ao seu Senhor antes de se entregar ao marido, o

que na Europa Fátimo estudara como direito de pernada, igualmente existente na antiga China, por isso Li se afastou sem recriminação, na sua memória de servo deveria ter repercutido a entrega da mulher ao seu Senhor, fora demasiado fácil, pensou Fátimo, parecia ter havido uma conspiração silenciosa entre marido e mulher, um consentimento tácito entre ambos, Fátimo é o nosso Senhor, tem direito à desfloração, porventura Li presumia ser a primeira vez que Fátimo se unia a Siu Lin, Fátimo era um homem casado, a sua esposa não fora ao casamento, Li devia ter desconfiado, por isso Fátimo o procurou e lhe ofereceu uma vida nova, e rica, o seu destino teria sido o de um faz-tudo da rua, um *culi*, sem a certeza da comida diária, Li aceitou, resignou-se como só os chineses se resignam, fazendo as coisas que deles se esperam como se nada tivesse sucedido, Fátimo dera-lhe casa, loja, comida, profissão, mulher, um cúmulo que nunca teria conseguido com o seu trabalho, por isso estava agradecido aos deuses, porventura ao senhor Kwai no céu, na terra ao senhor Fátimo, em troca dava a este a mulher uma vez por outra, um negócio consolador, pensou Li, se enriquecesse poderia devolver o dinheiro a Fátimo e reivindicar Siu Lin só para si, Siu Lin encostou a totalidade do corpo a Fátimo, esticando o pescoço para receber novo beijo, assim ficaram, juntos, deixando tombar o crepúsculo, escurecendo o tugúrio, os braços de Siu Lin cingidos no peito de Fátimo, juntos como uma peça única, um bloco íntegro, corpos colados, Fátimo sentiu uma chama interior incendiar-lhe o coração, o prazer a descer pelo peito, centrando-se no membro viril, este crescia, inflamado, intumescido, Siu Lin sentiu-o, aconchegou-se mais, pressionando-o com a barriga, Fátimo buscou a nuca de Siu Lin, à altura do seu pescoço, acariciou-lhe os cabelos, revolveu-os com prazer, de membro empolado, Siu Lin soltou os botões da cabaia, abriu-a, puxou dois fiozinhos, desprendeu a faixa de pano, que tombou larga no chão, como a pele encarquilhada de uma serpente, descobriu dois irrelevantes seios, desapertou o cinto das calças de Fátimo, soltou os botões, as calças caíram como um fole sem ar, fechado, amarrotadas nos tornozelos, afagou o pénis sob as cuecas brancas de Fátimo, puxou-o para fora, grosso e túmido, flamejante de sangue, mordiscou-o com a boca pequenina, lambeu-o demoradamente, chupando-o como a um pau de cana-de-açúcar, enfiou-o entre a protuberância dos seios breves, esfregou-o com o busto até Fátimo se contorcer ofegante, respiração apressada, dorso arqueado, enchendo o peito de Siu Lin de um jacto de orvalho, era assim que Siu Lin se referia ao esperma de Fátimo, gotas de orvalho matinal, Li podia estar descansado, nunca um filho de Fátimo cresceria no ventre de Siu Lin, a relação entre ela e Fátimo, ardentemente carnal, dispensava o coito, Siu Lin era e estava virgem, seria desflorada essa noite pelo marido, no enxergão novo, a que Siu Lin, avisada por d. Lina, juntara um grosso pano velho de fazenda, para que o sangue não penetrasse o invólucro do colchão, era alugado, poderiam ter de devolvê-lo, ou, mais tarde, vendê-lo, Fátimo arranjou-se, Siu Lin lavou-se, enrolou de novo a faixa sobre os seios,

compôs o *cheong-san*, a cabaia longa do casamento, ouviu-se um barulho de passos esfregados, limpando a sola dos sapatos na esteira de entrada, Li descalçava os sapatos, não queria entrar em casa com o pó da rua, poeira do chão, carregado de miuçalha de inveja, ódio, ressentimento, rancor, vingança, transportá-la para casa, mesmo que inadvertidamente, seria conspurcar esta, Fátimo despediu-se, agradeceu os fósforos trazidos por Li, enfiou a caixinha no bolso do casaco, ao lado da outra, junto ao maço de tabaco americano, Li acompanhou-o à porta, de novo agradeceu, batendo a cabeça, na minha vida o senhor Fátimo ocupará sempre o lugar do coração, espero que os mensageiros do céu, quando me vierem buscar, tenham a figura do senhor, não podia haver maior elogio da parte de um chinês, Fátimo, cansado, limitou-se a sorrir, juntando as mãos à altura do peito, não batendo a cabeça, sinal de superioridade, disse para Li, testa preocupada, não faças sofrer Siu Lin, não sejas bruto, faz tudo muito delicadamente, Li sorriu, garantiu que seria como o voo da garça, seguro, mas lento e suave.

A CASA DO ÓPIO

*Ó meu coração, torna para trás,
Onde vais a correr, desatinado?
Meus olhos incendiados que o pecado
Queimou – o sol! Volvei, noites de paz.*

Camilo Pessanha

Queixoso, lamentoso, lastimoso, ressentido, Herculano abandonara os serões em casa de Fátimo e Maria Augusta, não suportava a presença desta, o corpo moreno e roliço com que sonhava, as nádegas salientes, os seios cheios, onde Maria Augusta se sentava Herculano fugia para o lado oposto, tentava apagar o seu corpo da memória, impossível, Fátimo perguntou a d. Lina se Herculano se recolhia ao quarto à noite, a seguir ao jantar, d. Lina admirou-se, presumira Herculano em casa de Fátimo, Herculano chegava perto da meia-noite, subia silenciosamente para o quarto, levantava-se muito cedo, as criadas serviam-lhe o pequeno-almoço de leite às sete da manhã, o primeiro a chegar ao liceu, Fátimo reparara em algum desmazelo do amigo, não maior porque d. Lina se encarregava da sua roupa, as olheiras fundas e arroxeadas, cavando e escurecendo umas breves sombras que a leitura tinha aberto sob os olhos, Fátimo, preocupado, confrontou Herculano, convidou-o directamente para sua casa, à noite, outros professores vão, como sabes, jogamos cartas, *mahjong*, cantamos, bebemos, comemos, para a semana a Maria Augusta faz anos, queremos-te lá, Herculano escusou-se, o olhar fixo nos pés, cabeça baixa, comprometida, aguardava um telefonema de Timor, outro de Sidney, outro de Lisboa, não poderia sair de casa de d. Lina, desse por ele os parabéns a Maria Augusta, desejava-lhe muitas felicidades, disse-o quase chorando, afastou-se, caminhando como um autómato, o olhar húmido, cristalizado na parede, como se fitasse o nada, Fátimo perseguiu-o, tocou-lhe acintosamente num dos ombros, perguntou-lhe o que tinha ele para se afastar dos amigos, procurar a última mesa na sala de professores sempre que Fátimo se sentava na primeira, Herculano replicou que Fátimo inventava, ele não se afastava de ninguém, tinha problemas, preparava o regresso a Díli, vendera uns antigos terrenos da família, custara-lhe, daqui a

um mês tudo estaria passado, Fátimo sabia Herculano consumido por uma paixão infeliz por Maria Augusta, apreciava-lhe a hombridade do afastamento, mas detestava vê-lo corcovado, triste, arrastando um passo isolado, solitário, invectivou-o, onde passas as tuas noites, Herculano encrespou-se, o que tinha Fátimo a ver com isso, Fátimo apelou para a amizade, o companheirismo dos primeiros anos, és o meu melhor amigo, eu devia ser o teu melhor amigo, Herculano jogou a mão ao ar querendo dizer, onde vai isso, vou-me embora dentro de meses, para o ano já não te lembrarás de mim, completou rispidamente, não gosto de Macau, disse com ar enjoado, uma careta, como se tivesse bebido leite azedo, Fátimo respondeu, não sei porquê, motivou-o, queríamos ir os dois para Lourenço Marques, Herculano interessou-se, sempre vais, Fátimo disse que não, Maria Augusta não gosta de África, nunca lá esteve, mas, sabes, palhotas, pretos, continuou, sim, é melhor saíres de Macau, estás magro, o colarinho dança no teu pescoço, Fátimo enfiou o dedo entre a camisa branca e o pescoço do amigo, vês, Herculano retirou-lhe asperamente o dedo, não tens de que te preocupar, em breve não nos veremos mais, Fátimo insistiu, o que fazes à noite, leio, preparo as aulas, tu continuas a tomar notas para um futuro romance, Fátimo sorriu, não já futuro, presente, escrevi mais de cem páginas, talvez 150, Herculano deu-lhe os parabéns, gostaria de o ver publicado um dia, obrigado, agradeceu Fátimo, insistiu, o que fazes à noite, Herculano irritou-se, parecia ir explodir em lágrimas, o castanho da cara carminizou-se, virou-lhe as costas, Fátimo sentiu vontade de esmurrar Herculano, de lhe gritar que sim, Maria Augusta amara-o, pelo menos desejara-o, porventura ainda o desejava sempre que Fátimo a não satisfazia carnalmente, mas Maria Augusta era uma menina caprichosa, descendente de pescadores, não suportaria viver com uma pele castanha a seu lado, ter filhos acastanhados, já lhe bastava ser morena, ter apelido de Castanho, era um preconceito de família, de Sesimbra, se não tivesses essa pele acobreada ter-te-ias casado com ela, estaria eu sozinho, com os meus livros, no quarto da casa de d. Lina, e tu na Rua Nolasco da Silva, beijando Maria Augusta, vês, Herculano, não foram só os dominicanos que expulsaram os Noronha-Pereira de Macau no século XVII, hoje continuamos a expulsar os pretos, os timores, os mulatos, toleramo-los, mas não lhes damos as nossas filhas em casamento, tu tentaste, frequentaste os nossos serões, não conseguiste, foi pior, mais forte do que tu, Maria Augusta é a mulher da tua vida, percebeste, afastaste-te, Fátimo perseguiu Herculano no corredor, inquireu de novo, onde passas as noites, quero saber, Herculano replicou que Fátimo não tinha esse direito, a minha vida é comigo, Fátimo retrucou que sim, tinha, em nome da amizade, diz-me, frequentas o jogo, diz-me, Herculano riu-se suavemente, amarrotou o nariz, qual jogo, nem pensar, então onde vais, instou Fátimo, encostou Herculano contra a parede do corredor de acesso à sala de professores, tens uma concubina chinesa por tua conta, como os antigos professores portugueses, é isso, Herculano desembaraçou-se, não, não tenho,

baixou a cabeça, como se reconhecesse no amigo um anjo protector, confessou, vou ao fumatório, a respiração de Fátimo cessou, os olhos pularam-se-lhe, abriu a boca, respirou de novo com solidez, arfou, o ímpeto sólido da novidade atravessou-lhe a mente, levantou a cabeça de Herculano com um dedo, olhou-o nos olhos, não, não mentia, Fátimo não sabia o que dizer, hesitou em condená-lo, poderia afastar-se definitivamente, nada tinha a ver com este novo Herculano, olhou-o com maior detalhe, emagrecera, chocalhavam-lhe os ossos do esqueleto debaixo do casaco, duas pregas de pele sob o queixo, estrias escuras na testa, Fátimo abraçou-o, não lhe perguntou porquê, sabia-o, não se dera ao álcool, dera-se ao ópio, que lhe sugava as carnes, impregnando silenciosamente cada película das células de uma forte dependência, Fátimo foi brutal, saiu-lhe da boca, perguntou-lhe, estás viciado, Herculano levantou uma mão, meneou-a, mais ou menos, tenho de reduzir as doses, é a minha esperança, reduzi-las ao máximo até sair de Macau, comprarei na Austrália um substituto, tomarei em Timor até ficar limpo, tenho esperança, dissera duas vezes a palavra esperança, Fátimo tomou uma decisão, vou contigo, diminuo-te as doses, eu próprio, velo por isso, controlo-te, não te deixo entregue a ti próprio, ou ao chinês do opiário.

Os fumatórios, clandestinos em Macau desde que em 1936 fora internacionalmente proibido o consumo de ópio, abundavam nas ruas do bazar, identificados pelo cheiro singular que atravessava as frinchas das portas e inundava as ruas, todos sabiam onde se podia fumar a qualquer hora do dia, Fátimo responsabilizara-se por Herculano, lera tudo o que se podia ler em Macau sobre ópio, o agulhão da consciência de culpa assim o obrigava, Herculano viciara-se por amar Maria Augusta, Fátimo dissera a Maria Augusta, como se nada soubesse da cumplicidade entre ambos, Maria Augusta entristecera-se, esfregara as mãos uma na outra, inquieta, passara-as pelas coxas, como se as secasse de suor no tecido das saias, parecia-se cada vez mais com a mãe, pensou Fátimo, tens a certeza, perguntou, censurou, danada desta terra, parece que tem o diabo no seu seio, admitiu, sem esperar resposta, como se tivesse renunciado que Herculano seria acometido por uma desgraça, Fátimo abriu as mãos, eis porque deixou de nos visitar ao serão, Maria Augusta lamentou-se, coitadinho, como se se referisse a um familiar, Fátimo fingiu não perceber a ternura nos olhos de Maria Augusta, anunciou-lhe que tomaria conta de Herculano pessoalmente, arrancá-lo-ia do vício, salientou esta palavra, Maria Augusta lera um romance, em casa dos pais, de um autor macaense, não se recordava do nome, não vai ser fácil, um opiómano francês não conseguiu libertar-se, suicidou-se. Herculano não era europeu, possuía uma força de vontade indómita, natural, selvagem, preparou-se para sofrer, tanto quanto o sofrimento de amor que o levava ao ópio, mas sairia limpo de Macau.

Fátimo acompanhou Herculano à casa do ópio, passava pela casa de d.

Lina às 9 horas da noite, esperava-o ao portão e seguiam ambos, em silêncio tumular, até ao bairro de Cheok Chai Un, onde, ao fundo de um beco esconso e negro, enlameado, cingido de uns casinhotos construídos em entena, se pregava a uma porta uma lanterna vermelha chinesa, quadrangular, com os vidros partidos, debitando uma claridade alarve, Herculano bateu à porta com os nós dos dedos, três vezes seguidas, um intervalo e nova batida, esta abriu-se, um chinês velho, de focinho quadrado e músculos ostensivos sob uma camisola branca interior europeia, fez-lhe sinal para o acompanhar por um corredor estreitíssimo e escuríssimo entre duas fiadas de tabiques de madeira, cujas ranhuras entre as juntas deixavam sair um fumo cinzento adocicado, Herculano pagou, informou o chinês, em mau cantonense, das intenções de Fátimo, o chinês arrebitou o nariz, não podia fazer nada, eram brancos, superiores, uma palavra de um deles e a Polícia fecharia o fumatório, Fátimo retirou da carteira três notas de cinquenta patacas, deu-as ao chinês, este encolheu os ombros, ajeitou a trança sobre o ombro direito, Herculano recebeu uma bolinha escura, resíduo de papoila dormideira, empurrou a portinhola do fundo, que chiou nas dobradiças de latão, apressou-se a deitar-se num colchão sujo, sem lençóis, um enxergão suspenso de uma tarimba de madeira assente em quatro ou cinco tijolos, Herculano suspirou fundo, um suspiro resignado, doce, suave, como se tivesse chegado ao paraíso ambicionado, a seu lado, sobre um quadrado oco de madeira, melhor, sobre quatro tábuas de madeira pregadas desconjuntadamente, a lamparina para queimar a pasta sólida, cheia de óleo perfumado, combustível da chama que derreteria o ópio, e o longo cachimbo de bambu, preto de usado, há muito temperado pela passagem do fumo ardente, Herculano explicara a Fátimo que fora levado ao ópio por uma dor imensa no peito, uma pressão demoníaca, que parecia esmagar-lhe a vida, causa de uma penosa angústia, que só com a morfina do ópio se extinguia, quando se extinguia, habitualmente resultavam dois dias calmos, sem ânsias peitorais, como se a garganta se lhe fechasse e não conseguisse respirar, Fátimo perguntara-lhe qual a causa daquelas dores tremendas, Herculano encolhera os ombros, não sabia, Fátimo percebera, não queres dizer, ao terceiro dia a ansiedade retornava, os dedos tremiam-lhe, o coração cavalgava a dor difusa pelo peito, tornava-se avassaladora, e assustadora, como se carregasse uma tonelada de ferro dentro do corpo, Fátimo perguntara a Herculano se procurara um médico, sim, fizera-o, tomara uns relaxantes musculares, analgésicos, um paliativo, a dor permanecia, pulsante, sentia-a, mesmo quando nada lhe doía, o médico mandara-o a um psiquiatra de Hong Kong, Fátimo confessou que Maria Augusta tomava por vezes um relaxante, para dormir, quando era acometida por uma tristeza infinita, como ela dizia, sem causa nem objectivo, um vazio, um nada, Herculano garantira que o médico dos serviços públicos lhe dissera que a maioria dos portugueses tomavam calmantes, Fátimo desabafou, porque foste tu procurar alívio na porcaria do ópio, tomavas calmantes como toda a

gente, Herculano invocou a intensidade da dor, uma dor que nasce do cérebro, mais forte do que qualquer dor física, Herculano acendeu o estopim, a mecha, a chama brilhou ferindo de luz a escuridão gigante, depositou a pasta escurecida no forninho do cachimbo, ajeitou-a e preparou-se para inspirar o fumo, Fátimo perguntou-lhe como baixariam as doses, Herculano disse, corta umas raspas, cada vez que aqui viermos o farás, cada vez mais, não te esqueças de as deitar fora, serás preso se cheirares a ópio na rua, um chinês que viu morrer o filho viciado te denunciará, não experimentes em casa, à terceira vez estarás viciado, o rasto do fumo atingiu as narinas de Fátimo, tapou-as com um lenço de algodão, respirando para o lado, o fumo atordoou-o, sentia alguma náusea, sentou-se precipitadamente num banco que o chinês com focinho quadrado lhe trouxera, uma vertigem tomara-lhe conta da consciência, Herculano avisara-o, o primeiro choque com o fumo de ópio atordoia, mas não vicia, o corpo contrai-se, fecha-se à influência nefasta, Fátimo sentiu-se mal, Herculano acabara de fechar os olhos, encostara a cabeça a um rolo de papel grosso que servia de almofada europeia, Fátimo saiu do cubículo, tinha de vomitar, avançou pelo corredor estreitíssimo, buscava a saída, ouviu um estrondo, um corpo caíra do catre para o chão, arrastara a lamparina, o cachimbo, o velho chinês corpulento acorreu, cana sólida de bambu entre as mãos, vergastaria o opiómano até ao desmaio completo, chamaria companheiros, carregá-lo-iam numa padiola até ao Porto Interior, abandonando-o, o chinês apontou para qualquer lado, vomita aí, disse em cantonense, Fátimo expeliu o jantar, todo, à entrada da porta de uma cela, regressou para perto do amigo, Herculano comprara do ópio mais barato, o de Benares, na Índia, tratado quimicamente nas destilarias do Reino Unido e exportado para toda a Ásia, misturado com pó de carvão, ou poeira de cimento, para dar coesão à pasta, um ópio duro, não poroso, Herculano, sabedor, trocara o cachimbo longo de bambu por outro de marfim velho, que retinha as impurezas, Herculano abria os olhos, fixados no tecto de madeira, manobrava o forninho sobre a chama da lamparina, derretendo a crosta da bolinha de ópio, estalando-a, recebendo nova exalação de fumo, respirando sofregamente, de boca aberta, Fátimo saíra para o beco, esmiolara as raspas de ópio, deitara-as para o chão, pisara-as, dissolvendo-as entre a lama, puxara de um cigarro, droga mais leve, menos viciante, esperaria uma hora por Herculano, se este não saísse ir-se-ia embora, Herculano seguiria para casa de d. Lina cerca da meia-noite, a função de Fátimo fora realizada, cortara quatro raspas da bolinha, da próxima vez cortaria cinco, grande progresso, pensou, decidiu ir para casa, avançou pelo beco, virou a rua à direita, Herculano lá ficara espojado, pernas abertas, aparentemente enfastiado e delirante, a fronte transpirada, mãos dormentes, boca seca, quando a droga começasse a fazer o seu verdadeiro efeito os olhos remexer-se-iam impetuosamente sob as pálpebras cerradas, o corpo seria tomado por uma excitação aprazível, Herculano sorriria, confessara-lhe que sonhava reduzir o vício para dez inalações de três em três dias, permitir-

lhe-ia um estado de permanente euforia e a garantia de que dois, três meses depois estaria liberto do vício, desintoxicado, preparado para os remédios substitutos, que encomendaria a Hong Kong antes de partir para a Austrália, Herculano devaneava, «via» Fátimo a seu lado e Maria Augusta ao fundo de um túnel branco, Herculano hesitara em chamá-la, gritar-lhe o seu amor frustrado, Fátimo a seu lado, não se podia denunciar, a euforia tornara-se júbilo, Fátimo garantia a Herculano que trocaria Maria Augusta pelos livros deste, ficas com a minha mulher, eu fico com os teus livros, dizia Fátimo na visão de Herculano, que aceitara, correndo em êxtase para Maria Augusta, que beijava à frente do marido, melhor, do ex-marido por vontade própria, Fátimo casar-se-ia com uma biblioteca, Herculano recuperaria Maria Augusta, Herculano saíra do estado de apatia, vigiava nele, por assim, dizer, uma sonolência desperta, sentia um formigueiro na extremidade dos pés, sinal da passagem do efeito do ópio, o corpo quente, estimulado pela droga, arrefecia, regressava à temperatura normal, descerrou as pálpebras, sorriu recordando a história do sonho ou da visão, não conseguia levantar-se, desequilibrar-se-ia e tombaria se o fizesse, sentiu a ponta arrefecida do cachimbo entre os dedos, os sentidos encontravam-se ao rubro, as pontas dos dedos susceptíveis ao toque, como se tacteasse o ar e o sentisse, passou a lisura do cano do cachimbo entre as mãos indolentes, o corpo esfumava-se, o pensamento abria-se sobre um vazio, um vazio alheio, saboroso, doce, agradável à mente, como se esta boiasse sobre uma estupefacção permanente, alegre e ridente, ausente de dor, qualquer dor, física ou psíquica, não havia angústia, tormento, ansiedade do peito, cavalgamento do coração, corpo e espírito tinham sido pacificados, nem fome nem fatura, guerra ou paz, excesso ou defeito, três dias depois a inquietação regressaria, ansiosa, cada vez mais forte e dominadora, exigindo satisfação em nova bolinha de papoila dormideira.

Herculano passara sozinho o Natal, tivera uma recaída, na noite da consoada voara nas asas da morfina, no casebre do bairro de Cheok Chai Un, uma reincidência, fugira de casa de d. Lina, Fátimo tivera uma longa e calma conversa com a senhora, que abominava drogas como o diabo a cruz e havia muito desejava o hóspede fora de sua casa, impossível esconder o estado de dependência de Herculano por mais tempo, Maria Augusta implorou à senhora que não expulsasse Herculano de casa, verteu algumas lágrimas sinceras, uns ais piedosos, que enciumaram Fátimo, d. Lina consentiu desde que Herculano frequentasse as consultas no Hospital de S. Rafael de um médico amigo do marido falecido, fazia milagres, já os fizera com professores e intelectuais que tinham imitado Camilo Pessanha, prometiam-se passar umas horas deliciosas, longe de todos os problemas, e acabavam viciados, Herculano acedeu, passou a ser tratado pelo médico, barbas brancas longas à missionário do século XVIII ou colonialista do século XIX, substituiu-lhe a quantidade de ópio por idêntica quantidade de estimulantes e

pela vigilância fortemente activa de Fátimo, que o acompanhava às esporádicas visitas à casa de ópio, o médico estipulara o número exacto de inalações semanais, Fátimo contava-as com o cuidado de um neófito, não permitindo nem mais uma lasca, nem meia inspiração, arrancava violentamente o cachimbo das mãos de Herculano e devolvia-o apressadamente ao chinês velho corpulento, cujo peito e camisa de alças exalavam um cheiro fedorento, cruzamento da doçura do ópio com o azedo do vinho de arroz. Em finais de Fevereiro, Herculano foi internado no hospital com sintomas agudos de privação de ópio, o corpo chupado, as pernas e as mãos trementes, a boca sequíssima, a testa ardente, a transpiração excessiva sem consumo de líquidos, fortes dores no estômago que nenhum analgésico aplacava, uma pressão de mil quilos na boca do estômago, Herculano revirara os olhos, tombara de uma só vez no tapete da sala de d. Lina, bolçara uma aguadilha amarela, bafenta, Fátimo desculpou Herculano perante o reitor, Fátimo substituiu Herculano como professor de História, os horários foram alterados com a compreensão de todos, harmonizaram-se os dois horários e Fátimo passou a trabalhar a dobrar, o ordenado de Herculano era religiosamente entregue à guarda de d. Lina, que o acolhera em casa à saída do hospital e o tratava com desvelo de mãe, enfiando-lhe pela boca vastas colheradas de canja portuguesa com hortelã, que Herculano, indisposto, acossado pela ausência de ópio, vomitava sobre o lençol chinês, o médico vinha ao fim da tarde, abria a maleta de cabedal e despejava pela boca de Herculano três pílulas, virava-o na cama e espetava-lhe duas injeções, uma em cada nádega. Fátimo, extenuado, não aguentou os dois horários e a montanha de exercícios para classificar, o reitor, com o atestado médico comprovativo de que Herculano sofrera uma biliose de origem desconhecida, aliviou Fátimo, distribuindo o horário de Herculano por vários colegas do grupo de História e, com autorização do secretário da Educação do governo, nomeou Herculano bibliotecário do liceu, com ordenado equivalente ao de professor. Eram uma família, então, os portugueses de Macau, ajudavam-se mutuamente como irmãos de infortúnio e prazer.

O ano lectivo findou em Junho, em Julho Fátimo e Maria Augusta levaram Herculano ao Porto Interior, restabelecido, ainda sob forte efeito de medicamentos, Herculano seguia para o aeroporto de Hong Kong em viagem a Sydney, donde regressaria a Díli, sua casa e pátria, em Setembro, para ocupar o lugar de professor do liceu. Fátimo e Maria Augusta nunca mais viram Herculano. Fátimo soube, em 1976, no regresso a Macau para se casar com Siu Lin, que Herculano morrera torturado e decapitado às mãos de bandos de arruaceiros, defensores da integração de Timor na Indonésia.

SIU LIN E MARIA AUGUSTA

*Segredo dessa alma e meu degredo
E minha obsessão! Para bebê-lo
Fui teu lábio oscular, num pesadelo,
Por noites de pavor, cheio de medo.*

Camilo Pessanha

Resistindo a acolher-se em casa, escutando a retórica oca de Maria Augusta, Fátimo decidiu ir ao bazar comer *chao-min* com molho claro de soja, saíra do Liceu Infante D. Henrique, estivera toda a manhã a preparar um conjunto de alunos que fariam os exames de admissão à Universidade, avançara pela Praia Grande, uma vasta multidão acumulava-se junto ao palácio do Governador, tinha havido uma revolta de operários da construção civil na Taipa e um protesto de motoristas de táxi, que recusavam a instalação de taxímetros na viatura, a oficialização do jogo de casino tinha alastrado despudoradamente e Fátimo receava que a Macau doce e lenta que o recebera nas décadas de 40 e 50 viesse a sofrer o efeito impetuoso da corrida ao dinheiro fácil, imitando Xangai e Hong Kong, os chineses não eram já a população servil a que os portugueses se tinham habituado ao longo do Estado Novo, nos últimos anos indonésios e malaaios tinham acorrido à cidade e ocupado os trabalhos mais humildes, o chinês sentia-se superior, exigia escolas públicas para os filhos, electricidade para todos e uma rede civilizada de canalização de água. Fátimo saltitava entre ramos partidos, amontoados nas valetas e nos passeios, houvera um tufão na semana anterior, rachara inúmeras árvores da Praia Grande, do Jardim de S. Francisco, uma das acácias tombara sobre o *Toyota* do reitor à entrada no Jardim de Camões, inutilizando-o, Maria Augusta queixava-se da humidade que lhe fazia arder os ossos, como se estivessem sempre quentes, desejava regressar à Sesimbra natal, consolar-se com o Verão seco, o sol temperado, cansara-se de Macau, uma melancolia amarga tinha vindo a tomar conta da consciência de Fátimo, vinte anos de Oriente pesavam-lhe no corpo, acrescido de um cansaço mental, perdera a alegria de ser professor, as contínuas explicações a que se esforçava para aforrar dinheiro fatigavam-no,

perdera a eterna sensação virginal da sensibilidade que os versos de Camilo Pessanha lhe tinham despertado, pesavam-lhe hoje a tristeza e o cepticismo dos seus versos atormentados, não via neles a beleza refulgente, a harmonia espiritual, que outrora lhe incendiara a sensibilidade, decorando-os e recitando-os aos alunos, antes uma nostalgia esparsa que lhe quebrava o furor dos braços, bloqueando-lhe a mente, via-se a recitar mudamente aqueles quatro versos mais tristes do que a tristeza, e deles só lhe restava no coração a tristeza, não a beleza:

Desce por fim sobre o meu coração

O olvido. Irrevocável. Absoluto.

Envolve-o grave como véu de luto.

Podes, corpo, ir dormir no teu caixão.

Fátimo sentia que cumprira o Império, nunca saíra de Macau mas seria assim nos outros territórios ultramarinos, uma elite branca, endinheirada e respeitada, convidada para as inúmeras festas celebratórias das datas grandiosas da formação do Império, uma maioria de trabalhadores, negros, amarelos, brancos, rasa de direitos, suportando o pão de cada dia com o suor do rosto, como Li e Siu Lin, e um sector humano intermédio, mistura social e genética dos anteriores, complexado, augurando encostar-se à elite mas possuindo rendimentos e estatuto que o aproximavam da maioria, os macaenses propriamente ditos, os filhos da terra, que ainda falavam o patuá, Fátimo e Maria Augusta não pertenciam a nenhum deles, possuíam estatuto mas não dinheiro, eram respeitados mas não admirados, convidados para as celebrações nos dias oficiais da pátria mas não para as casas particulares da minoria dominante, onde se reunia a burguesia portuguesa de Macau, não valeria a pena concorrer para o liceu de Lourenço Marques, seria certamente uma Macau preta, onde se viam chinos na rua ver-se-iam pretos e mulatos, onde se inscreviam caracteres chineses, inscrever-se-iam palavras africanas, havia, porém, uma imensa diferença, a guerra não chegara a Macau, Fátimo confessava a si próprio uma cobardia ingénita, nunca concorrera para Lourenço Marques porque no ano em que a isso se decidira, depois de longas hesitações, tinha rebentado a guerra de libertação contra Portugal em Angola, estalara uma revolta preta que conduzira à matança de inúmeras famílias brancas do interior, Fátimo sentira medo, garantiam-lhe ser impossível o mesmo acontecer em Lourenço Marques, cidade civilizada comparada com o sertão de Angola, mas Fátimo hesitara, não por Maria Augusta, mas por si, sentira medo, medo verdadeiro, infiltrado na carne, que lhe fez tremer os dedos, era 1961, pensou em regressar a casa, abandonar o Império, que começava a tombar e arrastaria para a desgraça quem nele estivesse, não valia a pena lutar por uma ideia moribunda, vinte anos de Macau tinham sido suficientes. Após os acontecimentos de Luanda, Fátimo começou a pensar em regressar, constituía, aliás, o assunto dominante do

casal ao jantar, decidiram arriscar mais cinco anos, cinco anos de poupança, fariam o ponto da situação todos os anos pela altura da abertura de concurso para professores, fariam as contas, precisavam de mais algum dinheiro para se instalarem duradouramente em Lisboa ou em Sesimbra, Barreiro não, vila operária, carregada de acidentes entre trabalhadores e a Guarda Nacional Republicana, Fátimo contava comprar um ou dois prédios de rendimentos, falara com o gerente do Banco Nacional Ultramarino, aconselhara-se onde depositar o dinheiro, este garantia ser o seu banco o mais seguro, depositar nele era o mesmo que depositar em Lisboa, a conta a mesma, tanto podia levantá-lo num lado como noutro, Fátimo carregou no número de explicandos, vinte horas de aulas e cerca de trinta de explicações, tornou-se o explicador de Língua e Literatura Portuguesas preferido das famílias de Macau, sucesso garantido na ordem dos 90%, forçando os alunos a inúmeros trabalhos suplementares, um dos quais responderem a todas as questões dos exames dos últimos dez anos, quando se fartava das explicações dizia a Maria Augusta que ia passear, buscava a Igreja de Nossa Senhora do Loreto, encomendava-se rezando dez ave-marias, contemplava maduramente a figura da Senhora, recordava a história da construção da igreja lida no livro do padre Joaquim Caetano, quando Macau se encontrava severamente empobrecida, na segunda metade do século XVII, bloqueada pelos mandarins chineses, sem o trato da prata do Japão, o povo, reunido no edifício do Senado da Cidade do Nome de Deus na China decidira, por incitação de um jesuíta italiano, Metello Saceno, que conhecera os permanentes milagres obrados pela Virgem do Loreto no Norte de Itália, fazer voto de fidelidade a Nossa Senhora do Loreto, tinham falhado os pedidos de intercessão a S. Francisco Xavier, a Santa Catarina de Sena, a Nossa Senhora da Penha, restava, como esperança aflitiva dos macaenses, o auxílio da Senhora milagreira da Europa, foi rogada a reabertura do trato da prata com o Japão e da seda com a China, rogo gorado, mas a fé, ainda que frustrada, permanecera, se a Senhora o não fizera fora porque não pudera, tinham pensado os macaenses, a igreja foi levantada e terminada, uma igreja opulenta, rica, construída por braços pobres, Fátimo pensava que Macau se encontrava em idêntica situação, mas a fé em Nossa Senhora fora substituída pela fé nas receitas do jogo, que proliferava em pequenos casinos legais e clandestinos, em breve os chineses da República Popular da China, pudicos, austeros, tradicionalistas, poderiam exigir a sua proibição, e Macau cairia numa apática pobreza, Fátimo pensava ser melhor partir quanto antes, a história tinha vindo a acelerar-se na década de sessenta, levar Maria Augusta para porto sossegado, que só poderia ser Lisboa ou Sesimbra, Fátimo saía das sombras interiores da igreja e dirigia-se para casa de Siu Lin e de Li, recebido com afabilidade, como quem recebe o patrão bonacheirão, mesmo com festa, convidado a beber chá e a comer bolinhos, Li ambicionava abrir uma sapataria, ainda estava longe de o poder fazer, mas desabafava, confessando-se agraciado pela sorte, mais dois, três anos e seria dono de

uma sapataria na 5 de Outubro, Fátimo fingia que não ouvia, percebia que Li se preparava para lhe pedir sociedade, Siu Lin mostrava-lhe a quantidade de panchões que montara, quantos vendia por dia, em média, enfatizava num óptimo português, uma ajuda para os rendimentos da família, dizia, orgulhosa, Siu Lin mostrava-lhe as bandeirinhas para o alto dos mastros, as tabuinhas com inscrições votivas, os pivetes de incenso, tudo feito por ela, Fátimo regozijava-se, Siu Lin tornara-se uma verdadeira comerciante, Li pegava num par de botinas ou de sapatos, desculpava-se, tinha de os entregar de urgência, despedia-se, Fátimo e Siu Lin ficavam sós, mais tarde acompanhados pelos filhos crianças do casal, postos à entrada da lojinha, a brincarem, Fátimo fazia cara triste, não conseguia ter filhos, Siu Lin dava-lhe um boião com um líquido ou umas ervas secas, aconselhava Maria Augusta a tomá-los, Siu Lin pegava na mão de Fátimo, levava-o para os fundos, onde dormiam todos, deixava-se beijar demoradamente, até o pénis de Fátimo se inflamar, abria-lhe a braguilha, massajava-o delicadamente entre as mãos, enfiava-o no peito entre o pano de prender os seios, deslizava sobre ele, esfregando-o com a pele até Fátimo ejacular, satisfazendo-se, Li retornava com uma nota de 20 patacas na mão, brincava com os filhos à entrada até a mulher e Fátimo aparecerem, sorria, mostrava a Fátimo as novas habilidades da mulher, lanterninhas chinesas em arame, seda e bambu, das mais diversas formas, peixes, lótus, rostos de deuses antigos, as faces pintadas à mão em vidro, no cimo um camarão europeu para pendurar, dois restaurantes tinham mudado as suas lanternas decorativas e feito uma encomenda a Siu Lin, Li reclamava que em breve, se assim continuasse, o rendimento dos artigos da mulher seria superior ao do arranjo de sapatos, Siu Lin, entusiasmada, confessava que ia aventurar-se na confecção de gaiolas de bambu, poupava dinheiro para visitar o mercado de aves de Cantão, apreciar as formas das gaiolas, conhecer novos pássaros, ouvira falar em bebedouros de cerâmica, precisava de os ver, Fátimo aconselhou Siu Lin a imitar os modelos tradicionais de gaiolas, cilíndricas ou rectangulares, o chinês era muito conservador, desconfiava de formas novas, olhe-se para a roupa, dizia, há dois mil anos que vestem do mesmo modo, Siu Lin não estava de acordo, não o dizia, mas via-se pela cara séria, pela contenção na resposta, Li quebrou o silêncio, Siu Lin pensara em adoptar formas novas, como nas lanternas, Fátimo não sabia, disse para Siu Lin não meter os ovos todos na mesma cesta, Siu Lin não percebeu, Fátimo olhou para a 5 de Outubro, recordou quando, nos meses seguintes ao final da Segunda Guerra Mundial, contemplava inúmeros macaenses a passearem nas ruas com uma gaiola na mão, como os europeus passeando o cão no jardim, o pássaro fazia-lhes companhia no jardim, na varanda, no interior de casa, Fátimo meteu uma nota de 100 patacas na mão aberta de Li, disse, é uma ajuda para Siu Lin ir a Cantão, prontificou-se a escrever uma carta de recomendação para a obtenção de documentos, Fátimo aconselhou Siu Lin, compra bom caniço de bambu, não se consegue enganar os passarinhos com gaiolas frágeis, é um

negócio muito exigente, Li confirmava, mais difícil do que ser sapateiro, Siu Lin perguntava se Fátimo queria comer, fora buscar duas taças de arroz *pulau*, uma para Fátimo, outra para o marido, Fátimo recusara, despedira-se, pusera-se a caminho, ia comer a casa, Maria Augusta fazia um óptimo arroz gordo, com pedacinhos de carne de frango e muito camarão, temperado com limão, Fátimo sentia que engordava, Maria Augusta também, ambos reduziam o prazer da vida à comida, Fátimo trabalhava e comia, Maria Augusta comia e comia, a criadita chinesa limpava-lhes a casa, lavava e engomava a roupa, fazia-lhes a cama e preparava os ingredientes da refeição do «senhor», como aprendera a designar Fátimo, Maria Augusta sentia-se bem na cozinha, só na cozinha, e odiava o quarto, Fátimo raramente cumpria os seus deveres sexuais, não mais do que uma vez por mês desde a fatídica noite de núpcias, Maria Augusta deixava o marido deitar-se, ficava a ler revistas, mostrava-se interessada num artigo ou num programa da Rádio Macau, evitava deitar-se ao mesmo tempo que Fátimo, saía do quarto a meio da noite de núpcias, para se lavar do sémen do marido e urinar, presumira Fátimo a fumar outro cigarro na varanda, estranhara a porta da cozinha encostada, empurrara-a levemente, ouvira uns estranhos gemidos do marido, lançou um olho para dentro da cozinha e sentira-se aterrada, a mão no peito, como se o mundo lhe tivesse caído aos pés, Fátimo sentava-se na mesa da cozinha, de pernas abertas, as calças do pijama azul às riscas brancas decaídas, enrodilhadas nas canelas, Siu Lin, meia desnudada, debruçava-se sobre o pénis de Fátimo, beijando-o e sugando-o carinhosamente, com evidente prazer, não como se cumprisse uma função a que fora forçada, antes com inaudito gozo, manipulando com a mão pequenina a haste de carne na zona de fronteira com os testículos, Maria Augusta perdeu a vontade de urinar, regressou atónita e aterrada para a cama, silenciosamente, dominada por um calor repentino que a não deixava respirar, ficara sem ar, os olhos pulados de assombro, a boca escancarada, inspirando o ar às golfadas, tapara-se até ao pescoço, como se se escondesse de uma ameaça vital, sem saber o que pensar, fechou os olhos, fingiu que dormia quando Fátimo se deitou, passou toda a noite a pensar se deveria fugir para casa dos pais ou ocultar o que vira, talvez o marido abandonasse aquelas perversões, ouvira dizer da existência de homens depravados que só assim se satisfaziam, de manhã levantou-se da cama, decidida, e, sem consultar Fátimo, levou Siu Lin a d. Lina, desculpando-se com vida nova, nova casa, criada nova, não queria Siu Lin, não se entendia com ela, Fátimo ignorava se Maria Augusta soubera da sua relação com Siu Lin.

Fátimo não sabe porque nem quando se apaixonou por Siu Lin, recorda que ao jantar, na casa de d. Lina, reparava atentamente na sua fragilidade, a que contrapunha a fortaleza do corpo maciço de Maria Augusta, preferia ser servido pela menina, então ainda menina, a entrar na puberdade, pernas muito finas, uns verdadeiros caniços, muito juntas, as duas coxas de Siu Lin

não faziam uma de Maria Augusta, adivinhavam-se umas nádegas exíguas, como duas laranjas médias, não maiores, uma cinturinha finíssima, do tamanho de dois palmos, não mais, o busto hirtos como uma haste de bambu, delgado, estreitíssimo, de carne mais do que suficiente para encher o intervalo entre os ossos, dois seios mais diminutos do que as nádegas, dois montículos moles, duas proeminências que, cingidas, passavam despercebidas sob o casaquinho chinês, um cabelo lisíssimo, que, lavado e cortado entre a risota das duas criadas de d. Lina, se pendulava a meio do pescoço como um leve cortinado soprado por uma brisa macia, uma cara redonda, muito redonda, sem linhas quebradas, nem o queixo, nem a testa, nem mesmo as arcadas supraciliares, uns lábios delgados roxos, levemente avermelhados, o de cima saliente sobre dois pequeninos dentes pronunciados, o de baixo sugado pela boca, mais polpudo do que o superior, Fátimo demorava-se descaradamente na contemplação do corpo da menina quando à tarde se sentava no sofá de repes verde a ler o jornal atrasado de Lisboa ou a classificar testes dos alunos, à noite também, sempre que fazia companhia a d. Lina, lendo um livro ou passando exercícios de Português para Siu Lin resolver no dia seguinte, porventura terá sido ao longo dessas tardes e noites, quando o rosto de Siu Lin se aproximava inocentemente do seu, ouvindo as explicações gramaticais, mirando os lábios de Fátimo para melhor entender os sons estranhos da língua portuguesa, que Fátimo se sentiu atraído sexualmente pela menina, o desejo de a proteger que sentira desde que a conhecera evoluíra, com o convívio, para uma atracção física, mesmo carnal, a delicadeza débil dos seus gestos, o total apagamento humilde da sua pessoa, estando como se não estivesse, uma submissão natural, não aprendida, que lhe teria nascido da sabedoria do sangue, acrescida à leveza frágil do corpo, uma vontade inata de servir, recompensando assim o seu salvamento e o acolhimento naquela casa rica, o corpo esguio, quase ténue, diminuto, escasso, insignificante, movido por uma mente sólida, bem constituída, desejosa de aprender, uns olhos doces e vivos, contrastando com a presumida auto-suficiência de Maria Augusta, de d. Natália, de d. Lina e, até, das servas chinesas suas companheiras de casa, magras também, mas sobretudo esguias e franzinas, uns esqueletos andantes e chocalhantes, que não atraíam Fátimo fisicamente. O exotismo da pronúncia das palavras em português por Siu Lin criara em Fátimo um ninho de ternura pela menina, no princípio alegre, até divertido, por vezes jocoso, quando Herculano, a seu lado, de lábios espremidos, repetia as palavras ao modo singular da voz chinesa, apagada e deliciosa, de Siu Lin, depois não só cómico, também afectuoso, sobretudo quando Fátimo percebera que Siu Lin se lhe entregava como a seu senhor, uma ancestral tradição da mulher chinesa tornara-a vaso passivo do homem, obedecendo a este de um modo absoluto, à mulher, *Yin*, pertencia o lado apagado do mundo, o lado obscuro, sombrio, caprichoso, ao homem, *Yang*, pertencia o poder, a força, o domínio, a luz; as atitudes e a postura permanente de Siu Lin multiplicavam esta

antiga filosofia do seu povo, vendo em Fátimo o seu senhor, o seu guia e a sua verdade, o homem que surgira do escuro da noite perto da portaria do hotel e, como um primitivo deus do bem e da justiça, a salvara das garras de um bando de homens maldosos e, porventura, de uma morte infernal, Fátimo incrustou-se na mentalidade de Siu Lin como o seu único homem, o seu grande homem, por muitos que tivesse ou viesse a ter, deveria obedecer-lhe cegamente, e religiosamente o seguiria para onde quer que fosse, pensando apenas na satisfação do bem deste, assim Siu Lin daria a vida em troca, caso fosse necessário, como Fátimo arriscara a sua para a salvar.

Uma noite, quatro, cinco meses antes do casamento de Fátimo com Maria Augusta, tinham-se demorado um pouco mais na saleta dos serões da casa de d. Lina a emendar os exercícios de português, Fátimo sentira a atracção irresistível do rosto de Siu Lin perto do seu, excessivamente perto do seu, saboreando-lhe um hálito virgem e fresco, húmido mas apazível, fez-lhe uma festa no rosto, espontânea, com as costas da mão, Siu Lin sorriu, como se desejasse mais, Fátimo abriu ligeiramente as pernas, amparou as mãos nos braços do sofá verde, pediu para ela se sentar no seu colo, indicou-lho com as mãos, Siu Lin não hesitou, sentou-se-lhe ao colo de imediato, sempre sorrindo, de um modo inocente, ajeitou-se delicada e deliciada, continuando a sorrir, olhando ternamente os olhos de Fátimo, diligenciada, disponível para a posição que Fátimo desejasse, este dispôs o seu membro vital erecto entre as nádegas de Siu Lin, friccionando-o, Siu Lin percebeu instintivamente, soergueu-se para melhor acomodar o pénis de Fátimo, friccionando-o com o embalo do corpo, excitando Fátimo como este nunca estivera nem sentira, Fátimo puxou rispidamente a cabaia curta de Siu Lin para cima, sentindo-lhe a pele imaculada, tão macia como seda, tão excitante como provocante, um resto de pudor atravessou-lhe a mente, olhava obliquamente para o corredor, escurecido, a porta do quarto de d. Lina ao fundo, um nimbo de luz estendia-se para a tapete, Fátimo veria a porta abrir-se, teria tempo de recompor-se, caso Herculano descesse as escadas do primeiro andar ou as duas criadas as subissem da cave, ouvir-se-iam os passos, recompor-se-ia antes de entrarem na saleta, Fátimo desapertou o cinto, baixou as calças, puxou as cuecas para o meio das canelas, Siu Lin suspendia-se, amparada nos braços do sofá, Fátimo, livre, ostentou o pénis vermelho, um maciço de carne, corrido de sangue, como um totem divino, puxou Siu Lin para si, entalou o membro entre as nádegas de Siu Lin, roçando-o e esfregando entre os dois orifícios, friccionou-o com força selvagem, a que Siu Lin se acomodava, ajeitando o corpo, Siu Lin olhava Fátimo de lado, apreciando o prazer deste, desejando dar-lhe maior prazer, ora abrindo as pernas, ora fechando-as, entalando o pénis de Fátimo, como que o enroscando no movimento instintivo do seu corpo, Fátimo parara, reclinara as costas e a cabeça no espaldar do sofá, gemendo de gozo, deixara a iniciativa a Siu Lin que, indecisa mas activa, tirara as cuecas brancas de

algodão, entalara a cabeça do pénis entre o cimo das coxas, pendulando o corpo da esquerda para a direita, depois de frente para trás, até sentir um jorro líquido e ouvir um prolongado gemido da boca de Fátimo, que arqueava as pernas e o dorso em repetidos espasmos, assustando-a, Siu Lin confirmou que Fátimo descansava, levantou-se, puxou as cuecas de algodão, baixou a cabaia, e sorriu para Fátimo, perguntou-lhe se estava contente, Fátimo disse que sim, Siu Lin disse, então faremos mais vezes, subiram os dois as escadas, Siu Lin para o sótão, Fátimo para o quarto.

UM, DOIS, TRÊS

*Olhem o fogo que anda na serra.
É a queimada... Que lumaréu!
Podem calcá-lo, deitar-lhe terra,
Que não apagam o lumaréu.*

Camilo Pessanha

Silencioso, receoso, Fátimo saíra do Liceu Infante D. Henrique, o reitor mandara fechar os portões, uma multidão agreste tomara conta da Praia Grande, a primeira manifestação da população chinesa no último meio século, rugiam palavras de ordem em cantonense, a voz uma pasta de som colectivo, Fátimo não conseguia traduzir, os rostos sérios e impávidos dos seus companheiros chineses de rua tinham-se tornado tortuosos e severos, Fátimo sentiu medo, precisava de atravessar a baía para chegar à Nolasco da Silva, começara as aulas às 8.30, às 9 já se ouviam urros estranhos provindos da rua e um aglomerado inabitual de chineses, às 10 horas os operários da Taipa tinham ocupado a alameda central, um megafone surgira, as primeiras palavras de ordem foram gritadas com entusiasmo, um contínuo do liceu traduziu, «Longa, Longa Vida ao Presidente Mao Tsé-Tung», Fátimo não gostou do fervor militante do contínuo, só lhe faltava levantar o braço e fechar o punho, como faziam os manifestantes, Fátimo recordou a chacina dos brancos em Angola, uns anos antes, e sentiu medo, o reitor reunira os professores, aconselhara a irem de imediato para casa, encontrava-se em contacto com o secretário da Educação, este dera ordens para que o liceu fosse encerrado, os alunos enviados para casa, algumas professoras queixavam-se, o reitor fez o ponto da situação, rememorou os protestos dos operários pelo embargo da administração portuguesa a umas obras num casarão da Taipa, que se pretendia reconstruir e usar como escola popular, os operários tinham reclamado através dos dirigentes sindicais, o requerimento de obras entrara havia seis meses na Repartição de Serviços Públicos, não houvera resposta, o empreiteiro mandara destelhar o prédio em ruínas, ameaçado de desabar, levantar os andaimes de bambu, a Repartição embargara, a Polícia dispersara os trabalhadores, à tarde estes tinham

regressado às obras, orientados pelos sindicalistas, um corpo de intervenção policial aparecera de surpresa, recebido à pedrada, jogados tijolos e garrafas, trinta polícias macaenses reforçaram o cordão policial em torno do casarão, novos protestos gritados, braços empunhados, contestação, o empreiteiro foi chamado à secretaria de obras públicas da Taipa, exigiu a passagem imediata da licença, os funcionários alegaram não ter poder para autorizar as obras, os chineses exaltaram-se, ameaçaram os funcionários, seis chineses saíram da repartição algemados, desrespeito para com a autoridade, levados para Macau na lancha da Polícia, presos numa esquadra, a população revoltou-se na ilha da Taipa, poderes superiores intervieram, suavizados os protestos, os presos foram libertados, a licença emitida, demasiado tarde, espalhara-se a revolta chinesa por Macau, alguns portugueses eram esmurrados no Jardim de Vasco da Gama, uma família perseguida no Jardim de S. Francisco, palavras do *Livro Vermelho* do presidente Mao Tsé-Tung jogadas das janelas do bazar e à porta do Leal Senado por chineses iracundos, coléricos, Macau acordou com inscrições de protestos espalhadas pela cidade, Fátimo ouvira o reitor, vestira o casaco, saíra, perguntava-se se Maria Augusta teria saído às compras, recordou o dinheiro depositado no Banco Nacional Ultramarino, só isso contava, protestos e acordos eram insignificantes desde que não tocassem no seu dinheiro, tinha o suficiente para a compra de dois prédios nos subúrbios de Lisboa, ou um num bairro da capital, era Dezembro, o concurso abriria em Janeiro ou Fevereiro, não hesitaria, nem faria o habitual deve-e-haver da situação com Maria Augusta, concorreria logo para um liceu central de Lisboa, depois se veria onde iria viver, não queria morar e trabalhar em Sesimbra, terra pequenina, coscuvilhice não deveria faltar, como em Macau, mal assentasse em Lisboa entregaria os papéis para a reforma, estava à beira dos cinquenta, o tempo em Macau contava a dobrar, tinha direito à reforma, com pensão por inteiro, não era muito, mas com a herança dos pais de Maria Augusta e a renda dos prédios daria para viver sem sacrifícios, se necessário daria uma ou outra explicação, Maria Augusta teria a casa dos pais em Sesimbra para as férias e os fins-de-semana, queria regressar a Sesimbra como uma senhora, brilhar entre as antigas companheiras, filhas de pescadores ou de lojistas, vender a casa dos pais e comprar um vivenda na Cotovia, o novo bairro fino às portas da vila, Maria Augusta sacrificara-se, aceitara a falência das relações sexuais com Fátimo para poder regressar rica e proprietária, deslocar-se-ia ao centro da vila de táxi, um casaco para cada dia da semana, outro para o fim-de-semana, um par de sapatos para cada dia da semana, outro para o fim-de-semana, os pais, defuntos, teriam orgulho na filha, senhora saída de táxi a entrar no Café Central para o chá e as torradas com as antigas amigas, hoje igualmente proprietárias, mas não ricas, a dona da droguaria, da mercearia, da loja de frangos, da retrosaria, da papelaria, o pequeno mundo de Sesimbra, onde Maria Augusta dominaria por suposto dinheiro e verdadeira experiência do mundo, de quando em vez Maria Augusta pensava em Herculano, com ele

tudo teria sido diferente, porventura uma satisfação sexual permanente, mas não se via no sertão de Timor, alguma tristeza lhe prendia a mente sempre que pensava em Herculano, um homem que se viciara em ópio por amor, incapaz de aceitar vê-la nos braços de Fátimo, Maria Augusta não tivera coragem de contestar os pais, preconceituosos com a cor castanha da pele de Herculano, fizeram bem, ela também fizera bem, lera recentemente uma reportagem sobre Díli numa revista barata, um mato autêntico, um povoado do interior de Portugal, apenas uma loja de roupas, apenas uma mercearia, meu Deus, e não poderia voltar a Sesimbra, Timor era a terra de Herculano, Maria Augusta sentia que Deus castigara a sua infidelidade mental com a infertilidade, e rezava, rezava muito, suplicando perdão.

Maria Augusta entrara em pânico, ouvira comentários de manhãzinha, no bazar, nas compras do dia, as palavras de Fátimo amedrontavam-na, não acabaria a semana sem que a República Popular da China invadissem Macau, o porto seria cercado pela marinha de guerra, que bombardearia a cidade, apenas a carreira para Hong Kong circularia, para que os «diabos brancos» dos europeus fugissem, evitava-se uma carnificina, Maria Augusta queria fugir para Hong Kong, Fátimo recusava, não podia faltar às aulas, o liceu encerrara mas os professores deviam esperar em casa um aviso de reabertura e apresentar-se de imediato, Maria Augusta tremia sempre que o eco das palavras de ordem gritadas pela multidão se alteava, atravessando o vidro das janelas, o medo impregnava-se-lhe no corpo rememorando as cenas de Luanda de 1961, mulheres brancas violentadas e esventradas, Maria Augusta fora apanhada pelo turbilhão da multidão quando nessa manhã regressara a casa com a criadita, teve o bom senso de não se amparar a esta, seria criticada como colonialista, escravocrata de meninas chinesas, seguiu pela 5 de Outubro, cosida às paredes, sob as arcadas, olhos no chão, passo apressado, lábios balbuciando socorro à Virgem da Conceição, a S. Lourenço, a Santo António e a S. Domingos, a criadita seguia a dois passos, espantada com a multidão que enchia as ruas, deslocando-se para a Praia Grande, passara para a sua frente, exclamando frases em cantonense, Maria Augusta sorria-lhe, percebia que a defendia, dizia que a senhora era boa pessoa, presumia Maria Augusta, dava esmola para o hospital chinês de Kiang-Wu, nunca lhe batera, Maria Augusta percebeu o nome do hospital, disse-lhe, que ideia tiveste, a menina explicou-lhe que a maioria dos manifestantes que atravessavam a 5 de Outubro pertencia ao pessoal do hospital, iam juntar-se à grande manifestação da Praia Grande, a criadita dera o braço a Maria Augusta quando entraram na Conselheiro Ferreira de Almeida, receando que a patroa desmaiasse, Maria Augusta, atemorizada pela multidão, balbuciava umas palavras desconexas de que a menina percebia, pai, pai, as pernas de Maria Augusta começaram a tremer, anteviu que dois jovens chineses a olhavam suspeitosamente, um bando de raparigas alegres e violentas separou Maria Augusta da criadita, clamavam palavras

ofensivas, Maria Augusta conjecturava pelas caras ríspidas e amarradas, os olhos em chispa, as vozes agudas, lancinantes, os dedos justiceiros, espetados, a criadita gania contra o bando de raparigas, histérica, a voz desenfreada, Maria Augusta ficara encostada à parede, sob as arcadas, as mãos trementes, agarrada à saca preta das compras, o líquido quente da urina despejado pelas pernas, as lágrimas afloradas nos olhos, uma das raparigas ameaçava-a com estaladas, aprontava a mão altiva, a criadita interpôs-se, mordeu-lhe a mão, o sangue espirrou da mão da chinesa, esta enfureceu-se, puxou os cabelos à criadita, arrastou-a, jogou-a ao chão com força impetuosa, Maria Augusta começou a chorar convulsivamente, a chinesa da mão ensanguentada aproximou esta do rosto de Maria Augusta, com o dedo pintou-lhe um risco de sangue no queixo, ergueu de novo a mão aberta para desferir uma violenta chapada, sentiu-a presa no ar, Siu Lin, que passava, levando duas gaiolas de cana de bambu para um passarinho, travou a mão furibunda, ergueu uma das gaiolas, despedaçou-a no empedrado da calçada, alçou uma cana afiada em cada mão e gritou para a multidão como uma urso ferida, desferindo golpes no ar, afastando o bando de raparigas. Fátimo agradeceu à criadita, condescendentemente, cumprimentou-a com a mão, não esqueceria a sua coragem e a sua lealdade, mais tarde agradeceria a Siu Lin, que chamara Li, e os dois tinham trazido Maria Augusta a casa, Fátimo fez dois ou três telefonemas curtos e apressados para colegas, falou com a esposa do reitor, este não via com bons olhos o envio de mulheres para Hong Kong, daria a imagem de pânico entre os portugueses, fizera-se o mesmo em Goa, a evacuação atempada de crianças e mulheres dera mais força à União Indiana, a esposa do reitor foi oficial e contundente, o governo do território terá em devida consideração todos os funcionários públicos que não fujam ao seu dever patriota, Fátimo disse a Maria Augusta, nenhuma mulher portuguesa está autorizada a partir para Hong Kong, tu também não vais, deu-lhe coragem, se vivemos a ocupação japonesa seremos capazes de viver a invasão de Macau pela China, Fátimo recebeu um telefonema do secretário do reitor que o aliviou, meras reivindicações salariais e sindicais, Fátimo ouviu sem acreditar, do outro lado do fio o secretário chinês do reitor confirmava, problemas económicos ligados ao impetuoso desenvolvimento de Macau, estamos a andar depressa demais, é a minha opinião, reclamou o secretário, já o dissera por três vezes ao reitor e ao secretário da Educação, Fátimo desligou o telefone, percebera, falava-se subterraneamente na sala de professores, o concurso para a venda a retalho do ouro e a legalização do jogo tinham desencadeado máfias orientais, as tríades violentas que ocupavam bairros matando adversários, lançando bombas em casas de concorrentes, raptavam filhos e mulheres de dirigentes, o secretário do reitor deixara entender que a manifestação fora empurrada por dirigentes das tríades, o Governador fora pressionado a encerrar os casinos, à semelhança de Hong Kong, justificando-o pela ausência de criação de riqueza genuína, o jogo não cria riqueza e expande o vício, anulara o anterior concurso do ouro,

os chineses ocupavam o centro de Macau, era a sua resposta, o Governador recebia altas personalidades da cidade, deveria chegar-se a um compromisso, salvar a face de ambas as partes, secretários chineses e macaenses do Governador recordavam que o dinheiro do jogo limpava o porto de lamas, sustentava o hospital chinês, alcatroava ruas e estradas, assegurava a manutenção dos edifícios públicos, o comandante militar explodira, encerrar os casinos e pronto, o Governador acalmara-o, pragmático, o comandante militar queria pôr a tropa na rua, varrer os chinocas à metralhadora, se preciso fosse, mostrar quem mandava, Maria Augusta bebia água tépida com açúcar, o segundo copo, acalmava-se, resguardada pelas paredes familiares da casa, Fátimo ligou o rádio, lojas portuguesas vandalizadas, dois professores e um juiz portugueses assaltados, um dos professores fora sovado e pontapeado, resistira, Fátimo escandalizava-se, a doce Macau, onde ela ia, o locutor anunciava que o quartel de S. Francisco abria as portas à população, Maria Augusta olhou para Fátimo, este esclareceu, é para quem anda na rua, nós não precisamos, não é seguro sair agora, Maria Augusta aquiesceu, colando o ouvido ao altifalante do rádio, o locutor lia um comunicado das forças governativas, a repressão na ilha de Taipa fora legal e legítima, não fora dada autorização para o destelhamento do prédio, entrevistava um português habitante da ilha, este garantia que os operários eram assistidos por guardas vermelhos, ambicionavam o prédio para montar uma escola para a população chinesa pobre, o locutor, comprometido, reclamava, não importa se vermelhos ou brancos, tinham sido arruaceiros, prevaricadores, tinham infringido a lei, Fátimo recebera dois telefonemas de colegas, assustara-se, as posições radicalizavam-se, o comandante militar queria repressão imediata, o Governador não, receberia os representantes dos manifestantes, Fátimo foi buscar os jornais dos dias anteriores, destaque de primeira página para o Grande Prémio de Macau de Fórmula 1, lá estava o caso da ilha de Taipa nos «Diversos», oito feridos em desacatos entre trabalhadores e a Polícia, uma comissão chinesa da Taipa recebida pelo Governador, ameaças pairando no ar, «a população chinesa continuaria atenta à evolução deste caso», do lado do Governo falava-se num «pequeno incidente», no dia seguinte os jornais chineses exigiam a demissão do chefe da Polícia de Macau, do chefe do gabinete de obras públicas, o Governador fizera orelhas moucas, Fátimo de nada se apercebera, achou estranho que no dia anterior, véspera do dia 3 de Dezembro de 1966, que ficaria na história como o primeiro dia do movimento 1, 2, 3 (dia 3 do 12, lido ao modo inglês), Kwai, seu antigo aluno, actualmente membro influente da comunidade chinesa, lhe enviasse um lacaio a casa, tinham tocado à campainha, Fátimo assomou no parapeito do terceiro andar, olhou para o rés-do-chão, um chinês estranho fazia-lhe sinais, subiu apressadamente e gritou-lhe por três vezes o nome de Kwai, depôs nas mãos de Fátimo um papel azul dobrado em quatro, Fátimo desdobrou-o, o chinês fugira, escrevia-se em bom português, «se a situação apertar, procure-me na Penha.

Arranjarei maneira de o pôr em Hong Kong», Fátimo nada disse a Maria Augusta, nem sabia o que havia de pensar, alegou ser o pai de um aluno a reivindicar nota mais alta para o filho, fechara-lhe a porta, dissera, Maria Augusta comentou, cuidado, o chinês é vingativo. Da rádio, Maria Augusta seguia atenta e medrosamente as notícias, estudantes de escolas secundárias chinesas, orientados por professores, sentavam-se no chão junto ao pórtico de entrada do palácio do Governador entoando palavras de ordem do *Livro Vermelho*, compassadamente, o locutor traduzia, «A rebelião é justificada», os taxistas tinham-se juntado aos manifestantes, idosos de gaiola na mão a caminho dos jardins deixavam a gaiola nas lojas abertas e aconselhavam os mais novos, rememorando antigas revoltas contra os portugueses, o trânsito tornara-se caótico, os acessos à Praia Grande tinham sido bloqueados, jornalistas do jornal comunista de Macau, *Ou Mun*, tinham chegado, recebidos com longa apoteose, dois jornalistas de Hong Kong também, um chinês e um inglês, a Polícia que guardava o palácio afastara rudemente os jornalistas, impedindo-os de fotografar a multidão das janelas do palácio, os professores chineses protestaram, os alunos tinham-se levantado em coro contra a Polícia, entoando palavras de apoio a Pequim, reforços policiais tinham chegado pelas traseiras, recebidos com o braço erguido, a mão empunhada, os manifestantes da frente ameaçavam invadir o palácio, nas costas dos manifestantes despontara um carro de água da Polícia, o condutor hesitara, o polícia manipulador do jorro hesitara, ambos de origem macaense, um polícia português, graduado, subiu para o carro e lançou o canhão de água contra a multidão, atingindo os meninos de uma escola primária, os desacatos tinham começado, como lhes chamara o repórter português da Rádio Macau, de repente, vindos das alas térreas do palácio, os reforços policiais surgiram, avançando para os manifestantes, boquiabertos, surpresos, o comandante militar assomou na varanda gritando, os polícias ergueram os bastões e os escudos de vime, enfrentaram a multidão, dispersando as primeiras filas à bastonada, levando tudo à frente, alunos e professores, jovens trabalhadores e passarinhos idosos, o pórtico ficara vazio, os dois vasos gigantes tinham sido partidos pela multidão, sangue de cabeças rachadas tingia o asfalto de paralelepípedos brancos, meninas púberes gritavam apavoradas, Maria Augusta fechava os olhos, sofrendo com os gritos das meninas chinesas, os gigantões da Polícia faziam nova investida sob a voz marcial do seu comandante, um bando de jovens ameaçava avançar, canas de bambu na mão, ramículos de árvore a servir de vergasta, ouviu-se um tiro, alguém disparara entre a multidão enfurecida, os polícias receberam ordem para usar granadas de gás lacrimogéneo, jogadas para a linha da frente dos manifestantes, erguendo uma barreira de fumo, Maria Augusta rezava entre choros e gritos incompreensíveis que a telefonia metalizava, o locutor calara-se, uma toada chinesa aflitiva saía da telefonia, evidenciava pânico, horror, terror, de repente silêncio absoluto, Fátimo percebeu que o locutor recebera ordem para bloquear a transmissão em

directo, dois, três minutos depois, a voz do locutor regressou, o Governo apelava a todos os funcionários públicos que ocupassem os seus locais de trabalho, seriam marcadas faltas injustificados a todos os que o não fizessem, Maria Augusta olhou para Fátimo, não vás, disse, tenho de ir, respondeu Fátimo, beijando a mulher, vestindo o casaco, saiu de casa, amedrontado, colado às paredes, buscando outros brancos a que se juntar, internou-se por ruas laterais, desembocou na Praia Grande, teria de atravessá-la para chegar ao liceu, grupos de chineses sentavam-se no chão, fingiu descontração, não se apressar, depôs as mãos nos bolsos, girou entre os grupos, aparentemente descontraído, viu nuvens de fumo ao longe, para o lado do palácio do governo, efeito das granadas, pensou, mirou de soslaio as caras dos jovens sentados no chão, alguns liam o *Livro Vermelho* de Mao Tsé-Tung, tentou perscrutar alunos seus, ou ex-alunos, estes nunca se atreveriam a ameaçá-lo, pelas caras duras percebeu serem trabalhadores, jovens trabalhadores, mirou o portão do liceu, estava prestes, pensou, deparou com um grupo de jovens de dólmen azul e boné de pala à Mao Tsé-Tung, recitavam citações do *Livro Vermelho* como se rezassem versículos da Bíblia, Fátimo rodeou-os, de costas, para que não lhe vissem directamente a brancura da cara, atrapalhado, apressado, pisou a lancheira de couro de um deles, que se levantou rispidamente, disse qualquer coisa que Fátimo não percebeu, este replicou, desculpe, sorridente, não devia ter sorrido, manifestou fraqueza, debilidade, o guarda vermelho macaense limpava o pó do sapato de Fátimo da lancheira, gritou para Fátimo, insolente, alçou-lhe o dedo indicador, Fátimo deixou de sorrir, hesitou, especou, repetiu as desculpas, depois voltou-lhe as costas, dirigindo-se em passo rápido para o portão do liceu, o guarda vermelho puxou-lhe pela aba do casaco preto, Fátimo sentiu-se preso, sorriu de novo, aparvalhado, as veias do pescoço dilatadas, a testa a suar, os olhos brilhando desmesuradamente, sem pestanejar, despedindo baforadas de vento pelas narinas, o guarda vermelho insultou-o em inglês, Fátimo percebeu, colonialista, imperialista, branco explorador capitalista, Fátimo ameaçou fugir, correr para o portão, a aba continuava presa nas mãos grossas do chinês, despiu o casaco para fugir, evocou que não podia perder a carteira, todos os documentos oficiais, puxou pelo casaco, empurrou o chinês, este tombou no chão, os restantes levantaram-se, rodearam Fátimo, um lançou-lhe um pontapé, outro falhou o primeiro soco, desferiu um segundo, que rasou a nuca de Fátimo, quatro, cinco, seis guardas vermelhos cercaram-no, comprimindo-o, Fátimo percebeu que um deles mirava obsessivamente a sua orelha direita, iria mordê-la, trincá-la até a arrancar e despedaçar, levou instintivamente as mãos às orelhas, tapando-as, baixou a cabeça, cerrou os olhos, esperou a carga de murros e pontapés, não aconteceu, o contínuo que Fátimo desconfiava ser maoísta apareceu, desferia sapatadas na cabeça dos jovens, vira Fátimo ser rodeado, avançara, tirara os sapatos, enfiara as mãos dentro destes, saltara sobre os manifestantes, batendo-lhes na cabeça com os tacões, gritando em cantonense, ameaçando-

os, vestiu o casaco a Fátimo, disse-lhe, venha, levo-o a casa, não pode andar na rua, o liceu não vai abrir, vamos.

Fátimo recebera nova chamada do liceu, o secretário do reitor emendava a ordem transmitida pela rádio, o liceu continuaria fechado todo o dia, informara Fátimo de que o Governador entrara em contacto telegráfico e telefónico com Lisboa, ordens expressas de Salazar, não consentir manifestações, repressão sobre os transgressores, não evidenciar temor, não hesitar em violência legítima, calar qualquer voz dissonante ao primeiro grito, desanuiar o ambiente no final, aceitando uma ou outra reivindicação, Maria Augusta beijava Fátimo, sabia-o medroso, imaginava o pavor que devia ter sentido, comparava-o com o seu, assaltada pela manhãzinha, a Rádio Macau informava que, estranhamente, o pessoal do hospital chinês viera munido de primeiros socorros, o locutor tomava partido por Portugal, denunciava a premeditação dos «desacatos», entrava de novo em directo, um colega macaense seguia o cordão de manifestantes, tinham-se afastado do palácio do Governador receando os jactos de água e as granadas, apedrejavam casas de portugueses, quebrando os vidros das janelas, esmurravam macaenses vestidos à europeia, partiam vidros de montras de lojas, furtando rádios, televisões, relógios, vandalizavam os carros pretos do Estado, incendiavam-nos com gasolina e álcool, pneus furados, vidros estalados com o calor, os condutores fugiam, apavorados, para o quartel de São Francisco, um grupo volumoso de manifestantes, fugindo do cordão policial, avançara para o edifício do Tribunal e das Finanças, quebrando a alta estátua da justiça no pórtico, arrombaram as grossas portas e atiraram pastas de arquivo e *dossiers* pelas janelas de dois andares, queimando-os na rua em alta fogueira diurna, entre a massa ululante percebia-se a existência de um pequeno grupo que catava *dossiers* específicos, individualizados, que queimavam em primeiro lugar, garantindo que deles apenas sobrassem cinzas, logo a multidão fixou o olhar furibundo na estátua de Jorge Álvares, primeiro navegador português a tocar portos chineses em 1513, enlaçaram-na com cordame de barcos, tentaram derrubá-la, puxando-a e balouçando-a, um marinheiro português fardado que passava perto foi alvo da ira de um pequeno grupo, sovado com paus até à inconsciência, deixaram-no caído no chão, tornara-se impossível remover a estátua de Jorge Álvares, apenas um braço foi decepado, que dois chineses transportavam, fugindo com ele, a Rádio Macau de novo deixou de transmitir os acontecimentos em directo, substituídos por comentadores, lamentavam os incidentes, como agora chamavam aos «desacatos», quatro grupos soltos reuniram-se, cruzaram-se, desaguaram aos gritos na praça do Leal Senado, vindos de S. Paulo e S. Domingos, a Polícia de intervenção guardava o edifício, bastões e escudos de plástico endurecido, tinham chegado trinta polícias, da banda de música, arregimentados à força, bastões de madeira e escudos de verga, a Polícia dispersou a multidão para o lado da Igreja de S. Domingos, os elementos da

banda saltaram das carrinhas de caixa aberta, foram atacados pelos chineses, estes esmurram os primeiros a tocar o chão, os restantes, amedrontados, fugiram, penetraram de roldão no Leal Senado, seguidos pelos revoltosos, fintando a Polícia de intervenção, que dispersara, acuada pelos quatro lados da praça, o palácio foi invadido por uma turba amontoada, disforme, gritante, irregular, devastando tudo em seu redor, jarrões partidos, secretárias viradas, prateleiras e vitrinas tombadas, quebradas, estantes derrubadas, máquinas de escrever e de calcular violentamente arrojadas para o chão, dois bandos rodearam a Polícia de intervenção em S. Domingos, encurralando-a, defendia-se da chuva de pedras e tijolos com os escudos, os polícias da banda fugiam pelo telhado do Leal Senado para os edifícios contíguos, paus e pedras eram-lhes arremessados do largo, o arquivo e o salão nobre foram ocupados pela turbamulta, que, da varanda, arremessava as centenas de livros e pastas para o largo, logo espezinhadados, pontapeados, rasgados, até mordidos por um chinês velho revoltado, folhas soltas e sujas reboavam e esvoaçavam ao sabor da brisa, o salão nobre, invadido e saqueado, cadeiras, quadros e mesas partidas, alcatifas e tapetes rasgados furiosamente, os revoltosos que não ousaram penetrar no Leal Senado rodeavam a estátua do coronel Nicolau Mesquita, militar antichinês, passavam-lhe cordas pelo busto, puxavam-nas, não conseguiram remover a estátua, juntaram-se-lhes novos puxadores, ensaiaram cantilenas, assomaram novas cordas, mais grossas, todos puxaram à uma, a estátua do coronel desabou no chão, quebrando-se, a multidão cantou vitória, gritou ululante, esfuziante, a horda de chineses deslizou pela praça, buscando novo alvo português, objecto da sua ira raivosa, galopou em fúria; como uma centopeia lenta, a mole humana deslocou-se para a Rua Central, para o comando da Polícia, os cabecilhas seguiam atrás e à frente, trocavam sinais, acordavam entre si, davam ordens, recebiam conselhos, uma ordem foi executada, um camião cheio de brita avançou para a sede da Polícia, a turba atrás, pulando, cantando palavras de ordem, louvando o sagrado presidente Mao, polícias portuguesas assomaram ao varandim, assustaram-se, desfalcados dos companheiros espalhados pela cidade, empunharam um megafone, deram ordem para parar, a multidão e o camião, este prosseguiu a sua marcha lenta, imparável e aterradora, pesado como um paquiderme, a cinco à hora, rugindo, os faróis ligados como os olhos de um monstro apavorante, uma tarântula de quatro patas em direcção à sua presa, um subchefe da esquadra sacou uma espingarda do estojo, carregando-a calmamente, os nervos de aço a manipularem aço cromado, gritou mudamente para si, ou paro o camião ou o camião esmaga-nos, o telefone retinira, um cabo atendeu-o, informou que as repartições públicas caíram em poder dos chineses, o Leal Senado também, acrescentou, faltam apenas a rádio e o palácio do Governador, a tropa vai sair, existe ameaça de invasão das igrejas e de furto de peças em prata e ouro, o subchefe disse, falta-lhes o edifício do comando da Polícia, não conseguirão entrar, juro, nem que aqui morra, assomou ao varandim, ocultado por dois agentes, e fez

pontaria entre os dois pares de pernas, olho de água montesa, dois outros guardas seguiram o exemplo, assomaram às janelas, fizeram pontaria, três disparos em linha de fogo, para o ar, diriam mais tarde, interrogados, a vida em perigo, justificariam, o edifício público pronto a ser esmagado pelo camião, o que podíamos fazer senão disparar para afugentar, dois chineses caíram feridos, as mãos no ar, patéticas, trágicas, o jornal comunista de Macau acusaria os três polícias de assassinio premeditado, que só os nervos terão feito fracassar, em vez do coração trespassado terão sido os braços, tremura no alinhamento com a ponta de mira, o vidro grosso do pára-brisas do camião estilhaçou-se, uma bala rasou a cabeça careca do chinês condutor, este saltou da cabine, abandonou o paquiderme à sua sorte, carregando no acelerador no último segundo, o camião embateu frontalmente contra uma mangueira centenária, quebrando-a a meio do tronco, o comandante militar deu ordens para a tropa sair dos quartéis, o Governador hesitou, fez um derradeiro telefonema para um chinês macaense industrial de ouro, mensageiro privilegiado do governo de Pequim em Macau, este disse ao ouvido do Governador que precisava de uma hora para novo contacto, garante que Pequim estava «irritada», disse assim mesmo, num português perfeito, «irritada», tanques atravessam a Praia Grande, duas brigadas motorizadas cercam o Leal Senado, cem militares armados espalharam-se por Macau, dez a dez, cara feinhuda, botas cardadas, fardamento de guerra, prontos a matar, a estripar, a degolar, a violentar, a flagelar, a torturar, como qualquer exército.

Ao fim do dia, a voz cansada do Governador fez-se ouvir na Rádio Macau, uma voz fina e aguda, silabada, clara mas velha: recolher obrigatório, estado de emergência, reunião permanente com os representantes das instituições chinesas, não seriam permitidos ajuntamentos de chineses, sim, poderiam sair de suas casas, trabalhar, proibidos os comícios relâmpago dos guardas vermelhos, em cima de um caixote, o *Livro Vermelho* numa mão, na outra o punho fechado contra o colonialismo e o imperialismo, da boca expeliam-se palavras gritantes de revolta contra a velha cultura chinesa, a velha cultura europeia, os velhos costumes portugueses, a escravização das massas chinesas pela administração colonial, o Governador reunira-se durante toda a noite com o industrial do ouro, este conseguira de Pequim uma fortíssima crítica aos «desacatos», à invasão do Leal Senado, ao vandalismo de massas desenfreadas, «sem orientação política», o jornal chinês *Ou Mun* criticava o desabamento das estátuas portuguesas, mas exigia justiça, protestava contra os polícias «assassinos» que tinham disparado contra a multidão indefesa, Pequim exigia que os dirigentes chineses de Macau se deslocassem a Cantão para fazerem autocrítica perante uma assembleia de soldados e de estudantes da universidade. Logo de manhãzinha, uma faixa de pano com caracteres chineses e portugueses foi pendurada entre os ramos de dois plátanos da

Praia Grande: «Mao Tsé-Tung deve ser fuzilado. Matou o povo à fome desde o tempo do Grande Salto em Frente e não concede liberdade», a Polícia depusera a faixa e rasgara-a, tinha sido a comunidade de chineses de Taiwan (Formosa), seguidores dos nacionalistas de Chiang Kai-Shek, que, com o consentimento de Salazar, usavam Macau para as suas incursões no interior da China comunista, provocando atentados explosivos e aterrando as populações.

A cidade, permanentemente aprumada, de uma limpeza impecável desde o final da Segunda Guerra Mundial, aparecera estripada aos primeiros raios de sol do dia 4 de Dezembro de 1966, historiadores e professores portugueses catavam no Largo do Leal Senado códices do século XVI e XVII, limpando-os com panos de algodão branco humedecidos em álcool, acartavam os documentos para o salão nobre, desfigurado, os retratos pintados dos antigos governadores esfacelados, os vidros dos armários quebrados, estes violentados, vasos de porcelana Ming partidos ou rachados, o arquivo do século XIX desmembrado, pés de bronze das secretárias arrancados violentamente, o edifício do Tribunal, da Conservatória, das Finanças e do Notário totalmente esventrado, o rés-do-chão da Misericórdia assaltado e vandalizado, um silêncio fúnebre impregnara a cidade, nenhum português ousava sair de casa se não se acompanhasse de uma patrulha de soldados, a rádio clamava, entre hinos marciais achinesados, que a paz voltara, o Governador receberia nova comissão de revoltosos, sua excelência não dormia há 48 horas, a tranquilidade da cidade merecia-o, a comissão exigira a demissão do comandante militar, do chefe da Polícia, o julgamento dos polícias atiradores, a entrega «imediata» de sete nacionalistas defensores de Taiwan, presos nas esquadras de Macau, acusados de rebentamento de explosivos, o Governador sabia que entrega «imediata» significava «fuzilamento imediato», a Igreja Católica fizera-se representar na reunião, defendia os nacionalistas da Formosa, acolhia-os nos retiros, concedia-lhes bolsas de estudo que lhes suportavam as despesas em Macau, o Governador recusara decidir sozinho, recebera instruções de Salazar, fizesse o que fizesse a resposta devia estar à altura da provocação, a dignidade de Portugal não podia ser beliscada, no dia seguinte reuniu o Conselho Consultivo do território, membros chineses do Leal Senado, da Associação Comercial de Macau, inesperadamente uma multidão de chineses reuniu-se na Praia Grande ao meio-dia do dia 5, o Governador percebeu, uma pressão indirecta da comunidade chinesa, bandos de populares invadiram lojas portuguesas sob uma humidade fervente, escaldante, roubavam comida alegando miséria e fome, as patrulhas militares e os tanques regressaram às ruas, o dirigente da juventude popular chinesa abriu a reunião, levantou-se, discurso escrito, de fâcies grave como um monumento, ameaçou a invasão de Macau pelo exército dos guardas vermelhos, o Governador sorriu, *bluff*, manobra de diversão, cortina de fumo, o jovem dirigente alertou para a existência de

juncos motorizados armados ancorados no Porto Exterior, prontos para tudo, disse, o Governador deixou de sorrir, seria possível que Macau português acabasse assim, às mãos fanáticas de um bando de jovens chineses, os assessores do Governador confirmaram, o jovem dirigente prolongou a ameaça, a não mais de dez léguas, um exército de 8000 guardas vermelhos espera ordens, estacionado, tanto pode regressar como avançar, neste caso em direcção a Macau, o Governador esfregava as mãos, cheirava os dedos, entalando o nariz entre dois dedos, era possível, diziam os assessores, devemos aceitar a ameaça como verdadeira, os chineses são evasivos até ao último momento, no derradeiro momento são verdadeiros, o Governador levantou um dedo, depô-lo sob o nariz, como se este se amparasse no dedo, descruzou as pernas, levantou-se ríspidamente, isolou-se no janelão do palácio, regressou à mesa, o comandante militar alçou o dedo, queria falar, o Governador não lhe ligou, deu ordem para que os sete nacionalistas fossem entregues à República Popular da China com uma condição, pacificação total de Macau, fim de todas as manifestações, a delegação chinesa sorriu, simulou hesitar, alegou não controlar as massas, o Governador foi ríspido, beirão, província de seu pai, levantou a voz, olhou pausada e directamente nos olhos o industrial do ouro, o sindicalista da Taipa e o dirigente da juventude, repetiu a condição, acabaram-se as manifestações, amanhã estamos todos a trabalhar na limpeza da cidade, o industrial do ouro alegou que precisava de fazer uns telefonemas, o Governador disse que esperava, havia sandes frescas e chá quente na sala ao lado, não se sairia do palácio sem a questão de Macau resolvida, definitivamente, o dirigente juvenil não gostara da voz impositiva do Governador, o Governador não lhe ligou, era carne para canhão, tanto podia ser apadrinhado pelos dirigentes adultos como mandado calar, mesmo mandado prender sob a alegação de voluntarismo esquerdista, o industrial do ouro regressou após o intervalo das sandes e do chá, sorriu, Macau merece sossego, disse, há uma condição, os dois chefes da Polícia devem ser demitidos e enviados para Lisboa, uma satisfação que se dá à justa indignação das massas, o comandante militar não alçou o dedo, proferiu um mudo mas audível «não», o Governador não hesitou, deixou cair um «sim» sobre o «não» militar, abafando-o, era pouco, pensou, sete fuzilamentos, dois polícias demitidos mais uns milhares de patacas para relançar a cidade, umas indemnizações aqui, outras ali, ficava tudo na mesma, era o que queria dizer a Lisboa, tudo está bem quando acaba bem, já estava a ver o telegrama que escreveria pessoalmente ao Presidente do Conselho, Oliveira Salazar: a soberania portuguesa continua firme em Macau, triunfo absoluto.

Em 7 de Dezembro, animado pelas notícias na Rádio Macau, Fátimo ousou sair sozinho de casa e procurar Kwai na Penha, era já um homem adulto, recebeu-o no salão do avô defunto, forrado a tapeçarias Ming e a esculturas de terracota, tirou um maço de bilhetes de *ferry* para Hong Kong

sem data marcada e deu dois a Fátimo, ficam à sua disposição, disse, quando quisesse embarcar apõe a data e telefona para o cais, ou aparece lá duas horas mais cedo, duas malas, como se fosse a Hong Kong passar o fim-de-semana, Fátimo hesitava, o liceu só abriria para aulas em Janeiro, podia alegar doença, não sabia, pediu mais cinco bilhetes, se a situação se complicasse partiria com Li e Siu Lin e os filhos, não toleraria que Siu Lin vivesse sob um regime comunista, Kwai hesitou, poderia ser acusado de facilitar a fuga de ocidentais, imaginou que os novos bilhetes seriam para professores amigos de Fátimo, deu-lhos, Fátimo perguntou se o discurso do Governador correspondia à verdade, portugueses e chineses tinham-se pacificado, Kwai, cauteloso, respondeu, não sabia, os guardas vermelhos não desistem, disse, apertando a mão a Fátimo, fez o que tinha de fazer, disse, Fátimo visitou Li e Siu Lin para agradecer a salvação de Maria Augusta, ambos se riram, nada tinha que agradecer, Siu Lin vira Maria Augusta em aflição e tinha ajudado, Fátimo tirou os cinco bilhetes de *ferry* do bolso, deixou-os em cima da mesa de sapateiro, Siu Lin comoveu-se, Li agradeceu, penhorado, mas devolveu, não se imaginava a viver fora de Macau, todos precisavam de sapatos, capitalistas ou comunistas, com mais ou menos dinheiro haveria de educar os filhos segundo os ritos de Confúcio, as ideologias políticas vinham e partiam, disse, atirando a mão para o chão, desinteressado de problemas diários, percebia-se que aforrara o pecúlio suficiente para viver, se o regime continuasse ostentaria a sua riqueza, comprando uma sapataria, seu imenso sonho, se o regime se tornasse comunista fingiria que vivia modestamente, deixando o dinheiro escondido em herança aos filhos. O Governador falou de novo, sem tradução simultânea para cantonense, apresentou a sua acção como uma vitória de Portugal, não referiu a entrega de sete nacionalistas às autoridades chinesas, elogiou os membros das forças policiais e das forças militares, cujo brio e pundonor – palavras suas – honram a tradição das corporações que ora representam, garantiu não ter sido beliscada a soberania de Macau e desejou frutuoso trabalho aos «lusos que demandaram estas plagas orientais». No dia seguinte, a cidade acordou em pânico, contra todas as expectativas, o exército de guardas vermelhos avançara, estacionara em Zhuhai, perto da Porta do Cerco, os jovens comunistas radicais dispunham-se a invadir Macau, a expulsar de vez os colonialistas portugueses, Salazar, de Lisboa, mal-humorado, considerando-se enganado pelos telegramas triunfais do Governador, exigia vitória total ou derrota total, referia o sangue rubro, da cor da bandeira nacional, o Governador, apalermado, telefonava avidamente para os membros dirigentes da comunidade chinesa, procurou o jovem comunista, este não o atendeu, o industrial do ouro falou em concessões de jogo, novas autorizações de comércio de ouro, mais facilitada a transacção, deu um exemplo, lojas abertas perto dos casinos que penhorassem relógios, anéis, brincos, correntes de ouro, falou em outros casinos, três hotéis, o Governador irritava-se, como se podiam discutir novas concessões

comerciais no momento em que tinha um exército de jovens fanáticos à porta da cidade, um dos assessores, de origem chinesa, fez sinal ao Governador, diga que sim, diga que sim, está tudo em aberto, sim, no futuro será autorizada a abertura de lojas a retalho de venda de ouro, o Governador percebeu, nova jogada, nova manipulação do ardor comunista da Revolução Cultural, o Governador disse que sim, o industrial do ouro agradeceu e passou a chamada a um outro dirigente, que pediu calma ao Governador, disse, não é nada, uma criança, vamos solucionar a questão em menos de uma hora. E solucionou, inesperadamente, o Exército Popular de Libertação perfilou-se entre o exército dos guardas vermelhos e a Porta do Cerco. Fátimo e Maria Augusta, com duas malas simples, pequenas, tinham embarcado no *ferry* para Hong Kong pelas dez da manhã, tinham sido os últimos portugueses a fugir de Macau, Maria Augusta escondia a cara na amurada do navio, chorando, despedindo-se de Macau como se a cidade viesse a ser violentada e morta às mãos de facínoras chineses. Regressaram dois dias depois.

REGRESSO A PORTUGAL

*Águas claras do rio! Águas do rio,
Fugindo sob o meu olhar cansado,
Para onde me levais meu vão cuidado?
Aonde vais, meu coração vazio?*

Camilo Pessanha

Tristes, resignados, vazios, Fátimo e Maria Augusta regressaram a Portugal sem saudades de Macau em Julho de 1967, a cidade tornara-se outra, o comércio do ouro, a mercantilização industrial do jogo, a atracção pelas corridas de cães, pelo combate de galos, evidenciados nos últimos tempos, ostensivamente, como modo de vida principal de Macau, tinham transformado o território ao longo da década de 1960 numa cidade cosmopolita e americana, carregada de arranha-céus, à imitação de Hong Kong, cidade modelo de riqueza e abundância para os macaenses, falava-se em modernização e Fátimo via decadência, os chineses tinham abandonado as cabaias, os vendedores já não atravessavam Macau de calção de algodão e tronco despido, tinham desaparecido as senhoras portuguesas vestidas de *Dó*, o patuá extinguiu-se, falado exclusivamente de janela a janela por senhoras idosas, a língua de coscuvilhice, as *tun-sam* e as *cheong-sam* tinham sido substituídas por roupas ocidentais, iguais às de qualquer europeu pobre, as mulheres da água, descalças ou de tamancos, *tám-kón* aos ombros, suspendendo e equilibrando dois largos baldes cheios, longa trança adornada com botões de champaca, tinham igualmente sumido, a canalização chegara às torneiras, suprimindo as tubas de água do telhado, a criançada não se via na rua vendendo bugigangas, frequentava a escola, aprendendo a ser homem e mulher, os *culi*, condutores braçais de riquexós, tinham-se transformado em condutores de táxis, com acesso a crédito bancário, as cadeirinhas de noivado transformaram-se em vistosos *Buicks* alugados, adornados de cornucópias e capelas de flores de plástico, os hotéis clássicos substituídos pelo Casino-Hotel Lisboa, sede, rei e reino do jogo, a heroína europeia e americana substituíra o ópio, a livraria do senhor Ângelo fechara quando este morrera, tinha chegado uma nova leva de professores, novatos,

aventureiros, buscando menos o estudo e a experiência do Império e mais o exotismo do Oriente, partiam para a Tailândia, o Japão, a Indonésia e a Austrália ao primeiro dia de férias do Natal ou da Páscoa, gozando de sol abundante e sexo fácil, não buscavam a salvação da sabedoria no Oriente, antes o turismo superficial do hotel, a areia fofa e a água cálida, passeavam-se por Macau sem livros na mão mas de braços brônzeos, tostados pelo sol, interessava-lhes mais a loja *Kodak* de revelação de fotografias coloridas do que a livraria central, provando a futuros netos que os avós tinham estado em terras tão estranhas como o Laos, a Malásia, o Camboja e o Vietname.

Após o movimento 1, 2, 3, inúmeros funcionários públicos, temerosos, assustados, tinham regressado a Lisboa, alguns reformaram-se, outros reclamaram transferência, Macau era agora habitada por oportunistas em busca de dinheiro rápido ou aventureiros em busca de sensações audaciosas, o Império, infectado por tal gente, entrara em agonia e arriscava-se a ferir profundamente ou a matar quem o acompanhasse na queda, os chineses já não receavam nem respeitavam os *kuay lous*, os ocidentais, os diabos brancos, a revolução cultural provaria que os diabos brancos se assemelhavam a tigres de papel, como salientava um provérbio chinês, nenhum chinês saltava apressadamente para a rua quando se atravessava com um branco no passeio, fazia de conta que não via o português, como se este fosse transparente, forçando-o a encolher-se ou a desviar-se, Maria Augusta deixara de ir ao bazar, com receio de ajuntamentos de chineses, a criadita providenciava, sozinha, fazia e desfazia as contas da semana, Maria Augusta penetrara num torpor diário indolente, restando-se na cama até ao meio-dia, lendo romances de Júlio Dinis ou de Camilo Castelo Branco, à tarde frequentava o salão de chá do Largo do Leal Senado, com duas ou três amigas, tão modorrentas quanto ela, receava as ruas, as multidões e o seu vozear, para transportar a mulher ida e volta da Nolasco da Silva para o Leal Senado, ali ao lado, Fátimo contratara o último motorista português de Macau, ainda tratava Maria Augusta por senhora dona, era a alegria diária desta, ser tratada por senhora dona.

No dia do regresso a Lisboa, Fátimo levava Maria Augusta de táxi a dar uma volta por Macau, a despedida, a derradeira, presumiam, Fátimo não se sentia habitado nem pela alegria nem pela tristeza, apenas uma neutralidade sentimental que o agastava, o irritava ligeiramente, chegara havia vinte e seis anos, toda a sua vida de adulto, que ora se esfumava, como se nada fosse, desconhecia se seria recordado no liceu de Macau, se os antigos alunos – elite da elite macaense – se recordariam dele, Fátimo pressupunha que não, fora um professor eficiente mas transparente, nunca desenvolvera intimidade com alunos ou familiares destes, limitara-se a jantar com colegas, que ora chegavam, ora partiam, dois ou três juizes, dois ou três funcionários públicos superiores, sem a intimidade da amizade mas com a alegria da companhia,

não sabia se fora feliz em Macau, infeliz não fora, mas feliz não sabia, chegara com 25 anos, partia com 50, casara-se, tivera uma concubina chinesa, como bom europeu, para a luxúria, não tivera filhos, deles não sentira falta, ao contrário de Maria Augusta, que penitenciava a infertilidade do casal, considerando-se culpada e justiceiramente castigada, Fátimo não sentia que fora mais feliz nem mais infeliz em Macau do que noutra cidade do Império, na hora da despedida tivera três ou quatro portugueses de quem se despedir, a quem dar um sentido abraço, donos de lojas, o pessoal da secretaria do liceu, senhoras filhas da terra, mais amigas de Maria Augusta do que de Fátimo, feito o sumo de vinte e cinco anos de vida concluíra que viera a Macau para salvar e amar Siu Lin, em qualquer lugar do Império conheceria uma mulher como Maria Augusta, mas não Siu Lin, o seu nome sintetizava a vida oriental de Fátimo, não tivera coragem de se casar com ela, alugar casa, ir ao teatro a seu lado, ao café, apresentá-la aos colegas professores, fazer vida completa com Siu Lin, sempre fora um cobarde excepto na noite em que salvara Siu Lin, se com ela se tivesse casado a sua terra seria agora Macau, não Lisboa, teria ganho uma nova vida, teria aprendido cantonense correctamente, porventura teria alugado casa no bazar, quem sabe se não teria deixado de ser professor, ter-se-ia estabelecido com loja, talvez hoje fosse um passarinho, de pêra longa e fina, teria viajado pela China, trajado com o dólmen azul de Mao Tsé-Tung, o boné de pala, casara-se com Maria Augusta, permanecera funcionário público português, atraíra algum dinheiro, conforto, respeitabilidade, com Siu Lin teria arriscado a marginalidade na comunidade portuguesa, não teria sido convidado para as recepções no palácio do Governador, as comemorações do dia de Portugal, as festas no Teatro D. Pedro V, não tinha chegado a Macau com sonhos, apenas a curiosidade pequeno-burguesa de um nado no Barreiro, terra apertada, regressava com algum dinheiro, o suficiente para se reformar e viver dos rendimentos de andares alugados, em suma, concluíra Fátimo, um quarto de século de vida vazia, toldada pela sobrevivência, isto é, pelo dinheiro.

Fátimo fora colocado no Liceu Normal de Pedro Nunes, na Estrela, centro de Lisboa, fora convidado a ser metodólogo, professor de professores, recusara, daria aulas mais um ano ou dois e reformar-se-ia, não queria trabalho, ensinar jovens professores a leccionar exigia actualização científica, muitas leituras, Fátimo não queria, em Macau dava-se aulas ao modo de cada um, alunos disciplinadíssimos e interessados, não eram necessárias metodologias especiais, os alunos ouviam o professor como os crentes ouviam o sacerdote, um silêncio absoluto, apenas interrompido pela voz doutoral do mestre, em casa decoravam os manuais como autênticos papéis-químicos, Fátimo queria o seu cantinho silencioso na sala de professores do Pedro Nunes, ser respeitado por alunos, colegas e pais de alunos, seria a prova de que vencera na vida, de filho de operário pobre do

Barreiro, condenado à miséria, a professor numa das principais escolas da capital, Fátimo não queria mais, o reitor chamou-o, insistiu em que aceitasse ser metodólogo, um desafio no final da carreira, Fátimo recusou de novo, confessou-se, desactualizara-se, pediria a reforma no final do ano lectivo, ou no próximo, sentiu-se vazio quando fechou a porta do gabinete do reitor, Macau fora isso, não lhe enchera a vida, esvaziara-a, faltara-lhe a coragem de se casar com Siu Lin, que lhe preencheria a vida, prestando-lhe um sentido forte, sólido, diferente, fora isso, um passo mal dado, por vergonha social, por preconceito, devia ter esperado que Siu Lin perfizesse dezoito anos e casado com ela, teria cumprido o grande destino do português no Império, tornar-se outro, não o fizera, continuara português puro, de Lisboa, esvaziara a vida, Maria Augusta preencheria o espaço vazio, enchera-o de ar, orgulhosa das suas cinco assoalhadas na Nolasco da Silva, uma das ruas mais finas de Macau na década de 50, orgulhava-se agora das suas cinco assoalhadas alugadas a Campo de Ourique, salas atulhadas de bricabraque chinês, todos os dias fazia novas amigas, narrava histórias infundas sobre Macau, enchera a vida de episódios exóticos que ora descrevia como um sentido de vida, passavam o fim-de-semana na vivenda da Cotovia, ao alto de Sesimbra, tinham vendido a casa de família dos Castanho, no centro da vila, comprado casa nova com barbecue e jardim para onde iam trazendo a quinquilharia chinesa que abarrotava as salas de Campo de Ourique, Maria Augusta frequentava os cafés chiques de Sesimbra, metia conversa com os novos habitantes, mostrava-se senhora colonialista regressada rica, era o seu modo de estar, ostentação e riqueza, alguma petulância, roupas vistosas, confundia as antigas colegas da escola primária com palavras chinesas, que não traduzia, Maria Augusta dera um generoso donativo para a igreja e montara a nova casa do padre com os móveis sobejantes da casa dos pais, Fátimo enfiava-se a um canto do sofá a ler os jornais e a recordar Siu Lin, Li e os três filhos destes, recordava a criadita de Maria Augusta, que fora trabalhar para a sapataria de Li, tornado um comerciante abastado da 5 de Outubro, com loja de panchões, pivetes e gaiolas e sapataria para chineses ricos e finos, Siu Lin tornara-se uma das mais conceituadas e criativas artesãs de gaiolas de Macau e já só trabalhava por encomenda, nomeadamente de Cantão, onde se deslocava de seis em seis meses.

Mal acabou de assinar a escritura, Fátimo arrependeu-se, comprara dois prédios de rendimento na Quinta da Lomba, no Barreiro, estivera indeciso entre os novos bairros de Paço d'Arcos, do Cacém e do Barreiro, na primeira, zona de classe média, só poderia comprar um prédio, nas outras, dois, fora Maria Augusta quem o convencera, seria um modo de humilhar os primos operários do Barreiro, os antigos colegas da escola primária, um modo de evidenciar quão rica fora a sua vida, Maria Augusta convencera-o de que se tornaria senhorio dos filhos dos seus antigos colegas, tratá-lo-iam por senhor doutor, evidenciariam um respeito servil, Fátimo gostou, uma

forma de dar sentido aos seus vinte e cinco anos de Macau, mas as notícias nos jornais não auguravam grande futuro para Portugal, o país mudava, Fátimo assistira à mudança de Macau, sabia reconhecer os sinais imperceptíveis, os primeiros arranha-céus, as notícias veladas nos jornais, tentando fugir à censura política, notícias sobre o Primeiro de Maio, dia do operário, as greves contínuas dos estudantes, fábricas inteiras de cortiça no Barreiro paravam, desacatos na Siderurgia, o *Diário de Notícias* falava em «desacatos», tal como os jornais de Macau aquando da revolta dos operários na Taipa, a Guerra Colonial expandira-se, mais de 200 000 jovens já tinham partido para as colónias a «defender Portugal», lutando contra os «terroristas», o pacote *Santa Maria* fora «raptado» por uma dupla ibérica de guerrilheiros, bombas rebentavam em instalações militares, como acontecera em Macau tendo como alvo figuras chinesas do regime, o Presidente da República fora humilhado em Coimbra pelos estudantes universitários, todos os dias Fátimo torcia o nariz quando via nos jornais os rostos dos jovens portugueses mortos no Ultramar, alegação, acidente de serviço, no mesmo dia em que Fátimo e Maria Augusta tinham assinado a escritura da compra dos prédios e passado os cheques aos empreiteiros os bancários entravam em greve, a primeira greve dos bancários em toda a história do movimento sindical, depois os empregados de seguros, os professores e os jornalistas ameaçaram entrar em greve, Fátimo, receoso, recusou assinar um manifesto contra as políticas educativas do Governo, que condenavam metade da população ao analfabetismo, mas assinou um apelo para a promoção pública do livro e da leitura, Maria Augusta criticou-o, não te metas na política, agora que somos ricos temos de ter cuidado com o nosso dinheiro, disse, Fátimo riu-se, ricos, perguntou, somos proprietários, respondeu Maria Augusta, Fátimo não sentira prazer em receber os futuros inquilinos, delegou num solicitador o tratamento das burocracias do aluguer, este montou uma barraquinha à entrada dos dois prédios e pôs lá um reformado a mostrar as casas, Maria Augusta criticou Fátimo, devias aparecer no Barreiro, receber os filhos dos teus antigos colegas, mostrares-te condescendente, magnânimo, baixas 50 ou 100 escudos na renda, por antiga amizade, dirias, depões as mãos nos ombros dos pais, chamas-lhes amigos, eles agradecer-te-iam, servis como ovelhas a caminho do matadouro, chamar-te-iam senhor professor, senhor doutor, humilha-los, dizia Maria Augusta com nítido prazer, como eu faço às sesimbrenses que andaram comigo na escola primária, Fátimo desdenhava, queria mudar de liceu, alunos demasiado exigentes no Pedro Nunes, filhos da burguesia culta de Campo de Ourique, forçavam-no a ler novos autores franceses, novos romancistas portugueses, Fátimo não compreendia nem uns nem outros, ficara nos clássicos, que leccionara em Macau, nada percebia de existencialismos, estruturalismos, nem mesmo de neo-realismos, aprendera história de Macau com o colega Herculano, história da China por si próprio, que agora para nada serviam, Macau fora de facto um vazio, só se salvara o

seu amor por Siu Lin, com ela experimentara um verdadeiro amor, quando pensava em Siu Lin o vazio que fora Macau tornava-se experiência de plenitude, decidiu reformar-se, não regressaria ao Pedro Nunes para novo ano lectivo, Maria Augusta não achou bem nem mal, disse que precisava de um carro, um *Mini*, algumas das suas amigas também tinham, o teu ordenado ajudaria a pagá-lo, Maria Augusta gastava uma fortuna em táxis, havia uma escola de condução em Sesimbra que facilitava o exame da carta, daqui a dois meses já tenho carta de condução, disse Maria Augusta, jovial, como se se preparasse para um curso de língua finlandesa, Fátimo aquiesceu, mais um ano a dar aulas, um ano de sacrifício, mas Maria Augusta ficaria feliz, ela apontava sempre às suas novas amigas, o meu esposo é professor no Liceu Pedro Nunes.

MORTE DE MARIA AUGUSTA

*Desce por fim sobre o meu coração
O olvido. Irrevocável. Absoluto.
Envolve-o grave como véu de luto.
Podes, corpo, ir dormir no teu caixão.*

Camilo Pessanha

Um acontecimento trágico travou a alegria que Fátimo deveria ter sentido com a queda do regime de Salazar. Maria Augusta morreu no dia 25 de Abril de 1974, no Hospital da Misericórdia de Almada, massas populares tinham invadido as ruas festejando a queda do regime do Estado Novo, deposto, com o apoio generalizado da população, por uma coluna de blindados provida de Santarém, que se assenhoreara do centro de Lisboa, isolando e prendendo os mais altos responsáveis civis e militares. Nos sete anos de vida em Lisboa, a existência de Fátimo tinha sido triste, apagada, embaciada, Fátimo nem sabia classificá-la, porventura o melhor qualificativo seria «apagada», rotineira, normal, «vazia» como em Macau, adaptada a uma vida trivial, a vida que todos desejavam ter, abastada e ajustada, Fátimo conquistara-a, mas não o satisfazia, havia pão sobre a mesa, divertimento na televisão, algum convívio com casais amigos de Campo de Ourique e de Sesimbra, mais Maria Augusta do que Fátimo, que se refugiava no escritório da casa, conferindo a contabilidade mensal e o depósito das rendas que o solicitador lhe enviava pelo correio, deitava-se numa espreguiçadeira trazida de Macau e ficava a pensar em Siu Lin, como estaria ela, os filhos, Li, quando se cansava de pensar em Macau sacava um autor clássico da estante e relia-o, como se o tempo de hoje não fosse o seu tempo, lia Rodrigues Lobo, padre António Vieira, João de Barros, muito Camões e muito Fernão Mendes Pinto, recordava os seus colegas na Faculdade de Letras, no Bairro Alto, no final dos anos 30, dois ou três tinham brilhado, via amiúde os seus retratos nos jornais por comunhão com o regime, que lhes incensava a obra, outros três ou quatro via-lhes os livros nas livrarias antes de serem apreendidos pela Polícia política, os restantes, mais de noventa por cento da turma, tinham caído no vazio da vulgaridade, como ele, entretendo a vida,

dois ou três tinham-se espalhado pelo Império, leccionando, como ele, tentando salvar a vida, não sabia se o tinham conseguido, ele não, os restantes tinham comprado um carrinho, alugado uma casinha no novo bairro de Alvalade e educado os filhinhos, preparavam-se para morrer, como ele, de preferência sem dor, justamente como ele, que sempre presumira morrer primeiro do que Maria Augusta, prevenira-se, os papéis estavam todos prontos nesse sentido, o gerente do Banco Nacional Ultramarino em Sesimbra e o solicitador tinham ordens para transferir tudo para nome de Maria Augusta, esta não precisaria de preocupar-se, só de fazer o funeral, Fátimo já tinha escolhido o cemitério, o do Barreiro, o cemitério antigo, onde num gavetão se alojavam os ossos da mãe. Regressaria à terra natal, virando costas a Lisboa e a Macau.

Em 1973, finais, Maria Augusta sentiu um embaraço no seio direito, acordou com uma espécie de cabeça de alfinete a picar-lhe o interior do peito, palpou a mama, sob as carnes moles emergia ao tacto um gânglio brevíssimo, o médico de Sesimbra diagnosticou uma bolinha sebácea, receitou-lhe uns comprimidos que ajudariam a dissolvê-la, mandou-a regressar à consulta passado um mês, já não regressou, internada no Hospital de Oncologia, e, dois meses depois, no Hospital da Misericórdia de Almada para morrer, encharcada em morfina, nem o rosto de Fátimo identificava, só de quando em vez, e muito raramente, outras vezes emergia de um sono pastoso, de boca aberta, e chamava-lhe Herculano, das primeiras vezes Fátimo não percebera, tão inverosímil lhe parecera, à terceira ou quarta vez pedira ajuda a uma enfermeira, que não duvidou, chama por «Herculano», Fátimo tinha acabado de chegar ao hospital, preparava-se para acompanhar a mulher até às dez horas da noite, levantou-se e saiu da enfermaria, só regressou dois dias depois, quando lhe telefonaram da secretaria do hospital, Maria Augusta morrera, Fátimo passara os dois dias isolado na casa de Sesimbra, repensando o fracasso da sua vida com Maria Augusta, fora um equívoco, um grande equívoco, um equívoco de trinta anos, duas vidas vazias por não terem tido a coragem, cada uma, de afirmar o seu amor, Fátimo por Siu Lin, Maria Augusta por Herculano, agravado pela ausência de filhos, que poderiam ter compensado o vazio permanente.

No dia em que Maria Augusta morreu, Portugal esfuziava de alegria e júbilo, celebrava-se a queda do Estado Novo e as multidões, antes temerosas, ocupavam as ruas e as alamedas, nada acontecia antes e tudo passou a acontecer depois, reivindicações e protestos de quem estivera meio século silencioso e hoje via o punho fechado e a palavra na boca como instrumentos de poder, Portugal tornara-se uma praia feliz, um longo fim-de-semana de Verão, um sábado à noite permanente, o prolongamento em Lisboa do Maio de 68 em Paris, gozar a vida tornara-se, inesperadamente, mais importante do que trabalhar, vivia-se distraído dos antigos deveres, os cangalheiros

tinham entrado em greve contra os patrões exploradores, como diziam, reivindicavam, à semelhança do mundo trabalhador, aumento de ordenado e novo horário de trabalho, pagamento de horas extraordinárias a duplicar, descanso semanal de dois dias e outras minudências que Fátimo desconhecia, no hospital os enfermeiros reuniam-se em plenário permanente, com abastecimento gratuito de sandes de fiambre e galões, decidiram furtar direitos aos médicos, estes responderam com uma reunião geral, bloqueando os serviços, todos falavam em nome do povo, reclamando consultas populares gratuitas, novos blocos operatórios, novas camas para internamento de acamados, Fátimo vagueava pelos corredores como um moribundo renascido à força, nada percebia do novo Portugal, recordava a Macau disciplinadíssima e sonhava reencontrar-se de novo no Hospital de S. Rafael, amigo dos médicos, a quem podia pedir favores, ali, em Almada, ninguém o conhecia, sentava-se ao lado do corpo morto de Maria Augusta, que esperava transporte para a morgue, dirigia-se delicadamente ao chefe dos enfermeiros, este dizia não ser consigo, os maqueiros mandavam-no para a secretaria, nesta garantiram-lhe que um novo turno prestes entraria, tenhamos esperança de que não aderissem à greve, Fátimo esperava, tapando suavemente o rosto de Maria Augusta, comeu uns queques duros e um copo de leite morno na cantina do hospital, o que havia, as cozinheiras tinham ido para Caxias, assistir à libertação dos presos políticos, não tinham tido tempo de preparar o jantar, Fátimo retornou para o quarto de Maria Augusta, cujo corpo esfriava, ganhando uma película azulínea da sudação, viu da janela alta a Lua levantar-se e declinar, o céu aveludado de um tom azul-escuro, viu o Sol nascer por detrás de Lisboa, um sol forte e sólido que inundava Lisboa de luz branca, as aprendizas serviram-lhe o pequeno-almoço reservado para Maria Augusta, obrigaram-no a afastar-se do quarto, mandaram-no ir lavar a cara à casa de banho e beber um café à *roulotte* estacionada em frente da portaria das urgências, que não retornasse, entrasse pelas traseiras e se dirigisse a uma porta encimada com um letreiro de plástico, «MORGUE», Fátimo assim fez, entrou pela morgue uma hora depois, a fumar um cigarro, o corpo de Maria Augusta, nu, fora depositado numa marquesa ferrugenta, com um oleado fino e baço esfarrapado a cobri-lo, as mãos depostas sobre o peito, a aliança de casamento e os dois anéis de prata tinham desaparecido, a corrente com o crucifixozinho de ouro ao peito tinha desaparecido também, Fátimo tapou delicadamente o corpo de Maria Augusta com um lençol branco dobrado que encontrou, mirou-lhe o corpo nu, que raramente vira e nunca lhe dera prazer, sentou-se numa cadeira de metal e madeira a chorar, menos por pena, mais por fadiga, exaustão, não dormira toda a noite, chorou convulsivamente, recordou a última refeição chinesa que Maria Augusta confeccionara, asinhas de frango com gengibre, fritas, tostadas, barradas com limão e alho, não sabia porque se recordara, talvez fosse um símbolo da existência de Maria Augusta, sempre a poupar para o futuro, asas em vez de peito, a poupar no dinheiro, a poupar na vida, vivera e não se dera pela sua

vida, quando regressara de Macau humilhara as antigas colegas da escola primária com a sua aparente riqueza, este o supremo triunfo da sua vida, casara-se com um professor, viajara, comprara uma vivenda na Cotovia, dispunha de uma casa em Campo de Ourique, conduzia um *Mini* – meu deus, o grande triunfo da sua vida era, para Fátimo, um autêntico vazio, uma não-vida, tinham chegado as amigas de Maria Augusta, familiares, afagavam o cabelo de Fátimo, consolavam-no, espreitando-lhe os olhos chorosos, Fátimo chorava pela ausência de vida de Maria Augusta, não lhe dera nem vida nem felicidade nem filhos, fora um casamento nulo, inócuo, mais valia Maria Augusta ter ido para Díli com Herculano, ousado quebrar as grilhetas preconceituosas de Sesimbra e ter-se entregue a Herculano, mesmo que depois lamentasse, teria sido feliz seis meses, um ano, um curto período sintetizaria a totalidade da sua vida, seis meses feliz seria infinitamente superior a uma vida inteira normalizada como esposa do senhor professor Fátimo Martins, Fátimo chorava com pena de Maria Augusta, com pena de si, que também não ousara casar-se com Siu Lin, duas vidas perdidas, encostadas uma à outra em comum banalidade, que, cortadas pela morte, provavam hoje a profunda infelicidade de ambos, Fátimo chorava, chorava, chorava, vizinhas de Campo de Ourique e de Sesimbra e familiares consolavam-no, pressupondo que chorava a morte da mulher, assomara uma enfermeira, fizera deslizar a porta interior, a boca empapada de pão com manteiga, pediu desculpa, desapareceu, um gato-pingado entrou, era o único, ofereceu um cartão a Fátimo, as restantes agências funerárias em greve, tinha sede em Loures, mas podia fazer o enterro em Sesimbra, ele e os dois sócios percorriam os hospitais e igrejas auxiliando os coitados dos mortos que aguardavam enterro nestes dias, ia à Cova da Piedade e decidira parar na morgue do Hospital da Misericórdia de Almada, acertara, dissera, batendo com o punho direito na palma da mão esquerda, como se revelasse uma funda descoberta, aqui estava para ajudar, todo ele à disposição de Fátimo, sim, podia fazer-se o enterro em Sesimbra, teria de trazer a carreta e os empregados para esta margem do Tejo, as despesas aumentariam, deu um orçamento por alto, garantia óptimo serviço, oferta de uma coroa de flores roxas, o serviço de café da noite do velório, Fátimo percebeu que iria pagar o dobro de um enterro normal, aceitou, desejava libertar-se do corpo morto de Maria Augusta, o que dela recordaria alojar-se-ia no seu coração, um dos familiares de Maria Augusta acabara de informar Fátimo de que os dois andares vagos nos prédios do Barreiro do casal tinham sido ocupados por duas famílias de ciganos que havia muito moravam em tendas num baldio fronteiro, militantes maoístas tinham arrombado as portas, incitado as duas famílias ciganas a ocuparem os andares, Fátimo já tinha percebido ter sido um gravíssimo erro ter empatado o seu dinheiro em prédios de rendimento, devia ter-se informado junto de consultores bancários, investir na bolsa que tinha proporcionado fortunas colossais nos últimos anos, os prédios só lhe davam problemas com os inquilinos, a acumular rendas grão a grão, como

Maria Augusta gostava, os maoístas andavam no Barreiro a gritar serem as casas do povo, os maoístas, de novo, meu Deus, ouviu-se Fátimo gritar.

Nos finais de 1974, dos 23 inquilinos de Fátimo nos dois prédios da Quinta da Lomba apenas um pagava renda, não fora suficientemente penoso o Governo ter congelado as rendas, muitos inquilinos do Barreiro, orientados pelos partidos políticos, aconselhados pelas comissões de moradores, tinham-se apropriado das casas, mudado as fechaduras e recusado pagar a mensalidade, o solicitador fechara o escritório e fugira para o Brasil, fora apanhar o avião a Madrid, com duas malas cheias de notas de mil escudos, metade de uma das malas levava o dinheiro que ficara a dever a Fátimo, o pagamento das rendas dos meses de Janeiro a Abril, algumas de Maio, em Junho já ninguém tinha pago renda, Fátimo usava dinheiro da poupança para sobreviver, a pensão de reforma fora engolida pela inflação, Fátimo desesperava, sozinho, em casa, sem família, sem amigos, ressabiado com as consequências da revolução popular, percebia que tinha falhado a vida, agora falhava os últimos anos desta, tão preventivamente preparada, Fátimo socorreu-se de um jovem advogado, que recusou meter os inquilinos em tribunal e o pôs fora do escritório, chamando-lhe fascista e explorador, dias depois a imagem do jovem advogado apareceu na televisão como representante de um partido da extrema-esquerda, Fátimo desistiu de ir à Cotovia, pôs a casa à venda, apareceu um comprador, fez-lhe uma proposta, metade do valor por que a comprara, Fátimo, desesperado, aceitou, uma bênção do céu ter aparecido um comprador, pensou oferecer-se como professor para um colégio particular, ou dar explicações, consultou os novos manuais de Literatura Portuguesa, desconhecia a obra dos novos escritores recomendados pelo Ministério da Educação, os novos itens do programa, «Literatura e Sociedade», «Literatura e História», Portugal parecia-lhe um país de doidos, os pobres tinham ocupado o lugar dos ricos, os empregados o dos patrões, as fábricas eram dirigidas por comissões de trabalhadores, os bairros por comissões de moradores, as leis feitas contra os antigos proprietários, Fátimo receava sair de casa ao fim da tarde, hora das manifestações, dos ajuntamentos, temia que lhe chamassem fascista, o confundissem com os antigos agentes da Polícia política, lhe furtassem o cinto, lhe baixassem as calças, como faziam a estes, Fátimo vira fazê-lo à porta do café Canas, onde todos o conheciam como antigo professor do liceu Pedro Nunes, Fátimo comprava o *Diário de Notícias*, não conseguia lê-lo, via o Império a afundar-se a seus pés, previam-se sucessivas independências para as colónias, Fátimo buscava notícias de Macau, a China recusara receber Macau de afogadilho, à pressa, como o novo Governador tornara público, a China exigia tempo e condições favoráveis, Fátimo orgulhou-se de ter estado em Macau, não em Angola ou em Moçambique, onde se preparavam guerras civis, Fátimo ia à mercearia abastecer-se, mirava os cartazes políticos, recebia os comunicados dos partidos políticos, que

inundavam o bairro com comícios-relâmpago, nos cafés, no mercado, à porta das lojas, no jardim, em menos de um ano a revolução guinara da esquerda para a esquerda da esquerda, comunismo e socialismo na boca de todos, Fátimo conhecia o comunismo directamente, aplicado na China, não o queria para Portugal, nem o chinês nem o soviético, muito menos o albanês, um povo bárbaro e analfabeto, Fátimo contava os tostões, trocava o pacote de manteiga pelo de margarina, dispensando o uso de especiarias, fazia contas à vida, o dinheiro da vivenda aliviava-lhe as finanças, teria dinheiro suficiente até aos 70 anos, data em que pressupunha morrer, precisaria de se sustentar sem trabalhar durante mais doze ou quinze anos.

REGRESSO A MACAU

Oh vem, de branco – do imo da folhagem!

Os ramos, leve, a tua mão aparte.

Oh vem! Meus olhos querem desposar-te,

Reflectir-te virgem a serena imagem.

Camilo Pessanha

Velho, melhor, presumindo-se velho, 60 anos cansados e desiludidos, Fátimo recebeu uma longa carta de Siu Lin em 1976, com quem trocara postais de Natal e de novo ano lunar chinês desde o regresso a Lisboa. Li tinha morrido, Siu Lin pensara doar a loja e a casa aos três filhos e rumar a Xangai, em busca da sua família de origem, queria morrer na terra que a vira nascer, Li tinha-a deixado numa situação financeira confortável, falara em Fátimo nos momentos derradeiros, agradecido, o professor português propiciara-lhe uma segunda vida quando morrera o venerável Kwai, se não tivesse conhecido Fátimo seria hoje, no máximo, um serviçal de limpeza das ruas, dormindo numa cave do bairro Tamagnini Barbosa; por causa dele, conhecera e casara-se com Siu Lin, a mulher da sua vida, renascera, tornara-se sapateiro, proprietário, legara três filhos ao mundo que velariam pela velhice da mãe, não podia ter desejado felicidade maior, tudo lhe devia, a Fátimo, o português que se interessava pelos chineses pobres, Li pedira a Siu Lin para escrever a Fátimo a dar conta dos seus últimos pensamentos, assim o fazia, cumprindo o desejo do marido morto, Siu Lin acrescentava os seus agradecimentos pessoais, tudo lhe devia, também. No final da carta, confessava permanecer fiel à memória do marido, mas Fátimo fora o grande amor da sua vida, por ele teria matado ou morrido – um final seco, de poucas palavras, mas certas, tão certas que Fátimo as releu milhentas vezes, repensando a sua vida. Um mês depois, desgostoso com o novo Portugal democrático, enviou um telegrama a Siu Lin:

Se ainda não partiste para Xangai, espera por mim.

M. Augusta falecida.

Vou vender tudo e partir para Macau se disseses que posso ir.

*Quero casar-me contigo.
Quero casar-me contigo.*

Fátimo

Dois dias depois, Fátimo recebeu um telegrama de Siu Lin:

*Meu amor,
vem.*

Siu Lin

Fátimo tentou vender os prédios, não conseguiu, pôs cinco anúncios sucessivos em diversos jornais, nenhum comprador apareceu, o tempo voltara as costas aos proprietários, o congelamento das rendas liquidara a construção de novos prédios e a venda de antigos, quem tinha dinheiro depositava-o no estrangeiro, Fátimo transferiu a recepção da pensão de reforma para o Banco Nacional Ultramarino de Macau, juntou todos os depósitos e transferiu-os para este banco, passou uma procuração a uma caríssima firma de advogados, imaginou a devolução da totalidade das antigas rendas e sorriu, ficaria rico de novo, o advogado seu representante informou-o de que isso nunca aconteceria, notificariam os inquilinos para pagar e ameaçá-los-iam com acção de despejo, dar-lhes-iam o bónus de esquecimento das rendas anteriores, ele tinha experiência, os inquilinos aproveitariam e iniciariam de novo o pagamento das rendas, o que se verificou três meses depois de Fátimo chegar a Macau; ainda que com 25% de percentagem cobrada, as rendas começaram a ser depositadas e a conta bancária de Fátimo deu um pulo, permitindo-lhe viajar com frequência pelo Oriente com Siu Lin; Fátimo entregara a uma leiloeira a totalidade do recheio da casa de Campo de Ourique, que o transferiu para uma vivenda perto do aeroporto e o vendeu em peças avulsas durante um mês, na primeira semana a totalidade das peças vindas de Macau, porcelanas, estatuetas de jade, móveis, os vestidos e as estampagens chinesas de Maria Augusta, o antiquário que comprou o bricabraque chinês de Fátimo mandou restaurá-lo e vendeu-o com mil por cento de lucro, o trem de cozinha de Cantão de Maria Augusta, da década de 50, inteiro e lúcido, conservado pelas suas mãos domésticas preciosas, foi considerado uma relíquia.

Siu Lin foi esperar Fátimo a Hong Kong, encontraram-se no terminal dos *ferries*, Siu Lin fora três horas antes, adormecera sentada, mascando rebuçados de gengibre. Quando Fátimo a viu, Siu Lin declinava levemente a cabeça para o lado esquerdo, de olhos fechados, a antiga cabeleira preta acinzentada, Fátimo entrou na fila para os bilhetes, comprou-os contemplando Siu Lin, saiu, sentou-se a uns dois metros de distância, Siu Lin continuava bela, o corpo esguio, magro e pequeno, o rosto permanentemente inocente, singelo, sem a malícia dos inquilinos de Fátimo

dos prédios do Barreiro, sem a ambição dos operários que se tinham substituído aos patrões, sem a visão beatífica do mundo dos partidos que tinham tomado o poder em Portugal, era apenas uma mulher de pele cor de areia a respirar pausadamente, a leve proeminência de um ventre que gerara três filhos, os pés pequeninos em sapatos de seda, as unhas envernizadas, sem aparato, as mãos breves, que confeccionavam as mais belas gaiolas de bambu de Macau, Fátimo quis despertá-la com um beijo na fronte, não um beijo de paixão, apenas de amizade fiel que evoluíra para a ternura do amor, o beijo de dois amigos íntimos que se reencontravam, dispondo-se a passar juntos o resto da vida, recordou a negra noite em que vira Siu Lin pela primeira vez, os seus gemidos medrosos de menina, o brilho da chapa de metal que lhe rasgaria a carne depois da violentação colectiva, os olhos de flor de Siu Lin apavorados, a trupe de meliantes famintos que a olhava de viés, demasiado menina para sofrer tanto, deviam ter pensado, um minuto de indecisão, o suficiente para Fátimo descer do primeiro andar do hotel e enfrentá-los, a sua eterna cobardia tornada coragem precipitada, assomara no halo de luz da entrada, uma luz débil, de gerador a gásóleo, a sua figura de branco europeu afugentara-os, não queriam problemas com os «diabos brancos», teriam de matá-lo, não era a mesma coisa matar um chinês para comer ou matar um europeu, recordou o temor no corpo tremente de Siu Lin, incapaz de chorar, o pânico nas suas pernas, incapazes de se moverem, as mãos incapazes de se agitarem, recordou as noites de fantasia sexual em que a procurava, a tudo Siu Lin se prontificava, como a serva perante o senhor, a desprotegida perante o seu salvador, a partir de agora teriam amor limpo, como dois corpos puros, havia de lhe pedir perdão por a ter usado, Siu Lin dissera-lhe, na despedida de Fátimo e Maria Augusta de Macau, que percebera que seria morta pelos salteadores, não intuía, tivera a certeza absoluta, usá-la-iam, depois matá-la-iam, retalhariam o seu corpo para comer as partes tenras, Siu Lin pousara as mãos entre as de Fátimo, agradecendo-lhe cada dia de vida após aquela terrível noite, tudo o que por ele fizera fora pouco, penso em ti todos os dias em que me levanto, olho da janela das traseiras o Sol a levantar-se comigo, agradeço aos deuses e a Fátimo mais um dia de vida, Fátimo sorria, tímido, constrangido, Maria Augusta olhava obliquamente, não gostava daquele arrastamento das mãos sobre as mãos, demasiada intimidade, não esquecera a surpresa da noite de núpcias e a perversidade com que o marido usara Siu Lin, Fátimo olhava para Siu Lin no cais do Porto Interior de Macau, sorrindo-lhe, um sorriso que sintetizava a vida de ambos, frustrada, separada, que ora se unia no cais do *ferry* de Hong Kong, Fátimo aproximou-se de Siu Lin, declinou-lhe um beijo na fronte, esta despertou, sorrindo.

Macau permanecia na sua marcha lenta, ao modo chinês, andando sempre e sempre parecendo imóvel. A primeira notícia que Fátimo recebeu em Macau foi tristíssima, e Siu Lin correu ao templo para queimar pivetes e

bater a cabeça, exorcizando o mau augúrio, regressou ao templo com uma cesta cheia de alimentos para o deus, suplicando-lhe o bom acolhimento do branco que a salvara. Siu Lin tinha estado com Herculano Noronha-Pereira, que regressara a Macau em 1975, integrado na comitiva da FRETILIN – Frente de Libertação de Timor Leste, partido que advogava a independência de Timor, uma comitiva não oficial, houvera uma reunião do governo português com os restantes partidos políticos de Timor, a UDT – União Democrática de Timor, e a APODETI, Associação para a Integração de Timor na Indonésia, Herculano representava o sector independentista e recusava reuniões conjuntas com os integracionistas, Herculano tornara-se um político duro, radical, não visitara antigos colegas do liceu, nem o reitor, retirado mas vivo, nem se comovera quando Siu Lin o informou de que d. Lina morrera em atroz sofrimento, acamada, consumida por um cancro no fígado, apenas o ópio clandestino lhe mitigara as dores, tanto sofrera do coração e afinal morrera com ele a reclamar vida, Herculano vivia para a Fretilin e para a independência do seu país, como dizia, designando por traidores todos os membros das restantes comitivas, Siu Lin não gostara de falar com Herculano, que se lhe dirigiu para saber notícias de Maria Augusta, Siu Lin informou-o de que Maria Augusta morrera no dia da libertação, 25 de Abril de 1974, também com um cancro, Herculano recolheu-se, virou a cara para trás, levou as mãos aos olhos, retraía-se, controlava o seu pesar, profundo, não perguntou por Fátimo, foi Siu Lin quem lhe disse estar Fátimo vivo, Herculano deixou cair umas palavras estranhas, então não vale a pena ir a Lisboa, Siu Lin percebeu que se Maria Augusta estivesse viva e viúva Herculano procurá-la-ia em Lisboa, Herculano disse, «aquele mole», Siu Lin percebeu que Herculano se referia a Fátimo, não gostou, Herculano continuou, vazando o seu ódio em Fátimo, serventário dos colonialistas, viera para Macau para enriquecer, bateu o punho na mão direita, desabafando, ainda bem que se casara com Maria Augusta, se não fosse ele seria eu, estava disposto a não regressar a Timor, iria para Lisboa com Maria Augusta, mesmo assim percebi que ela não aceitaria, a minha pele demasiado castanha envergonhá-la-ia, a ela e aos preconceituosos dos pais, uns pescadores de meia-tigela armados em ricos em Macau, se me tivesse casado com a Maria Augusta seria hoje, porventura, um colonialista igual a Fátimo, o desgosto abriu-me a consciência, fez-me ver a verdade, alertou-me para o sofrimento do povo maubere, de quem ambicionava fugir, traindo-o, Siu Lin não gostara de falar com Herculano, a sua voz sólida, sem dúvidas, os seus gestos impetuosos, os seus olhos fanáticos, fizeram-lhe lembrar os dos guardas vermelhos do movimento 1, 2, 3, que tinham esventrado Macau em 1966, afastou-se dele, soube pelos jornais que a delegação portuguesa se reunia em duas salas diferentes, o dr. Herculano Noronha-Pereira, ilustre descendente de uma das mais antigas famílias de Macau, recusava contactos com as outras duas delegações timorenses, Siu Lin purificara-se na água do templo mal saía do

encontro com Herculano no Hotel Lisboa, limpando-se com uma toalha alvíssima, percebera ter Herculano sido possuído por diabos malignos, espíritos diabólicos, regressara a casa e escondera-se no fundo da loja, atrás dos caixotes de papéis coloridos para os panchões, mandara os filhos dizer que não estava, acendera quatro pivetes de sândalo e, isolada, rezara, rezara muito, percebera que a alma de Herculano seria tragada pelos espíritos malignos, uma questão de tempo, pouco tempo, em breve a alma, torturada, se esvaneceria entre dores. Dramaticamente, foi a primeira notícia chegada a Macau mal Fátimo se instalou, Herculano fora morto à catanada por um bando de integracionistas, torturado, as unhas arrancadas uma a uma, o corpo picado com ponta de ferro abrasado ao lume, e, ainda vivo, decapitado, desconhecia-se onde parava a cabeça de Herculano, o restante corpo fora esquartejado e deposto aos corvos nas quatro saídas de Díli, os companheiros de Herculano tinham-se abrigado nas montanhas; alguns deles, capturados, imediatamente fuzilados. Siu Lin foi com Fátimo rezar uma oração sentida na Igreja de S. Lourenço para que a cabeça de Herculano fosse encontrada e enterrada, a sua alma repousasse em paz, mandaram rezar a missa dos defuntos na Igreja de Santo António e de S. Lourenço, as duas igrejas existentes no tempo do estabelecimento em Macau do primeiro Pereira, no final da missa Fátimo perguntou a Siu Lin se sabia que Herculano amara Maria Augusta, sim, ela sabia, todos sabiam, impossível não sabê-lo, os olhos melosos denunciavam-no sempre que Maria Augusta dele se aproximava, também sabia que Herculano se encharcara em ópio devido ao seu amor frustrado, Siu Lin continuou, e o olhar de Maria Augusta também não enganava, reprimia-se sempre que o via, percebia-se que o desejava, a sua educação europeia fora mais forte, Fátimo baixou a cabeça, corando, Siu Lin afagou-lhe o rosto, Fátimo largou uma lágrima lenta, ambos sentados na esplanada do café fronteiro ao Leal Senado, Fátimo confessou, eu e Herculano fomos cobardes, eu devia ter-me casado contigo, Herculano devia ter forçado Maria Augusta, tê-la raptado, fugido para Hong Kong, assim teríamos sido felizes, eu esvaziei a minha vida em Macau, troquei-a por posição e dinheiro, Herculano desterrou-se em Díli, radicalizando-se, nenhum de nós foi feliz, e fizemos Maria Augusta infeliz, hesitou em dizer ter sido Siu Lin infeliz, percebeu no último momento que Siu Lin fora feliz, a sua inocência e a sua simplicidade não lhe permitiam ser infeliz, seria sempre feliz com o que a vida lhe dava, mesmo pouco, Siu Lin garantiu-lhe que fora feliz, nunca amara Li mas fora feliz a seu lado, ele respeitara-a, engravidara-a, um incansável trabalhador atrás da sua bancada de sapateiro, educou os filhos na tradição de Confúcio, mandou-os à escola, houve sempre sopa de fitas sobre a mesa, uma mulher não pode querer mais, disse Siu Lin, contrita, respeitadora da memória do marido, a quem se encomendava sempre que saía e entrava em casa, batendo a cabeça de mãos juntas perante a estela de madeira no oratório, representante do seu espírito, Fátimo pousou as suas mãos nas dela sem vergonha, desinteressando-se do que poderiam

pensar duas famílias portuguesas sentadas na esplanada que os olhavam de viés, comentando que a chinesa acabara de ganhar a sorte grande, dera o golpe do baú, como se dizia sempre que uma chinesa se casava com um português.

Fátimo alugara um rés-do-chão espaçoso na Rua Conselheiro Ferreira de Almeida, no centro de Macau, havia um andar vago na Nolasco da Silva, no prédio onde vivera com Maria Augusta, Siu Lin não quisera, determinadamente, Fátimo também não achara de bom agouro, queria esquecer Maria Augusta, Sesimbra, Lisboa, o país mesquinho que lhe furtara o valor da pensão de reforma, só não podia esquecer o Barreiro, vivia, em grande parte, das rendas dos dois prédios, ora subtraídas em 25% por mês para a firma de advogados, mas valia a pena, Siu Lin mobilou a casa com os apetrechos de cozinha e as mobílias que lhe sobejavam, Fátimo convidou os três filhos de Siu Lin e as suas mulheres para um jantar chinês no Hotel Commodoro, os filhos de Siu Lin eram funcionários médios do Estado português, um na Conservatória do Registo Civil, outro nos serviços territoriais de electricidade e o último professor do ensino secundário, tinham herdado a personalidade do pai, cidadãos anónimos, vivendo em casas anónimas com famílias anónimas, aceitaram de bom grado o novo casamento da mãe, esta contou-lhes pela primeira vez a história do casamento com o pai deles arranjado por Fátimo, que o pai fora servo da poderosa família Kwai, como Fátimo os unira, salvando a ambos, e como Fátimo, antes, a salvara da morte certa às mãos de meliantes no final da Segunda Guerra Mundial, Fátimo figurou-se, na mente dos filhos de Siu Lin, como um antigo herói romântico, provindo da terra dos «diabos brancos» para salvar os desorientados chineses, Siu Lin confessou aos filhos que, mais do que gratidão, houvera da sua parte uma inclinação amorosa, a que Fátimo só recentemente correspondera, o vosso pai sabia-o, e respeitou-me sempre, Fátimo terminou o jantar revelando que desejava casar-se com Siu Li, pedia autorização aos três filhos ali reunidos, casar-se-iam pelo registo civil, já que ambos tinham religiões diferentes, o filho mais velho preparou um longo discurso, a mãe proibiu-lho, não o deixou ler, todos se riram, Fátimo prometeu que cuidaria da mãe deles como se fora a única mulher do mundo, nada lhe faltaria, Siu Lin anunciou que passaria definitivamente a sapataria e a loja de sapateiro para propriedade dos filhos, seriam alugadas, o rendimento seria entregue a Siu Lin, vitaliciamente, Siu Lin dedicar-se-ia em exclusivo à construção de gaiolas, fá-las-ia em casa, como senhora macaense, deixaria de trabalhar, só asseguraria três ou quatro encomendas valiosas, sobretudo as providas de Cantão, Fátimo fez saber, delicadamente, ao modo chinês, que não retiraria um avo ao rendimento de Siu Lin, todos o sabiam, mas era importante dizê-lo, não perder a face.

Siu Lin tornara-se uma senhora amável, delicada, habitava nela,

inatamente, uma força de candura que desarmava más intenções, uma inocência tranquila acompanhada de um permanente sorriso branco e aberto e de gestos lentos e suaves, como uma pena tombando ao sabor da brisa, um andar pausado, firme, suportando o corpo leve, o cabelo esbranquiçado, que Siu Lin recusava pintar, a vida e a maturidade tinham-na tornado uma mulher doce, *A Má*, deusa da terra que a acolhera, protegera-a, tudo o que era, tudo o que tinha, tudo o que seria a Fátimo o devia, mas também à deusa *A Má*, que a abençoara, fora porventura a deusa que insuflara a coragem inusitada no peito de Fátimo para que salvasse a menina desprotegida, Fátimo sabia que seria feliz ao lado de Siu Lin, uma vida branda e serena, risos, alegria, viagens, companheirismo, era o que desejava, precisava de encontrar emprego, tornar-se chinês, com mentalidade chinesa, o dinheiro que possuía era suficiente, mas o futuro poderia trazer uma guerra, a sempre propalada invasão dos chineses, poderia precisar de mais dinheiro no futuro, pôs anúncios nos jornais portugueses como explicador de Português, outros como tradutor de cantonense para português, Siu Lin e os filhos ajudá-lo-iam nesta tarefa, apareceram quatro rapazolas do liceu, agora denominado escola secundária, Fátimo cansou-se de explicações no final de Fevereiro, alunos diferentes, não se tratava de explicar matérias que não tinham percebido nas aulas, exigiam resumos, que decoravam como máquinas de gravar, o suficiente para passarem, em Março Fátimo ofereceu-se a duas escolas particulares, colégios, como se designavam, foi admitido nos dois, escolheu o mais antigo, um colégio católico para elites macaenses que continuariam os estudos na Europa, cada vez menos em Portugal, cada vez mais em Inglaterra, as escolas particulares sofriam com a sangria de professores, regressados a Lisboa, atemorizados com a incerteza sobre o futuro de Macau nas mãos da República Popular da China, a maioria regressava para se reformar, a conta bancária cheia de patacas por via de negócios de importação-exportação, Fátimo sentia-se feliz, tinha emprego assegurado durante longos anos e bom ordenado, muito superior ao de um professor do ensino oficial, ainda que trabalhasse mais horas, mas valia a pena, assegurava-lhe o complemento financeiro para não tocar nas poupanças e poderia viajar e instalar-se em bons hotéis durante os diversos períodos de férias, abandonou os explicandos e ajudava Siu Lin na confecção de gaiolas, algumas de luxo, com bebedouros em pedra de jade, outros em alabastro, viam-se ambos sem problemas financeiros ao fim do mês, Siu Lin poderia engordar os *laisi*, os envelopes encarnados com que presenteava os filhos no início de cada ano novo lunar.

Fátimo deu-se bem na nova escola, apesar dos sessenta anos feitos não lhe custava trabalhar, a escola valorizava os autores clássicos chineses e portugueses, que Fátimo sempre privilegiara nas suas aulas, e só insistia nos novos escritores revolucionários, trazidos para a ribalta após o 25 de Abril de 1974, quando o programa exigia a leitura de uma obra sua para exame,

era respeitado pelos colegas como professor experiente, venerado pelos alunos, que lhe reconheciam uma sabedoria firmada na experiência, alunos interessados, trabalhadores e disciplinados como não existiam em Portugal, fora nomeado delegado de grupo de Língua e Literatura Portuguesa e aceitara reger a disciplina de opção, só existente em Macau, de Cultura Portuguesa, passava a totalidade das manhãs no colégio e as tardes na biblioteca municipal e na do Leal Senado, impondo-se como uma das personalidades mais cultas da região; ao fim da tarde, Fátimo, acompanhado de Siu Lin, sentada na primeira fila, vestida com trajes portugueses, proferia palestras e orientava cursos num círculo de macaenses e portugueses cultos, sobre Camões, Fernão Mendes Pinto, Diogo do Couto, Garcia de Orta, o padre Joaquim Caetano, as duas Guerras do Ópio, as embaixadas de Portugal a Pequim, as famílias fundadoras de Macau, salientando a dos Pereira, continuada como Noronha-Pereira, outros temas que vinculavam as duas culturas no interior de Macau, Fátimo dispensara a palavra «império» e analisava as obras e os acontecimentos por si próprios, do ponto de vista literário e estético, menos histórico, substituindo o termo Colónia por Território, realçava a visão cosmopolita e interculturalista que os portugueses tinham introduzido na cultura chinesa e realçava a erudição científica e tecnológica com que os jesuítas tinham espantado o Imperador e a corte de Pequim, fazendo a China entrar na modernidade, isto é, realçava o permanente contributo cultural português com que tinha nascido Macau, uma cidade paradisíaca, como dizia; à noite, Fátimo trabalhava nos seus cadernos pretos, escrevendo durante três horas, antes de se juntar a Siu Lin na cama, felizes ambos.

A NOITE DE NÚPCIAS DE FÁTIMO E SUI LIN

*Há no ambiente um murmúrio de queixume,
De desejos de amor, d'ais comprimidos...
Uma ternura esparsa de balidos,
Sente-se esmorecer como um perfume*

Camilo Pessanha

Xaropada, uma xaropada de vida, sem interesse, diriam os novos portugueses de Macau, contemplando a modorra de vida de Fátimo, do colégio para a biblioteca do Leal Senado, enganar-se-iam, uma vida feliz não tem história, uma cidade feliz não tem história, um casamento feliz só tem normalidade, não rasgões existenciais que atormentem ou jubilem, por isso os casamentos felizes não podem ser contados, neles apenas existe, não o tédio, mas a regularidade da existência, base da felicidade, tal como a história da cidade de Macau entre 1980 e 1999, sempre a crescer sob o império da normalidade, abençoada pelo jogo, que fazia funcionar a cidade, atraindo milhões de turistas anuais, fornecendo dois terços das receitas fiscais de Macau, no ano em que Hong Kong legalizasse o jogo de casino Macau regressaria à situação penosa de sobrevivência dos séculos XVII e XVIII, quando cessou o trato da prata com o Japão e a população da cidade se soube pobre de um ano para o outro, sobrevivendo de recursos fracos e oportunidades ocasionais. Fátimo não jogava, a não ser em casa, ao *fantã* e ao *mahjong*, quando os filhos de Siu Lin lhe invadiam alegremente a sala ao sábado à noite, detestava os milhares de estrangeiros que aportavam a Macau para o jogo, dormiam no hotel do casino e no dia seguinte regressavam a Hong Kong, Fátimo sabia de histórias violentíssimas, perversas e bárbaras das máfias e das tríades ligadas ao jogo, uma escalada inverosímil para exterminar concorrentes ou cativar público internacional, uma Macau clandestina e subterrânea, que vivia da noite e na noite, e em nada perturbava o cidadão normal que era Fátimo, no seu diário caminho entre o colégio e a biblioteca, Fátimo encarava as tríades como um mal necessário, uma espécie de refúgio do mal em Macau, o jogo, ainda que mau e perverso, permitia concentrar nele a totalidade do mal existente na cidade, libertando a grande

maioria dos cidadãos para a prática do bem, Fátimo sabia ser o futuro incerto, os altos ordenados da comunidade macaense dependiam das receitas do jogo, Fátimo aceitava o jogo, tinha de aceitar, como a Igreja Católica, nunca ouviu uma homilia na Sé a condenar o jogo, a cidade inteira dependia dele, o bispo disse-lhe, uma tarde, na residência episcopal, Fátimo, aceito o jogo como aceito a imperfeição humana, o suor do trabalho, a disciplina do aforro, a venalidade dos dirigentes e a corrupção das instituições, prática milenária dos chineses, a corrupção e o jogo, não podemos fazer nada, para um chinês uma oferenda, um envelope com dinheiro ou benefícios familiares, não são suborno, são trocas de favores entre um inferior e um superior, se este o protege é normal que aquele pague, o que em Lisboa se designa por corrupção em Macau designa-se por relações privilegiadas. Fátimo não se imaginava a regressar a Lisboa com Siu Lin em 1999, ano da passagem do poder administrativo de Macau das mãos dos portugueses para as dos chineses, não se imaginava, não queria acreditar ter de regressar a Lisboa, desejava assistir às cerimónias da entrega do derradeiro território do Império, mas não hesitaria em viajar para Lisboa se as condições sociais não oferecessem suficiente protecção a Siu Lin, por ele não abandonaria Macau, mesmo que os comunistas o despojassem de bens, não cometeria a insensatez de regressar à vida burguesa de Lisboa, um minuto em Macau, saboreando a sua singularidade, pensava, é igual a um ano de vida em Lisboa; se, como europeu, o internassem num campo de trabalho, reeducando-o, como rezavam alguns boatos, preferia ficar na China a regressar à Europa, só voltaria em defesa de Siu Lin, não aceitaria que Siu Lin se tornasse criada de um novo mandarim, ou serviçal de limpeza da Câmara, Fátimo não se imaginava a viver Macau sem Siu Lin, se Siu Lin não fosse feliz em Macau ele também não seria, o Banco Nacional Ultramarino de Macau tinha ordem para que, a um telefonema de Fátimo para certo funcionário, repetindo três vezes uma certa frase, todo o seu dinheiro fosse de imediato transferido para a agência da Caixa Geral de Depósitos em Campo de Ourique, Siu Lin, conhecedora do seu povo, garantia ao marido não serem necessárias precauções nem prevenções, o que os chineses dissessem fazer assim será feito, nem mais um milímetro nem menos um, tudo se passará na normalidade prevista segundo as directivas do acordo de 1987 entre os dois governos, a China não perderá a face emendando posteriormente o que antes acordou, se a China não se referir ao jogo, segundo a política «Um país, dois sistemas», o jogo continuará, se a este se referir como perversidade humana ou desvio capitalista nefasto para a natureza humana, o jogo desaparecerá de imediato, os casinos tornar-se-ão instituições sociais, acolhendo, porventura, o turismo social chinês de multidões, dizia; pelo sim, pelo não, Fátimo conseguiu passaporte português para Siu Lin, esta aceitou pedi-lo para sossego do marido, Fátimo apontara-lhe os atentados à pistola à luz do dia, as explosões de carros armadilhados à porta de repartições ou nas casas dos directores das repartições menos

venais, Siu Lin atirara a mão para trás, não desvalorizava os actos de violência, recusava desmentir as palavras de Fátimo, não lhe ficaria bem como esposa, mas, com os dedos estendidos, ia contando o número de atentados e explosões, oito em cinco anos, será que Londres também não sofre do mesmo mal, e os atentados contra as sinagogas e os cemitérios judaicos em França e na Alemanha, Fátimo sabia Siu Lin excessivamente inteligente e informada para contestar, falava nos pistoleiros de Zhuhai, que surgiam de moto, inesperadamente, granada ou metralhadora na mão, cometiam o atentado e fugiam de moto, sempre em alta velocidade, Siu Lin disse o que Fátimo esperava que dissesse, destinam-se a atentar contra a vida de capangas do jogo, rivalidades e vinganças, sede de dinheiro e poder, controlo de território de jogo, pressão para novas licenças, quem não se meter na direcção dos casinos tem a vida feliz, como nós, reclamava Siu Lin, Fátimo sorria, vencido, agradavelmente vencido, Siu Lin era detentora de uma sabedoria do sangue que apaziguava, acalmava receios, a sabedoria que abria novas portas sempre que as antigas se cerravam, acabara de ser criada uma associação de mulheres de Macau, para cuja direcção Siu Lin fora convidada, rematando assim a sua integração definitiva na sociedade macaense, Fátimo gostara da designação, Associação das Senhoras Democráticas de Macau, assim mesmo, fundindo passado e presente, «senhoras», termo anterior à designação popular de mulher, nome pejorativo na antiga sociedade macaense, e «democrática», prevenindo o futuro, quando o regime comunista dominasse Macau a partir de 2000.

Fátimo reformou-se definitivamente do ensino em 1987, com 70 anos de idade, dedicou-se à crónica jornalística – escrevia uma crónica semanal para o mais importante diário de Macau – e à investigação histórica sobre o passado da cidade, reabilitando o nome dos Pereira e dos Noronha-Pereira, família de origem de Herculano, seu grande amigo de Macau. Todas as madrugadas, religiosamente, antes da canja matinal, Fátimo transcrevia as suas memórias da primeira para a terceira pessoa, como um autor estranho descrevendo a vida própria, não considerava esta excessivamente interessante para a publicar em forma de memórias, apenas como uma síntese da história de Macau, ilustrando-a com factos e situações que, não sendo totalmente verdadeiras, também não eram totalmente falsas, ou seja, ficcionava a sua vida; o romance ocupou-lhe as madrugadas durante mais de dez anos, escreveu mais de um milhar de páginas, que ia rasurando, corrigindo e reescrevendo, como se corrigisse a direcção de vida de uma alma, deitando fora o que não gostava – a grande, grande maioria das páginas – e aprimorando o que considerava de mínima qualidade. Em 1998, ainda com inúmeras dúvidas, deu o trabalho por terminado, imprimiu as definitivas 300 páginas, o coração tinha tremido excessivamente pela primeira vez, uma arritmia que o prostrara à beira do desmaio quando lia calmamente um jornal de Hong Kong no Pacific Coffee, todos o conheciam

em Macau, um casal de uma mesa lateral reparou que Fátimo levantara excessivamente o braço, como se estivesse fazendo um sinal estranho, levaram-no para a residência de um médico amigo, sofria de hipertensão, o médico tranquilizou Siu Lin, a idade propícia a ataques cardiovasculares mas, bem medicamentado, Fátimo estava ali para viver e durar, os remédios faziam milagres; as arritmias sucederam-se-lhe, receitada uma caterva de comprimidos, aconselharam-lhe vida calma, Fátimo perguntara que vida mais calma podia ter, de casa para a biblioteca, da biblioteca para casa, uma viagenszita ou outra, Fátimo percebeu que o corpo cedia, os 80 anos tinham feito a sua aparição triunfante, desencadeando um ror de moléstias, que arrastariam o seu corpo para a beira do cemitério, vivera 80 anos, mais do que a grande, grande maioria dos chineses de Macau e da China, mais do que a grande maioria dos portugueses, atravessara continentes, do Ocidente para Oriente, espalhara a língua portuguesa em Macau, convivera conjugalmente com Maria Augusta e apaixonara-se por Siu Lin, deixaria uma riqueza patrimonial maior do que aquela que os seus pais lhe tinham legado, escrevera as suas memórias, a que dera forma de romance, afinal não tinha de envergonhar-se da sua vida, se Macau a esvaziara durante vinte e cinco anos, Macau a reencheria nos últimos vinte e cinco anos, fora essa a solução da sua vida, fugir de Portugal, o Portugal burguesinho de almas medíocres e mesquinhas, das elites ridículas, culturalmente pobres, apenas interessadas no prazer e no dinheiro, conduzido por políticos limitados. Três ciclos da sua vida, os primeiros vinte e cinco anos soerguendo-se, impondo-se, gritando uma nova existência, ajudado pelos padrinhos franceses, o seguinte quarto de século fugira de Portugal para ser feliz, casara-se, contemplara uma outra civilização, outra cultura, outra forma de casamento, de alimentação, não podia afirmar, em bom sentido, ter sido vazia a vida, presumira-a vazia, fora apenas uma adaptação, os últimos vinte e cinco anos vivera uma autêntica felicidade, possivelmente porque já nada esperava da vida, não viera para enriquecer, viera ter com Siu Lin, apenas, amá-la, e fora muito feliz, individual e socialmente, podia morrer, morreria feliz.

Aconselhado por um advogado, Fátimo fez novo testamento, recusava que os dois prédios do Barreiro fossem herdados por primos e sobrinhos de primos (não lhes daria tal sorte), com quem não convivia desde o regresso a Macau, nem por escrito, nem se recordava dos seus nomes, apenas de um, filho de um primo, que vencera o Barreiro, a pressão social do pai, porteiro na Câmara, a mãe, contínua na escola básica e secundária, tivera ótimas notas, fora estudar para Lisboa, a esse talvez lhe deixasse algum rendimento, não, nada lhe deixaria, haveria de safar-se por si, como Fátimo se safara, e, após longas semanas de meditação, longas caminhadas com Siu Lin pelos jardins de Macau, decidiu legar a sua herança aos três filhos de Siu Lin, como precaução, uma prevenção, explicou-lhes que, se um dia os comunistas pressionassem os macaenses, não valeria a pena lutar, ninguém

vence a China, um império de um bilião e duzentos milhões de homens mentalmente industriados a fazer o que Pequim lhes exigia, ninguém vence Pequim, disse, tem a seu favor o tempo, armas e convicção fanatizada, sobretudo o tempo, espera, espera, espera até a oportunidade se evidenciar e o cutelo cair sobre o pescoço do adversário, Fátimo e Siu Lin morreriam, serão vós, meus filhos – assim Fátimo lhes chamou num acesso incontrolado de ternura de quem nunca fora pai –, a sofrer a pressão comunista, primeira uma ou outra lei mais regularizadora dos costumes e da riqueza, depois três ou quatro directivas sobre os bons costumes e os maus cidadãos, finalmente a ordenação legislativa sobre a totalidade de Macau, nessa altura, meus filhos, têm o vosso futuro no Barreiro, os três filhos de Siu Lin sorriram, agradecidos, batendo a cabeça a Fátimo como se este fosse um deus, ou o patriarca da família, regressado do além para cuidar da descendência, explicavam-se no seu português defeituoso, acabaram por falar em cantonense, Siu Lin traduzia uma ou outra palavra que Fátimo desconhecia, não têm palavras, diziam, clamam que tu és o segundo pai deles, não podem esquecer Li, mas sentem-se honrados por também serem teus filhos, não sabem como retribuir-te, tentavam pronunciar o nome da cidade em Portugal que os enriqueceria, Barreiro, saía-lhes «Balleilo», Fátimo ria-se como um menino, encantado de ofertar uma prenda admirada, Siu Lin beijava-lhe as mãos, amorosa e agradecida, Fátimo retornava aos seus conselhos europeus, partem para Portugal e refazem a vida, o rendimento mensal é suficiente, lá vendem os dois prédios, cada um com cinco andares, dá para não trabalharem durante algum tempo, até verem o que hão-de fazer, Siu Lin converteu em patacas e em dólares de Hong Kong o rendimento mensal e o valor total dos prédios, os três filhos sentiram-se esmagados pela generosidade de Fátimo, o mais novo aventou a hipótese de seguir já para Lisboa como procurador de Fátimo, este não o deixou avançar, o rendimento será depositado numa conta singular de vossa mãe, até esta morrer, constará da acta de cedência, que assinaremos todos no notário, só após a morte de Siu Lin a posse será plenamente vossa, Fátimo afagou a mão de Siu Lin, esta entregou-se-lhe, sentando-se a seus pés, como uma antiga esposa chinesa, Fátimo percebeu, os filhos perceberam, Fátimo não o permitiu, levantou Siu Lin e convidou todos a irem ao restaurante tailandês de Coloane, o Sião, para comemorarem, Fátimo feliz por ter encontrado uma solução para a sua vida, uma solução realizadora, não viveria muito mais tempo, mas morreria feliz, os três filhos de Siu Lin saíram, foram buscar as mulheres, os próprios filhos, encontrar-se-iam todos no Sião às nove da noite, Siu Lin foi arranjar-se, a sua melhor cabaia, entraria no restaurante, subiria ao primeiro andar ao lado seu «homem», verdadeiramente o seu «homem», no sentido chinês e romântico do termo, Li fora um recurso, um feliz recurso, sem dúvida, dera-lhe três filhos e uma vida feliz, mas Fátimo fora o seu amor, só amara um homem toda a vida, como Fátimo só amara uma mulher, Siu Lin, Fátimo sentara-se de novo, recordando a noite de núpcias com Siu Lin, pela primeira

vez a penetrara e a amara como mulher, não como concubina chinesa, para satisfação dos seus artifícios sexuais, e gostara, deliciara-se, Siu Lin soubera aninhar o seu corpo esguio no de Fátimo e deixara-o comandar, não pressionando nem se atrasando, Fátimo desejara intensamente aquela noite, despiu delicadamente Siu Lin, percorrendo-lhe o corpo com as mãos suaves, um ligeiro toque com a polpa dos dedos para que ela percebesse que tinham acabado de vez as sevícias a que a obrigara, e agora, sem a pulsão perversa a comandá-lo, sentia a pele de Siu Lin de outro modo, buscava a pele essa noite, não a carne, buscava o prazer, não a luxúria, o encontro entre dois corpos que se amavam, não a clandestinidade da lascívia, e descobriu-a, a pele ainda tensa e lisa, um pouco flácida pelo tempo, demarcou-lhe com os dedos a curva do pescoço, os seios breves, a cintura grave, as coxas curtas, magras, estreitas, como tantas vezes as vira, mas essa noite de um modo especial, como objecto do desejo romântico, despiu-se, ajudado por Siu Lin, o toque das suas mãos fê-lo vibrar intensamente, sentiu o desejo como o sentia aos vinte anos, quando frequentava as prostitutas da Mouraria, no passeio frente ao colégio onde era professor e preceptor, sentiu os mamilos endurecidos de Siu Lin, afagou-lhe os seios, beijou-lhe ternamente os lábios delgados, um longo beijo poético, sonhador, sem a violência da intromissão da língua, o beijo que selaria o acto de entrega lírica ao seu único amor, confessou-lhe por sussurros que a amava muito, queria viver para sempre a seu lado, morrer nos seus braços, nada mais queria da vida, apenas ser seu marido, Siu Lin enlaçou-se no corpo de Fátimo, de pé, ele impeliu-a vagarosamente para a cama, cobriu-lhe o corpo de beijos longos, beijos suaves, beijos amenos, afectuosos, beijos de um verdadeiro amante, com as pernas abriu as dela, Siu Lin chorava, lágrimas doces escorriam-lhe pelas faces, ajeitou-se, apertou-lhe as costas com as mãos abertas, como se há longo tempo ansiasse por aquele abraço benigno, Fátimo arqueou o corpo e penetrou-a sorrindo, Siu Lin deixou-se penetrar como se estivesse entrando no paraíso.

FIM²

*Passou o Outono já, já torna o frio...
– Outono de seu riso magoado.
Álgido Inverno! Oblíquo o sol, gelado...
– O sol, e as águas límpidas do rio.*

Camilo Pessanha

Zero horas de soberania da República Popular da China em Macau, fim de quatrocentos e quarenta e cinco anos de partilha política entre Portugal e a China. Ao longo de centenas de páginas autobiográficas, donde retirei este romance, presumi não falhar a verdade, nem dela me alimentar para a exagerar. Desejo terminá-lo como o iniciei – resguardando um forte escrúpulo de rigor e de fidelidade ao que vi e vivi entre 1941 e este final de ano de 1999, data do derradeiro fim do Império Português, ora ressurrecto por via do longo abraço entre povos que a história fez encontrar, desencontrar e – desejo – no futuro voltará a operar o reencontro, menos como concorrentes ou adversários, mais como verdadeiros amigos de um falar e de uma antiga história comuns.

Ao longo de cerca de meio século deixei-me impregnar pelas figuras e paisagens de Macau, cuja metamorfose tanto me cativou quanto me atormentou. Saí de Macau por nada em 1967, após a Revolução Cultural chinesa e o movimento 1, 2, 3. Não saí, fugi, tive medo, os chineses assustaram-me pela devoção acrítica que põem no que fazem, pela mole humana inumerável, pela capacidade de diluição do eu individual no seio da multidão. Neles, todo o heroísmo é colectivo e todo o individualismo nada. Macau é o contrário, poucos cidadãos, e cidadãos críticos e analíticos, se necessário contestadores, ainda que respeitadores do todo da lei. A República Popular da China soube respeitar a idiossincrasia macaense, ela própria – a China – sofre hoje efeitos de personalização de cada cidadão que mais a aproximam do estado de espírito histórico de Macau. No futuro, porventura, a República Popular da China tornar-se-á uma imensa Macau.

A Cidade do Fim é um romance de amor a Macau e, verdadeiramente, nele existe apenas uma personagem – Macau, a cidade, a sua identidade, as

suas gentes, os seus casais frustrados ou amorosos. Macau, a Cidade do Fim, constituiu o sentido da minha vida, as notas autobiográficas e biográficas das personagens não são mais do que as diversas faces de Macau, um olhar de Macau sobre si própria, que, plural, múltipla, abundantemente múltipla, não se reconhece senão mascarada.

De facto, reconheço hoje, no dia 19 de Dezembro de 1999, nas horas derradeiras da minha vida, que não escolhi vir para Macau como professor no longínquo ano de 1941. Não sou místico, mas sei hoje, com uma irrefragável certeza, que fui escolhido por Macau, algo em mim foi tocado pelo espírito oriental-ocidental de Macau, como no século XVII o sentira o padre Joaquim Caetano, que registou nas suas memórias: «[...] à pronunciação daquele nome [Amacau] em Lisboa, no colégio de Santo Antão, tangeram em mim vibrações incontroladas, tudo fiz para de sus me pôr a caminho da cidade.» Eu senti as mesmas vibrações, porventura despertadas e activadas no meu inconsciente pelo conjunto de elementos espirituais que compõem o todo semântico da palavra. Repito – não sou místico, quem leu as três centenas de páginas anteriores sabe que não acredito em conspirações invisíveis nem em determinismos necessitaristas, todo o romance prova o contrário, Macau nasceu, desenvolveu-se e cristalizou-se contra o determinismo das cadeias causais ou da lógica da História. Por esta, Macau teria nascido, mas não teria tido existência duradoura. Nada privilegiava aquele promontório escalavrado, ocupado por um vilarejo insignificante de pescadores, a tornar-se uma das cidades mais belas e prósperas da Ásia. Era apenas um território onde se poderiam secar as mercadorias, calafetar as embarcações e dar descanso às tripulações durante a monção. Eis aqui o seu fascínio – o de existir podendo não ter existido. A *Cidade do Fim* destina-se a provar o deslumbramento de uma cidade que, por não ser necessária, como foram historicamente necessárias Lourenço Marques/Maputo, Ribeira Grande/Praia, Ponta Delgada ou São Paulo de Luanda, se tornou necessária como expressão das provações do Império e momento final deste. Tal como padre Joaquim Caetano, que fixou Macau no século XVII, assim intentei fixar a cidade no século XX, não já com o absolutismo do sacerdote jesuíta, mas com o relativismo próprio de um olhar interessado, que, despido de ambições de conhecimento, constitui o olhar de Macau sobre si própria, ou, dito de outro modo, constitui uma nova máscara de Macau, máscara fundida ao rosto, não a ele sobreposto.

Se um dia a visitar, o leitor sentirá o apelo desta cidade, a última do Império português, a Cidade do Fim, o derradeiro território ocupado pelos portugueses e, junto com Hong Kong, o primeiro da nova China do século XXI.

Tenho vindo a assistir pela televisão às cerimónias da transferência de poder de Portugal para a China, têm decorrido com normalidade institucional, compensando a anormalidade das antigas ordens imperiais de Goa ou de Lisboa sobre o território. A cerimónia do arriamento da bandeira

comoveu-me, o Governador soube ser mais do que ele, mais do que o seu lugar institucional. O momento era dramático, o último adeus do Império, os últimos acordes do hino nacional português escutados no Oriente, o Governador soube juntar-lhes a comoção do sentimento de beleza, vincando a bandeira dobrada junto ao peito, no lugar do coração. Comovi-me, chorei um choro arrastado, incapaz de parar, Siu Lin deixara-me sozinho, a meu pedido, desejava fixar na memória da eternidade aquele instante singular solitariamente, olhei para o rosto do Governador e não o vi como homem individual, menos como militar (hoje uma das castas mais insignificantes da insignificante elite portuguesa, tão insignificante quanto a religiosa e a política), vi-me nele, vi assomar o rosto castanho da família de Herculano Noronha-Pereira, o rosto branco de Jorge Álvares e do algarvio Leonel de Sousa, de Fernão Mendes Pinto, o rosto cegueta de Luís de Camões, o rosto chupado de ópio de Camilo Pessanha, o rosto barbudo de Wenceslau de Moraes, o rosto taoista de Manuel da Silva Mendes, o rosto preconceituado de Maria Augusta, de d. Natália, de Kwai, o rosto amável de d. Lina, o rosto sereno de Li, o rosto humanista do reitor do meu tempo de professor no Liceu Infante D. Henrique, via, sobretudo, o rosto sensato de padre Joaquim Caetano, tão ocidental quanto oriental, tão jesuíta quanto mandarínico, e, por isso, tão macaense. Do brilho televisivo daquela bandeira dobrada, pulsando ao ritmo de um coração humano, irradiava o fim de uma aventura histórica, a morte do Portugal que tinha conhecido até ao final do século xx, do seu brilho nascia outro Portugal, tão europeu quanto lusófono, e outra Macau, que de novo se mascaria.

Hospital Kiang Wu,
Macau, 21 de Dezembro de 1999

2 Capítulo narrado na primeira pessoa, acrescentado nos dias 19, 20 e 21 de Dezembro de 1999. De recordar que Fátima Martins faleceu no dia 22 (Siu Lin).